

Leani Budde

JORNADAS IMPRESSAS:

O ESTADO E FLORIANÓPOLIS - 1985 a 2009

Tese apresentada à Banca Examinadora formada no Programa de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas, da Universidade Federal de Santa Catarina, como requisito para obtenção do título de Doutora em Ciências Humanas, área de concentração Condição Humana da Modernidade.

Orientador: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz

Coorientadora: Prof. Dra. Eunice Nodari

Florianópolis

2013

Ficha de identificação da obra elaborada pelo autor, através do Programa de Geração Automática da Biblioteca Universitária da UFSC.

Budde, Leani

JORNADAS IMPRESSAS: O ESTADO e Florianópolis - 1985 a 2009 / Leani Budde; orientador, Alexandre Fernandez Vaz; co-orientadora, Eunice Nodari. - Florianópolis, SC, 2013. 294 p.

Tese (doutorado) - Universidade Federal de Santa Catarina, Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas.

Inclui referências

1. Interdisciplinar em Ciências Humanas. 2. Jornalismo impresso. 3. Cidade. 4. Memória. I. Vaz, Alexandre Fernandez. II. Nodari, Eunice. III. Universidade Federal de Santa Catarina. Programa de Pós-Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas. IV. Título.

LEANI BUDDE

**JORNADAS IMPRESSAS: *O ESTADO* E FLORIANÓPOLIS –
1985 a 2009**

Esta tese de doutorado foi julgada adequada para a obtenção do título de Doutora em Ciências Humanas e aprovada em banca examinadora no curso de Pós Graduação Interdisciplinar em Ciências Humanas da Universidade Federal de Santa Catarina, área de concentração Condição Humana da Modernidade.

Florianópolis, 08 de março de 2013

Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz
Orientador – UFSC

Prof. Dra. Eunice Nodari –
Coorientadora - UFSC

Prof. Dra. Monica Hass
UFFS

Prof. Dra. Maria T. Santos Cunha
UDESC

Prof. Dr. Francisco José C. Karam
Ramos
UFSC

Prof. Dra. Tania Regina de O.
UFSC

Prof. Dra. Dulce Márcia Cruz
UFSC

Prof. Dr. Selvino Assmann
UFSC - Suplente

Prof. Dra. Ileana Wenetz
UFSC – Suplente

Para:

Lothário Erhard Budde, meu pai,
que perdemos no começo de 2009, ano
em que eu iniciava este doutorado.

Luiz, Luise e Lucas,
Os *éles* e eles presentes em todas as
palavras aqui inscritas.

AGRADECIMENTOS

Chegar ao fim deste projeto só foi possível pela decisiva e fundamental orientação do Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz. Sua constante solicitude em orientar o projeto em andamento, assim como em revisar e aprimorar o texto, nestes quatro anos de convivência acadêmica, tornou esta tarefa menos árdua. O incentivo e confiança manifestados em todos momentos, sua simplicidade e estímulo constantes, permitiram a realização dos trabalhos e a integração ao Núcleo de Estudos e Pesquisas Educação e Sociedade Contemporânea, a quem agradeço também, especialmente a Lisandra Invernizzi, pelo apoio de todas as horas.

Ao concluir esta etapa ainda tão seletiva é preciso assinalar que não cheguei sozinha até aqui, e por isso terei que refazer partes de minha trajetória, destacando várias pessoas importantes nesta caminhada. Lembro ter percebido há poucos anos, do quanto fora um feito outro processo de seleção e que abriu o caminho para se chegar a esta condição: a aprovação no vestibular de 1981 da Ufsc, para cursar Jornalismo. Oriunda do Extremo Oeste do estado, não entendi na ocasião certo espanto causado quando dizia que viera de Maravilha. E vim de lá por ser neta de Walter Budde, imigrante alemão que deixou seu país após a Primeira Guerra Mundial, para ser agricultor no sul do Brasil. Mas lia muito e seu exemplo e incentivo desde a infância me fizeram amar os livros. E por ter um pai como Lothário, que queria os filhos formados, dava apoio, afeto e todo esforço necessário, assim como o da mãe Lusilda, para que isso se concretizasse. Ainda na família, também agradeço aos irmãos “mais velhos”, Bruno e Leni, que abriram a trilha, saindo de casa em busca da formação e, ao mesmo tempo, ajudar nos primeiros passos dos cinco demais. E ao irmão Milton e a cunhada Sandra, parceiros e cúmplices de tantas viagens, reais e sonhadas. Essa jornada conjunta foi fundamental e mantém laços fraternos inquebráveis ao longo do tempo. Obrigada meus querido/as!!

Ser aprovada naquele vestibular acabou por se tornar decisivo para os caminhos percorridos a partir dali. Estimulante foi ter me formado tendo como mestres os professores daquele curso de Jornalismo, tais como o Luiz Alberto Scotto de Almeida, meu primeiro orientador de projeto, o TCC da graduação. E manter como referência de vida e de apoio em

situações ao longo dos anos após a conclusão do curso, já que o vínculo estabelecido desde então permitiu reencontros e visitas aos mesmos corredores numa das extremidades do prédio do CCE. Inesquecíveis César Valente, Airton Kannitz, Paulo Brito, Francisco Karam, Eduardo Medisch e tantos outro/as, gratidão eterna para vocês!! Igualmente para Daniel Hertz e Adelmo Genro, que já se foram mas deixaram inscritas páginas fundamentais da história do jornalismo.

Agradecer sempre a estes professores se dá pela constatação de que apesar de outras incursões profissionais, permaneceram em mim os aprendizados e lições daquele curso e assim, a tese também só poderia se referir ao jornalismo. Mas, para além das especificidades do jornalismo, fundamental foi a vivência de democracia e cidadania naquele curso e na própria universidade, num período histórico em que ansiávamos pela participação política. Ao mesmo tempo, foi ali que aprendi a ter uma visão interdisciplinar e a buscar sempre mais a informação e o conhecimento. Recém formada, fiz parte da equipe inicial do Diário Catarinense, mas voltei às origens e me instalei em São Miguel do Oeste, onde conheci o companheiro de todas as horas, Luiz Carlos Mior, e os amigos de toda uma vida, Jorge Arlan e Eny Pereira, Inga e Wilson Müller, Vilmar e Claudete Comassetto. Continuei a procura e cursei Psicologia, período em que morei em Itajaí e tive apoio de pessoas incríveis como Maria Aparecida Pedro e Marilza Três, e fiz grandes amigos, alguns ainda presentes em minha vida: Suzana Bertoncini, Lenirce Viviane, Salete Galvan, Inea Giovana da Silva, Ivanir Schroeder, entre outros. Reencontrei Márcia Estela Costa, Edson Camargo, respectivamente, professora e aluno então, do recém instalado curso de Jornalismo da Univali.

Depois de um grande intervalo, retornei à Universidade, para o mestrado em Literatura. Período de ricas vivências e de gratidão à Prof. Dra. Salma Ferraz, orientadora da dissertação. No doutorado, agradecimento especial à Prof. Dra. Julia Guivant e aos professores da banca de qualificação: Prof. Dr. Alexandre Fernandez Vaz, Prof. Dra. Tania Regina de Oliveira Ramos, Prof. Dr. Selvino Assmann e, especialmente, a co-orientadora Prof. Dra. Eunice Nodari, sempre interessada e fazendo importantes apontamentos sobre o trabalho. Ainda no âmbito do DICH agradeço à professora doutora Joana Maria Pedro, coordenadora sempre atenciosa e prestativa, e aos funcionários da secretaria, Jerônimo Ayala e Helena Del Ciaco. Aos colegas da turma 2009 do DICH pela troca de ideias, companheirismo e amizade, Patrícia Rosalba, Viviane Teixeira,

Claudia Nichnig, José Pedro Gonçalves, Eduardo Paegle, Ricardo Lanzarin, Sandra Abdala, e Lana Pereira.

Muito obrigada aos dirigentes e jornalistas que atuaram em OESTADO e contribuíram com informações e depoimentos preciosos em detalhes, assim como aos ex-assinantes. Igualmente à jornalista Lena Obst por permitir meu acesso ao grupo reencontro O ESTADO na rede social *Facebook*, onde a memória do jornal permanece viva.

Aos familiares e amigo/as não explicitamente nominado/as, mas que sabem o quanto suas presenças e carinho tem sido importantes na minha vida. A todos muitíssimo obrigada, com o reconhecimento de que “Aprendi que se depende sempre, de tanta, muita, diferente gente. Toda pessoa sempre é a marca das lições diárias de outras tantas pessoas. E é tão bonito quando a gente entende que a gente é tanta gente onde quer que a gente vá. E é tão bonito quando a gente sente que nunca está sozinho por mais que pense estar...” como cantava Gonzaguinha, em “Caminhos do coração”.

RESUMO

A falência de um tradicional jornal impresso de Florianópolis/SC é o fio condutor do presente trabalho, para mostrar, a partir dele, as transformações pelas quais passou a cidade nos últimos anos do século XX. Partiu-se da hipótese de que além das mudanças ocorridas no jornalismo em função das novas tecnologias, que ameaçam a sobrevivência dos impressos, o fim do jornal O ESTADO simbolizaria também o encerramento de uma etapa e de um modo de viver da cidade. Em perspectiva interdisciplinar, lança-se mão de aspectos do jornalismo, da sociologia urbana, da política e da história, e de conceitos de modernidade e de memória, para analisar as interfaces entre o jornal e a cidade que o sediou, dominada a partir dos anos 1980 pela lógica do mercado e pelo modelo monopolista de acumulação do capital. Tal lógica se acentua com a implantação do conglomerado RBS – Rede Brasil Sul de Comunicações, que se tornaria um dos fatores determinantes para o fim de O ESTADO. Por meio das manchetes do jornal é que as alterações no próprio e na cidade vão sendo descritas, ao mesmo tempo em que alguns daqueles que atuaram no periódico recontam esta trajetória. A partir da extinção do jornal estabelece-se a busca pela supremacia da memória sobre sua existência, com o reencontro de ex-colaboradores na rede de relacionamentos virtual *facebook*, em jornalistas falam de si e dos vestígios de uma cidade que já não existe. Saliendam a importância dessas histórias, tal como o próprio jornal já demarcava sobre seu próprio lugar, em seu discurso, especialmente em seus aniversários, comemorados por 92 anos.

Palavras-chave: Jornalismo impresso, cidade, modernidade, memória.

ABSTRACT

The bankruptcy of a traditional print newspaper in Florianópolis/SC is the guiding theme of this work, to show from it, the transformations which the city had spent the last years of the twentieth century. The assumption is that besides the changes in journalism due to new technologies which threaten the survival of print, the end of the newspaper O ESTADO also signaled the end of a stage and a way of living in the city. In interdisciplinary perspective, we use aspects of journalism, urban sociology, politics, history as and concepts of modernity and memory to analyze the interfaces between the newspaper and the city that hosted, dominated from the 1980s through the logic market and the monopolistic model of capital accumulation. Such logic is accentuated with the implementation of the conglomerate RBS - South Brazil Network Communications, which became one of the determining factors for the end of O ESTADO. Through the headlines of the newspaper is that changes in the city itself and will be described at the same time that some of those who acted in this journal retell trajectory. From the extinction of the newspaper settles the quest for supremacy memory of its existence, with the reunion of former employees in virtual social network facebook, where journalists talk about themselves and the remains of a city that no longer exists. They stress the importance of these stories, like the newspaper itself already demarcated on his own place in his speech, especially on their birthdays, celebrated for 92 years.

Keywords: print journalism, city, modernity, memory

Lista de figuras

- Figura 1. Prédio em ruínas da antiga sede de O ESTADO.....p.82
- Figura 2. Capa de edições de 1985, com diagramação variada.....p.104
- Figura 3. Capas do jornal em 1986, com grande foto colorida.....p.107
- Figura 4. Final dos anos 1980. Comelli se destaca.....p.118
- Figura 5. CI de editor demonstra situação por falta de material.....p.120
- Figura 6. Capas demonstram modificações do estilo gráfico.....p.129
- Figura7. Antigo e moderno. O primeiro tabloide.....p.145
- Figura 8. Grandes reportagens mostram problemas da capital.....p.188
- Figura 9. De 1986 a 1996 - Mudanças na ilha e no jornal.....p.192
- Figura 10. Jornal retrata problemas sociais e urbanos.....p.195
- Figura 11. Zury destaca duas gerações dos Hoepcke/Ramos.....p.197
- Figura 12. Últimos anos do jornal destacam polêmicas da cidade....p.208
- Figura 13. Charge de Mendes e texto sobre Bonson.....p.236

Lista de quadros

Quadro 1. Genealogia das famílias Konder/Bornhausen.....	p. 42
Quadro 2. Trajetória política da família Ramos.....	p. 44
Quadro 3. Biografia resumida do colunista Beto Stodieck.....	p. 56
Quadro 4. Descrição do episódio <i>Novembrada</i> , de 1979.....	p. 69
Quadro 5. Editorial da comemoração de 71 anos.....	p.107
Quadro 6. Empresas anunciantes que deixaram de existir.....	p.111
Quadro 7. As intendências do interior da ilha.....	p.113
Quadro 8. Editorial reafirma lugar cativo em Santa Catarina.....	p.130
Quadro 9. Características do <i>JB</i> que se assemelham a OE.....	p.155
Quadro 10. Descrição do loteamento Jurerê Internacional.....	p.181

Lista de tabelas

Tabela 1. Dirigentes e funções ao longo de 22 anos do jornal.....	p.122
---	-------

Lista de abreviaturas, siglas e símbolos

AN – A Notícia

ARENA – Aliança Renovadora Nacional

ARS – Aderbal Ramos da Silva

DC – Diário Catarinense (Diário)

ELETROSUL – Eletrosul Centrais Elétricas SA

IC – Indústria Cultural

JSC – Jornal de Santa Catarina (Santa)

OE – O ESTADO

IBGE – Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística

INSS – Instituto Nacional de Seguridade Social

ND – Notícias do Dia

PCB – Partido Comunista Brasileiro

PCR – Paulo da Costa Ramos

PFL – Partido da Frente Liberal

PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro

PP – Partido Progressista

PSD – Partido Social Democrata

PT – Partido dos Trabalhadores

PTB – Partido Trabalhista Brasileiro

RBS – Rede Brasil Sul de Comunicação

SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio ao Empreendedorismo

UDN – União Democrática Nacional

VHF – Very High Frequency

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	25
CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DE O ESTADO: HEGEMONIA ANTES DA CONCORRÊNCIA.....	37
1.1 <i>O tempo do jornal do PSD.....</i>	38
1.2 <i>A gestão Comelli.....</i>	52
1.2.1 <i>As inovações dos anos 1970 e a consolidação dos anos 1980.....</i>	55
1.2.2 <i>Aderbal Ramos ainda comanda nos bastidores.....</i>	61
1.2.3 <i>A abrangência de O ESTADO em Santa Catarina.....</i>	66
1.2.4 <i>A fase áurea do jornalismo de O ESTADO.....</i>	68
1.2.5 <i>O início da derrocada.....</i>	74
1.2.6 <i>Um homem só numa sala, sob a luz do sol.....</i>	79
1.3 <i>A falta de planos para a chegada do concorrente Diário Catarinense.....</i>	83
1.4 <i>O ESTADO não se preparara, mas a RBS tem estratégia para se instalar em SC.....</i>	87
1.5 <i>O ESTADO poderia ser da RBS, também.....</i>	94
1.6 <i>O DC ocupa espaço e quer ter “cumplicidade” com a comunidade.....</i>	96
CAPÍTULO 2 O ESTADO FALA DE SI MESMO EM EDITORIAIS E NOS ANIVERSÁRIOS.....	101
2.1 <i>As reportagens e os anunciantes de 1985.....</i>	102
2.2 <i>A reafirmação da fidelidade no ano da chegada do DC.....</i>	105

2.3 <i>Mais cores, vigor jornalístico, greve e morte de Beto Stodieck: OE de 1987 a 1990</i>	111
2.4 <i>A crise instalada a partir de 1991</i>	125
2.4.1 “O ESTADO é catarinense e não pretende ser mais do que isso”.....	128
2.4.2 Na comemoração dos 80 anos, OE procura demonstrar sua força e história.....	131
2.4.3 Diminuem as páginas e sucursais. Promoções e vale tudo para anunciantes.....	134
2.4.4 Composição oscilante, assim como as tentativas de mudanças.....	136
2.5 <i>OE adentra o novo século ainda em busca da modernização ligada às raízes</i>	140
2.5.1 A última cartada: a adoção do formato tablóide.....	144
2.6 <i>Jornal impresso: como sobreviver frente à tecnologia digital</i>	154
2.7 <i>Um jornal fora da ordem empresarial e que não assimilou a lógica da IC</i>	163
CAPÍTULO 3. O ESTADO CONTA E ENALTECE AS MUDANÇAS EM FLORIANÓPOLIS	167
3.1 <i>A crença no progresso</i>	170
3.2 <i>A instalação da Eletrosul em Florianópolis</i>	173
3.3 <i>O discurso da modernidade na cidade e no jornal</i>	177
3.4 <i>Protestos e problemas sociais se evidenciam</i>	183
3.5 <i>A cidade no Jornal: manchetes</i>	187
3.5.1 <i>Manchetes sobre Plano diretor começam a se repetir</i>	192
3.5.2 <i>Transporte integrado e assuntos recorrentes</i>	198

3.5.3 A construção civil nas notícias e nos anúncios.....	203
3.5.4 A guerra dos shoppings e as prisões da operação Moeda Verde da PF.....	206
3.6 <i>Um novo estilo empresarial chega à cidade.....</i>	211
3.7 <i>Pedra e carne. Ou seria ferro e lágrimas?.....</i>	214
CAPÍTULO 4. JORNAIS, JORNALISTAS E A CIDADE NA MEMÓRIA.....	223
4.1 <i>Reencontros no espaço virtual.....</i>	225
4.2 <i>Memórias pessoais e do jornalismo.....</i>	240
4.3 <i>A difícil arte da gestão empresarial em O ESTADO.....</i>	246
4.4 <i>Os Jornalistas e a cidade.....</i>	260
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	273
REFERÊNCIAS:.....	281

INTRODUÇÃO

A presente pesquisa se originou da necessidade de pensar em perspectiva interdisciplinar a tese de doutoramento, dentro do Programa Interdisciplinar em Ciências Humanas da UFSC. Inicialmente, o projeto de tese se relacionava a outro tema: a disseminação das festas eletrônicas em Florianópolis e a influência deste ritmo musical sobre os frequentadores. Após um ano de curso, concluí que adentrar-me em mais uma área do conhecimento exigiria maior esforço de elaboração do trabalho e optei por mudar de assunto, voltando-me ao Jornalismo e à Psicologia, terrenos nos quais já andei. Tentar integrar as duas áreas em minha trajetória continua a ser uma busca, mas ressaltar a dimensão afetivo/emocional dos humanos abrangidos nas duas profissões já é um imperativo presente. Assim, ao sentir certo incômodo em observar a gradativa decadência da sede do antigo jornal O ESTADO, no bairro Monte Verde, percebi que o fim do periódico simbolizava também o fechamento de um ciclo do jornalismo e da história da cidade, além de significar o fim de um local de trabalho para a categoria profissional dos jornalistas. A partir disso um novo projeto se originou, culminando com a presente tese.

Dentro da perspectiva interdisciplinar exigido para o trabalho decidi então que o tema desencadeador seria a falência do jornal O ESTADO, o principal de Santa Catarina durante o século XX, até a chegada do seu concorrente *Diário Catarinense*, do conglomerado RBS – Rede Brasil Sul de comunicação. O ESTADO era um jornal diário em formato *standart* (grande) criado em 1915, e que desde os anos 1940 era de propriedade do político Aderbal Ramos da Silva, ex-deputado e ex-governador. Durante 30 anos serviu aos propósitos político-partidários do PSD - Partido Social Democrata, e da ARENA – Aliança Renovadora Nacional, agremiação formada durante a ditadura militar e que absorvera a outra sigla. Mesmo assim, ainda durante o período autoritário, o jornal sofreu reformulações gráficas e editoriais, passando a apresentar um jornalismo profissionalizado a partir dos anos 1970, quando José Matusalem Comelli, genro de Aderbal, assumiu seu gerenciamento. Porém, esta fase considerada “áurea” teve curta existência, já que a partir de 1986 passou a enfrentar a forte concorrência do *Diário Catarinense*. Manteve algum vigor editorial

junto ao público por mais alguns anos, mas nos anos 1990 começou a dar sinais de que o fim estava próximo. Dentre as tentativas de mantê-lo em circulação, a última, em 2003, foi de transformá-lo formato tabloide, tal como o *DC*. A medida permitiu a circulação diária até maio de 2007 e a partir de então apenas exemplares esporádicos chegaram aos assinantes, por vezes edições semanais, até o fim definitivo, em janeiro de 2009. A inexistência de estudos sobre essa trajetória histórica, assim como os poucos registros sobre a imprensa catarinense, bem como dos próprios jornalistas, foram determinantes para a escolha do tema.

Mas embora o jornalismo por si só seja interdisciplinar, debruçar-me apenas sobre o jornal parecia-me limitar a tese à história, ou seja, seria unicamente disciplinar. Optei então por incluir a cidade que abrigou o jornal como interface e contraponto da existência deste periódico de circulação diária, ampliando assim a perspectiva de análise, trazendo ao trabalho questões de sociologia urbana, antropologia e ciência política, entre outras referências das Ciências Humanas. Florianópolis, a capital dos catarinenses, completou 286 anos em 2012, contando com 450 mil moradores. Inicialmente sob o nome de Desterro, começou a ser habitada no século XVIII, inicialmente por portugueses vindos dos arquipélagos Açores e Madeira. No fim dos anos 1800, uma nova leva de imigrantes, principalmente alemães, trouxe entre eles Carl Hoepcke¹, fundador da Cia Hoepcke, a principal empresa da cidade no início do

¹ O imigrante inicialmente instalou casa de comércio, em 1883. Nos anos seguintes, diversificou suas atividades e abriu filiais em todo o Estado. O grupo, liderado depois pelo filho Carlos Hoepcke Junior, incluiu firmas de importação e exportação, fábrica de pregos e arames, fábrica de gelo, fábrica de rendas e bordados, o estaleiro Arataca e uma empresa nacional de navegação. Hoepcke identificou as necessidades do comércio local e fundou ou comprou fábricas para produzir localmente o que era muito caro ou difícil importar. O patriarca morreu em 1924, e Carlos Hoepcke Junior teve apenas uma filha, Ruth Hoepcke, que viria a se casar com o político Aderbal Ramos da Silva, principal proprietário do jornal O ESTADO em toda sua existência. Das empresas originais, permanece a fábrica de rendas e bordados, agora instalada em São José. Mas o grupo fundado por Carl Hoepcke ainda sobrevive, com novas empresas e atividades, dividido em duas holdings, cada uma comandada por uma das bisnetas do patriarca (Annita e Silvia Hoepcke da Silva). Informações obtidas a partir de “Museu vai reunir acervo dos Hoepcke”, matéria escrita por Carlito Costa, e publicada em **A N Capital**, 18 de dez 2004, Geral. Obtido em <http://www1.an.com.br/ancapital/2004/dez/18/1ger.htm>, acesso em 25/01/2013.

século XX. Era ainda uma ilha isolada do país quando o jornal foi criado, já que a primeira travessia para o continente, a ponte Hercílio Luz, foi inaugurada em 1926. Até ali, as embarcações da Cia Hoepcke faziam a ligação da ilha de Santa Catarina com os portos de Itajaí, Santos e Rio de Janeiro. O transporte marítimo começa a perder espaço depois da construção da ponte, até ser encerrado, e anos depois, com a implantação do aterro da Baía Sul no início dos anos 1970, perde-se a ligação com o mar na parte central da cidade. O aterro, junto com a segunda ponte, Colombo Salles, e o início da construção de edifícios maiores dentro da perspectiva de desenvolvimento implantada no país desde os anos JK², iniciaram a transformação do perfil da cidade. Acelerou-se o investimento governamental e a criação de estruturas públicas para fortalecer o perfil de capital, já que Florianópolis perdia representatividade frente a outras cidades do estado como Joinville e Blumenau. Era um tempo em que a cidade era vista como de “funcionários públicos” e para modernizá-la, a opção política de então foi a de voltá-la à exploração do potencial turístico propiciado pela grande quantidade de praias que circundam a ilha. Esse direcionamento começou a tomar forma mais evidente a partir do início dos anos 1980, período em que argentinos fizeram as primeiras incursões na temporada de verão, assim como turistas de outras localidades do Brasil. Começa a se intensificar então a expansão imobiliária, num movimento crescente ao longo dos anos e que se mantém ainda nos anos 2000, deixando a cidade irreconhecível para muitos de seus moradores e antigos visitantes. E O ESTADO, em suas páginas, por vezes aplaudia a derrubada de casarios históricos, assim como alguns de seus colonistas lamentavam estas ocorrências e defendiam a preservação do patrimônio edificado. Ao mesmo tempo em que propagava os benefícios que a chegada do desenvolvimento traria, não se apercebia de que a mesma modernidade poderia significar o fim de um jeito da cidade e do próprio jornal. Nessa perspectiva, o projeto de tese passou a ser a decadência do jornal como expressão das mudanças estruturais que ocorreram em Florianópolis a partir dos anos 1970. O jornal se moderniza e profissionaliza no mesmo período e vive então uma fase áurea que seria interrompida nos anos 1990, quando não consegue mais acompanhar as transformações que a modernidade havia trazido à cidade.

² JK – Juscelino Kubitschek, Presidente da República entre 1955-1960, que escolheu o mote “50 anos em 5” para definir a opção desenvolvimentista, com políticas de industrialização e urbanização do país. Sua principal obra foi a construção de Brasília que viria a ser referência da arquitetura moderna.

Ao mesmo tempo em que estas interfaces eram construídas no projeto, deparei-me com o movimento de reencontro dos jornalistas que trabalharam no jornal, reconstituindo suas histórias em comum numa comunidade da rede social e virtual *facebook*, denominada Reencontro O ESTADO. Considerei que analisar a interação do grupo, impregnado de sentimentos saudosistas e de memórias seria uma forma de complementar e entrelaçar os dois aspectos já abordados anteriormente, fechando o drama da decadência do jornal a partir do reconhecimento da humanidade que perpassa todo seu processo de existência e falência. É uma busca do conhecimento sobre as *condições de possibilidade da ação humana* projetada no mundo a partir de um espaço-tempo local, conforme define Boaventura Santos (2008).

Alguns dos questionamentos que formulei inicialmente eram: Como as mudanças ocorridas em Florianópolis nas últimas décadas do Século XX foram relatadas no jornal O ESTADO, e como o próprio jornal foi afetado por elas? Como um novo modelo de gestão empresarial e da comunicação (RBS) pode ter influenciado outras empresas e incrementado o crescimento da cidade? Pode-se falar de uma privatização do espaço público pela acelerada ocupação urbana e imobiliária, cimentada pelo novo discurso empresarial? Como se dão as relações políticas, sociais e econômicas dos empresários locais com os novos empreendedores da comunicação? Teria havido uma cooptação ou simples frustração com o modelo comunicacional anterior? Como se construíram as alianças que passaram a predominar na cidade? Até que ponto características e situações de cunho pessoal dos envolvidos no processo (políticos, empresários, etc) contribuíram para a consolidação do novo grupo e falência do grupo que liderava anteriormente? Ou seja, pretendia-se basear a análise em questões não apenas de ordem política ou sociológica, mas também em formulações buscadas na psicologia.

Nem todas abrangidas na análise posterior, mas algumas das questões acima tiveram uma tentativa de resposta. Provavelmente parcial, mas a possível para este momento do meu percurso. De todo modo, penso que o objetivo geral definido no então projeto de tese, tenha sido contemplado: Verificar como a trajetória e o caso de um jornal expressa um período transformador no sentido econômico, social e político cultural de uma cidade, a partir de uma perspectiva interdisciplinar com olhares da história, da sociologia, da política e do jornalismo. Ou seja, a existência do jornal O ESTADO e sua decadência, associada às transformações econômico/político/sociais ocorridas na cidade no

período de 1985 a 2009 e da chegada de novos grupos empresariais, especialmente a RBS na área de comunicação. Para a concretização deste objetivo utilizei-me de pesquisa bibliográfica sobre trabalhos acadêmicos já realizados sobre a cidade e o jornal, de estudo sobre as próprias páginas de O ESTADO no período descrito e de entrevistas com personagens diretamente envolvidos na trajetória do periódico em questão.

Para concretização desse propósito passei a frequentar durante todas as manhãs de dois meses, aproximadamente, no inverno de 2011, o setor de periódicos da Biblioteca Pública do Estado de Santa Catarina. Junto com outros jornais que ainda circulam, lá estão armazenadas as coleções de periódicos já extintos no estado. Apesar do esforço de alguns poucos funcionários e das exigências aos usuários para usarem luvas nas mãos para manipular o papel em delicado estado de conservação, e da proibição em utilizar *flash* ao fotografar o material, o acervo encontra-se em situação precária. Espaço exíguo, numa reforma do prédio sempre protelada, corrosão por insetos e outros problemas deterioram importante material histórico para pesquisas relacionados a Santa Catarina.

De todo modo, os jornais de que necessitei estavam lá em encadernações de capa dura que abrangiam quinze edições diárias. Como o propósito era de verificar os últimos vinte e quatro anos de existência do jornal, era preciso tornar isso viável sem abarcar as milhares de edições do período. Inicialmente analisei os jornais dos meses de abril e novembro de 1985, ano em que começava a se concretizar a implantação do *Diário Catarinense*. O propósito era de ver o formato e conteúdo de O ESTADO no período imediatamente anterior à circulação do concorrente, para observar se e quais modificações adotaria a partir daí. Assim, em 1986 escolhi verificar o mês de maio, mesmo em que o concorrente passou a chegar às bancas. Observei então que era o mês de aniversário de O ESTADO e a data era bastante enaltecida, pois o jornal já completava então 70 anos de existência. Além disso, a ponte Hercílio Luz fora inaugurada no mesmo dia 13 de maio, e as comemorações sempre lembravam deste detalhe. Decidi então que passaria a analisar apenas as edições do mês de maio dos anos alcançados pela pesquisa, ou seja, de 1986 a 2009. Ao folhear as páginas do periódico, chamavam atenção as matérias sobre a cidade e os cadernos especiais do aniversário, os quais foram fotografados para agilizar a análise deste conteúdo na fase posterior do trabalho.

Em seguida à fase de visitas à biblioteca, iniciei os contatos telefônicos com ex-colaboradores do jornal, visando a realização das entrevistas. Nomes a serem escolhidos para tal não faltavam, era preciso selecionar entre eles os que tiveram participação significativa em algum momento do longo período englobado na pesquisa. Desse modo cheguei a um dos principais administradores do periódico, ao proprietário, a ex-editores, a jornalistas e ex-assinantes, num total de 12 depoentes. Com exceção de uma das falas, que se mostrava preocupada e solicitava frequentemente para “não colocar isso no texto”, todos se mostraram solícitos e a vontade sobre todos os assuntos tratados em relação à trajetória do jornal. Certamente outras pessoas poderiam ter contribuído também com informações valiosas, mas considerei que o retrato obtido a partir destes depoimentos era suficiente para os objetivos propostos. Procurei também proprietários de empresas que anunciaram no jornal ao longo dos anos, mas não quiseram conceder entrevista.

Como instrumento referencial para realização do trabalho, recorri entre outras abordagens, ao uso da história oral como método na condução e interpretação das entrevistas dos personagens que fizeram parte da trajetória do jornal e da cidade no período evidenciado. Entende-se que “a história oral se presta a diversas abordagens e se faz no terreno multidisciplinar”, como defende Verena Alberti (1990, p. 1) A história oral, conforme Paul Thompson, tem como uma das mais profundas lições a singularidade, tanto quanto a representatividade, de cada história de vida. (Thompson, 1998). Permite, igualmente para Thompson, estudos sobre a experiência normal de trabalho e seu impacto sobre a comunidade, além de temas como as relações sociais em determinada comunidade e sua cultura. Thompson enumera três modos pelos quais a história oral pode ser construída, das quais considerei pertinente para o presente trabalho “a segunda forma: uma coletânea de narrativas. Servem para construção de uma interpretação histórica mais ampla, agrupando-as como um todo ou fragmentadas em torno de temas comuns, como retratar uma comunidade, um grupo social, etc.” (*Ibid.*, p.303). Nesse caso, os depoimentos apresentados no trabalho retratam um tema comum, o jornal O ESTADO em diversas fases, ao mesmo tempo em que se referem à comunidade abrangida pelo jornal e ao grupo social específico, ou seja, os funcionários e dirigentes do periódico. Utilizamos também da terceira forma defendida por Thompson: análise cruzada, em que a evidência oral é tratada como fonte de informações a partir da qual se organiza um texto expositivo. A narrativa sobre o jornal e a cidade é intercalada entre depoimentos e

evidências, formando um mosaico que vai se constituindo visando a uma imagem final que faça sentido e permita a compreensão do que se procurou mostrar. Na tentativa de demonstrar o que se passava no jornal “por dentro”, nos bastidores, considere que a contribuição “da evidência oral oriunda da experiência pessoal direta é preciosa exatamente porque não pode provir de nenhuma outra fonte” (*Ibid.*, p. 307) Por fim, destaco também a posição de Thompson, segundo a qual “Ainda que reconhecendo a entrevista como ‘uma forma de discurso’, não devemos esquecer que ela também é um testemunho”. (*Ibid.*, p.315)

A pertinência de utilizar a História oral como método de um trabalho que trata de um jornal é reforçada por estudo anterior que o considerou “adequado para pesquisa em comunicação relacionadas aos universos multiculturais, às identidades locais, às comunidades e às relações existentes entre as pessoas e os processos de comunicação.”(Caprino e Perazzo, 2011 p.804) Ao mesmo tempo, como estarão em evidência os processos de memória e subjetividade, esse método de pesquisa é indicado por estar “centrado no âmbito subjetivo da experiência humana”, como destacam Amado e Ferreira (2002 p.16) Nessa perspectiva podem surgir narrativas orais reveladoras e ricas em detalhes, curiosidades e sentimentos. Aparece então ao longo do trabalho uma história recontada a partir de depoimentos de entrevistados que protagonizaram algum dos anos abrangidos pelo estudo, com o entendimento de que a história não é fixa nem letra morta, mas feita de pontos de vista e impressões de quem a viveu. Assim, não se trabalha aqui uma concepção de que há uma verdade única no passado, mas no entendimento do conceito de historicidade, isto é, a noção de que as interpretações nunca são fixadas para sempre, ao mesmo tempo em que têm valor pelo peso atribuído àquele momento histórico. É uma construção retrospectiva, temporal, um mergulho na memória que precisa ser atualizada no presente. É uma compreensão de que são histórias que mostram que o passado, o presente e o futuro remetem um ao outro e permanecem interligados.

Outro instrumental de pesquisa para a tese foi a análise do próprio conteúdo do jornal, tanto no que se refere à parte editorial como publicitária, e ainda o discurso do periódico sobre si mesmo, especialmente nos seus aniversários. Nesse sentido, diferentemente de outros usos do jornal como fonte de pesquisa, no caso presente o periódico não é apenas um instrumento para se chegar a determinadas informações, mas o próprio objeto de pesquisa. Verifica-se então o

discurso referencial do jornal em textos que pretendem informar o leitor de forma direta e objetiva a partir de uma linguagem denotativa. Além disso, nas narrativas do jornal sobre a sua própria história verifica-se o “jornal como documento da época em que foi produzido, onde se pode encontrar tanto discursos explicitamente enunciados quanto rastros daqueles que escreveram, mas também da sociedade na qual estavam inseridos”.(Matheus e Barbosa, 2008, p. 17). A discursividade do jornal sobre si mesmo pode ser analisada também pelos recursos, elementos e experimentos gráficos: nas variações de estilo, de fontes tipográficas, de espaço das colunas, do desenho das capas e páginas ao longo do período.

A metodologia descrita permeia todo o trabalho, especialmente os depoimentos orais, mas serão consideradas categorias de análise da tese os conceitos de jornalismo, cidade, modernidade, memória e identidade. Embora pareça que cada uma delas seja usada mais fortemente em um determinado capítulo, essas categorias vão se entrelaçando ao longo de todo o trabalho, num constante ir e vir, já que apesar da tentativa de um *continuum* na narrativa, há as idas e voltas da memória e suas interrelações, variadas interfaces, formando sempre mais uma teia, uma nova sequência encadeante, mas que também anda num circuito que se retroalimenta.

De qualquer modo, procura-se ordenar o trabalho numa sequência lógica que começa no capítulo um com um histórico da trajetória do jornal, desde a sua fundação em 1915, até o fim da circulação diária, em 2007. Nesta parte inicial usa-se bibliografias sobre jornalismo e política catarinense, tais como Pereira (2011 e 1992), Sardá (2007), Tancredo (1998) e May (1998). Tendo em vista haver poucas publicações a respeito da imprensa catarinense, e especificamente sobre o jornal O ESTADO, utilizei apenas a dissertação de Mata (1996) que analisou o jornal nos seus primeiros quinze anos de existência. A história do jornal vai se formando então principalmente por depoimentos de personagens que ajudaram a construí-la. É mostrado no capítulo o período áureo do jornal e a posterior decadência, a partir da chegada do principal concorrente, o *Diário Catarinense*. Para tratar da estratégia de implantação do grupo RBS no estado, nos referenciamos em Cruz (1994) e de estudos recentes feitos por Fonseca (2005) e Felippi (2007) sobre o jornal *Zero Hora*, do mesmo grupo, por entendermos estarem inseridos na mesma lógica empresarial. Por fim, merece destaque no capítulo, como ao mesmo tempo em que o “o mais antigo” decaía,

ampliava-se o domínio do novo jornal da cidade e de como este tenta ocupar o lugar que fora de O ESTADO, apropriando-se de alguns aspectos do discurso do periódico extinto.

No segundo capítulo “O ESTADO fala de si mesmo em editoriais e nos aniversários”, recorro às próprias páginas do jornal para aprofundar a análise. Utiliza-se o conteúdo selecionado de edições de O ESTADO dos meses de abril e novembro de 1985, e de maio dos anos de 1986 a 2007, a partir dos temas de interesse desta pesquisa, quais sejam, o discurso do jornal a respeito de si mesmo (cadernos de aniversário, editoriais) e de como a cidade e alguns de seus atores sociais eram retratados, (manchetes do noticiário) bem como mostrando a forma como o jornal era apoiado (ou não) pelas empresas locais e estaduais (anúncios publicitários). O que perpassa todos os anos pesquisados é a ênfase na tradição e história do jornal em Santa Catarina, insistindo em afirmar-se como o legítimo representante dos interesses da comunidade catarinense e florianopolitana.

Recorrente era a defesa da modernização tecnológica do jornal e também da cidade. Moderno e modernidade são palavras multifacetadas, com muitas definições e interpretações, e utilizo no texto alguns autores que tratam do termo. No capítulo fica evidenciado também como a crise financeira foi gradativamente impondo perdas, como a diminuição ou fim da circulação nos lugares mais distantes, recuo do espaço editorial, menos páginas e mudança de formato, entre outras alterações. Em relação ao processo de decadência, apresento uma amostragem de outros jornais impressos que passam ou passaram por crises, e de como lidaram/lidam com ela.

Em “O ESTADO e a cidade: tradição e modernidade”, no capítulo três, procura-se reconstituir alguns momentos históricos que contribuíram para a gradativa transformação da cidade, a partir dos anos 1960. Utiliza-se bibliografia diversa realizada sobre a dinâmica de Florianópolis até meados dos anos 1980. Passagens de autores como Simmel e Sennett que tratam do tema cidades, e a perspectiva de Caiafa (2007) que abarca alguns aspectos deste trabalho, são trazidos para a análise. Uma de suas formulações, a partir da constatação das mudanças ocorridas na sociabilidade das cidades devido às novas tecnologias comunicacionais, é de que as cidades sejam pensadas como variedades que se encontram em diferentes momentos de uma “história das mídias”. É o que se observa em Florianópolis com introdução do mercado da

comunicação, a partir da chegada da publicidade profissional e dos veículos de comunicação da RBS – Rede Brasil Sul, a extinção do jornal impresso O ESTADO, e a difusão da internet e suas redes sociais.

De 1985 em diante tenta-se mostrar a cidade de Florianópolis a partir das manchetes que o próprio jornal exibia em suas capas e páginas. A ideia é mostrar que cidade aparece no jornal e como ele acompanhou tais transformações. Nesse sentido serão apontadas a defesa ou não da modernidade da cidade pelo jornal e como esta concepção foi compreendida. Pretende-se verificar como é propalada a modernidade da cidade nas páginas de O ESTADO nos últimos 15 anos do século XX e como o não ser mais tão moderno pode ter sido determinante para a falência do próprio jornal. Um dos assuntos marcantes descrito no capítulo é o impacto da chegada da Ufsc e da Eletrosul, fatos emblemáticos e desencadeadores de profundas alterações na paisagem arquitetônica e cultural. Além das notícias de caráter econômico/político/social, aparecem algumas das notas do colunista *socialógico* (como se denominava) Beto Stodieck, abordando aspectos do cotidiano da cidade de forma irônica e irreverente. A ponte Hercílio Luz, todos os anos homenageada por aniversariar junto com o jornal também é destacada pelas manchetes frequentes no periódico. E adentrando já um pouco em temas da memória e subjetividade lembro no capítulo também do blogueiro Mosquito, personagem que durante todos os anos enfocados na pesquisa teve forte atuação como agitador cultural e político, sempre tendo como causa temas da cidade.

No último capítulo trato do grupo Reencontro O ESTADO que se formou na rede social da internet *Facebook*. Criado e multiplicado em número de adesões em poucas horas, o grupo marca encontros presenciais e comemorou com um bolo os 96 anos que o jornal faria em 2011. Trouxe à tona a memória do jornal, com diversas postagens sobre episódios inusitados, difíceis ou bem sucedidos durante o trabalho de todos na redação. Procura-se demonstrar que a saudade dos bons tempos do jornal é também nostalgia com a cidade que já não é a mesma. E que a descaracterização pela qual passa é também motivo de preocupação dos jornalistas do grupo. Constatava-se então que a mesma cidade e seus habitantes que observam as mudanças pouco se contrapondo a elas, mostrou-se indiferente também ao que acontecia ao jornal O ESTADO em seus últimos anos de existência. Ao tratar do modelo de gestão do jornal, faz-se algumas inferências sobre o modo de condução da empresa pelo seu proprietário e de como algumas destas

características podem ter contribuído para o fim do jornal. No capítulo a constatação dos aspectos de subjetividade inerente em todo processo da existência e falência do jornal: desde o *prazer* no fazer jornalístico, na *insegurança* de condução gerencial, no *afeto* de assinantes pelo jornal que fazia parte de sua vida e sua cidade, na *nostalgia* pós fim do periódico de jornalistas que nele atuaram, configurando-se assim emoções e peculiaridades da Condição Humana na Modernidade que forjaram uma época da cidade e de um jornalismo que não existe mais.

As escolhas efetuadas ao longo do trabalho tem em vista a concepção de ciência defendida por Boaventura Santos de que todo o conhecimento é local e total; todo conhecimento é autoconhecimento: O objeto é a continuação do sujeito por outros meios, por isso, todo o conhecimento científico é autoconhecimento. A mesma preposição fundamenta a perspectiva interdisciplinar do trabalho. Os pesquisadores canadenses Yves Lenoir e Abdelkrim Hasni consideram haver três perspectivas de interdisciplinaridade, propondo um “casamento aberto entre elas” na área de educação, enfoque do artigo de ambos. As duas primeiras perspectivas seriam a européia, baseada na razão, e a segunda norte americana, enfatizando a instrumentalidade. O terceiro conceito, defendido pelos pesquisadores é que nos interessa aqui, e é, segundo eles, observado principalmente no Brasil. Conforme os autores, essa perspectiva é fenomenológica, e privilegia as dimensões humanas e afetivas, expressando uma lógica subjetiva dirigida à busca do si mesmo. A partir deste conceito de interdisciplinaridade, concordo mais uma vez então com Santos (2008) quando diz que os pressupostos metafísicos, os sistemas de crenças, os juízos de valor não estão antes nem depois da explicação científica da natureza ou da sociedade. São parte integrante dessa mesma explicação, e influenciam escolhas como o método a ser seguido, a forma de percepção do objeto, ou seja, o que vejo nele e o que fica oculto.

CAPÍTULO 1 – A TRAJETÓRIA DE O ESTADO: HEGEMONIA ANTES DA CONCORRÊNCIA

A trajetória histórica do jornal O ESTADO, desde sua fundação, até 1985, será refeita a partir fontes bibliográficas e de depoimentos de personagens que protagonizaram algum momento da existência do periódico. Procura-se construir uma narrativa baseada em informações vindas da memória de protagonistas do jornal, entendendo-se que não há uma verdade única nesse processo, mas interpretações possíveis, permeadas pela subjetividade dos depoentes, impregnadas também do contexto do período relatado. Valoriza-se a história pessoal de cada um dos protagonistas ouvidos para o trabalho por considerar que toda ação humana é definida não só por processos e razões objetivas, mas também pelas demandas da subjetividade de cada um, nem sempre observáveis, nem tampouco, compreendidas à primeira vista. Assume-se que a experiência humana pode também basear a construção do conhecimento. No contexto aqui abordado, a memória passa a se constituir fator de referência para a história a partir da constatação de que esta não é capaz de conhecer a verdade. Ou seja, a partir da noção de que não há uma verdade única no passado, mas várias interpretações possíveis baseadas no contexto sócio cultural da época e do indivíduo que recorda. Paralelamente, procuro relacionar os depoimentos a fatos narrados pelo próprio jornal, ao tempo histórico em que foram produzidos. Assim, há discursos explicitamente enunciados e marcas da sociedade pela qual estavam delimitados.

A partir de 1985, até a extinção do jornal, procura-se fazer uma análise do seu próprio discurso a partir do conteúdo publicado, tanto nas páginas editoriais³ como no espaço publicitário, com algumas partes intercaladas por depoimentos de envolvidos no processo considerados importantes para compreensão daquele momento vivido pelo periódico. Entende-se que o jornal, como espaço público de representação simbólica, reflete aspectos da conjuntura social, econômica, política e social de um determinado período histórico. Através do conteúdo

³ É aquela parte do conteúdo em que estão as notícias, artigos, reportagens, colunas sociais, ou seja, a principal razão de ser de um jornal.

jornalístico, opinativo e também publicitário, demonstra em suas páginas faces de uma sociedade e de um tempo. Há uma interpretação mediatizada pelas linguagens do jornal, expressa através da imagem, da cor, da diagramação e, principalmente, pelo enfoque dado à notícia, à reportagem, ao artigo de opinião.

1.1 O tempo do jornal do PSD

A circulação de jornais produzidos em Santa Catarina iniciou em 1831, quando Jerônimo Coelho criou “O Catharinense”. A partir dele outros títulos foram lançados, como “O Argus”, fundado em 1856 com três edições semanais e que em 1861 passou a ser o primeiro impresso diariamente no estado. Mas a história da imprensa em Santa Catarina, é feita também de muitos jornais locais e regionais (alguns publicados em alemão) e poucos de abrangência estadual. Um dos motivos é a divisão do estado em polos econômicos regionais que não interagiam entre si até meados dos anos 1900. Ao mesmo tempo, detalhes de sua ocupação, como a região Oeste, povoada a partir do Rio Grande do Sul nos anos 1920, e que só foi integrada às demais regiões catarinenses no final dos anos 1960, aliada à falta de acesso rodoviário pavimentado de Leste a Oeste, dificultaram o alcance dos jornais a todo o Estado.

A partir de 1831 e especialmente desde o início do século XX existem jornais em Florianópolis, Joinville, Blumenau e outras cidades, mas nenhum circulava além do seu entorno regional. O jornal O ESTADO, criado em 1915 em Florianópolis, foi o primeiro a alcançar todas as regiões, nos anos 1970. A abrangência é uma resposta à implantação, em Blumenau, do *Jornal de Santa Catarina (Santa)*, em 1971, com a contratação de jornalistas do Rio Grande do Sul, e que instala em Florianópolis uma grande sucursal. A partir da reação ao concorrente, OESTADO iniciava a chamada fase áurea do jornal, com a implantação de sucursais em todas as regiões e maior profissionalização em suas páginas. A profissionalização se refere ao fato de que até ali o jornal era feito por pessoas sem experiência no trabalho em periódicos e com formação em outra área que não a de jornalismo, e depois por equipe de jornalistas formados em universidades e com passagem por outras redações⁴.

⁴ Redação é o termo usado para definir o local de trabalho dos profissionais envolvidos na elaboração das notícias de um veículo de comunicação.

Até então o periódico tinha basicamente objetivos político-partidários, ou seja, era um instrumento para a disputa de poder, já que havia sido comprado pelo político Aderbal Ramos da Silva para difundir as bandeiras do antigo PSD – Partido Social Democrata e restringia sua circulação a Florianópolis e cidades litorâneas. O jornal, contudo, não conseguiu manter a fase vigorosa dos anos 1970 e 1980, quando procurou se adequar aos padrões do jornalismo praticado nas principais capitais do país e se tornar referência em Santa Catarina, com cobertura ampla dos mais relevantes acontecimentos do estado no período, bem como acompanhar o processo de redemocratização do país. Além da instalação de maquinário para impressão, o jornal passou a ter sede própria e equipe de jornalistas experientes em redações de outros estados. Ao mesmo tempo, Florianópolis começava a viver a efervescência do crescimento impulsionado pela chegada da Eletrosul e a consolidação da UFSC, considerados marcos da transformação pela qual a cidade começou a experimentar depois dos anos 1970. Assim, embora tenha sido um veículo que procurava formar a opinião dos catarinenses sobre os acontecimentos políticos, sociais, econômicos e culturais que os afetavam, depois da efervescência das duas décadas anteriores, nos anos 1990 começou a perder força, até deixar de circular completamente em 2009⁵.

Quando o jornal O ESTADO foi criado, em 1915, por Henrique Raup Junior e Ulisses Costa, havia também outros dois periódicos na cidade: “A Opinião”, e “A Semana”. Naquele momento, Florianópolis era uma pequena cidade. O jornal, de quatro páginas, inovava a imprensa local, com maquinário moderno à época, como a impressora alemã Kleo, da indústria Reniperswesck, uma tipografia com linotipo e caixa de títulos, que serviu ao jornal até o começo da década de 1960. No início, “mostrava-se um agente suscitador de mudanças que interferia no cotidiano da cidade de Florianópolis, tentando ditar novos valores e regras e enraizando outros.” (MATA, 1996, p. 33). No início do século XX, a imprensa escrita era o principal meio de comunicação da comunidade. A autora complementa:

⁵ A circulação diária encerrou-se em 31 de maio de 2007, data do último exemplar arquivado na Biblioteca Pública de Santa Catarina. Depois disso ocorreram edições com periodicidade indefinida, por vezes semanal, até o início de 2009.

antes de ser uma empresa jornalística, foi um órgão atuante na cidade, uma vez que ajudou a criar e a derrubar novos e antigos conceitos. Desenvolveu campanhas de solidariedade juntamente com medidas de controle. Criou e homenageou “heróis”, ao mesmo tempo em que destruiu imagens consagradas. (MATA, 1996, p. 33).

Após três anos de existência, o comerciante Augusto Lopes da Silva compra o jornal e em 1925 ele passa a ser comandado por políticos. O primeiro deles foi Victor Konder, Ministro do governo Washington Luz e que se exilou em Portugal após a chegada ao poder em 1930, de Getúlio Vargas, a quem o jornal combatia na ocasião. O político, então, confiou a direção ao professor Altino Flores, fundador da Associação Catarinense de Imprensa, em 1932. Era um tempo em que os jornais catarinenses eram feitos quase que de forma artesanal, basicamente com textos e alguns desenhos.

Nos anos 1930, O ESTADO foi incrementado com uma clichéria⁶, começou a utilizar fotografias, que ainda serviam mais como ilustração na página do que como instrumento complementar da informação escrita. Também nesse período passou a ter artigos policiais, junto com os de política. As páginas haviam aumentado para seis, mas talvez nem se possa denominar de empresa jornalística o que existia na ocasião, em que “todos ajudavam a fazer, independentemente do cargo que exerciam”, conforme relata o primeiro editor de esportes do jornal, Pedro Paulo Machado, lúcido aos 89 anos de idade. Convidado quando o jornal ainda era dirigido por Altino Flores, Machado atuou em O ESTADO por 35 anos, primeiro como tipógrafo, depois como redator e editor da página de esportes e, também, como revisor: “pensando bem, eu fazia de tudo.” (O ESTADO – maio de 1985, Especial 70 anos, p. 16).

Em 1945, já proprietário do periódico em virtude da morte de Victor Konder, Flores, cansado das dificuldades em manter o jornal, vende-o para Moacir Iguatemy da Silveira. Este o repassa em seguida a Sidney

⁶ Oficina onde é feito o *clichê*, placa em metal gravada fotomecanicamente em relevo, imprimindo imagens e textos em prensas tipográficas.

Nocetti, que teria sido apenas intermediador no negócio em favor do político Aderbal Ramos da Silva (ARS⁷), deputado e depois governador, principal dono do jornal em toda sua existência. Altino Flores teria vendido O ESTADO sem saber que Aderbal estava por trás da negociação para fortalecer o seu partido, o PSD - Partido Social Democrata. (TANCREDO, 1998). Em entrevista concedida em 1982 ao jornalista Moacir Pereira, e reeditada em livro recente, ARS se justifica: “Foi a maneira que encontrei para comprar e melhorar o jornal. Não foi desonestidade. Foi um ato necessário, porque se eu aparecesse, talvez ele não vendesse.” (PEREIRA, 2011, p. 61). Assim, o jornal tinha como função muito mais defender as bandeiras do antigo PSD (controlado pela família Ramos) do que propriamente fazer jornalismo.

Essa característica política faz parte da história da imprensa no mundo, no século XVIII, e no Brasil no final do século seguinte e início do XX, embora os principais jornais do país, como *Folha de São Paulo* e *Jornal do Brasil*, já definissem a si mesmos como independentes de partidos políticos desde o início dos anos 1900. Em Santa Catarina a mudança no perfil chega mais tardiamente e o período em que cada partido tinha seu próprio jornal se estende ao longo dos anos, sendo o da UDN – União Democrática Nacional (família Konder Bornhausen) *A Gazeta*, extinto nos anos 1960. Ao se referir às articulações político-eleitorais catarinenses de 1955, Lenzi (1983) cita o uso partidário dos jornais:

A campanha desenvolvida pelas duas agremiações através dos matutinos locais “O Estado” e “A Gazeta”, onde os irmãos Rubens e Jaime de Arruda Ramos assinavam apimentadas colunas políticas, foi uma das mais acirradas. Notas, manchetes, telegramas, e artigos procuravam enaltecer os eleitores. (LENZI, 1983, p. 258).

Os dois partidos, conservadores à seu modo, dominaram a política catarinense durante todo o século XX por meio das duas famílias. Em sua tese sobre o “Poder oligárquico catarinense”, Marli Auras contextualiza:

⁷ Doravante a sigla ARS poderá ser usada para me referir ao político em questão.

Desde os primórdios da República Velha, quando a família Ramos chegou ao poder estadual através do “Coronel” Vidal Ramos, Santa Catarina tem sido governada ou por rebentos diretos das famílias Ramos/Konder/Bornhausen ou por quem delas seja merecedor da mais estrita confiança. Essas figuras, invariavelmente, se cotizavam no poder, mantendo-o sob rédeas curtas. [...] A partir dos anos 1930, o mando oligárquico foi consolidado em Santa Catarina, mediante a ação política e o rodízio no poder de dois grupos familiares: os Ramos (marcados pelo contexto rural) e os Konder-Bornhausen (contexto baseado no deslanchar do processo urbano-industrial). (AURAS, 1991, p. 43 e 100)

O latifundiário Vidal Ramos possuía extensas áreas de terras em Lages e defendia os interesses agrários, enquanto os Konder-Bornhausen apoiavam o comércio e a indústria nascente na região de Joinville e Blumenau, colonizadas principalmente por imigrantes alemães. Os quadros a seguir mostram a presença de integrantes destas famílias na política catarinense:

Quadro 1. Genealogia das famílias Konder/Bornhausen: nomes de políticos.

A trajetória da família Konder/Bornhausen percorreu o século XX desde o seu início e ainda se mantém atuante, agora na terceira geração:

Os Konder começaram a se destacar na política catarinense através de Adolfo Konder, (Itajaí, 16 de fevereiro de 1884 — Rio de Janeiro, 24 de setembro de 1956), que foi Deputado Estadual, Deputado Federal, Senador, e governador de Santa Catarina de 1926 a 1930. Formou-se em direito pela Faculdade de Direito de São Paulo em 1908. Filho do professor e comerciante alemão Marcus Konder (Tréveris, 1835 — 1890), que se estabeleceu em Itajaí e casou com Adelaide Flores.

Marcos Konder – Itajaí, 5 de janeiro de 1882 – Itajaí, 5 de julho de 1962. Irmão de Adolfo Konder, foi prefeito de Itajaí e Deputado Estadual por várias legislaturas, de 1913 a 1937.

Víctor Konder, Itajaí, 21 de fevereiro de 1886 — Rio de Janeiro, 6 de agosto de 1941. Deputado estadual de 1919 a 1921 e de 1922 a 1924. Irmão de Adolfo Konder, comandou o Ministério da Viação e Obras Públicas, de 15 de novembro de 1926 a 24 de outubro de 1930, no governo de Washington Luís. Exilado pela Revolução de 1930, regressou a Blumenau em 1933 e a partir daí dedica-se apenas a atividades comerciais e industriais.

Antônio Carlos Konder Reis (Itajaí, 16 de dezembro de 1925) é filho de Oswaldo dos Reis e Elisabeth Konder, sobrinho de Adolfo Konder. Deputado estadual de 1947 a 1950 e de 1951 a 1955, eleito pela União Democrática Nacional (UDN). Deputado federal de 1955 a 1959, e de 1959 a 1962, e senador de 1963 a 1971, quando foi relator da Constituição Federal de 1967. Senador de 1971 a 1979, eleito pela Arena, período em que foi escolhido pelo governo militar para governar Santa Catarina, de 1975 a 1979. Naquele ano foi sucedido pelo seu primo Jorge Bornhausen no governo de Santa Catarina. Voltou ao governo estadual como vice-governador de Wilson Kleinubing (1991 — 1994).

Irineu Bornhausen (Itajaí, 25 de março de 1896 - Blumenau, 11 de agosto de 1974). Filho de João Bornhausen e de Ghilhermina Bornhausen. Casou com Marieta Konder (irmã de Adolfo Konder), união da qual nasceram, Paulo, Roberto e Jorge Konder Bornhausen. Foi vereador e prefeito de Itajaí, governador de Santa Catarina de 31 de janeiro de 1951 a 31 de janeiro de 1956 e senador de 1959 a 1967.

Paulo Konder Bornhausen (Rio de Janeiro, 6 de setembro de 1929). Advogado, ingressou na UDN a exemplo de outros membros da família que, destituída do poder após a Revolução de 1930, fez oposição a Getúlio Vargas. Deputado estadual de 1955 a 1959 pela UDN.

Jorge Konder Bornhausen (Rio de Janeiro, 1º de outubro de 1937) Advogado, dirigiu empresas de seguro, trabalhou nas Indústrias Gropp e no Banco Indústria e Comércio de Santa Catarina e foi fundador em Santa Catarina da Arena – Aliança Renovadora Nacional, agremiação que dava sustentação ao Regime Militar de 1964. Tornou-se presidente do Banco do Estado de Santa Catarina em 1975 por escolha de seu primo, o então governador Antônio Carlos Konder Reis. Vice-governador de 1967 a 1971, sua indicação com idade abaixo da exigida para o cargo foi possível mediante a ação do então governador Ivo

Silveira que engendrou a aprovação de uma emenda alterando para menos de 30 anos a idade mínima para o posto. Indicado pelo Presidente Ernesto Geisel para ser governador, em 1978, enfrentou em sua gestão a manifestação popular conhecida como Novembrada, em 1979. Deixou o cargo para concorrer ao pleito de 1982 quando foi eleito senador pelo PDS. Jorge Bornhausen migrou para o PFL e foi eleito presidente nacional da legenda, e depois nomeado Ministro da Educação do Governo Sarney. Derrotado ainda em primeiro turno ao concorrer ao governo de Santa Catarina em 1994, foi embaixador do Brasil em Portugal durante o primeiro mandato de Fernando Henrique Cardoso, retornando ao país por ocasião das eleições de 1998 quando conquistou seu segundo mandato de senador. Ao fim do mandato encerrou a carreira política em cargos públicos, mas continua a ter forte presença nos bastidores da política estadual.

Paulo Roberto Barreto Bornhausen, filho de Jorge Bornhausen e Eudéa Barreto Bornhausen, foi deputado estadual nos anos 1990, pelo PFL – Partido da Frente Liberal. Em 2002 concorreu ao Senado da República mas foi derrotado. Em 2006 foi eleito deputado federal, cargo para o qual foi reeleito em 2010 pelo DEM – Democratas, novo nome do antigo partido. Afastou-se do Legislativo através de licença para exercer a função de Secretário de Desenvolvimento do governo de Santa Catarina.

Fonte: Dados compilados pela autora a partir de LENZI, (1983); PIAZZA, (1985) e de informações da imprensa local.

Quadro 2. Trajetória política da família Ramos.

A genealogia dos Ramos inicia com Laureano José de Oliveira Ramos, nascido em 1777, em Biguaçu, que teve nove filhos, entre eles Henrique (1812), e Vidal José (Sênior), nascido em 1821. Deste último descende o coronel e ex-governador Vidal José de Oliveira Ramos Junior, nascido em Lages em 1866. Vidal Júnior teve como irmãos Belisário José, Maria Cândida e Carlos Vidal (Carlinhos). Através de Vidal José de Oliveira Ramos Junior se inicia a trajetória da família no poder em Santa Catarina durante o século XX. Ele foi Intendente e Superintendente em Lages, Deputado Provincial em 1886, no Império, e na República foi o mais novo Deputado Constituinte (1891). Governou Santa Catarina nas primeiras décadas dos anos 1900, de 1902 a 1905 e de 1910 a 1914. Em seguida foi Senador em três legislaturas, mandatos encerrados em 1937. Casado com Maria Tereza Fiúza, teve 14 filhos: Rachel, Nereu, Hugo,

Acácio, Maria Julia, Jonas, Celso, Mauro, Ruth, Olga, Daura, Vidal, Joaquim e Nilo. Destes, Vidal (Vidalzinho) foi líder político em Lages, Mauro foi prefeito de Florianópolis, Hugo, deputado estadual, Joaquim deputado federal, Celso e Nereu foram governadores, tendo este último também chegado, por curto período, à Presidência da República.

Nereu Ramos, filho de Vidal Ramos Junior (governador), ocupou a Presidência da República durante dois meses e 21 dias, de 11 de novembro de 1955 a 31 de janeiro de 1956. Vice-presidente do Brasil, eleito pelo Congresso Nacional, de 1946 a 1951, e deputado estadual na 7ª legislatura (1910 — 1912) e na 10ª legislatura (1919 — 1921). Em 1927, foi fundador e primeiro presidente do Partido Liberal Catarinense. Em 1930 elegeu-se deputado federal, mas com o fechamento do congresso teve seu mandato extinto. Apoiou a Revolução Constitucionalista de 1932 e em 1933 foi eleito deputado constituinte com a maior votação de Santa Catarina. Em 1935 foi eleito governador, sendo nomeado interventor em 1937, permanecendo neste cargo até 1945. Eleito simultaneamente deputado e senador pelo PSD em 1946, assumiu a presidência da Câmara de Deputados, em 1951, e a vice-presidência do Senado, em 1955. Como 1º Vice-presidente do Senado Federal, Nereu Ramos assumiu a presidência da República após o suicídio do titular, Getúlio Vargas, e do impedimento do vice-presidente, Café Filho, e do presidente da Câmara dos Deputados, Carlos Luz.

Hugo de Oliveira Ramos – filho de Vidal Ramos Junior; Foi Deputado estadual mas deixou a carreira política depois de ser nomeado titular de cartório (Tabelionato) no Rio de Janeiro. Dos seus descendentes, alguns foram políticos (ver abaixo).

Celso Ramos (Lages, 18 de dezembro de 1897 — Florianópolis, 1 de abril de 1996) Filho de Vidal Ramos Junior, casou com Edith Müller Gama. Foi governador do estado de Santa Catarina, de 31 de janeiro de 1961 a 31 de janeiro de 1966. Em seu mandato foram criadas várias estruturas de governo, especialmente na área de planejamento do serviço público. Exerceu o cargo de Senador da República de 1967 a 1975. Dos filhos, Celso também foi político (ver abaixo).

Mauro de Oliveira Ramos – filho de Vidal Ramos Junior, foi prefeito nomeado de Florianópolis de 1937 a 1940.

Vidal (Vidalzinho), filho de Vidal Ramos Junior, foi líder político e prefeito em Lages.

Joaquim Fiúza Ramos, nasceu em 27 de julho de 1910, era o 13º filho de Vidal Ramos Junior, e o único a receber também o sobrenome da mãe. Eleito deputado federal mais votado em 1947, foi um dos fundadores do PSD naquele ano. Releveu-se sucessivamente nas quatro eleições seguintes: 1950, 1954, 1958 e 1962. Em 1966 obteve o sexto mandato pela Arena – Aliança Renovadora Nacional, agremiação que dava sustentação ao regime militar instalado em 1964 e absorvera o PSD e a UDN.

Celso Ramos Filho, neto de Vidal Ramos (Governador). Foi deputado estadual por duas vezes: o primeiro mandato iniciou em 1966 e o segundo em 1970. Depois foi Conselheiro do Tribunal de Contas do Estado de Santa Catarina.

Hugo Ramos Filho – neto de Vidal Ramos (Governador). Foi vereador, deputado estadual e senador pelo Rio de Janeiro.

Gilberto Ramos, filho de Hugo Ramos Filho, bisneto de Vidal Ramos foi vice-prefeito do Rio de Janeiro.

Aristiliano Laureano Ramos (Lages, 10 de maio de 1888 — Lages, 17 de julho de 1978). Filho de Belisário José de Oliveira Ramos e Teodora Ribeiro Ramos, era sobrinho de Vidal Ramos (governador). Vereador em Lages de 1906 a 1916, Deputado estadual de 1916 a 1922, e interventor federal em Santa Catarina, de 19 de abril de 1933 a 29 de abril de 1935. Era da UDN – União Democrática Nacional.

Laerte Ramos Vieira – filho de Altina Ramos e Alvaro Ramos Vieira, neto de Belisário Ramos. Vereador em Lages, Deputado Estadual em 1954 e 1958, e deputado federal em 1962, pela UDN, e deputado federal pelo MDB em 1970 e 1974.

Saulo Saul Ramos – filho de Alberto de Oliveira Ramos, neto de Belisário e sobrinho neto de Vidal Ramos. Deputado estadual (1947), deputado federal em 1951 e senador em 1954, pelo PTB – Partido Trabalhista Brasileiro.

Aureo Vidal Ramos - Filho de Carlos Vidal Ramos e Elvira de Castro Ramos. Casou com Tereza Furtado Ramos, sua prima, filha de Vidal

Ramos Júnior (Vidalzinho) e Emília Furtado Ramos. Prefeito de Lages de 1969 a 1973 e deputado estadual em 1962 e 1966;

Cândido de Oliveira Ramos – sobrinho de Vidal Ramos (governador) – filho de Henrique de Oliveira Ramos e de Maria Cândida Ramos. Após formar-se em medicina (1913), obteve bolsa de aperfeiçoamento na França, onde, ao iniciar a Primeira Guerra Mundial, se alistou às Forças daquele país para o combate. Regressou a Lages em 1919 e a partir daí foi Secretário Estadual da Fazenda (1930-1932) e Deputado federal entre 1934 e 1937. Assumiu o governo do estado por curto período nos anos de 1932 e 1933, e também elegeu-se ao Senado em 1934, mas renunciou ao cargo. Faleceu em Cannes, na França, em 1949.

Vidal Ramos Neto – filho de Henrique Ramos e Maria Cândida de Oliveira Ramos, sobrinho de Vidal Ramos (governador). Deputado estadual em 1921.

Henrique de Arruda Ramos – filho de Vidal Ramos Neto e neto de Maria Cândida, foi deputado estadual pelo PSD e depois pelo MDB e PMDB. Era irmão, entre outros, de Rubens e Jaime de Arruda Ramos, jornalistas/colunistas que combatiam entre si na imprensa catarinense dos anos 1950/1960.

Renato Ramos da Silva – Senador de 1964 a 1967, pelo PSD; Filho de João Ambrósio da Silva e Maria Helena Ramos da Silva (filha de Maria Cândida), sobrinho neto de Vidal Ramos Junior . Foi casado com Maria Mercedes Ávila da Silva, dessa união nasceu Cláudio Ávila da Silva, prefeito de Florianópolis em 1983.

Aderbal Ramos da Silva (ARS) Filho de João Pedro Ramos da Silva e de Raquel Ramos da Silva, neto materno de Vidal Ramos, sobrinho de Nereu Ramos e Celso Ramos. Casou com Ruth Hoepcke da Silva, filha de Carlos Hoepcke Júnior e neta de Carl Hoepcke, com quem teve duas filhas. Um dos fundadores do Nossobanco, o Banco do estado do Paraná e Santa Catarina, bacharelou-se em direito pela Faculdade de Direito do Rio de Janeiro, em 1932. Foi presidente do diretório municipal de Florianópolis do Partido Liberal Catarinense e elegeu-se deputado estadual de Santa Catarina de 1935 a 1937. Governador de Santa Catarina, eleito pelo Partido Social Democrático (PSD), assumiu o governo em 26 de março de 1947. Deputado federal por Santa Catarina na 38ª legislatura (1947 — 1951), eleito pelo Partido Social

Democrático (PSD), e na 40ª legislatura (1955 — 1959), eleito pela Aliança Social Trabalhista, coligação do Partido Social Democrático (PSD) com o Partido Trabalhista Brasileiro (PTB). Um dos últimos políticos de destaque da família, já que das novas gerações, apenas seu primo em terceiro grau, Claudio Ávila da Silva, foi prefeito de Florianópolis no início dos anos 1980, e um de seus netos, Guilherme da Silva Grillo, tentou a vida pública sendo vereador em Florianópolis nos anos 2000. Em 2007 Guilherme foi condenado em primeira instância pelo “escândalo do grampo”, ocorrido em 2005. O juiz o considerou culpado por ter feito interceptação telefônica (escuta e gravação ilegal) do então também vereador Juarez Silveira. (Fonte: TJSC, 2007) Embora Grillo tenha sido cogitado como possível candidato em chapa majoritária para concorrer na eleição municipal de 2012, isso não se efetivou.

Além dos destacados acima, outros nomes da família Ramos tiveram atuação nos poderes Legislativo (João Ribas Ramos, Celso Ramos Branco) e Judiciário (foram desembargadores: Adalberto Vidal Ramos, Belisário Ramos da Costa, Belisário José Nogueira Ramos, Francisco May Filho, João José Ramos Schaefer, e Nelson Juliano Schaefer Martins), e em instituição religiosa – D. Murilo S. Ramos Krieger. Um foi embaixador: Licurgo Ramos da Costa. Percebe-se que a grande família do coronel Vidal Ramos (14 filhos) teve muitos de seus membros em cargos político/partidários, mas perde força a partir do período do regime militar (1964-1985). Enquanto isso, os Konder/Bornhausen, embora com prole menor, mantêm-se no poder estadual até os dias atuais. Dentro da perspectiva desta tese, cabe destacar que, não por acaso, ainda no regime ditatorial (1977), o então governador Konder Reis “facilitou” a chegada do grupo RBS a Santa Catarina, conforme Cruz (1994) e Valente (2005).

Fonte: RAMOS FILHO, (2002).

Os jornais deste estilo político faziam parte de um tempo em que a imprensa brasileira era um instrumento de agitação e doutrinação política explícita. Tal característica é superada nos países europeus a partir da formação do estado liberal burguês e a expansão do conhecimento para o público em geral, conforme Rüdiger (2010). No Brasil esta fase de modernização capitalista surge apenas em meados do século XX, o que também fez demorar mais as mudanças de conteúdo dos jornais. Para alguns analistas, o histórico de panfleto político

partidário pelo qual os jornais foram identificados por muito tempo seria um dos motivos para a baixa circulação: “as fracas tiragens dos jornais de Santa Catarina, em todos os tempos, terão como um dos fatores determinantes precisamente seu caráter partidário, pelas limitações que impunham.” (PEREIRA, 1992, p. 86). Na biografia sobre ARS escrita por Tancredo (1998), há vários relatos de situações que demonstram como o jornal servia de canal para defender o PSD e ARS. Um dos exemplos é este: “A morte, em Laguna, de um cidadão vinculado ao PSD, vítima de crime, levou O ESTADO a explorar o fato com manchete carregada de adjetivos. Um espalhafatoso cabeçalho em oito colunas relatou o episódio.” (TANCREDO, 1998, p. 134).

Mas o que ocorria no estado não é diferente do que está presente na história do jornalismo como um todo, como observa Rüdiger, num retrospecto em que mostra que “O jornalismo, ninguém negará, se desenvolveu a reboque do curso seguido pela vida política. As folhas de vários tipos foram muito tempo órgãos de partidos” (2010, p. 220). Era um período em que a postura política não era disfarçada na pretensa “neutralidade” pregada posteriormente e em que não havia a pluralidade de opiniões que geralmente a imprensa moderna defende. Nesse sentido, Medina (1978) divide jornalismo brasileiro em dois tipos: o de *Tribuna*, opinativo, até final dos anos 1950, e o *Noticioso* (a partir dos anos 1960, marcado pela objetividade e neutralidade). Como em outras áreas, essa mudança no conteúdo dos jornais ocorre em Florianópolis um pouco mais tarde do que nos principais centros do país. A forte conotação político-partidária também é demonstrada por May:

Estas redes, que estão na genealogia do poder político catarinense estabeleceram seu domínio, divulgando valores ideológicos que perpassaram sucessivas gerações. Assim, criaram o que poderia ser denominado como uma espécie de cultura política local. (MAY, 1998 p.155).

ARS, embora dono dos principais veículos de comunicação à época, raramente dava entrevistas, mas “nos fins de tarde, com frequência ‘batia ponto’ no estacionamento de O ESTADO, onde mantinha conversas com o editor-chefe Luiz Henrique Tancredo, redator da

‘Informação Geral’, a coluna editorial⁸ do jornal.” (PEREIRA, 2011, p. 21). De qualquer modo, o poder político por meio do periódico era exercido de diferentes maneiras, como exemplifica um dos ex-dirigentes:

Apesar de dizerem que Aderbal usava o jornal para fazer política, quem sofria na mão do Dr. Aderbal eram os correligionários, jamais os adversários. Osmar Cunha, que foi prefeito de Florianópolis, modernizou Florianópolis para a época, ruas etc. Era do PSD e aí, quando terminou o mandato, foi candidato a deputado federal. Elegeu-se com 50 mil votos, pelo prestígio dele e também por Aderbal considerar que tinha futuro brilhante. Mas, eleito, começou a voar sozinho, aí ele [Aderbal] não aceitava. Aí o Osmar Cunha não foi mais nada. Aderbal não admitia ser desconsiderado. Tem histórias assim... (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

O uso do jornal para propósitos do coronelismo fica explícito no depoimento. Mesmo que o objetivo do proprietário fosse apenas dar o direcionamento em seu próprio partido, e os adversários (supostamente) não sofressem críticas, ao serem ignorados e não terem, ou terem pouco espaço no jornal, eram igualmente penalizados, pela falta de visibilidade sobre sua existência.

Sob o controle dos Ramos, inicialmente a direção do jornal ficou a cargo de Barreiros Filho e Domingos Fernandes de Aquino e, depois, de Rubens de Arruda Ramos, primo de Aderbal, que atuou no impresso até 1965. Pai do cronista Sérgio da Costa Ramos e do colunista Paulo da

⁸ O editorial é a parte do jornal que reflete a posição oficial da direção sobre algum assunto do momento. Geralmente é um espaço claramente denominado numa das primeiras páginas da edição. No caso citado, parece ser a voz de ARS no jornal, pois existia também o editorial nominado como tal, escrito por um dos dirigentes, por vezes, pelo próprio presidente José Matusalém Comelli. Ou seja, naquele momento haviam dois espaços em que a opinião da empresa era expressa. A de “Informação Geral” trazia aspectos dos bastidores da política e defendia interesses do ex-governador, e a o editorial propriamente dito fazia considerações sobre algum tema em destaque no jornal.

Costa Ramos (PCR⁹), Rubens, sob o pseudônimo de Guilherme Tal, assinava a principal coluna¹⁰ política do jornal daqueles anos, período sobre o qual o cronista filho assim escreveu, numa das edições comemorativas:

Nele [OESTADO] meu pai exerceu, de 1948 a 1965, um jornalismo político que se transformou na “trade mark” do jornal, então uma espécie de “Pravda¹¹” do PSD, embora Guilherme Tal soubesse cultivar, social e politicamente, tanto a Glasnost quanto a Perestroika nos seus debates com os linha-dura da UDN. (OESTADO, caderno comemorativo dos 76 anos, 12 maio de 1991, p. 12)

⁹ PCR foi dirigente de OE nos anos 1970 e assinou coluna de conteúdo político ideológico por quase 50 anos no jornal, defendendo ideais considerados conservadores, ou de “direita”. Em 2001 foi acusado pelo MPF de fazer apologia de discriminação étnica em artigo que se referia à comunidade indígena do Morro dos Cavalos, em Palhoça. Secretário da Comunicação no governo Konder Reis, após o fim de jornal, atuou em empresa da indústria química do Brasil.

¹⁰ A palavra coluna designa dois aspectos num jornal. A primeira, utilizada no presente contexto é um espaço do jornal em que aparecem notas ou artigos, assinados ou não, com opiniões, críticas, sátiras ou fofocas. Os autores, chamados colunistas, buscam criar certa cumplicidade entre o autor e o leitor, em textos informais, opinativos e que podem usar a primeira pessoa do singular, diferente das matérias jornalísticas em que as características são de impessoalidade, imparcialidade e predomínio da linguagem formal. A segunda denominação de coluna refere-se ao componente gráfico de distribuição do texto de forma vertical, de tamanho regular, espaçadas e ordenadas para encaixar os elementos de visualização da página. Ao longo do trabalho as duas definições serão citadas e as diferenças podem ser observadas pelo contexto em que se inserem.

¹¹ Referência irônica ao jornal oficial do Partido Comunista da antiga URSS-União das Repúblicas Socialistas Soviéticas. Glasnost e Perestroika também são palavras de origem russa que designam as duas correntes políticas em evidência na URSS nos anos 1980, quando começou a ser debatida a abertura do regime político das Repúblicas Soviéticas. A corrente Perestroika, defendida pelo líder Michael Gorbachow, acabou sendo a vencedora e determinou o fim do comunismo naqueles países.

Após a gestão de Rubens de Arruda Ramos, aos poucos, as notícias foram ocupando o lugar dos artigos de opinião: “Todos eram ecléticos na sua missão de informar. Tratavam paralelamente de assuntos absolutamente conflitantes, como acontecimentos sociais e religião. Coisas de um jornalismo praticado à época.” (TANCREDO, 1998, p. 103-104).

1.2 A gestão Comelli

Em meados dos anos 1960, conduzido ao cargo de diretor presidente pelo sogro, o comando de O ESTADO passou a ser de José Matusalém de Carvalho Comelli¹², “em cuja gestão o jornal experimentou a etapa mais gloriosa de sua existência.” (MACHADO P., em manuscrito próprio, s/d). Sobre os primeiros anos de sua gestão, o último proprietário do jornal lembra: “era na rua Conselheiro Mafra, era uma casa alugada, a máquina era horrível, uma rotoplana, então a impressão era pior ainda. Não tinha... O jornal devia ter no máximo 12 funcionários, se tivesse tanto... por aí.” (COMELLI, 2011). Na mesma entrevista de 1982 reeditada por Moacir Pereira em 2011, já citada anteriormente, o sogro é elogioso em entrevista:

Hoje O ESTADO é um jornal bem feito, bem estruturado, com credibilidade, boa tiragem, alcançando o estado inteiro. Nossa opinião é respeitada. Comprei do professor Altino Flores, modernizei e não devo nada a ninguém. [...] Não é justo que eu sendo o dono tenha a vaidade de colocar o nome. Fica o meu genro, que é jornalista. O Comelli senta junto a uma máquina de escrever e redige o editorial.” (PEREIRA, 2011, p. 60-61).

¹² Ao se casar com Sílvia Hoepcke da Silva, filha de ARS, Comelli, formado em Direito e ex-dirigente da UNE – União Nacional dos Estudantes, torna-se gestor de empresas da família (Grupo Hoepcke), entre elas o jornal. Nos anos 1990, na partilha de bens que lhe cabem no processo de separação de Sílvia, torna-se o último proprietário do periódico.

Além dos elogios, o ex-governador se justifica ainda quanto à compra do jornal e de como não faz questão de aparecer nominado como seu dono. Ao mesmo tempo enaltece o desempenho de seu genro, que demora algum tempo para se reconhecer como novo diretor presidente do jornal, conforme pode-se observar abaixo. Sobre esses primeiros anos de sua gestão, iniciada após a morte de Rubens de Arruda Ramos, o herdeiro diz também:

em 1969 começamos a aumentar o jornal, colocar o fotolito. Causou impacto, convidei pessoas, amigos, colegas de faculdade. Fizemos um pacto para transformar o jornal, e eu só pagaria [salários] quando o tivesse receita, até ali não tinha receita, e todos aceitaram isso. Foi uma coisa assim de família, de amigos, de amor pelo jornal. Eu já tinha assumido mas só coloquei meu nome dois anos depois, 1966 ou 67. (COMELLI, depoimento, 2011).

Até o início dos anos 1970 se manteve o modo artesanal de fazer jornal, mas gradativamente, além de textos, passou a ter mais fotografias. O jornal tivera até ali, então, o propósito de dirigir a opinião pública por meio de um discurso de conotações claras, da enunciação dos fatos como se não houvesse divergências na sociedade local e nem diferentes atribuições de sentido. Aos poucos, porém, com as alterações gráficas, foi também se deslocando da esfera predominantemente política para incorporar outros temas de interesse da população. O diretor presidente admite a ligação partidária, mas ressalva as mudanças que começaram a ocorrer a partir de sua gestão:

Eu comecei a mudar até no visual político, era um jornal do partido, PSD, ninguém escondia isso. Até numa ocasião um queixoso desse, saiu alguma coisa que não tinha gostado e

perguntou pra mim: “Afiml esse jornal é nosso ou não é?”, “Nosso o que?” “Do PSD” “É mais ou menos, é dos amigos”. Nós quebramos alguns tabus, tinha notícia que não se dava e tal, e passamos a trazer reivindicações do povo, da coletividade. O ônibus quebrava, atrasava, e eram tudo coisas de correligionários... Eram pessoas que antes eram inatingíveis, coisas que eram ignoradas. (COMELLI, depoimento, 2011).

Pelo relato observa-se que a mudança no enfoque jornalístico causava surpresa aos correligionários acostumados a serem protegidos com o silêncio do jornal a respeito de seus procedimentos muitas vezes contrários aos interesses da comunidade. Percebe-se que as representações do fazer jornalístico começavam a mudar e continuariam a se alterar, ao longo do tempo, no periódico. Contudo, nem os jornalistas eram profissionalizados no ofício:

Na verdade, O jornal O ESTADO foi a grande escola de jornalismo em Santa Catarina. Porque quando começou a se profissionalizar, em 1972, não tinha o curso de jornalismo, e o jornal precisou formar uma redação. Tanto na rua Conselheiro Mafra como depois na sede da rua Felipe Schmidt. Pegava-se pessoas com talento, em geral estudantes de Direito ou Letras, dava treinamento e ele virava repórter. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

A declaração demonstra como até o início dos anos 1970 o jornal era redigido por pessoas de diversas formações, e que somente a partir daquela década iniciou-se a chamada “profissionalização”, com a contratação de repórteres fotográficos, de jornalistas formados em universidades de outros estados, e a implantação de uma redação nos moldes dos grandes impressos do país.

1.2.1 As inovações dos anos 1970 e a consolidação dos anos 1980

A partir da aposentadoria da rotoplana e instalação de nova rotativa¹³ de impressão a frio *off set*¹⁴, assim como de outro sistema de composição, aquisição de aparelho de telex e radiofoto, dinamização da distribuição e reforma gráfica, o jornal começou a viver a fase considerada “áurea” por todos os depoentes, como veremos ao longo do trabalho. A chegada das máquinas que permitiram maior flexibilidade e recursos de composição das páginas, e a contratação de jornalistas profissionais, teriam ocorrido “por acaso”, conforme o depoimento abaixo:

Eles estavam pretendo fazer mudanças, porque estava se modernizando tudo no país... Mas o processo estava arrastado, aí vem o *Jornal de Santa Catarina* e eles levam susto. Daí vão atrás e tem aquele golpe de sorte com as máquinas¹⁵, e fazem de uma hora para outra. Outro golpe de sorte foi que a equipe que estava tocando o *Santa* em Blumenau se desentende e vem embora. Então eles têm a máquina que precisam já no porto e a equipe

¹³ Máquina que funciona por meio de rotação de formas cilíndricas, em torno das quais o papel enrolado em bobinas se desenrola e recebe a impressão.

¹⁴ O sistema *off set* refere-se *off set lithography* (litografia fora-do-lugar), para designar a impressão indireta, em que a tinta passa por um cilindro intermediário, antes de atingir a superfície. Na litografia, ao contrário, a impressão era direta, com o papel tendo contato direto com a matriz. A *off set* garante boa qualidade para médias e grandes tiragens, além de imprimir em praticamente todos os tipos de papéis.

¹⁵ Um grupo de empresários do Paraná havia comprado os equipamentos para instalar jornal naquele estado e desistiu do projeto, permitindo a O ESTADO tê-los prontamente, diferentemente do longo processo que seria ter que ainda iniciar a importação das máquinas.

que eles necessitam caindo fora de um jornal. Nem precisaram fazer força, veio tudo para O ESTADO para fazer o jornal em *off set*. (VALENTE, depoimento, 2011).

Observa-se pela declaração que a modernização do jornal, depois continuamente destacada, foi resultado do acaso, distante de qualquer planejamento empresarial. Mas constituiu-se num marco que permitiu ao jornal firmar-se como periódico mais importante do período em Santa Catarina. Os anos 1970 e 1980 de fato marcaram o auge do jornal, pela diagramação e formato adaptados ao que se fazia em todo o país e pelas reportagens produzidas na redação. Além de jornalistas formados vindos do Rio Grande do Sul, o jornal contratou em 1971 o colunista Beto Stodieck, que seria um dos ícones do periódico nos anos considerados “áureos”. Pela importância do jornalista para o jornal e para a cidade, e por ser citado também em outras partes desta tese, resumimos a trajetória do colunista no quadro a seguir.

Quadro 3. Biografia resumida do colunista Beto Stodieck.

Irreverente e controverso, Sérgio Roberto Leite Stodieck (Beto), de família tradicional da capital catarinense, filho do historiador Henrique Stodieck e de Maria da Graça Leite Stodieck, começou sua atividade como colunista em julho de 1971 no jornal O ESTADO, aos 25 anos. Formara-se em Direito na Universidade Federal do Rio de Janeiro e tivera sólida formação intelectual e cultural. Fez parte da geração jovem da cidade de Florianópolis nos anos 1970: “...Beto Stodieck, que mais do que um cronista porta-voz da juventude classe média ilhoa, era também um dos principais personagens da vida noturna de Florianópolis entre as décadas de 1970 e 1980” (COSTA, 2004, p.134). Da mesma geração de jovens faziam parte ou eram próximos em idade, Sérgio da Costa Ramos, Cacau Menezes, Laudelino Sardá, ou seja, muitos daqueles que nos anos 2000 o evocam como símbolo de um tempo, ou que lamentam a não existência de uma identidade própria para Florianópolis.

Stodieck era quem mais divulgava eventos juvenis e também organizou espaços culturais, como uma galeria de arte. Enquanto colunista realizou seu trabalho alternadamente entre os jornais O ESTADO e *Jornal de Santa Catarina*, em períodos intercalados em cada um deles, em quase 20 anos de atuação. Ao surgir, em 1971, no jornal O ESTADO *Beto*

Stodieck em letras garrafais ocupava de alto a baixo a parte esquerda da página 2, em duas colunas de notas. Desde o início, além de divulgar e comentar eventos artísticos e culturais, notícias sobre pessoas conhecidas e trivialidades diversas, Beto falava de problemas da cidade, especialmente os relacionados ao crescimento desordenado e à descaracterização arquitetônica: “A Beira Mar está naquele quase-não-quase pronta há algum tempo. De certa forma bonita e, talvez, um pouco provinciana.[...] as construções estão surgindo loucamente, sem um mínimo de estética...” (O ESTADO, 14.07.1971).). Tratou muitas vezes também da controversa relação entre os antigos moradores da cidade, os “manezinhos¹⁶”, e os novos moradores que chegavam, considerados “de fora”.

O primeiro período no jornal O ESTADO durou pouco, transferindo-se já em 1973 para o *Jornal de Santa Catarina*, sediado em Blumenau, um periódico recém criado mas de grande impacto na imprensa catarinense de então. Com editoriais¹⁷ bem definidas, o colunista teve espaço no caderno Variedades, à página 17, mas com tamanho idêntico ao jornal anterior, embora seu nome aparecesse de forma menos ostensiva. Em 1980 Stodieck retorna ao O ESTADO e divide a página 14 com outro

¹⁶ Termo popular que define o nascido em Florianópolis, especialmente o nativo do interior da Ilha de Santa Catarina. Considerado pejorativo por muitos anos, passou a ter significado valorizado depois que o carnavalesco Aldirio Simões (1942-2005) criou, em 1987, o troféu Manezinho da Ilha outorgado no Dia Municipal do Manezinho (31 de maio) a pessoas que contribuem para a preservação e valorização da cultura e do modo de vida da cidade, e de Gustavo Kuerten, campeão mundial de tênis se definir como “manezinho”. Fantin (1999) em capítulo de sua tese fala da ressignificação do termo a partir do sucesso de Guga, e da disputa do termo durante as eleições municipais de 1996. A autora observa que na ocasião, o uso político da figura do manezinho que prevaleceu e deu o tom foi conservador. (p. 238) Fantin conclui que “a figura do manezinho é ambígua, pode ser manipulada, pode variar de significado conforme o contexto é, simultaneamente, representante do atraso e do progresso. Tanto serve à direita como à esquerda. É símbolo do antigo. É a modernidade do arcaico. É também a utopia dos alternativos que querem manter o ‘jeito manezinho de ser’. É, enfim, um emblema que pode ser lido de várias formas e, dependendo do foco, vai produzir distintos olhares sobre a cidade e sua dinâmica cultural.” (FANTIN 1999 p. 239)

¹⁷ São as páginas definidas por áreas temáticas que abrangem os assuntos noticiados pelo jornal. Ex: editoria de esportes, de política, de polícia, etc.

colunista, Zury Machado. Produz neste período alguns textos maiores, como *O negócio é atravessar a rua*, uma crônica do cotidiano em que ironiza o desprezo de comerciantes a pessoas trajadas de modo simples, e que por isso deixariam de realizar vendas importantes. Observa-se no texto, a cadência das palavras, o trocadilho, e a inserção do nome da loja como quem não quer nada, a fina ironia quanto à preocupação com as aparências de uma camada economicamente superior da cidade (ou assim autoavaliada), um tema outras vezes trazido à coluna.

Volta ao *Jornal de Santa Catarina* em setembro de 1983 e ocupa posição privilegiada na última página, geralmente a 20, com seu nome em destaque à esquerda. Seus textos são expressões subjetivas e pessoais, e nem sempre em conformidade com o discurso majoritariamente aceito. O próprio Stodieck tentava definir seu estilo, dizendo ser um colunista “social/lógico”, e mostrar as diferenças da sua coluna em relação ao que se conhecia por colunismo social. Procurava apresentar-se como profissional ético e dar um significado social ao seu ofício. No penúltimo ano de sua coluna, ele reafirma na nota *É verdade*: “Não existe mal maior à imprensa do que o jornalista que bajula o poder. Denigre a profissão, empobrece a classe.” (O E, 11 de agosto de 1989) Nesse período, no jornal O ESTADO, ao qual retornara no ano anterior, Betó ocupa à página 15 a metade superior, com seu nome pequeno à esquerda, em diagramação organizada e muitas fotos. Vários anúncios publicitários e histórias em quadrinho completam a página onde está a coluna, que seria publicada até julho de 1990, um mês antes de sua morte, em 6 de agosto do mesmo ano.

Fonte: Dados compilados pela autora a partir da verificação dos jornais citados e de PORTO: LAGO (1999).

No aspecto gráfico de O ESTADO, o modelo imitado era o do *Jornal do Brasil*, do Rio de Janeiro, que passara por reformulação gráfica e editorial alguns anos antes¹⁸, e teria “inaugurado o moderno jornalismo brasileiro, sobretudo a partir da definição de critérios identitários em torno da questão da profissionalização.”(MATHEUS & BARBOSA, 2008, p. 114). A partir dessa transição para um novo jornalismo, O ESTADO começou a ser visto então como um impresso digno de

¹⁸ Em junho de 1959, o jornalista Janio de Freitas tirou os fios das páginas [uma linha que separava as colunas de textos] e aumentou fotografias no *Jornal do Brasil*, criando uma nova concepção de desenho gráfico para jornais no Brasil.

credibilidade, numa perspectiva do ideal e busca da neutralidade/imparcialidade jornalística, como se observa em depoimentos:

com a transformação de O ESTADO se criou aquela estrutura de redação, que não existia, o jornal na verdade era um instrumento político até ali. Com a transformação ele passou a ser olhado pelos próprios donos com uma visão mais profissional, tratando mesmo do jornalismo. E aí se criou aquela estrutura de redação, com editoriais, com editor chefe, com secretario de redação, editorias, aquelas coisas normais numa redação de jornal. [...] Até ali, as pessoas estavam acostumadas com uma coisa menos profissional, mais na base da amizade, do oba oba. (MEDAGLIA, depoimento, 2012).

O depoimento confirma como a mudança no enfoque do jornal causou impacto no público leitor e no círculo de correligionários do PSD, mesmo que não tenha deixado de ser também um instrumento político. As mudanças internas exigiam também a readequação do espaço físico da redação e demais setores do impresso. A sede definitiva, em área de 1.500 m² concluída em 1976 e construída especialmente para as necessidades de espaço físico do jornal, ocupou as margens da SC-401, no bairro Monte Verde. “Quando fomos lá para SC 401, eu fiz o prédio, fiz com meu dinheiro, tirava de outro lugar para fazer lá. Teve pressão, enfrentei, mas conseguimos fazer. O prédio era meu, não era da empresa, também não era de amigo meu¹⁹.” (COMELLI, depoimento, 2011). Mas a forma da construção, vista do alto, lembra uma cruz, e somado ao fato de estar situado em frente ao cemitério, permitiu comentários de que não havia sido uma boa solução²⁰.

¹⁹ A justificativa final faz alusão às especulações ocorridas durante o processo de falência do jornal, de que teria retirado de seu nome parte do patrimônio para não pagar dívidas.

²⁰ Dirigentes contestam a simbologia da interpretação: “Não tem nada a ver, a cruz é um projeto arquitetônico, feito pelo arquiteto Moises Lyz de acordo com as necessidades de fluxo ao jornal. Aqui era a redação, ao lado a administração,

O período de consolidação, iniciado a partir da instalação em prédio próprio, permitiu tornar-se um jornal considerado de referência, daquele tipo destinado ao leitor interessado no mundo público, e que tinha credibilidade e prestígio junto aos formadores de opinião. Nesse período “áureo” sua circulação ficava entre 20 e 30 mil exemplares diários²¹, embora os números da tiragem nunca tenham sido citados no expediente. “No auge, de 1973 até 1987 teve em média 35 mil assinantes, e vendia naquele tempo ainda, muito jornal avulso. O ESTADO ele tinha, sabia mexer com a sensibilidade das pessoas, então ele vendia naquele tempo, em média 7 mil exemplares por dia.” (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

Conforme dados do IBGE que mostram a evolução da população de Florianópolis, a cidade tinha em 1970, 138.337 habitantes, número que subiu para 255.390 em 1991. Ou seja, no período abrangido pelo depoimento, a cidade aumentava de 150 mil para mais de 200 mil moradores. No estado, a população cresceu de menos de três milhões para mais de quatro milhões de pessoas, ou seja, de 2.901.660 habitantes em 1970 para 4.541.994 moradores em 1991. (IBGE, Censo Demográfico 1950/2010). Considerando-se que o jornal abrangia todo o estado, o número de leitores, entre assinantes e compras avulsas, representa apenas 0,011% da população daquele período. Se considerada apenas a população de Florianópolis daqueles anos, a proporção aumenta para 0,17% dos moradores como possíveis leitores

a área comercial e industrial. Tem aquele jardim no meio, para dar fluxo, era um corredor que ligava fácil para dar acesso à impressão, circulação, comercial. O projeto foi feito assim mesmo”. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

“Mas eu até brincava, porque ele é assim, uma cruz. Não foi proposital, mas depois eu dizia que isso aqui... o jornal pra você carregar, realmente é uma coisa de cruz...[...] Nossa preocupação era a parte interna. Por dentro tinha um jardim bonito, era bonito”. (COMELLI, depoimento, 2011).

²¹ Estimativa de um ex-editor chefe do jornal dos anos 1980. Número próximo ao citado por Pereira (1992), de que ao longo dos anos 1980 eram impressos 27 mil exemplares de terça a sábado, e 32 mil aos domingos. Numa pesquisa junto ao IVC – Instituto Verificador de Circulação fui informada de que não há dados referentes ao jornal O ESTADO, por não ter sido filiado a esta entidade nacional. Assim, não há como comprovar os números estimados pelos entrevistados.

do jornal. No entanto, como entre a população há também crianças e um exemplar atende muitas vezes a uma família inteira, essa proporção fica ainda mais insignificante. São números pouco alentadores, mas não muito diferentes do que ocorre em todo o país, que nunca teve um grande número de leitores e, onde, “em 2000, cada grupo de mil brasileiros comprava 44 exemplares de jornais” (NOBLAT, 2007, p. 16).

1.2.2 Aderbal Ramos ainda comanda nos bastidores

As preferências políticas do ex-governador e sua influência sobre a trajetória do jornal ficam mais evidentes quando se analisa a sua ligação com o regime militar²² e os desdobramentos políticos daí resultantes. Com a dissolução dos partidos pela ditadura cívico-militar e a instalação do bipartidarismo, os líderes tradicionais são postos à margem do processo político, e a UDN (Konder Bornhausen) e parte do PSD (Ramos) se aglutinam em torno da ARENA (Aliança Renovadora Nacional), que defendia o regime. Essa fusão diminuiu as disputas políticas entre os dois grupos conservadores através dos meios de

²² Período da História política brasileira iniciado com o golpe militar de 31 de março de 1964, que resultou no afastamento do Presidente da República, João Goulart, assumindo o governo federal o Marechal Castelo Branco. O regime militar teve ao todo cinco presidentes e uma junta governativa, estendendo-se do ano de 1964 até 1985. O regime pôs em prática vários Atos Institucionais, culminando com o AI-5 de 1968, que determinou a suspensão da Constituição de 1946, a dissolução do Congresso Brasileiro, e a supressão de liberdades individuais. Ao extinguir os partidos políticos estabeleceu o bipartidarismo, através da Arena – Aliança de Renovação Nacional, que absorveu os partidos conservadores como a UDN e PSD, e o MDB – Movimento Democrático Brasileiro, que aglutinava os oposicionistas. Grupos políticos mais à esquerda tentaram combater o regime ditatorial por meio de guerrilha urbana e rural e foram violentamente reprimidos, com prisão, tortura, exílio e assassinato de seus militantes. Em 1979, a Lei da Anistia permite a volta dos exilados ao país, ao mesmo tempo em que tenta “apagar” os excessos do autoritarismo. O último General Presidente, João Figueiredo, deixa o cargo em 1985, quando assume o governo o político maranhense José Sarney, eleito vice-presidente pelo colégio eleitoral do Congresso Nacional na chapa do mineiro Tancredo Neves, que morreu antes de tomar posse.

comunicação, o que possivelmente contribuiu para a extinção do jornal *A Gazeta*, da UDN, no período. O jornal O ESTADO apoiava o golpe de 1964 e a campanha financeira para “reconstrução nacional”, conforme May: “de acordo com o jornal O ESTADO, ficou estabelecido em reunião que a imprensa escrita e falada daria a ela seu apoio, fazendo ‘slogans’, ‘jingles’ e outras modalidades de propaganda.” (1998, p. 136). Apesar de não mais duelarem pelos jornais, a absorção dos dois partidos pela ARENA, em 1967, não acabou com a divisão entre os grupos, que permaneceu muito tempo, principalmente no interior do estado de Santa Catarina. Os remanescentes do PSD e PTB – Partido Trabalhista Brasileiro formaram o MDB - Movimento Democrático Brasileiro, de oposição ao regime. No final dos anos 1960, Colombo Salles foi governador respaldado pela corrente pessedista dos Ramos, mas passou a sofrer oposição da imprensa local ao declarar “guerra às oligarquias”. Perde a sucessão para Antonio Carlos Konder Reis, escolhido pelos militares, em 1972.

Já sem cargo público, Aderbal dizia em 1977 que o jornal não poderia mais ser porta voz de partido, mas apoiava, na medida do possível, a ARENA. Ou seja, nesse período, O ESTADO que havia sido comprado por Aderbal para se contrapor aos Konder Bornhausen, passou também a apoiá-los, já que agora estavam todos juntos sob a mesma sigla partidária - ARENA. Mas a relação era conturbada, com episódios como o de 23 de novembro de 1978, quando o jornal abre espaço na capa para anunciar resumo do editorial “Gesto que amesquinha”. Mencionava o “boicote do governador Konder Reis ao jornal, suprimindo qualquer matéria paga de O ESTADO [...] a partir daquela edição todas as notas, reportagens, artigos e informações tratavam o governador de SC de ‘Antonio C. K. Reis’.” (PEREIRA, 1992, p. 92). O sobrenome histórico e representante da oligarquia Konder era omitido propositalmente pelo jornal, como forma de desprestigiar e sutilmente confrontar o governador. Ex-dirigentes contam mais detalhes dessa ruptura entre o jornal e o governador daquele período:

Com suas manias, achava que o jornal, sendo do PSD, ainda não o tratava como se fosse, estivessem todos juntos. Na verdade, fazíamos jornalismo, ele queria só favor, algo chapa branca. Nunca funcionou legal, aí o Comelli por duas ou três vezes foi falar com o Konder Reis. E nas conversas, o Konder Reis: “Não estão satisfeitos, se o problema for dinheiro..”.

E o Comelli: “O dinheiro não é problema, A verba da publicidade do governo nos interessa, mas dinheiro não, nós não vendemos nossa independência”. Isso é verdadeiro. Eu to dizendo até porque o Paulo [da Costa Ramos] foi secretário de estado e fazia esse meio de campo. Chegou a um ponto em que a relação se deteriorou completamente. A ponto do Konder Reis cortar verba, essa coisa toda, houve uma ruptura, do estado com O ESTADO, a ponto do jornal só chamá-lo de AK Reis. Pra deixá-lo bem nervoso mesmo, ele ficava furioso, chamando-o de AK Reis. Todos os dias, a meia noite, tinha uma viatura do palácio residencial com um soldado, vinha pegar o primeiro exemplar pra levar para ele. Ele comprou assinatura particular com a condição de pegar, pois não podia dormir sem ver o que tinha no jornal, coisa meio, né? Mas o jornal não se rendeu, e sempre foi assim. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

Tivemos problemas, porque todos os jornais dependem muito de verba pública. E nós, foi num governo, hoje até é meu amigo, mas no governo Antonio Konder Reis nós ficamos praticamente quatro anos sem receber um tostão do governo, por causa de nossa posição de independência. Talvez burrice também, intransigência, talvez hoje, não sei se faria isso, mas faria sim. É porque ele queria mandar no jornal e tal, então eu: “Então, o Sr, compra um jornal pra fazer isso, quer editar um jornal, o Sr compre um, que aqui nesse não”. Aí ele ficou uma fera. (COMELLI, depoimento, 2011).

As declarações indicam que não era tranquila a convivência dos antigos oponentes, agora reunidos sob a sigla Arena. E embora seja claramente aliado ao poder, ao mesmo tempo em que pretende ser informativo e

independente, o jornal não consegue atender a expectativa do governante apoiador da ditadura militar.

Essa crise na relação com o governo estadual tivera início um ano antes, quando da concessão, pelo governo federal, para Florianópolis, do segundo canal de televisão VHF – Very High Frequency²³. A disputa pelo novo canal seria determinante, pois todos os pretendentes à concessão já sabiam da força que a televisão passava a ter entre os meios de comunicação de massa. Tanto que este veículo levava cada vez maior fatia no bolo da distribuição publicitária, o que nos anos 1990 representaria mais de 50% do total, enquanto os jornais ficavam com 26% e o restante se distribuía entre rádios e revistas. Conforme relata Valente:

Estamos em plena ditadura (ainda que num processo “lento e seguro” de distensão), o presidente é o General Ernesto Geisel e os governadores, indicados sem voto popular, têm grande participação no processo, sempre político, de concessão de canais de TV. José Matusalém Comelli foi, portanto, ao governador Antônio Carlos Konder Reis informar que liderava um grupo que pretendia disputar o canal. O governador, conta Comelli, disse que achava “muito justo que o jornal O ESTADO tenha um canal de TV, da mesma forma que o Jornal de Santa Catarina tem a TV Coligadas”. Maurício Sirotsky, dono da TV Gaúcha e do jornal Zero Hora, em Porto Alegre, também está interessado. Propõe sociedade a Comelli e ao ex-governador Aderbal Ramos da Silva. A minuta do contrato

²³ Refere-se ao sistema analógico de transmissão do sinal da TV, divulgada através de rádio transmissões em canais designados na frequência entre 54 e 890 MHz. É um sistema de curto alcance, permite aos telespectadores sintonizar canais com abrangência local/regional. Neste formato, a programação de rede nacional é difundida por retransmissores locais. É diferente do sistema via satélite, em que o próprio telespectador sintoniza diretamente os canais nacionais e internacionais.

chega a ser redigida. Mas a pressão contra essa aliança com “os estrangeiros” cresce. Imaginavam os opositores da sociedade, que numa disputa com um pretendente de outro estado, o governador tomaria partido dos locais. Comelli e Aderbal recuam e Sirotsky decide entrar na disputa sem sócios. Em 1977 a TV Catarinense é outorgada à RBS (Rede Brasil Sul), de Sirotsky, com as bênçãos de Antônio Carlos Konder Reis. A televisão entra no ar em 1979 retransmitindo a programação da Globo, que anteriormente era exclusividade da TV Coligadas. O jornal O ESTADO continua sem um canal de TV, mas o principal concorrente, o Jornal de Santa Catarina, também estava sem a sua TV, que fora vendida em 1975 para o grupo paranaense de Mário Petrelli. Essa disputa mexe profundamente com as empresas de comunicação de Florianópolis. As que perderam saíram desgastadas e a ganhadora chega ao estado com o poderosíssimo trunfo que é a Rede Globo e seu quase monopólio de faturamento comercial. Assim como a chegada do off-set e das novas práticas profissionais foi importante para os jornalistas e para o jornalismo, a disputa pelo segundo canal de TV em Florianópolis foi decisiva para as empresas. (VALENTE, C. In: BALDESSAR & CRISTOFOLETTI, 2005, p. 80)

A citação longa se justifica pelos detalhes relatados quanto ao processo da concessão do canal, e que marcaria uma nova fase na área comunicacional em Florianópolis. Como se verá adiante, a disputa pela emissora de TV deixou sequelas, assim como a chegada da RBS contribuiu para as mudanças ocorridas a partir de então na imprensa local e na cidade. Uma das consequências da instalação da RBS foi a intensificação da integração estadual por meio da comunicação, já que no mesmo período o governo federal ampliava a rede de telecomunicações no estado, o que ajudou na formação e implantação do sistema em rede de emissoras de TV.

1.2.3 A abrangência de O ESTADO em Santa Catarina

Até o início dos anos 1970 a ligação entre as regiões de Santa Catarina era precária, tanto que o governador daqueles anos, Antonio Carlos Konder Reis, tinha como lema “Governar é encurtar distâncias”. O jornal recém começara a circular em todo o território catarinense, embora o nome O ESTADO pressupusesse que o impresso atingiria todas as regiões desde a sua criação. Contudo, o jornal só alcançou as regiões mais longínquas em meados dos anos 1970. Assim, até esse período, o nome O ESTADO tinha um cunho muito mais simbólico e político, podendo significar que tinha um papel de porta-voz institucional, do que uma conotação geográfica de abrangência, mesmo porque até ali se destinava quase exclusivamente à capital.

Outro detalhe importante para que a interiorização do jornal só acontecesse nos anos 1970 é o fato de que nesse período foi concluída a ligação rodoviária pavimentada do litoral ao Extremo Oeste, com a BR-282. Atuar naquela região longínqua, assim como receber as edições diárias, exigia esforço de todas as áreas do jornal que começou a dar visibilidade a questões pertinentes ao Oeste. Jornalistas que acompanharam o processo destacam a ampliação do alcance geográfico e do conteúdo informativo:

O jornal O ESTADO foi o primeiro a abordar de forma incisiva as graves e complexas questões sociais e econômicas do oeste catarinense. [...] A cobertura territorial da sucursal em Chapecó compreendia quase todo o Oeste e exigia viagens frequentes. [...] No final dos anos 1970, uma inovação tecnológica deu agilidade e rapidez à cobertura jornalística. Era inaugurado um terminal de telex ponta a ponta, que mantinha a sucursal permanentemente ligada com as editorias. (BEDIN, In: SARDÁ, 2007, p. 86-91).

Assim, O ESTADO passou a ter cobertura jornalística em todas as regiões somente depois de ser instalado em Blumenau o *Jornal de Santa Catarina*, em 1972, com sucursais nas principais cidades do estado:

Mas O ESTADO tinha muita gente no interior, muita sucursal, correspondente, tinha praticamente desde o começo dos anos em que o jornal começou a se estabilizar, a se fixar mesmo como um grande veículo do estado, que era um veículo estadual. Eu lembro que fiz trabalho na região Oeste, em 1978 fui morar quatro meses em Chapecó. A Chapecoense entrou no campeonato Brasileiro. O jornal tinha o Marcos Bedin, era o cara do sucursal, mas cobria a política, a economia. E como não tinha ninguém na área de Esportes me mandaram pra lá. Foi muito bom, conheci muito a região, a dinâmica da região, aquela questão da economia da região e enfim, eu me lembro, o jornal chegava até Dionísio Cerqueira [município na fronteira com a Argentina], chegava de tarde, mas chegava. (MEDAGLIA, depoimento, 2012)

Sobre o alcance do jornal em todas as regiões, o proprietário considera que “abrangeu bastante, esse talvez tenha sido o grande prejuízo do jornal²⁴, era justamente esse custo, que era terrível, era um custo... porque Santa Catarina não é muito grande, mas a geografia dele é muito difícil. Pra chegar em Chapecó...” (COMELLI, depoimento, 2011).
 Jornalista que atuou na ocasião também destaca:

O jornal O ESTADO tinha uma abrangência estadual, sucursais nas grandes cidades, os repórteres se deslocavam pelo estado inteiro. Eu, por exemplo, fui repórter especial e em

²⁴ A decisão pela interiorização de um periódico pode ser problemática. Tal opção para um jornal vespertino bem sucedido na capital gaúcha foi apontado por Galvani como um dos fatores de sua decadência: “A Folha da Tarde conseguiu sustentar sua posição no mercado enquanto não se deixou seduzir pela falsa ilusão de ‘chegar a todo o interior’ e com isso ampliar sua circulação. Começou a morrer quando passou a antecipar seu horário [de fechamento da edição] e...”(GALVANI, 1996, p. 18) O jornal foi extinto em 1984, quando deixou de circular, temporariamente, o Correio do Povo, ambos do grupo Caldas Junior. O tema voltará a ser abordado no capítulo 2.

grandes acontecimentos era deslocado junto com um fotógrafo. Por exemplo: fui cobrir as enchentes em Blumenau, as secas no Oeste, a série de grandes incêndios que teve em Joinville. (CAMARGO, depoimento, 2011).

Os depoimentos demonstram a importância de ter uma estrutura jornalística que abrangesse o interior do estado para um jornal que tenta ser referência de credibilidade junto aos leitores. E faz parte de uma estratégia de integração das várias regiões, procurando uni-las à capital, Florianópolis, já que a população das áreas mais longínquas, como o Oeste catarinense, sentia-se isolada²⁵ em relação à capital.

1.2.4 A fase áurea do jornalismo de O ESTADO

Além dos investimentos em maquinário, naquele começo dos anos 1970 iniciou-se uma transformação no fazer jornalístico, e a atuação se dava na perspectiva de que jornalismo é um serviço público, que atende ao interesse público e atua como mediador entre a sociedade e os poderes constituídos. Buscava e passou a ter credibilidade e prestígio junto aos formadores de opinião. Tornou-se o período em que viveu “fase áurea, em termos de tiragem, circulação e prestígio em todo o estado, com importantes jornalistas e colaboradores [...] era uma escola de jornalismo.” (PEREIRA, 1992, p. 119). Essa afirmativa é reforçada por outro jornalista reconhecido na cidade:

Em SC, os anos 1970 e 1980 foram os tempos áureos do jornal O ESTADO, de Florianópolis. A redação, desde a velha sede da Felipe Schmidt, até o prédio moderno – projetado exclusivamente para o jornal – no Saco Grande – reunia nesta época um grupo dos melhores

²⁵ A população dessa região tinha, até ali, muito mais ligação com as capitais dos estados vizinhos, tanto para buscar acesso às universidades, quanto para encontrar recursos especializados na área de saúde, por exemplo. O mesmo ocorria em relação aos jornais que circulavam ali: o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, era lido em muitos municípios e possuía considerável número de assinantes.

jornalistas do Sul do país. Esse grupo viveu a repressão da ditadura militar e também disse sim à reconstrução democrática, às diretas já, à nova Constituição. (SARDÁ, 2007, p. 73)

Acontecimentos políticos como a Novembrada, em 1979, e tragédias como a queda de um avião da Transbrasil, no distrito de Rationes, em 1980, tiveram ampla cobertura jornalística.

Quadro 4. Descrição do episódio Novembrada, ocorrido em 1979.

A **Novembrada** é como ficou conhecido o episódio ocorrido durante visita a Florianópolis do último general a exercer a presidência da República no período militar (1964-1985). O General João Baptista Figueiredo, junto com autoridades locais como o então governador Jorge Konder Bornhausen, estavam no Palácio Cruz e Souza, sede do governo estadual à época, em frente à Praça XV de Novembro, também conhecida como Praça da Figueira. Apesar das faixas e balões festivos para o “João da conciliação”, mote criado pelo governo central para tentar popularizar a imagem do General Presidente, na mão de algumas pessoas, a maioria dos presentes ali aderiu ao protesto contra o regime militar. O general irritou-se com a manifestação (contra a ditadura e a carestia) e fez um gesto considerado obsceno, desencadeando mais revolta. O então presidente sentiu-se ofendido por supostas agressões verbais e desceu à rua para falar com as pessoas. Iniciou-se bate boca, correria e agressões à comitiva presidencial próximo ao Palácio Cruz e Souza e à rua Felipe Schmidt, no trajeto entre o Palácio e o Senadinho, ponto de café famoso à época e onde o Presidente receberia título de associado. Enquanto o Ministro das Minas e Energia, César Cals, levava um tapa no rosto de motorista de táxi revoltado com os constantes aumentos no preço da gasolina, Figueiredo tomou rapidamente seu café e retornou ao aeroporto, encerrando antecipadamente sua visita à cidade. Nos dias seguintes sete estudantes da UFSC (Adolfo Dias, Amilton Alexandre, Geraldo Barbosa, Ligia Giovanella, Marize Lippel, Newton Vasconcelos e Rosângela Koerich de Souza) foram presos e enquadrados na Lei de Segurança Nacional. Vários protestos mobilizaram moradores da cidade exigindo a libertação dos estudantes, o que ocorreu duas semanas depois. Mesmo assim houve julgamento militar em Curitiba, e os estudantes foram absolvidos por um voto de diferença (3x2), por falta de provas. O episódio se tornou conhecido por *Novembrada* por ter desencadeado uma sequência de manifestações populares iniciadas no dia 30 daquele mês, dia da visita.

Fonte: Texto da autora baseado em notícias dos jornais da época.

Um dos jornalistas entrevistados para a pesquisa trabalhou no dia da visita do general e conta como acompanhou o processo de divulgação do assunto:

Eu fui escalado pra visita do Figueiredo pra fazer a coisa mais insignificante que era ficar na rua e ver o general passar em revista à tropa que se formava em honra dele. Todo o tumulto aconteceu na rua e eu escrevi na época eram laudas, escrevi acho umas 30 laudas, o que dá milhares de caracteres. [...] eu olhei assim, na cesta do lixo metade das laudas tava no cesto e o resto das laudas riscadas. Quer dizer, a história saiu, mas pela metade. [...] Foi uma história manca, contada pela metade, mas foi o registro possível. O Comelli justificou que tinha recebido ligações de generais, da polícia federal e tal, eu até acho compreensível e ele reuniu aquele grupo pra tentar uma cara possível para o texto que estava ali. É, a pressão foi grande. [...] Mas eu reconstitui aquilo, eu e mais dois jornalistas, o Luiz Fernando, o Hilton, nós escrevemos uma história imediata. [...] Daí depois foi publicado no *Afinal* [jornal alternativo da cidade do início dos anos 1980, de curta existência], a história reconstituída e é referência até hoje. (CAMARGO, depoimento, 2011).

O depoimento extenso é importante por relatar detalhes dos bastidores daquele momento histórico para a política catarinense e nacional. E demonstra também as interveniências que ocorriam sobre os jornais no período militar, em que a censura se dava diretamente sobre as matérias a serem publicadas, muitas vezes impedindo ou recortando o texto final. O outro assunto de grande repercussão foi a queda do avião da Transbrasil que causou comoção na cidade por ser o primeiro desastre aéreo de grandes proporções em Florianópolis e de ter, entre os mortos, figuras populares na Ilha, como o médico Rômulo Coelho. No acidente ocorrido às 20h38min, de 12 de abril de 1980, quando o avião colidiu contra o Morro da Virgínia, no bairro Ratonés, morreram 54 pessoas.

Três pessoas, uma mulher e dois homens, sobreviveram no voo que ia de São Paulo para Porto Alegre com escala prevista em Florianópolis.

Todo dia... o jornal é um produto que ele vive...todo dia ele é vivido, é feito. Então tem momentos assim, por exemplo, momento jornalístico, a cobertura do desastre da Transbrasil. Uma cobertura realmente espetacular, eu não fui lá, mas tenho a impressão que fui dos primeiros a saber. Dá imediatamente telefonei, tinha esse espírito aguçado²⁶. Aí fizeram realmente uma cobertura muito bem feita, que foi muito elogiada, ganhou até prêmios. (COMELLI, depoimento, 2011).

O depoimento demonstra que o proprietário se envolvia com as peculiaridades da rotina jornalística e confirma a importância do jornal naqueles anos, quando recebeu prêmios de jornalismo, como o Esso de Informação Científica e Tecnológica por reportagem de Celso Vicenzi: “Esses ilustres (e quase desconhecidos) habitantes da ilha”. O partidário explícito começou a diminuir²⁷ nas páginas noticiosas e nos editoriais, com o processo de profissionalização. Apesar disso, há no jornalismo quem entenda que notícias e jornais sempre são um instrumento político:

Notícia é a informação transformada em mercadoria, com todos seus apelos estéticos, emocionais e sensacionais; para isso, a informação sofre um tratamento que a adapta

²⁶ A fala é interessante por demonstrar a proximidade do proprietário do jornal com os círculos de poder e como, ao mesmo tempo, era envolvido com a parte jornalística da empresa. Destaco este aspecto já que no último capítulo serão abordadas algumas características da forma de atuação do proprietário no jornal.

²⁷ Mesmo assim, ainda em 1982, conforme Fernandes (1998 p. 87) “no ano do retorno das eleições para o governo do Estado, o posicionamento político do jornal fica explícito em seu apoio a Esperidião Amin”, do PDS (Ex-Arena). Aguiar (1991) analisou os editoriais do jornal e constatou que o candidato Amin não teve nenhuma referência desfavorável, enquanto o candidato da oposição, Jaison Barreto, era classificado como “radical” e “despreparado”. (p. 238 e 241)

às normas mercadológicas de generalização, padronização, simplificação e negação do subjetivismo. Além do mais, ela é um meio de manipulação ideológica de grupos de poder social e uma forma de poder político. (MARCONDES FILHO, 1989, p. 13).

Aos poucos, então, o jornal transitou de um diário essencialmente político para outro de informação geral, centrado no caráter noticioso dos fatos e não mais primordialmente no proselitismo político partidário, embora estivesse também atrelado aos interesses políticos e econômicos de seu proprietário.

Em 1983, O ESTADO, ainda em crescimento, adquiriu uma nova rotativa, para diminuir o tempo gasto com a impressão, aumentar o número de páginas e ter a maior novidade da época: um jornal em cores. Importada da Alemanha, a nova máquina permitia também a impressão em tablôide, tamanho revista e livros. Um dos jornalistas que acompanhou a trajetória do periódico lembra desse processo, o qual considera um causador dos problemas financeiros posteriormente enfrentados pelo jornal:

quem conhece diz que foi decisão errada, pegou um parente dele, foi lá e aí o fabricante empurrou para eles que não seria bem o que precisava. Houve um erro qualquer nessa compra. E assim sempre foi. A mudança importantíssima de mudar para *off set*, não foi resultado de um planejamento, foi comprado o que estava disponível para vender. Era *meio* planejado, mas aí era feito do jeito que dava. (VALENTE, depoimento, 2011).

O entrevistado reafirma a ausência de planejamento empresarial, mas a compra do equipamento, embora equivocada para alguns, serviu também como estímulo aos funcionários do jornal, pois aparentemente a empresa estava bem financeiramente. Naquele período da década de 1980, O ESTADO apresentaria seu melhor jornalismo, com reportagens expressivas e de repercussão na comunidade local e regional. Além de matérias mostrando as contradições sociais em Florianópolis, “misto de beleza, insalubridade e grandes deficiências”, a cobertura atingia todo o estado de Santa Catarina, tornando-se referência, entre outros destaques,

as reportagens sobre a primeira grande ocupação de terras ocorrida em vários municípios da região Oeste, em 1985. Mesmo em 1986 e anos seguintes, quando passa a enfrentar a concorrência do jornal *Diário Catarinense*, o jornalismo de O ESTADO permanece em evidência e baseado no compromisso com o interesse público, conforme demonstram vários relatos. Mas em 1989 os problemas financeiros começam a ser visíveis e ocorre a primeira greve de funcionários, porque

Ia atrasar o salário. E a administração do jornal, em vez de conversar com eles [funcionários], ou invés de me comunicar para que eu conversasse com eles, colocou um aviso no mural. Era um pessoal bem agitado e eu acho que *embrabeceram* precocemente. Porque vários deles, inclusive alguns que puxaram a greve, depois voltaram a trabalhar no O ESTADO e tiveram situações muito mais graves de atraso de salários. [...] O pessoal mais à direita de dentro do jornal gosta de dizer que a culpa foi minha, por eu ter trazido o pessoal do PT pro jornal, pra Florianópolis. [...] fiquei de 88 a 89, quando deu a greve aquela, eu saí, depois não voltei mais. (VALENTE, depoimento, 2011).

O depoimento acima faz referência aos profissionais que haviam chegado do Rio Grande do Sul, assim como vieram muitos jornalistas a partir do início dos anos 1970, o que se intensificou em 1977. Uma segunda “invasão” de gaúchos na redação ocorreria em 1985, conforme informação do próprio jornal, em matéria retrospectiva no aniversário de 76 anos. A chegada destes jornalistas coincide com o período de redemocratização do país e a eleição do candidato de oposição, Edson Andrino (PMDB), para prefeito, que teve apoio de setores do PT, inclusive com nomes no secretariado do governo municipal. É um momento de renovação política e cultural na cidade, conforme veremos no capítulo três. Além disso, a RBS iniciava a implantação do projeto de instalação de seu jornal, trazendo também profissionais do estado vizinho. São fatores que contribuem, entre outros, para as mudanças em curso que começam a ser mais visíveis na cidade. Talvez se possa dizer que se instalou assim outra onda de transformações, depois daquele

ocorrida nos anos 1970 com a chegada da Eletrosul e a consolidação da UFSC.

Sobre a mesma greve, o advogado trabalhista que atendia o Sindicato dos Jornalistas lembra:

Nessa greve de 1989, o Comelli não me deixou entrar para participar da negociação, eu já era advogado do sindicato, fui vetado de participar da negociação. Veja que coisa mais equivocada, se você quer solucionar um problema, você vai impedir o assessor jurídico da entidade à época de fazer a tentativa de solução? (MELLO, depoimento, 2011).

Evidencia-se pelo depoimento uma situação conflituosa de difícil encaminhamento, e uma relação trabalhista desgastada, tanto que os funcionários optaram por entrar em greve.

1.2.5 O início da derrocada

A partir de 1990 a desestabilização do jornal é clara tanto nas tentativas de mudar graficamente o material impresso, como pelas constantes alterações no quadro organizacional, especialmente o editor-chefe e os diretores da área comercial:

E então começou uma sucessão de diretores e editores. Cada um mudava o perfil do jornal. Sujeito não conhecia Florianópolis, não conheciam nada de SC. [...] Era uma sucessão e cada um mudava o perfil do jornal e montava uma equipe diferente. O jornal perdeu a identidade, perdeu a cara, porque a cara era do sujeito de plantão. E isso não existe em lugar nenhum, claro que não.” (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

A instabilidade administrativa passa a ser visível também no formato jornalístico, razão principal da existência do periódico e que havia sido preservada até ali. As tentativas de acertar a parte gerencial continuavam

e naquele ano de 1991, Fábio Comelli, filho do dono, passa a ser relacionado no expediente do jornal como diretor, função em que aparece até 1993, posteriormente, em 1997, e depois, de 2000 a 2002. Em 1991, embora já não existam mais todas as sucursais regionais, o jornal tenta se mostrar em condições de superar os problemas, admitindo as dificuldades financeiras, mas atribuindo-as à situação econômica do país. E nos anos seguintes o jornal vai diminuindo em conteúdo jornalístico, importância dos anúncios publicitários e relevância junto ao público. O proprietário do jornal, que já vinha enfrentando processos judiciais, é preso em dezembro de 2000 por apropriação indébita, ficando detido por alguns dias no quartel da Polícia Militar do Estado de Santa Catarina, no centro da cidade. De uma dívida de R\$ 10 milhões com a previdência, R\$ 1,6 milhão se referiam a valores descontados na folha salarial dos funcionários não repassados ao órgão federal. Dois anos depois, o Tribunal Regional Federal confirmava a sentença de seis anos de detenção e multa de 360 salários mínimos²⁸.

Em 2003, a derradeira tentativa de mudança foi transformar o jornal do tamanho *standart* para tabloide, abrindo mão de certo modo, de seu discurso de valorização da tradição. Mas já era tarde, e no tamanho reduzido circulou ainda por quatro anos. Em 2007, no fim do mês de maio, quando completava 92 anos, deixou de ter circulação diária. Um jornalista que acompanhou o processo relata:

Levaram a redação aqui para o prédio da Central, aqui na rua Tiradentes. Contrataram um editor, alguns repórteres, tinha fotógrafo. Tentavam manter o jornal, fazer o jornal entrar numa nova fase. Essa experiência durou alguns poucos meses, quatro ou cinco, logo não deu certo. Adriano Kalil [empresário que apoiava o jornal] entrou na sala e disse: “comunico a todos que não está dando, não conseguimos

²⁸ “Polícia prende empresário que deve a Previdência R\$10,2 milhões”, obtido em <http://www.previdencia.gov.br/vejaNoticia.php?id=802> 21/12/2000 - 09:03:00. Acesso em 06.09.2012. A notícia dizia ainda que o empresário fora preso em Vassouras/RJ e que estava foragido desde a decretação da prisão, em junho de 1999. Os processos tiveram vários recursos judiciais e exceto esta prisão inicial, o empresário não ficou encarcerado, pois as condenações foram convertidas em penas diferentes, como multas, e alguns ainda não foram concluídos.

anunciantes.” Parece que tinha um embargo judicial a verbas captadas por anúncio: tudo que entrasse tinha que ser repassado para pagar dívidas. Não sei te dizer, não digo isso com segurança, parece que tinha alguma coisa que impedia a publicidade governamental. E não tem jornalismo local ou regional sem publicidade governamental, sem verba pública. Então, “agora, o jornal, pra não morrer, vai ser semanal.” E em uma semana toda equipe foi desfeita e não tinha mais ninguém. (UNGARETTI, depoimento, 2012).

A situação havia se deteriorado completamente e já não havia mais possibilidade de tentar editar o jornal, conforme relata o jornalista. Nascido em Florianópolis, Henrique Ungaretti passara alguns anos no Rio de Janeiro e fora professor de inglês antes de se formar em jornalismo na Universidade Estácio de Sá. Ainda enquanto estudante atuou como assessor de imprensa e estreou como colunista no extinto *A N Capital* [caderno especial do jornal *A Notícia*²⁹, de Joinville, que abrangia Florianópolis e arredores], em 2005. A partir disso foi convidado a se integrar em O ESTADO pouco mais de um ano depois, numa experiência que duraria apenas alguns meses, já que logo depois a equipe seria dissolvida e o jornal passaria a ser semanal. Ele relata detalhes daquele momento:

E eu pensei: “pô, o jornal O ESTADO vai morrer”. Aprendi a ler no O ESTADO, aprendi a gostar de ler no jornal. Éramos assinantes, eu lia O Estadinho, suplemento infantil, depois na adolescência comecei a ler o Beto Stodieck,

²⁹ Criado como jornal semanal oito anos depois (1923) de O ESTADO, *A Notícia* sempre priorizou Joinville e o interior do estado, e somente em 1995 decidiu ampliar sua circulação em Florianópolis, com um caderno especial sobre a região denominado *ANCcapital*. Conforme Fernandes (1998) “nota-se uma grande presença das demandas da sociedade civil no *ANCcapital*. O jornal surgiu com este apelo mercadológico e continua exercendo o que chamam de profissionalismo e mantendo sua característica de ‘jornal cidadão’.”(p. 102) Porém, posteriormente, logo após a venda de *A Notícia* para a RBS, em 2006, o suplemento da capital foi extinto.

depois fui pulando, passando pras outras editorias, eu fui crescendo e ampliando minha leitura do jornal. Eu tinha uma relação afetiva com o veículo como quase todos os manezinhos, como os que trabalharam lá. Sem falar nos dinos³⁰, como estão se batizando agora. Então, deixa que eu faço, não tem ninguém pra fazer, faço sozinho, semanal, eu dou conta. (UNGARETTI, depoimento, 2012).

Apesar do empenho do jornalista, de circulação diária passou a chegar às bancas de forma esporádica e incerta, até parar completamente, no começo de 2009, após 94 anos de existência. O jornalista que continuava a tentar manter o jornal conta como era a aventura solitária:

Passei a fazer o jornal sozinho lá da minha casa... durou um ano isso...Foi loucura que eu fiz, por um lado tenho orgulho disso, por outro tenho vergonha de muita coisa que eu fiz. Mas eu paginava, eu fazia tudo, fazia a capa. Pensava: posso entrevistar fulano, e ligava. Então, se a página 2 era de entrevista grande, se a entrevista ficasse boa fechava uma página, mas se rendesse duas paginas, usava duas, facilitava o trabalho. E mantinha minha coluna: com ela eu conseguia mexer no formato da página, notinhas... Mas aí não teve mais condições de trabalhar como colunista, você não tem mais repercussão. Ia em veículos nacionais, internacionais, sempre pescar aquela *noticiazinha* bacana que não foi publicada nos outros [jornais] locais e colocar ali. Então, tinha dias que a minha coluna tinha duas

³⁰ Dinos é o diminutivo de dinossauros, como se denominam carinhosamente ex-funcionários do jornal que se articularam na rede social virtual Facebook através da criação de um grupo chamado “Reencontro OESTADO”, tema que abordarei no capítulo 4.

páginas, dias só uma. Tinha dias que eu enchia a página com fotos antigas da cidade.[...] E aí eu tinha essa coisa de “preciso preencher espaço”, e fotos é uma boa maneira, e resgata a memória da cidade. A gente tá aqui mantendo o jornal na banca, até que quem sabe aparecer uma solução, pessoas interessadas em...[...] Tinha gente que tentava resolver o embrólio jurídico. [...] Tinha algum *rolo*, então, acho que a tentativa era de tentar salvar a marca e depois quem sabe reunir investidores para lançar de novo. E: “vai tocando Henrique, vai tocando”. Eu não recebia nada, procurei ajuda de algumas pessoas que me deram assim, uma bala, e eu recebia uma bala: “por favor põe o anúncio lá.” O cara botou pra ajudar, e não tinha também como ficar toda semana pedindo, porque era pedir esmola, tava uma situação assim. Então, depois de um tempo o Comelli começou a me *descolar* uns 200 reais por semana, pra eu fazer o jornal, pra me ajudar com [a conta do] o celular. (UNGARETTI, depoimento, 2012).

As falas do entrevistado são tocantes. Além de um altruísmo explícito mostram também o orgulho de um jornalista recém formado em tentar “salvar” sozinho o nome do jornal. E de como era importante para ele, como *manezinho*, tentar evitar o fim do jornal que fora a principal referência local de imprensa escrita. O periódico havia se tornado um cadáver insepulto.

Para o proprietário, o jornal havia morrido já antes de 2007, mas continuava por ser “coisa de teimoso”. Um dos ex-editores da fase áurea do jornal relata como percebeu a falência:

A gente já imaginava que a coisa ia... assim, não se via nenhuma melhoria, nenhuma mudança. Eu não sei se a mudança seria vender para alguém. Não sei que tipo de coisa, mas o fato é que a gente viu... *ANotícia* foi um jornal que caiu em pé. Só parou de circular do jeito que a gente conhecia quando a *RBS* foi lá e

pagou um monte de dinheiro, alguns falam em 50 milhões, outros falam em mais do que isso. Mas nesse momento da venda era um jornal de circulação estadual, de boa qualidade, querido pela cidade, que conseguiu costurar acordo com anunciantes da cidade, que é uma coisa que a gente pode discutir se era ético, se era recomendável ou não porque eles cobriam as coisas da cidade a partir da ótica deste acordo com os industriais, com os comerciantes da cidade, mas foi uma forma, encontraram uma forma de sobreviver. Se é a melhor forma, não sei, mas encontraram. E no jornal O ESTADO não se via este força, ou forma de sobreviver, e quando havia este esforço faltava talento pra dar a virada e se manter no mercado. Ele foi caindo sozinho e se deteriorando sozinho. As pessoas diziam querer continuar assinando O ESTADO, “mas não me entregam o jornal...” (VALENTE, depoimento, 2011)

Um ex-assinante confirma o que ocorreu nos últimos anos de existência do jornal, em que os leitores ainda esperavam uma solução para a crise: “fiz assinatura, mesmo sabendo que passava por dificuldade. A gente queria ajudar a se reerguer, mas aí, passou de diário para semanal, depois sumiu. Parei de receber.” (NUNES FILHO, depoimento, 2012).

1.2.6 Um homem só numa sala, sob a luz do sol

Após o fim da circulação, o próprio prédio em que funcionava o jornal ficou completamente abandonado e parte de seus arquivos (importante material histórico e de pesquisa) foi se deteriorando. O jornalista que ainda tentava manter a publicação do jornal lembra o cenário que viu na ocasião:

Lá na sede já não tinha mais nada, eu estive lá alguma vez, só tinha a sala do Comelli. Era um cenário cinematográfico, porque você entrava

naquele prédio enorme, escuro, porque não tinha mais fornecimento de luz, o forro mofado caindo, goteiras, vidraças quebradas. 2006, 2007, Comelli continuava lá com o prédio todo destruído, aquelas salas de redação abandonadas, vários monitores de computadores pré-históricos, aquilo tudo, assim... E a sala do Comelli tinha uma grande janela e usava luz natural, não ficava de noite pois não tinha fornecimento de luz...(UNGARETTI, depoimento, 2012).

Assim, exatos trinta anos depois de se instalar no prédio especialmente projetado e construído para dar fluxo a uma rotina jornalística diária, eis que o proprietário se encontra sozinho na sala chamada de aquário, iluminado apenas pelo sol de cada dia. Apesar da cena lembrar um filme já visto, muitos jornalistas consideraram que houve falta de empenho do proprietário para preservação do maquinário e acervo, aos poucos saqueado. Mas ele se defende das acusações:

aquele massacre que sofreu o jornal O ESTADO, que foi depredado, saqueado... Nós fizemos 30 ou mais boletins de ocorrência pra polícia, nunca... Governador, ninguém... Eu não ia ser morto lá dentro, quase morri por causa daquilo, quase literalmente morto pra defender aquele patrimônio, aquilo. Ali invadiram, saquearam, foi uma vergonha. As pessoas não tinham mais coragem de ficar, saíram correndo. Tinha que colocar uns 20[seguranças], só a polícia. Eles invadiram, eram drogados, bandidos. Tudo dos arredores ali, do Monte Verde³¹. (COMELLI, depoimento, 2012).

³¹ O bairro Monte Verde situa-se nas proximidades da antiga sede do jornal e em anos recentes tem sido local que aparece com frequência nas notícias policiais por assassinatos e disputas entre traficantes de drogas.

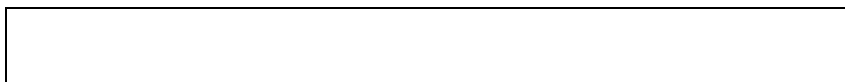
Triste fim de um jornal que acompanhou importantes momentos da vida política, econômica, social e cultural do estado, tendo abrigado em seus quadros destacados jornalistas³². Terminava assim uma empresa jornalística de características e mercado local/regional no qual a informação circulava facilmente entre os vários atores sociais, comerciantes e consumidores. Não resistiu ao surgimento de alternativas publicitárias em outros veículos de comunicação, especialmente a TV. O ESTADO chegou ao fim talvez por não ter percebido que no mundo globalizado, muito mais que em qualquer outro período histórico,

Jornal é um negócio como qualquer outro. Se não der lucro, morre. Por isso deve estar sempre atento às necessidades dos leitores. Mas jornal também é um negócio diferente de qualquer outro. Existe para servir antes de tudo ao conjunto de valores mais ou menos consensuais que orientam o aperfeiçoamento de uma determinada sociedade. Valores como a liberdade, a igualdade social e o respeito aos direitos fundamentais do ser humano. (NOBLAT, 2007, p.26)

Ou seja, O ESTADO era uma empresa tradicional que não conseguiu se antecipar e opor à chegada de uma tendência mundial dos anos 1980: a dos conglomerados na comunicação e na economia em geral.

Em 2011, só restavam as paredes de um imóvel totalmente saqueado como lembrança do que foi a sede de um importante periódico na história de Santa Catarina.

Figura 1: Prédio em ruínas da antiga sede de O ESTADO.



³² Muitos deles tiveram que acionar a justiça para garantir seus direitos trabalhistas e previdenciários.



Fonte: Fotografado pela autora em agosto de 2010.

E a partir daí passou a constituir-se em monumento/documento (LE GOFF, 1992, p. 535): “Materiais da memória podem apresentar-se sob duas formas principais: os monumentos, herança do passado, e os documentos, escolha do historiador”. Mas, algumas páginas adiante, o autor prega a crítica do documento enquanto monumento: “O documento não é qualquer coisa que fica por conta do passado, é um produto da sociedade que o fabricou segundo as relações de forças que aí detinham o poder. Só a análise do documento enquanto monumento permite à memória coletiva recuperá-lo...” (LE GOFF, 1992, p. 545) Assim, o extinto jornal O ESTADO passa a ser documento/monumento a ser consultado, na Biblioteca Pública, sobre os acontecimentos catarinenses de 92 anos, tal como já pregava em seus anúncios e edições comemorativas dos últimos tempos: “Oito décadas a serviço da boa informação”, “Escrevendo a história”, “Mais do que um jornal, O ESTADO é verdadeira fonte de pesquisas da história do século XX”.

1.3 A falta de planos para a chegada do concorrente Diário Catarinense

A partir de maio de 1986 os três jornais com maior circulação em Santa Catarina [O ESTADO (Florianópolis), *A Notícia* (Joinville) e *Jornal de Santa Catarina* (Blumenau)] passaram a sofrer a forte concorrência do *Diário Catarinense*, do grupo RBS – Rede Brasil Sul de Comunicações. A chegada do principal concorrente e que viria a ser a determinante para o fim do jornal, embora prevista, atingiu o periódico “com um susto, assim como ocorreu na implantação do *Jornal de Santa Catarina*, e não houve nenhuma preparação para isso nos dois casos.” (VALENTE, 2011). Essa afirmação é corroborada pelo antigo funcionário Pedro Paulo Machado, ao lamentar o fim do jornal, “O ESTADO não estava preparado para encarar uma empresa tão forte em comunicação.” No mesmo sentido vai a declaração de um jornalista que atuou vários anos no impresso:

Faltou preparação. Foi um desdém em relação a concorrência, faltou perceber que é...aquelas pessoas que estavam chegando aqui com uma nova empresa de comunicação eram profissionais de mercado, com um perfil agressivo no sentido de mercado, um perfil agressivo, e com dinheiro, com caixa pra sustentar e com a retaguarda de uma TV³³. (CAMARGO, depoimento, 2011)

Apesar do “desdém”, como diz o depoente acima, o proprietário mostrava-se preocupado, pelo que indica outro entrevistado:

Quando eles perderam o canal de TV, aí ele começou a ficar *brococho*, começou a achar que nada mais ia dar certo e tal. Aí o *DC* surgiu já nesse clima, ele já achava que a coisa tava... ele não dizia que a coisa estava vencida

³³ Refere-se à TV Catarinense(atual RBSTV), do mesmo grupo RBS, que funciona na cidade desde 1979 e retransmite a programação da Rede Globo de Televisão, líder de audiência.

mas já começava a dizer: “não, se for preciso a gente vai para rua botar faixa: *fora gaúchos*”. O que já é uma admissão de fracasso prévio. (VALENTE, depoimento, 2011).

Outro depoente igualmente considera que faltou avaliação e antecipação ao que representava a concorrência:

nem tudo foi erro de foro íntimo, ou de administração, foi um pouco de não leitura do processo político, econômico, geopolítico em curso no estado [...] A RBS investe num parque gráfico que não existia igual, tanto que ela colocou um número de computadores numa redação que era superior a muitos grandes jornais do país, maior do que tinha na *Zero Hora* em Porto Alegre. Tanto assim que depois de algum tempo uma boa parte do equipamento migra de volta para o RS. Então veja com *o que* eles vieram, e eles tinham muito, naquele momento, dinheiro para gastar, ou melhor, dinheiro para investir. [...] num primeiro momento OESTADO pode ter se valido da tradição, da história, para competir. Só que de um determinado momento passa a não ser suficiente. Tem a logística de distribuição, de chegar antes lá no interior do estado. (MELLO, depoimento, 2011).

Perguntado se havia tido alguma preparação para a chegada do concorrente, o ex-proprietário admitiu: “Não, nós continuamos sendo o que éramos. Só. Não tivemos nenhuma nova diretriz. Mas eles eram terríveis, são terríveis, nem vou falar. Eles são concorrentes assim empedernidos, são muito fortes e tal, competentes, eles são profissionais e eles não tem vergonha de ter lucro, ao contrário.” (COMELLI, depoimento, 2011). A propósito da questão do lucro, transcrevo parte da entrevista em que o citado explica que essa não era uma preocupação do jornal.

Pergunta: Mas qual era então o objetivo do jornal se não era o lucro?

Era o poder, a vaidade, tudo aquilo. Nosso era político, O Dr Aderbal, a política partidária. Depois não, ele aceitou e se conformou quando reformulamos, mas ele gostava de ter o jornal, claro.

Pergunta: Mas depois que ele faleceu o senhor não mudou essa visão? Que a empresa tinha que dar lucro?

Não, como é que eu ia mudar? Eu também não tinha essa visão. Nas empresas que eu trabalhava, sim, eu perseguia o lucro, claro. Daí eu achava que naquelas tinha que ser, mas no jornal eu achava que era assim que tinha que ser, coisa meio de artista... Até eu disse numa ocasião, numa das inaugurações da primeira *off set* que nós tivemos, até disse assim, citando uma frase de Rui Barbosa: “o jornal como uma nação não é de ninguém, é de todos”. Ele disse “a nação não é de ninguém, é de todos”. E eu: “O jornal não é de ninguém e é de todos”. E era mesmo.

Pergunta: Apesar de o Sr. ser empresário não tinha visão empresarial do jornal?

Não, era empresarial, mas sem...não tinha uma visão de lucro.

Pergunta: Mas como é possível isso?

Pois é, talvez seja uma incoerência, mas empresarial ela era, tinha política de salário, de cargo, era administrado como uma, só que tudo que rendia, ia para investimento, para pagamento de empregados.

Uma das diferenças que esta fala denota é que ainda vigorava, na pequena cidade de então, uma outra concepção empresarial e comercial. Nessa perspectiva quase ingênua para os atuais padrões concorrenciais, o jornal sequer era visto como um empreendimento comercial. Ou seja, para o jornal O ESTADO, o propósito ainda era de informar/formar os leitores, numa perspectiva da imprensa como missão. A empresa concorrente já vem com outra perspectiva de negócio³⁴ e de jornal, tendo como pressuposto o leitor como consumidor, a lógica do jornal

³⁴ Cruz (1994, p. 137)) cita os valores cobrados pela RBS TV para inserção comercial em sua programação de horário nobre, cujo montante se equivale a soma das três outras redes de TV local. Baseada nos custos operacionais, a empresa teria como meta faturar 30 vezes mais do que as outras emissoras.

feito para dar lucro³⁵. Ou seja, enquanto o *Diário Catarinense* já vinha na perspectiva comercial, da imprensa como meio publicitário, O ESTADO ainda tinha como primazia ser um veículo de informação jornalística, sendo a área comercial uma complementação e não o objetivo principal.

A diferença entre os dois estilos é que a RBS utiliza práticas de gestão corporativas e industriais condicionadas pela racionalidade fordista e pós-fordista de acumulação (FONSECA 2005). Em sua tese em que estuda o jornal *Zero Hora*, do mesmo grupo RBS, a autora usa o conceito da Economia Política da Comunicação (MOSCO 1996), delimitando que essas práticas corporativas passam a ser utilizadas nas empresas de comunicação tanto quanto em outros setores da economia. Para Fonseca (2005) estes procedimentos que mudam a organização da produção e do trabalho jornalísticos também implicam em mudanças na formação de uma concepção e de um conceito de jornalismo.

A perspectiva de empresa defendida pelo então diretor presidente de O ESTADO fica clara em matéria do caderno comemorativo dos 72 anos. Na ocasião, Comelli dizia que “um jornal é uma empresa com peculiaridades distintas e características próprias, com uma função social bastante elevada que, além de gerar empregos, reflete o que a comunidade pensa, além de prestar serviços, informações, cultura e lazer”. (OE, 13 de maio de 1987, p. 10) Na edição comemorativa dos 81 anos, texto assinado pelo então diretor editorial Mário Pereira também enaltece o próprio veículo: “Bem mais do que uma empresa ou um mero produto de marketing, este jornal é um patrimônio da terra e do povo que o viu nascer e crescer. Catarinense de verdade, é legatário de compromissos e tradições...” (O ESTADO, maio de 1996)

Em 1998, o próprio diretor presidente em artigo assinado pela passagem de mais um aniversário também deixa claro numa parte do texto intitulado “Um novo desafio” que jornal e empresa eram uma mesma organização. Num dos trechos está escrito: “A dinâmica de repaginar

³⁵ Segundo Lissoni (2006) “A empresa trata o lucro como condição para a existência da atividade empresarial, onde todo o esforço que, segundo os entrevistados, é feito, deve convergir para resultados. Ao mesmo tempo, os entrevistados afirmam que a visão de longo prazo tem sido um diferencial competitivo da RBS.” (LISSONI, 2006 p. 118)

periodicamente **a empresa**³⁶ tem permitido que O ESTADO vença as adversidades da economia e mantenha a honrosa posição – que é única - de ser o jornal diário mais identificado com a história de Santa Catarina.” As características não empresariais do jornal também são reforçadas pelo depoimento de outro jornalista:

O jornal era realmente uma família, era um jornal de família, de administração familiar, de visão familiar. A característica dos funcionários era se sentir tão em casa como se fosse uma família. Tanto que o jornal faliu e as pessoas ainda se encontram pra comemorar os 96 anos que o jornal faria. Você vê quanto foi importante esse jornal na historia da imprensa daqui. Foi muito importante. Não sei se o DC conseguiria reunir mais de cem pessoas anos depois. (CAMARGO, depoimento, 2011).

Persistiu ao longo dos anos o modelo de empresa familiar tradicional que não conseguiu transitar para o formato empresarial moderno. O discurso sobre sua posição consolidada pela história não consegue vencer as estratégias mercadológicas adotadas pelo concorrente.

1.4 O ESTADO não se preparara, mas a RBS tem estratégia para se instalar em SC

Cruz (1994) analisa, a partir do conceito de Indústria Cultural (Adorno) as estratégias do grupo RBS, originado no Rio Grande do Sul, para se implantar em Santa Catarina. Essa autora apresenta detalhes de como a RBS, usando o discurso de ser “apolítica”, conseguiu convencer os políticos a avalizarem sua entrada em SC. Segundo ela, Maurício

³⁶ Grifos da autora. Doravante, sempre que palavras ou expressões estiverem negritadas numa citação, é por ser uma opção da autora desta tese para realçar determinado aspecto daquela declaração ou texto.

Sirotsky Sobrinho e seu filho Nelson procuraram o governador de Santa Catarina, Antonio Carlos Konder Reis, que estava em Porto Alegre para tratamento médico, e pediram para que não vetasse a indicação do grupo para a concessão caso fosse aprovada em Brasília:

Konder Reis disse que não tinha veto a fazer. Para Nelson Sirotsky, essa postura representou um grande trunfo: tinham obtido em Santa Catarina "a isenção do poder político. Não o apoio, mas a muito difícil isenção." Em Brasília a estratégia foi a mesma, de acordo com Nelson Sirotsky. O argumento da capacidade técnica e profissional foi usado para contrapor às alianças políticas existentes [...] Em termos mais amplos, a escolha de um grupo não partidário em SC parece ter coincidido com a mudança da relação do governo federal com o empresariado, em uma nova aliança, mais adequada aos termos do grande capital, onde os setores "tradicionais" foram sendo afastados do poder pelos "modernos", representados pela grande indústria e pela grande empresa. (CRUZ, 1994, p. 63 e 66).

A análise de Cruz mostra como iniciou uma nova fase da imprensa em Florianópolis e em Santa Catarina, passando a dominar a partir de então o conceito de mercado³⁷ da comunicação. Até ali, rádios e jornais da cidade eram vistos e atuavam basicamente como integradores da sociedade, numa perspectiva ingênua e artesanal de fazer comunicação. Naquela década de 1970, a Rede Globo se expandiu em todo país, por meio de cadeia de emissoras de TV, numa perspectiva de interiorização do Brasil apoiada pelo regime militar. Conforme Ortiz (1991), ocorreu então a convergência de interesses dos militares, que instalaram a

³⁷ Entende-se que mercado denomina negócio, uma relação de compra e venda em que o objetivo é o lucro monetário como prioridade de atuação. É uma relação de troca de bens materiais ou simbólicos na perspectiva do marketing e da publicidade, que vende sonhos e ideais de consumo. No mercado da comunicação, as empresas da área são a indústria e o público é o mercado, os potenciais consumidores dos produtos exibidos pelos meios.

infraestrutura de telecomunicações, e do empresariado nacional: os primeiros queriam unificar consciências, e os donos de TV e outros negócios queriam integração de mercados. Assim como a expansão da Rede Globo levou à decadência as TVs que existiam localmente em São Paulo e Rio de Janeiro, a chegada da RBS, inicialmente com seu sistema de televisão e rádio e posteriormente com jornal impresso, significou o fim do “amadorismo” na comunicação em Florianópolis. Conforme Fernandes (1998, p. 74)

Até o final dos anos 1970 o volume de capital investido no mercado de produção cultural na capital era muito baixo. Nesse período os gastos com publicidade começavam a migrar do rádio e dos jornais para a televisão. Contudo, a televisão ainda não havia desenvolvido formas próprias de gestão de seus espaços publicitários, limitava-se a assimilar as mesmas formas de operação da publicidade e de relacionamento com os anunciantes utilizadas pelas rádios e pelos jornais locais. (FERNANDES, 1998, p. 74)

A entrada do grupo gaúcho de comunicação demarca um novo estilo de visão empresarial na cidade, introduzindo a perspectiva do marketing e da publicidade profissional. O modo de produção e de difusão da informação muda e mesmo, deste período em diante, o crescimento imobiliário e populacional da cidade se acentua. A concorrência passará a se estabelecer no mercado e não mais majoritariamente no plano da política e da camaradagem. O diretor presidente de O ESTADO nega que tenha sentido o impacto da chegada da emissora de TV do grupo RBS, e aponta o ano em que seu jornal começou a sofrer a força do concorrente:

Não, a televisão não prejudicou, até porque eles até promoviam as manchetes do jornal. Eles eram abertos. Eles anunciavam [Em O ESTADO] mas era grátis, permuta, porque divulgavam nossas manchetes, eles promoviam o jornal, o nosso jornal. Mas realmente quando veio o jornal [DC]... Mas, assim, a

partir do 5º. ano só começou a prejudicar. (COMELLI, depoimento, 2011)

O novo jornal de fato não conseguiu se inserir tão rapidamente como imaginava em todo o Estado de Santa Catarina, enfrentando resistências principalmente no Vale do Itajaí, onde existia o *Jornal de Santa Catarina*, e no Norte do Estado, região do jornal *A Notícia*, justamente as regiões mais industrializadas e líderes na economia catarinense.

A RBS naquele momento não veio como elite, veio como aqueles que vieram de fora plantar um negocio e sentiam a reação, talvez maior do que imaginavam, pois achavam que podiam entrar na região Norte e Vale do Itajaí. Eles não imaginavam que iam ter tanta resistência quanto tiveram³⁸. (MELLO, depoimento, 2011).

A constatação de que a entrada do novo jornal não afetou imediatamente os jornais já existentes também é de outro jornalista:

Não dá para dizer que o *DC* veio e acabou com o jornal. É possível que a estrutura, o monopólio, a pressão, tornasse a vida do jornal muito difícil. O *Diarinho* [*Diário do Litoral*, de Itajaí] não consegue vender no Supermercado Angeloni porque a RBS fecha um pacote com eles, que inclui só ter o jornal deles ali. Então, esse tipo de coisa independe da capacidade administrativa ou não do jornal concorrente. Então, o fato de eles terem para o jornal uma estrutura com fonte inesgotável de

³⁸ Posteriormente, a RBS comprou os dois jornais destas localidades. O processo foi mais demorado em Joinville, onde tentaram investir, em favor do *Diário Catarinense*, patrocinando o JEC –Joinville Esporte Clube. “Antes de comprar *A Notícia* eles tentaram entrar nesse espaço”. (MELLO, depoimento, 2011)

recursos que são as outras empresas, TV, etc, e o outro jornal só ter seus próprios recursos, também é problema serio. Mas o jeito Comelli de ser foi, acho, que acelerou um pouco mais essa decadência (VALENTE, depoimento, 2011).

Para o ex-proprietário, o *Diário Catarinense* acabou sendo bem sucedido por fazer parte do grupo empresarial que retransmite a programação da Rede Globo de Televisão: “eu duvido, se não tivesse a TV Globo, eu duvido que esse jornal faria o estrago que fez.”(COMELLI, depoimento, 2011). A forma de atuação da empresa gaúcha junto aos anunciantes, além da declaração acima, é exemplificada também pelo depoimento abaixo:

O concorrente, *Diário Catarinense* passou cinco anos predando o concorrente. O que eles faziam, por ex: Hermes Macedo, grande anunciante do varejo. “Qual e a sua verba?”, “é 100”, “vamos montar um plano casado com a TV”, “*Coisa maravilhosa*” “mas se você gastar 10 com o concorrente, perde a vantagem”. E assim com as imobiliárias e... foi tudo. E ainda é hoje. Você não imagina, eu fiquei, trabalhei oito meses do *ND (Notícias do Dia)*³⁹ hoje. É um terror, ainda hoje, o

³⁹ Jornal criado em 2006 por um grupo de jornalistas remanescentes de OESTADO e *ANotícia*, com redação em Florianópolis e Joinville. Inicialmente era um jornal pequeno, de poucas páginas, em formato popular, voltado principalmente aos esportes e às notícias policiais. Logo após seu surgimento, o grupo RBS lançou no mesmo segmento o *Hora de Santa Catarina*, com distribuição de brindes e outros apelos populares. O *Notícias do Dia* foi então incorporado pelo grupo RIC – Rede Independência de Comunicação, da família Petrelli, retransmissora da TV Record, e mudou o formato, com alterações gráficas e de conteúdo, tornando-se um jornal de interesse geral. Na comemoração do sexto aniversário, em março de 2012, o presidente do grupo Mário Petrelli destacou: “surgimos para evitar o monopólio na área de comunicação, que só traz malefícios à sociedade. Nosso compromisso é sempre prestigiar o local em que vivemos”. (*ND*, 28/03/2012, p. 24) Embora tenha como slogan que é “o melhor para quem vive a cidade”, e seja visto por muitos ex-assinantes do extinto O ESTADO como seu sucessor, o *ND* evita o discurso manezinhos versus “os de fora”. Ao contrário, procura mostrar pluralidade

monopólio, a pressão que fazem no anunciante, ainda existe hoje, continua tudo igual, é um terror. É difícil alguém, eu sempre digo, é uma opção, O *ND* é um bom jornal já, tem uma porção de equívocos, mas avançou muito, tem oito mil exemplares em quatro anos, o outro tem 18 mil exemplares em 25 anos. A cidade precisa. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

A forma incisiva de atuação do conglomerado gaúcho junto aos anunciantes demonstra que não há limites no jogo concorrencial que se estabelece no mundo dos negócios a partir dos anos 1980. Para sobreviver e se impor no mercado, estratégias criadas por consultores e dirigentes empresariais não deixam margem a interferências de qualquer ordem sobre a racionalidade econômica, muito menos apegos sentimentais. A lógica que passa a dominar é a da máxima acumulação capitalista.

A afirmativa final da declaração acima vem ao encontro do que constata a maioria dos jornalistas: “A concentração de veículos de comunicação nas mãos de poucos donos conspira contra o jornalismo de qualidade e é uma série ameaça ao pluralismo de opinião.” (NOBLAT, 2007 p. 22) Em Santa Catarina, a RBS tornou-se voz única⁴⁰ ao dominar todas as

com matérias sobre festas e tradições gaúchas que ocorrem na grande Florianópolis, assim como trazendo reportagens sobre os migrantes que a cidade recebe nos últimos anos. O jornal também está na internet como *NDOnline*, e no início de dezembro a empresa anunciou o *ND Digital*, para ser lido no computador, em tablets e smartphones. Pelo novo sistema, o assinante pode fazer assinatura digital, uma tendência mundial dos jornais. “Fazer o exemplar impresso chegar à casa do assinante sempre foi uma logística complicada para os jornais”, explicou o diretor de redação Luiz Meneghim, acrescentando que “agora o jornal será entregue, digitalmente, para qualquer leitor, em qualquer lugar do mundo. É uma nova realidade, sem fronteiras”. (*ND*, 1 e 2 de dezembro de 2012, p. 3) Pouco tempo antes havia sido implantado o portal *RIC Mais*, com notícias, reportagens, vídeos e fotos dos veículos do grupo, blogs de parceiros e espaço para colaboração dos leitores. A empresa procura estar em pé de igualdade com o grupo concorrente que já atua com conteúdo digital há alguns anos, através do portal na internet *clicrbs*.

⁴⁰ Conforme Lissoni (2006), A RBS conta com 6 jornais, 26 emissoras de rádio, um portal de internet, 2 emissoras locais de televisão, uma gravadora, uma operação voltada para o segmento rural e uma empresa de logística. Possui

áreas da comunicação, tendo o controle das principais emissoras de rádio e TV, comprado os jornais *Jornal de Santa Catarina* e *A Notícia*, e ter contribuído para a falência do jornal O ESTADO. Tudo isso sob o controle de uma só família (Sirotsky) foi considerado monopólio comunicacional pelo Sindicato dos Jornalistas de Santa Catarina que apresentou denúncia ao Ministério Público Federal, em 2006, em processo que foi posteriormente arquivado.

Apesar de também ter sucumbido à força da empresa gaúcha, o jornal *A Notícia* conseguiu se valorizar antes de aceitar vender o periódico:

A Notícia se deu melhor, saindo do jogo, porque estava muito difícil e eles sentiram que se fossem continuar perderiam o negócio e era muito melhor terem vantagem econômica do que se fragilizarem. Eles passaram a aplicar na área de educação. No caso do *JSC* os empresários tinham assumido o *Santa* num dado momento, um grupo de empresários de várias áreas, até que fizeram contrato para vender para RBS, em que esta assumia toda eventual dívida. Contrato modulado, em que eventuais dívidas seriam compactuadas no valor de compra. E venderam. É que o poderio da RBS... se bem que também a RBS esteve recentemente numa situação debilitada, difícil, por conta da compra da Telefônica, etc. E já superaram e estão muito bem de novo.[...] Se não fosse o grupo RBS, outro grupo se instalaria [em Florianópolis]. (MELLO, depoimento, 2011).

ainda 18 emissoras de TV afiliadas à Rede Globo – trata-se da maior rede regional de TV da América Latina.[...] possui aproximadamente 5 mil funcionários, com um faturamento que em 2005 chegou à casa de R\$ 1 bilhão, sendo franqueado como o terceiro maior grupo de mídia do Brasil. (LISSONI 2006, p. 74 -75) Em 2012, somente em Santa Catarina a RBS possui cinco jornais: *Diário Catarinense* (Florianópolis, 1986) *Jornal de Santa Catarina* (Blumenau, 1992) *A Notícia* (Joinville, 2006) *Hora de Santa Catarina* (Florianópolis, 2006) e *Sol Diário* (Balneário Camboriú, 2012) além de sete emissoras de TV e mais de uma dezena de emissoras de rádio.

O depoimento exemplifica o poder econômico e de persuasão do grupo gaúcho que, depois de insistir muitos anos, acabou conseguindo comprar o jornal de Joinville. Ao mesmo tempo indica que o grupo percebeu que havia espaço a ser ocupado e ditar uma nova lógica no mercado comunicacional em Santa Catarina.

1.5 O ESTADO poderia ser da RBS, também.

Mas antes de instalar seu próprio jornal impresso, o *Diário Catarinense*, a RBS tentou adquirir o jornal O ESTADO, segundo seu proprietário. Ele admite que ocorreram negociações e conta que inicialmente teria havido proposta de sociedade na emissora de TV, em troca de participação do grupo gaúcho no jornal O ESTADO, mas que foi “pressionado” por empresários locais a não ceder para o conglomerado do estado vizinho.

Aí, com essa briga apareceu o Dr. Mauricio Sirotsky Sobrinho, e entrou nessa, como se diz? Nessa divisão: “dívida para reinar” Mas mesmo quando ele já tava participando ele nos convidou para sermos sócios da nova televisão. Mesmo já tendo ganho [a concessão]. Eu tinha até uma minuta guardada. [...] E aí quando tava naquela vai não vai, aí começaram a pressionar, esse outro lado que tava concorrendo, que eu não podia fazer isso, não podia entrar em TV gaúcha, eu catarinense, não sei o quê... Acabei não entrando. Fiquei travado, fiquei dividido. Mas realmente sou aquilo, sou catarinense, tenho orgulho de ser. (COMELLI, depoimento, 2011).

O depoimento confirma o que anteriormente já fora citado (VALENTE In: BALDISSER & CRISTOFOLETTI, 2005) no tópico 1.2.2. Os empresários da RBS teriam oferecido sociedade a Comelli na TV Catarinense em troca de participação no jornal O ESTADO, antes de optarem por criar seu próprio jornal. Conforme Comelli, seria

Meio a meio. É exatamente, eles não precisariam colocar capital num jornal. Coisa que o Mauricio Sirotsky não era muito favorável por causa do investimento. Eles perderam dinheiro, hoje eles ganham, mas perderam muito por causa do jornal O ESTADO. Eles mesmo diziam que não sabiam que a concorrência seria tão acirrada e que o jornal era tão forte. Mas não era essa opressão de agora. Se bem que eles fazem um bom jornalismo. (COMELLI, depoimento, 2011).

É interessante observar o final da fala, elogiosa aos concorrentes, mas depois ele critica a forma como o grupo divulgou fatos relacionados à sua família. Ainda, porém, cabe aqui destacar mais um detalhe sobre as propostas de comprar OESTADO, negociações que teriam ocorrido antes da falência:

Numa ocasião, a própria RBS teve interesse, propôs negócio, depois de terem o jornal deles. Mas depois não quiseram. Eles foram avisados que a situação era muito difícil, a situação fiscal. Trabalhista não, para isso eles não estão nem aí. Não sei também por que, ficaram com medo, não sei, mas eles manifestaram interesse, estiveram lá, visitaram. (COMELLI, depoimento, 2011).

As negociações não evoluíram e O ESTADO passou a sentir cada vez mais a força do conglomerado gaúcho. Além da concorrência direta pela publicidade em seus veículos, o grupo RBS teria quebrado um “acordo de cavalheiros”, ou a ética corporativa das empresas de comunicação, ao divulgar notícias que prejudicavam a imagem de integrantes da família Comelli. É o que considera, por exemplo, o colunista social Zury Machado, dizendo que “O DC colocou a fotografia do filho⁴¹ dele na primeira página, na página de frente. [...] Por ética mesmo nunca

⁴¹ Fábio Comelli foi um dos indiciados pelo assassinato do colunista Norton Batista, ocorrido na noite de 15 de julho de 1989, na avenida Hercílio Luz, centro da cidade. Ele e outros dois acusados acabaram absolvidos no processo por insuficiência de provas quanto a autoria do crime.

poderia fazer, porque eram um respeito de jornal pra jornal, gostando ou não se dando, sendo contrário ou não, mas era uma ética, não poderia ter colocado.”

O último proprietário de OESTADO entende que houve um massacre jornalístico da RBS em relação a seu filho Fabio, arrolado em processo sobre o assassinato do ex-colunista Norton Batista da Silva. Ele relata outro caso em que a postura da empresa concorrente foi diferente, e ao mesmo tempo, reafirma o posicionamento jornalístico que adotava frente ao próprio jornal:

Eu fui denunciado em São Paulo porque era membro do conselho de administração do Sulbrasileiro de crédito imobiliário. [...] Aí fui denunciado e alguém entrou *esbaforrido* na minha sala tarde da noite com um telex em que aparecia meu nome, de uma agencia de noticias. E eu: “nós temos que noticiar, mas não vai dar como manchete, né?” E aí nós noticiamos. Não demorou muito ligou pra mim alguém da direção da RBS falando sobre isso e disse: “nós não vamos dar”, e eu: “não, já que quer ser amigo, pretende ser, tem que ser leal, eu recebi e nós vamos publicar, vocês podem publicar, mas só não dê manchete”. Eu acho até muito pior esconder, aí sim parece que o cara é um bandido mesmo. E foi divulgado. E não aconteceu nada, fui absolvido, não tive nada a ver com aquilo. Mas o impacto sempre é cruel. (COMELLI, depoimento, 2011).

1.6 O DC ocupa espaço e quer ter “cumplicidade” com a comunidade

Em 2009, no mesmo momento que vem à tona as imagens da situação de abandono do prédio que fora de O ESTADO, a empresa RBS completava 30 anos em Santa Catarina. Na ocasião distribuiu um encarte comemorativo no *Diário Catarinense*, com o título “O Santa Catarina” em letras góticas nas páginas em que resume acontecimentos

históricos catarinenses até 1978, em caixa alta a partir de 1979, quando inicia suas operações no estado, e a partir de 1986, o mesmo estilo tipográfico usado pelo *Diário Catarinense* que então começava a circular, inicialmente em fonte Times New Roman. Mas na capa o que se destaca é a logomarca que diz: 30 anos Santa Catarina. Grupo RBS, comunicação é nossa vida. No texto editorial chamado “Realizações compartilhadas”, enaltece a trajetória do grupo no estado e os vínculos com a comunidade, “estreitos, que foram reforçados ao longo de três décadas, a tal ponto que não será exagero dizer que esses laços denotam uma saudável **cumplicidade**”. No último parágrafo está escrito:

...parece que foi ontem que começou esta história da qual somos personagens e também intérpretes, sempre lado a lado e de mãos dadas com a brava gente catarinense. Assim foi, assim é, e assim será no futuro, pois o marco dos 30 anos da RBS em Santa Catarina não é um ponto de chegada, mas uma linha de partida para novas realizações compartilhadas. (DIÁRIO CATARINENSE, encarte O Santa Catarina, 2009, p. 2).

Demonstra-se nessas assertivas oriundas muito mais do departamento de marketing do que do jornalismo, que a empresa procura difundir uma “ideia de comunidade que pretende criar e de papel na defesa dos interesses dessa comunidade”, como diz Felippi (2007, p. 98) A autora realizou um estudo sobre a estratégia do localismo no jornal *Zero Hora*, da mesma RBS, pertinente também para entender seus posicionamentos em Santa Catarina. Conforme Felippi, “*Zero Hora* desenvolveu uma estratégia para sobrevivência mantendo-se focada no seu local de circulação, produzindo-se para um leitor “imaginado” que vai constituindo e sendo constituído pelo jornal.” (FELIPPI, 2007, p. 98). O mesmo pode-se dizer sobre o discurso implementado e difundido pelo *Diário Catarinense* e demais meios de comunicação da RBS no estado barriga verde.

O caderno comemorativo “O Santa Catarina” é relevante para ser citado neste estudo, ainda, pelo segundo texto que se intitula: “Um jornal feito para a história”. Ao fazer referência ao fundador da capital, Francisco

Dias Velho, denomina-se “um jornal que remonta à gênese desta linhagem. [...] Bem vindos leitores, às páginas de O Santa Catarina. Um jornal que espera ajudar na concepção de um futuro tão rico quanto o passado e o presente que comemora”. Observa-se assim a ocupação do lugar que fora de O ESTADO, especialmente na utilização do discurso da história, anteriormente destacado de forma contínua pelo jornal já extinto. Apesar desta apropriação, o discurso da empresa é feito de fora para dentro, ou seja, é visivelmente um esforço para se mostrar integrado à comunidade, mas fica perceptível um distanciamento com o que é local. Pode-se notar, por exemplo, que esquece em suas páginas, ou desconhece, aspectos importantes da história de Florianópolis e de Santa Catarina, como a inauguração da Ponte Hercílio Luz, em 1926 e a Ponte Colombo Salles, em 1970, sequer referidas no caderno especial acima citado que traz retrospectiva dos principais assuntos ocorridos no estado ao longo do século XX.

Com o desaparecimento de O ESTADO, o jornal impresso da RBS para a ser “referência dominante” em Santa Catarina, tal como conceitua Fonseca (2005) o jornal *Zero Hora*, de Porto Alegre, do mesmo grupo, “uma vez que o caráter de referência determinado pelo critério prestígio, seria, por tradição, do *Correio do Povo*” (p. 322) Essa apropriação que fazemos justifica-se pela semelhança dos processos ocorridos nos dois estados, em que dois jornais mais antigos e bem conceituados entre jornalistas e leitores acabaram falindo, tendo o mesmo antagonista, no caso, a RBS. Segundo Fonseca,

Zero Hora tem demonstrado ao longo do tempo, “cultura organizacional” para se adequar constantemente às inovações propostas pelo mercado. A posição de “referência dominante”, adquirida no início dos anos 1980 e preservada nos dias atuais, deve-se exatamente à adoção de postura empresarial inovadora. Ao conquistar a liderança no mercado da mídia impressa, por méritos menos jornalísticos e mais empresariais, *Zero Hora* tem se mantido em posição hegemônica graças ao pioneirismo na adoção de tecnologias e métodos de gestão coerentes com a racionalidade dominante. (FONSECA, 2005, p. 329).

A mesma estratégia é utilizada pelo *Diário Catarinense* em sua consolidação como principal jornal de circulação diária de Santa Catarina. Apesar de sua força econômica, contudo, não teve o êxito imediato que se previa, tanto que o jornal O ESTADO sobreviveu ainda 20 anos após sua chegada. E nos primeiros anos da sua implantação, o embate em termos jornalísticos foi acirrado, aspecto inclusive ressaltado pelos anúncios de O ESTADO no ano de 1988 “O melhor do jornalismo está aqui”, quando o *DC* já circulava havia dois anos. Apenas em meados dos anos 1990 é que os méritos empresariais começam a se sobrepor e O ESTADO passa a refletir o impacto da pressão econômica, ou seja, da cooptação dos anunciantes pelo concorrente. Há que se registrar ainda que no discurso comemorativo, o *DC* se propõe a ter uma relação de “cumplicidade” com a comunidade, enquanto O ESTADO realçou, pelo menos no período estudado, a parceria e a fidelidade para com a sociedade catarinense, como veremos no capítulo a seguir. O termo “cumplicidade” permite interpretar que é uma tentativa de proximidade com o público, e faz um paralelo com o termo “fidelidade”, muito empregado por O ESTADO. Diferentes, porém, são os valores a que remetem: enquanto o *DC* pretende ser “cúmplice”, a palavra fidelidade faz par com tradição, outra expressão muito usada pelo jornal extinto. Ou seja, apenas nesse pequeno detalhe pode-se observar as muitas diferenças entre os dois jornais e que representações eles suscitam na cidade de Florianópolis do final do século XX e início dos anos 2000.

CAPÍTULO 2 O ESTADO FALA DE SI MESMO EM EDITORIAIS E NOS ANIVERSÁRIOS

A partir do levantamento de dados em exemplares relativos ao período que abordei (1985-2009), descreverei características do jornal, dos assuntos em evidência naqueles anos e dos anúncios que divulgavam o próprio. Além de aspectos técnicos de elaboração do periódico, verifica-se o tratamento e a forma dados a determinadas informações, para, a partir deles abordar conteúdos considerados relevantes nesta pesquisa. Através da dimensão temporal pretende-se observar como se dá a construção (ou desconstrução) e o *continuum* de um movimento crescente que culmina no desfecho final da existência do jornal. Pretendi tratar aqui de alguns aspectos internos ao fazer jornalístico que se tornaram decisivos para a decadência do jornal e de fatores externos que também contribuíram para sua derrocada. O acelerado desenvolvimento das tecnologias na área da comunicação, o advento da internet, o desenvolvimento do setor turístico e a globalização da economia também fazem parte deste universo de interferências sobre o jornal. Escolhi aleatoriamente no primeiro ano (1985) os meses de abril, maio e novembro, e a partir da constatação do aniversário do jornal em maio, este mês passou a ser o referencial de análise para todos os anos após 1986. O momento comemorativo é aquele em que jornais se permitem falar mais de sua própria atividade, dos seus posicionamentos. “A edição comemorativa pode ser entendida como renovação de pacto com seu público leitor”, conforme Matheus e Barbosa (2008, p. 113).

Inicialmente, porém, é preciso registrar que a primeira manchete importante relacionada ao jornal, em 1985, foi a da morte do ex-governador e proprietário do jornal, Aderbal Ramos da Silva, em 13 de fevereiro, único destaque da capa naquele dia. O ano seria emblemático também por ser aquele em que a RBS começa a implantar o jornal *Diário Catarinense*, principal concorrente⁴² de O ESTADO a partir de maio do ano seguinte.

⁴² Questionado se ARS soube da instalação do *DC* antes de sua morte, o colunista Zury Machado, respondeu “Sim, mas que eu saiba não deu nenhuma orientação. Talvez tenha dado ao Comelli, pois gostava muito do Comelli,

2.1 As reportagens e os anunciantes de 1985

Em 1985, o jornal em formato *standart* (tamanho grande) traz muitas chamadas para os assuntos em evidência a cada dia. As manchetes são uma forma de direcionar os temas relevantes para o jornal e aqueles considerados como de interesse de seu público alvo. A capa aparece com muitas fotos, mas em preto e branco. A Logomarca do jornal está em caixa alta, característica que se mantém com alterações quase imperceptíveis ao longo de todos os anos ainda vindouros, com pequenos anúncios em cada um dos lados. Em maio a capa surge em outra fonte tipográfica, negritada nas manchetes. Nas chamadas das páginas internas principais aparecem diferentes tipos de fonte tipográfica. Uma matéria sobre a entrega do título de cidadão honorário para José Matusalem Comelli, pela Câmara de Vereadores, ocupa página inteira, numa diagramação pesada, com texto extenso e foto pequena no alto, perto da chamada. Reportagem significativa sobre venda ilegal de terrenos, assinada por Laudelino Sardá, não tem foto nem ilustração, apenas texto. A capa de outro dia contém duas manchetes sobrepostas, a primeira com fundo preto, e a segunda em tamanho maior. Em outra edição vários tipos e tamanhos de fontes e muitas manchetes em várias posições da página: a primeira em duas linhas ocupando o espaço de cinco colunas, a segunda em apenas uma linha e mesma extensão, contendo uma foto abaixo e texto de uma coluna. Logo abaixo, outra de três linhas com chamada de texto de duas colunas, e ao lado chamada de duas linhas em três colunas e com foto.

A descrição acima visa demonstrar a profusão de estilos de fontes tipográficas e inconstância das proporções no espaço de cada chamada, ou seja, as constantes mudanças na combinação da capa e das páginas, indicando que não havia um planejamento gráfico fixo, a apresentação visual era sempre variável. Ao mesmo tempo, a quantidade de manchetes demonstra uma grande abrangência de assuntos e regiões do estado, além de algumas de caráter nacional.

Ainda em 1985, em novembro, uma das capas do mês apresentava duas fotos grandes e várias manchetes com pequeno texto no mesmo

gostava muito mesmo.” (MACHADO Z, em entrevista a autora em janeiro de 2012)

tamanho. Naquele ano as fotos ainda eram em preto e branco, e eventualmente aparecia uma cor ao fundo de algum anúncio, caracterizando a inexistência de equipamento de fotocomposição⁴³ que permitisse a policromia. Anúncio de meia página interna falava da “Sequência de Ouro”, relacionando escritores catarinenses (cronistas) que estariam de terça a domingo no jornal, um a cada dia: Silveira de Souza, Marcio Camargo Costa, Holdemar Menezes, Inês Mafra, Julio de Queiróz e Flavio José Cardozo. Os jornais então procuravam destacar a cultura, muitas vezes em cadernos especiais, geralmente em finais de semana. A literatura era valorizada pelo jornal que mantinha ainda, naquele momento, características das décadas anteriores, quando colaboradores que depois se tornaram reconhecidos escritores, como Salim Miguel⁴⁴, faziam matérias para as edições. Os cronistas do cotidiano, porém, aos poucos foram substituídos por colunistas de pequenas notas, tanto na área política como social.

No segundo caderno, em que apareciam as grandes reportagens do jornal, uma delas tratava sobre o lixo urbano. Em outra edição a capa apresentava três fotos grandes centralizadas e seis manchetes principais com texto resumo, evidenciando um layout parecido com aquele consagrado ao longo daquele período, diferente do que ocorreria depois. Uma das manchetes indicava: “Comelli eleito homem de comunicação 1985”, título concedido pela seção catarinense da Associação Brasileira

⁴³ Fotocomposição é o processo de montagem da imagem fotográfica para ser impressa. É feita através de fotolito, um filme transparente feito de acetato. Ele é gravado por processo fotográfico, se for cópia de um original em papel. As chapas de impressão do offset adquirem o texto ou imagens a serem impressas após terem sido sensibilizadas pelo fotolito, que é utilizado então para gravar chapas, telas ou outros meio sensíveis a luz, para reprodução em série. No fotocomposição são separadas as cores mas o filme é sempre monocromático. Para que uma imagem saia colorida, ou policromática, é preciso ser dividida nas quatro cores básicas: o ciano, magenta, amarelo e preto, gerando quatro fotolitos por imagem, uma foto de cada uma das cores base.

⁴⁴ Nascido no Líbano em 1927, chegou ao Brasil aos três anos e foi um dos líderes do Grupo Sul, movimento artístico-cultural que agitou Santa Catarina nas décadas de 1940 e 1950. Premiado pelo romance autobiográfico “Nur na escuridão”, publicado em 2000, estreou na literatura em 1951 com “Velhice e outros contos”.

de Agências de Propaganda. As homenagens indicam o apoio então oferecido por lideranças empresariais e políticas ao dono do jornal no momento que antecede a chegada do forte concorrente DC - *Diário Catarinense*.

Figura 2: Capas do jornal em 1985 mostram diagramação variável e assuntos abrangentes.



Ainda em novembro também se destacaram as reportagens sobre eleições nos municípios de fronteira e sobre vitória da oposição em todos eles, especialmente a de Edison Andrino (PMDB) na capital. Era a primeira eleição para prefeito nas capitais e marcava a retomada da democracia no país, com o término da ditadura militar que controlava o poder em todos os níveis desde 1964. Nos anos anteriores, o prefeito da capital, assim como o governador, até 1982, eram indicados em Brasília e o nome escolhido entre os apoiadores do regime militar⁴⁵. A vitória de

⁴⁵ De 1964 a 1985, período do regime militar no Brasil, os prefeitos de todas as capitais de estados e cidades de fronteira eram indicados pelo governo central,

Andrino confirmava um anseio da população em ter o direito de votar, pois, assim como ele, muitos outros opositores ao regime militar foram eleitos no país.

2.2 A reafirmação da fidelidade no ano da chegada do DC

No ano de 1986, como já citado, havia também outros dois jornais com circulação estadual, os mesmos que ainda se mantém nos anos 2000: *A Notícia*, e o *Jornal de Santa Catarina*, ambos com pouca presença na capital. No início daquele ano, em março, dia 1º, a capa de O ESTADO tem chamada para uma nova coluna do jornal: João Saldanha, importante comentarista esportivo do país. Afora disso, a capa está sem fotos e trazia destacado apenas as medidas do Plano Cruzado, uma das iniciativas de choque econômico do governo brasileiro para tentar controlar a inflação. O assunto prossegue em destaque nos dias seguintes, com a repercussão do Plano Cruzado⁴⁶.

Naquele período o jornal continha em algumas edições dominicais 48 páginas, o caderno especial “Fim de Semana” e muitas de classificados. Mas havia também suplementos em formato tablóide em alguns dias da semana, como OE Rural (direcionado à agricultura), e OE Continente (que tratava de assuntos dos bairros e municípios instalados além da ilha, delimitados pela região da Grande Florianópolis). Naqueles dias o *DC* ainda não circulava, pois adiara sua estreia de março para maio, mas o anúncio de OESTADO sobre si mesmo demonstra uma demarcação de sua importância para a cidade e para Santa Catarina: “O ESTADO,

em Brasília, por serem consideradas áreas de segurança nacional, dentro da doutrina de exceção em vigor naquele período.

⁴⁶ O pacote econômico lançado naquele ano pelo então Ministro da Fazenda Dilson Funaro, indicado pelo PMDB – Partido do Movimento Democrático Brasileiro, congelava preços e salários. O Presidente José Sarney, que em curto período trocou de sigla partidária várias vezes, indo do PDS - Partido Democrático Social, para o então PFL – Partido da Frente Liberal, e depois para o PMDB, incentivou a população a fiscalizar o cumprimento do tabelamento dos preços pelos supermercados, surgindo assim os “fiscais do Sarney”, cuja atuação rendia denúncias e notícias diárias. Devido ao Plano, o PMDB, que apoiava o governo Sarney, elegeu a maioria dos governadores naquele ano, mas pouco depois o pacote mostrou-se ineficiente e a inflação voltou, frustrando a população.

jornal para sempre” e anos numerados, retrospectivamente, de 1986 a 1915. O jornal ainda se apresenta em preto e branco, passando a ter gradativamente algumas fotos coloridas⁴⁷, como na edição de 23 de março, dia do aniversário de Florianópolis. Na véspera da estreia do *DC*, um anúncio do jornal saúda a chegada do concorrente: “Amanhã tem mais um companheiro rodando na praia. Homenagem de O ESTADO ao *Diário Catarinense*”. O novo jornal circulava em formato tabloide (pequeno) e em muitas cores, tanto na capa como internamente, facilidade⁴⁸ propiciada por ser “o primeiro jornal informatizado da América Latina.” (O Santa Catarina – suplemento especial 30 anos Santa Catarina, Grupo RBS). Isso fez OE também se apresentar mais colorido, como na edição de 18 de maio, um domingo.

Na capa aparecem duas grandes manchetes no alto da página. Um destaque circulado no meio anuncia o segundo caderno com colunas de Miro⁴⁹, Zury e Gente⁵⁰, e um novo formato do jornal “Um novo *lay out* e a qualidade de todos os dias”, e abaixo mais uma foto grande com pequenas manchetes e texto. O número de páginas varia de 16 a 28, mas, às vezes, aos domingos, chega ao dobro. As edições mostram a capa com muitas manchetes, inclusive antetítulos chamados de *chapéu* ou *cartola* colocados acima do título principal. Em 13 de maio de 1986 o “jornal completa 71 anos”, destaca parte da capa. Dentro, um dos

⁴⁷ A fotografia é considerada um importante complemento à informação textual, e em muitos casos transmite informação por si mesma, como é o caso das fotos-legenda, em que o destaque do fato ocorrido é todo narrado naquela imagem e frase. Tudo depende do enquadramento escolhido pelo repórter fotográfico, que foi gradativamente substituindo a foto preto e branco pela colorida. No Brasil, os impressos passaram a ter mais fotos em cores a partir do início dos anos 1970, através de revistas semanais como *Manchete* e *Veja*, seguidas depois pelos jornais.

⁴⁸ O processo de composição das imagens coloridas através de fotolito, conforme citado na nota 43, é facilitado no processo informatizado pelo uso de impressoras *laser* e computadores, podendo então ser à base de acetato, papel vegetal ou *laser* filme.

⁴⁹ Miro era como se denominava Claudio Silva, colunista social que atuou muitos anos no jornal.

⁵⁰ Coluna não assinada que também trazia notas e especulações sobre pessoas em destaque na sociedade local.

anúncios provoca: “71 neles”. O Editorial “71 anos”, é significativo por mostrar o posicionamento do jornal no momento da chegada do principal concorrente de sua história, e por isso o transcrevo abaixo, e em **negrito** em algumas passagens pela sua relevância:

Figura 3: Capas do jornal em 1986. Após a estreia do DC, capa com grande foto colorida.



Quadro 5: Editorial de OE na comemoração de 71 anos destaca princípios e compromissos.

“Cercado pela confiança, pelo respeito e pela **credibilidade da sociedade catarinense**, OESTADO completa hoje 71 anos de existência voltado a serviço de Santa Catarina e seu povo. O fato, por si só, de ter chegado a esta altura da vida, é o maior **testemunho do prestígio e do respeito** que um jornal conquistou da comunidade a que serve, pois caso contrário lhe faltariam estímulos e razões para continuar vivendo.

A história de um jornal se escreve a várias mãos, com a participação primordial do público a que se dirige. Há uma **estreita identificação**

entre um jornal e seus leitores. Entre os dois se estabelece como que um **pacto de mútua fidelidade**, de compromissos recíprocos e de respeito, onde sobressai-se o cumprimento, pelo jornal, do dever de proporcionar a seus leitores a **informação correta ao lado da opinião equilibrada e sincera** acerca das questões que de um forma ou de outra tocam os **superiores interesses da comunidade a que pertence**. Para isso, **é preciso conhecer a comunidade e saber interpretar-lhes os sentimentos e as expectativas**, correspondendo aos seus anseios e dando uma interpretação pronta, diária, ao direito de cada cidadão de ser informado sobre o mundo que o cerca.

Para que um jornal possa cumprir seu melhor papel **é preciso mais que equipamentos gráficos**, mais que o trabalho daqueles que o fazem. Por melhor que uns e outros possam desempenhar suas funções, o produto final jamais teria o acabamento desejável caso faltasse o ingrediente imprescindível da democracia, possibilitando a livre circulação de ideias e o exercício da liberdade à informação. Qualquer restrição neste sentido implicaria numa perda substancial de densidade qualitativa em prejuízo tanto para o jornal quanto para o público. Lutar contra estas restrições sempre foi e será uma das bandeiras de O ESTADO, **cuja história está cheia de exemplos de dignidade** e altivez ante as investidas que se tentaram perpetrar, nos surtos de autoritarismo à liberdade de imprensa – o que significa dizer as liberdades em geral, pois quando falta uma faltam também as demais.

Não tem sido apenas isto que caracterizam os 71 anos de O ESTADO. Sua atuação ao longo da história de Santa Catarina, desde o longínquo 13 de maio de 1915, tem sido marcada por uma **tradição de luta e participação** nos principais fatos que assinalaram a própria história da sociedade catarinense, da qual O ESTADO, **além de partícipe, foi o repórter fiel, o cronista, o documentário.**

Assim tem sido ao longo dos anos e assim será no futuro, pois as energias de um jornal não explodem apenas nos verdes anos; antes pelo contrário, retemperam-se pelo tempo, renovam-se nas lutas, avivam-se a cada dia, a cada nova edição. O testemunho da sociedade está a dizer que **O ESTADO tem sabido cumprir com seu dever** ao longo desses 71 anos. E se assim tem sido, isto se deve ao fato de que os catarinenses sempre viram correspondida a confiança que depositaram em seu jornal.”

O editorial reforça com clareza sua identidade e seu papel histórico na sociedade e na imprensa catarinense. Reafirma um pacto de fidelidade que espera ser mútuo, seu lugar “legítimo” nesta parceria com a comunidade. Procura interpelar o leitor pelos aspectos identitários e de pertencimento. Enaltece valores como a tradição, o respeito, a dignidade, e fala em interpretar sentimentos e expectativas, de cumprimento do dever. Trata-se, ou é como se fosse, de uma relação afetiva, de confiança, de projetos conjuntos, de um casamento perfeito e conservador que nunca vai acabar. Pode-se destacar também as expressões “credibilidade” e “informação correta” e constatar que o editorial contém as “três ontologias históricas com a qual a verdade mantém uma relação: o conhecimento, o poder, a ética”, conforme diz Foucault, acrescentando “cada um desses domínios de discurso e de práticas coloca em jogo, à sua maneira, as formas do “dizer a verdade”, as regras de produção e de validação dos “discursos verídicos”. (FOUCAULT, *apud* CHARTIER, 2002, p. 197). Ao tentar apresentar um retrato do transcurso cotidiano de uma sociedade e de um determinado período, o jornal produz conhecimento (informações publicadas) e exercita poder (informações publicadas ou retidas) por meio de uma ética própria: ser um intermediador entre os poderes constituídos e o público em geral. Ao basear-se nesse tripé permite atribuir-se legitimidade e coerência neste desempenho social, considerando-se isento de inverdades ou falsificações sobre a (suposta) realidade a que descreve diariamente. Ou seja, a interpretação do real que apresenta aos seus leitores, seu suposto discurso verídico, é entendida como isenta de significado diverso ou conflitante. Por outro lado, ao afirmar que é preciso mais que equipamentos gráficos, o discurso tenta se contrapor ao concorrente que se instala de forma inovadora em termos de maquinário e na redação informatizada.

Nas matérias referentes ao aniversário, o destaque é para “Catarinenses comemoram 71 anos de seu jornal”, texto assinado pelo proprietário José Matusalem Comelli. Ele enaltece o **moderno** sistema de fotocomposição que vinha gradativamente sendo implantado, e a rotativa **mais moderna do mundo**, com capacidade para imprimir 40 mil exemplares por hora. Explica ainda que o jornal chega aos [então] 199 municípios de Santa Catarina em eficiente frota de caminhões e caminhonetes. Outro destaque da página é “Uma história de pioneirismo”, em que relata a trajetória do jornal, diz que a tiragem diária [daquele momento] é de 35 mil exemplares, e finaliza afirmando que “a atual direção continua estimulando a renovação e conscientização

da imprensa catarinense ao unir a tradição e a tecnologia.” Ou seja, ao mesmo tempo que, como se vê acima, minimiza a importância dos equipamentos gráficos, procura demonstrar que também acompanha a evolução tecnológica da área de comunicação, mas trazendo junto sempre a tradição.

O colunista Miro trata do tema aniversário do jornal e o cronista Sérgio da Costa Ramos assina crônica “namoro de jornal”, que marca sua volta a O ESTADO, destacada na capa daquela edição dominical. O cronista havia deixado as páginas do jornal ao assumir outra atividade profissional, mas depois desse retorno passou a colaborar com o *Diário Catarinense*.⁵¹ Muitos colunistas aparecem no jornal, mas de modo inconstante. Zury Machado, é o mais frequente, com informações diárias sobre acontecimentos da denominada *alta sociedade*.

“O Estado renova seu compromisso com a comunidade” é um dos destaques na capa do dia seguinte ao aniversário. Ao lado, sob o título “Comelli”, pequena chamada destaca do discurso do proprietário na noite anterior, em solenidade comemorativa ao aniversário do jornal, aquela em que diz: “Não queremos simplesmente ser o maior, queremos sim, ser o melhor. Grandes, queremos ser tanto quanto seja Santa Catarina.” E em página interna, a reprodução de todo o discurso. Parece ter uma percepção ali de que seu jornal era pequeno frente ao conglomerado concorrente que recém chegara. Ao mesmo tempo instiga o seu público a se orgulhar em ser catarinense. Talvez uma tentativa de angariar apoios contra o jornal que viera de outro estado, uma maneira de delimitar fronteiras.

Naquele ano vários anúncios próprios indicam: “Chuva ou faça sol, todo dia com você. Há 71 anos O Estado está com você.” “Quem economiza na forma, perde o tamanho da ideia. E a ideia do tamanho. Pense grande, Leia O ESTADO. O ESTADO Jornal para sempre. Sempre uma grande novidade”. E outro anúncio ao lado: “Catarinense bem informado lê O ESTADO”. Observa-se a comparação com o *Diário Catarinense* (tamanho do jornal em formato tabloide, pequeno) e a ideia de que é o legítimo representante de Santa Catarina. O espaço publicitário é

⁵¹ Cinco anos depois, já atuando no concorrente, Sérgio da Costa Ramos escreveu texto especial na edição comemorativa dos 76 anos de OE, onde diz: “Tive no jornal O ESTADO uma longa relação de trabalho e com ele mantenho permanente relação de afeto que preenche gerações”.

ocupado por grandes anunciantes, como Coca Cola, Philips, Santa Fé, HM, Lojas Pereira Oliveira (várias páginas) e por outras empresas locais como Mudanças Mônica, Comper, Dimas, Instaladora Santa Rita, Móveis Silva, BRDE/SC, Loja Dominik, Ilha Móveis, Telesc. A tradicional indústria têxtil Artex, que comemorava 50 anos, publica balanço social de página inteira.

2.3 Mais cores, vigor jornalístico, greve e morte de Beto Stodieck: OE de 1987 a 1990

Em 1987, a RBS, que nos anos anteriores anunciara seus programas de TV no jornal O ESTADO, deixa de fazê-lo, mas as concorrentes locais, Barriga Verde e RCE, retransmissoras à época da TV Manchete e TV Bandeirantes, respectivamente, passam a usar o espaço publicitário do periódico. O ESTADO começa a ter mais cores, especialmente em anúncios, como das empresas locais Móveis Ébano e Restaurante Manolo's. A LPO - Lojas Pereira Oliveira, se divulga em preto e branco, mas ocupa várias páginas. Casas da Água e H M (Hermes Macedo) também anunciam, assim como Transbrasil, Telesc, e MEC – (O catarinense Jorge Bornhausen era o Ministro da Educação). Algumas também já faliram:

Quadro 6: Empresas anunciantes que também deixaram de existir na cidade e no país.

Das empresas citadas, permanece em atividade apenas a Casas da Água. A Hermes Macedo era uma rede nacional de eletrodomésticos e utilidades para o lar que já foi extinta, assim como a empresa aérea Transbrasil, que fora fundada pelo empresário Atílio Fontana⁵², de Concórdia/SC, o também criador da empresa Sadia, da área de alimentos. A Telesc, companhia pública de telefonia, foi privatizada nos anos 1990. A LPO – Lojas Pereira Oliveira, era uma loja de móveis e eletrodomésticos situada na esquina das ruas Deodoro e Tenente

⁵² Atílio Francisco Xavier Fontana foi deputado federal de 1959 a 1962 e senador de 1963 a 1971, pelo PSD, mesmo partido da família Ramos. É um exemplo entre vários outros donos de empresas que anunciam no jornal e, simultaneamente, são ligados ao mesmo grupo político.

Silveira, pertencente a uma família tradicional da cidade, fundada por Antonio Pereira Oliveira, e que lançou como novidade, alguns anos antes, o “crediário tentação”. A loja Casas da Água, de material de construção, pertencente a José Nitro da Silva, que fora encanador e começou com um pequeno estabelecimento no bairro Campinas, em São José, expandindo sua presença para o bairro Agrônômica, em Florianópolis, e outras cidades do estado, como Itajaí, 100 quilômetros ao norte da capital. Em 2012 são 16 lojas e 850 funcionários⁵³, em várias localidades. Não por acaso, as duas últimas empresas permaneceram como anunciantes do jornal até o fim, como se verá mais adiante.

Naquele ano, algumas capas continham ilustração em vários quadrinhos sequenciais para resumir visualmente uma notícia policial, recurso gráfico atrativo que havia sido introduzido pelo concorrente *DC*. O time de colunistas contava naquele momento também com Aldírio Simões, que falava de aspectos típicos da ilha, e com o cronista Adolfo Boos Jr. O colunista Zury Machado destacava, entre outras pessoas da considerada de elite da cidade, Silvia Hoepcke da Silva Comelli (então esposa do proprietário do jornal) e Ruth Hoepcke da Silva (viúva de ARS), citada frequentemente, e nunca esquecida no dia do seu aniversário.

Na editoria de política, o foco estava na gestão Andrino (PMDB) que derrotara no ano anterior o grupo político ao qual era ligado o jornal: “intervenção na prefeitura pelo TJ”, “eleição nas intendências”. Tal estrutura municipal é explicada abaixo.

⁵³ Dado citado na matéria “Fundador recebe homenagem”, publicada no jornal *Notícias do Dia* de 28 de novembro de 2012, p. 7. Com direito a foto, a matéria mostra a entrega de uma placa comemorativa pelos 45 anos da empresa, entregue pelo presidente da RIC – Rede Independência de Comunicação, Mario Gonzaga Petrelli, também proprietário do jornal. A placa “enaltece o seu exemplo de trabalho e simplicidade, destacando o seu envolvimento social, apoiando boas iniciativas e inúmeras instituições no Estado”, informa a matéria.

Quadro 7 – Descrição das Intendências, estruturas municipais do interior da ilha.

As intendências são órgãos da prefeitura subordinados à Secretaria Municipal de Obras, tem em média quatro funcionários operacionais coordenados por um intendente, pessoa de confiança do governante municipal e em geral o principal cabo eleitoral do mandatário nessas comunidades. O modelo surgiu no século XVIII, período em que os intendentes recolhiam impostos, executavam obras, tinham poder de polícia e o dever de atender os desamparados. A primeira a ser criada foi a da Freguesia de Nossa Senhora da Conceição da Lagoa Grande (Lagoa da Conceição), em 1750, seguida, um ano depois, pela Freguesia de Nossa Senhora das Necessidades de Santo Antonio de Lisboa. No século XIX foram instaladas, em 1809, a da Freguesia de Nossa Senhora da Lagoa do Ribeirão da Ilha, em 1831 a de São João do Rio Vermelho e em 1835 a de São Francisco de Paula de Canasvieiras. Outras seis foram criadas ao longo do século XX: em 1916 a de Cachoeira do Bom Jesus, em 1934 as de Ingleses do Rio Vermelho, e a de Nossa Senhora dos Remédios do Rio Ratoles, em 1967 a do Pântano do Sul, e ainda, em 1995, as do Campeche e Barra da Lagoa. Apesar do crescimento da cidade, nos anos 2000 as estruturas permanecem nessas 11 localidades. As intendências atendem demandas de serviços públicos nas localidades situadas longe do centro administrativo, como cuidar dos cemitérios dos distritos, fazer roçadas, acompanhar o sistema viário e mapear as ruas a serem pavimentadas, entre outros serviços⁵⁴. Com a derrota da situação na eleição municipal de 1985, representada pela ex-Arena (PDS e PFL, atuais PP e DEM/PSD), antigos intendentes que sempre haviam sido sustentáculos dos políticos ligados a estes partidos, perderam poder. O caso mais ruidoso e acompanhado por O ESTADO foi o de Funga-Funga, intendente no Ribeirão da Ilha há décadas pela ligação com Aderbal Ramos da Silva. Uma das manchetes dizia “Funga Funga a

⁵⁴ Dados obtidos a partir de reportagem do jornal *Notícias do Dia* publicada em 26/27 de maio de 2012, p. 6, 7 e 8). A matéria também dizia que apesar de inicialmente propor a extinção das intendências e a criação de sub-prefeituras com maior autonomia e infra-estrutura, o ex-prefeito Dário Berger acabou desistindo por perceber que “A população gosta das intendências. Elas fazem parte da cultura, da dinâmica das comunidades. Não abrem mão das intendências nem do nome. Elas fazem parte da história, da tradição”. ND, 26 e 27 de maio de 2012, p. 8. O prefeito eleito em 2012, Cesar Souza Jr (PSD, ex-DEM/PFL) também inicia sua gestão dizendo que vai extinguir as intendências.

disposição” – o mais antigo intendente da Ilha, de 84 anos, colocou o cargo a disposição do prefeito Piazza (PMDB). (O ESTADO, 04 de abril de 1985).

Fonte: Texto da autora a partir de reportagem do jornal *Notícias do Dia* publicada em 26/27 de maio de 2012, p. 6, 7 e 8, e de matérias veiculadas em O ESTADO, em 1985.

E no dia 3, a manchete principal dizia: “Economia de SC vai bem – governo mal”. Pedro Ivo Campos (PMDB) era o governador. Em outra edição a manchete estadual: “Oeste luta por Universidade” na mesma capa em que aparecia foto grande alusiva ao dia das mães. Na parte inferior da capa, destaque para os 72 anos do jornal, com foto da sede e a chamada: “Há 72 anos a vida e a cultura de SC passam por aqui”, e “Porta voz da comunidade”. No anúncio publicitário do próprio jornal, a frase era: “O Estado, Exercício diário da democracia”. Nesse período o jornal se mostra politicamente mais plural que em anos anteriores e o noticiário estadual é mais abrangente.

No ano de 1988, o jornal está interiorizado, há uma página com notícias das regiões, uma a cada dia e há mais sucursais e correspondentes do que antes. Além dos cadernos fixos O Estadinho (para crianças) e Variedades (cultura e entretenimento), há outros esporádicos, e os Classificados estão organizados por índice, contando com 40 páginas aos domingos, especialmente das imobiliárias. As edições de finais de semana eram diferenciadas e preparadas com antecedência. A capa, aos domingos, continha muitas fotos coloridas, diferente dos outros dias, porque o processo exigia a separação de cores, (como explicamos anteriormente) e isso só era possível para a edição do fim de semana, pois levava dois ou três dias para ser finalizado, conforme relatou um ex-editor. (VALENTE, 2011). Se chegasse algo de última hora não era possível incluir esse recurso gráfico. Posteriormente isso mudou com a chegada de outro equipamento de fotocomposição para a separação de cores.

Os anúncios também confirmam o alcance estadual, com publicidade da Chapecó Alimentos, por exemplo, além dos já frequentes LPO e Casas da Água, entre outros. Publicidade do próprio jornal informa: “O Estado apresenta HOMEM do ano 1988”, destacando Raul Schmidt – Presidente da Tupy, uma importante empresa da área metal/mecânica de Santa Catarina. E ao final do anúncio, a frase: O Estado, um jornal sob

medida para o empresário. A iniciativa visava uma maior aproximação com as lideranças empresariais, adotando um modelo que a RBS usava desde o início de suas atividades no estado, em postura atuante junto ao empresariado e aos políticos por meio de seminários e palestras para saber o que esperavam da nova empresa de comunicação e sobre a importância da publicidade em suas emissoras. A empresa gaúcha usou várias estratégias de relações públicas, campanhas comunitárias, entrega de prêmios para conquistar os anunciantes e incrementar seu negócio⁵⁵. Comparativamente ao que a RBS realizou, a iniciativa de OE citada acima pode ser considerada até tímida, mas a possível para quem possuía apenas um jornal impresso a oferecer como espaço de divulgação.

O ano de 1988, além de ainda ter a presença de Sérgio da Costa Ramos, Miro e Zury, marca a volta do colunista político Moacir Pereira ao jornal, onde permaneceria até 2006, praticamente até a extinção do periódico. Igualmente retorna o colunista social/lógico Beto Stodieck, que ficaria até 1990, ano em que morreu. Num dos textos de 1988, Stodieck trata do “Barulho o tempo todo”, que inicia assim: “Das médias cidades do mundo, seguramente Florianópolis é das mais barulhentas – contando que aqui fábricas não apitam jamais.” O texto termina dizendo que “É a má educação se infiltrando ouvidos escancarados pelo vento sul – ele mesmo fazendo barulho entre frestas dos morros uivantes.” Observa-se o estilo primoroso no uso das palavras, um texto bem escrito e geralmente irônico em relação a alguém ou algo da cidade, características marcantes que fazem o colunista continuar a ser referenciado no meio jornalístico e político/social da capital.

Os dois colunistas, assim como Osmar Schindwein, que retoma a coordenação da área administrativa, integram a equipe formada pelo novo editor-chefe, César Valente. Schindwein conta que já vinha sendo procurado pelo proprietário do jornal e que retornou

com nova proposta de trabalho. Aí o jornal já tinha algumas dificuldades, mas estava ainda

⁵⁵ Conforme Cruz (1994), “documentos internos da empresa (RBS) mostram que a estratégia deu resultados positivos. Houve uma mudança significativa no comportamento dos anunciantes”. (p. 88)

sadio. Nós fizemos algumas coisas tal, mas não funcionou. [...] Quando eu voltei tinha 522 funcionários, era uma loucura. Porque nesse período, muitos diretores, e cada um levava gente, e cada um fazia coisas, inventando, o descontrole foi geral. E aí tinha, e isso era necessário, tinha 14 sucursais, cobria todo o estado e tinha uma logística de distribuição também caríssima. Tive que trabalhar quase seis meses reavaliando tudo isso, reduzindo pessoas, pagar. E nós pagamos a todos, o problema de ficar devendo [salários aos funcionários] é bem mais recente. E foi feita uma reestruturação grande, de 522 ficamos com 220. Fechamos quatro sucursais, demitimos uma porção de gente, enfim, colocamos o jornal assim, já encolhendo um pouco com a proposta estadual. [...] Quando voltei em 1988 havia toda condição do jornal se recuperar, até porque já tinha a experiência do *DC* e a cidade precisava dessa outra voz. Isso era o facilitador: Fiz o saneamento.” (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

E na redação mais enxuta, César Valente, destaca: “Eu e o Flavio Sturze montamos uma redação com o que tinha de melhor, os que a gente achava os melhores. Contra naturalmente o conselho do pessoal mais velho do jornal: ‘Não, esse pessoal do PT, isso aí é muito encenqueiro’, a gente não ligou para isso.” (VALENTE, informação verbal, 2011). Porém, coincidentemente é nesse período que passam a aumentar as ações trabalhistas de jornalistas contra a empresa, conforme relatado pelo advogado do Sindicato dos Jornalistas: “discutindo disfunções, jornadas extraordinárias não renumeradas, os profissionais sempre trabalhavam muito mais e não eram renumerados pelo que o jornal exigia, além do que, viajavam...[...] Fundamentalmente a questão da sobre jornada, o desrespeito ao piso salarial.”(MELLO, depoimento, 2011).

A equipe formada então motivou o jornal a usar esse fator como atrativo para os leitores, dizendo, em 1988, que “O Melhor do jornalismo está aqui”, em foto com alguns nomes de jornalistas e colunistas destacados,

como Moacir Pereira (Política), Luiz Henrique Tancredo, Beto Stodieck (Político/social), Zury Machado (Alta sociedade), Sérgio da Costa Ramos (Crônica), Miro (Social), Mário Ignacio Coelho (Esportes), Joelmir Betting (Economia nacional) e Castelo Branco (Política nacional).

No ano seguinte, porém, a redação entra em crise e surge “a encrenca” prevista acima, com greve dos jornalistas, conforme relatamos no capítulo anterior. César Valente, que havia assumido como editor chefe em meados de 1987, deixa o cargo e assume em seu lugar Mário Pereira. Numa das edições de 1989, a manchete principal é nacional e indica o jornalismo então praticado: “Brasil mostra a tua pobreza”, explicando no entretítulo que “A ausência de uma política salarial definida está empobrecendo os brasileiros. Desde sua criação, salário mínimo nunca valeu tão pouco.” A crise financeira se mostra também no jornal, em que já não existem mais os suplementos especiais implantados alguns anos antes. Na parte inferior da capa referida acima, uma manchete com foto: “O ESTADO começa seu ano 75”, “Em 1915, como em 1989, um jornal **ao lado dos catarinenses e da verdade**”. E na legenda da foto: “Amanhecendo nas ruas, O ESTADO aumentou suas vendas avulsas nos últimos dois meses.” Em texto do caderno comemorativo, o crescimento é abordado como uma reação do jornal, e diz que a venda no último domingo fora 52% superior ao fim de semana anterior. A logomarca aparece no meio do alto da capa, com pequeno anúncio em cada um dos lados. A capa traz também foto mostrando garoto que vende o jornal na sinaleira, com ponte Hercílio Luz ao fundo. E no anúncio referente ao aniversário: “Seu jornal de hoje. E sempre.”, com foto de Comelli e declaração dele entre aspas finalizando com símbolo de 75 anos. O texto termina dizendo: “Catarinense, O ESTADO estava aqui há 74 anos, aqui está hoje e **daqui jamais sairá**”.

A determinação na fala acima iria se mostrar persistente ao longo do percurso ainda a percorrer naqueles vinte anos seguintes. Mas nas páginas internas uma tentativa de mudança no discurso da tradição: “Estado faz 75 anos de olho no futuro de SC”, diz a manchete. Talvez seja reflexo da chegada do novo editor-chefe, Mario Pereira, que assumira em março daquele ano tentando dar “outro rumo na questão editorial”, como diz no texto “Venda avulsa foi recuperada em dois meses”, nas páginas do caderno comemorativo.

Figura 4: Capas de O E ao final dos anos 1980. Cor aparece na capa e some. Comelli se destaca.



Porém, ao lado desta chamada, outra reforçava a assertiva de sempre: “Verdade e justiça, uma boa receita de jornal”. Inicialmente o texto fala de obstáculos enfrentados pelo jornal, relacionando-os a influências externas, e de que estes exigem dinamismo e renovação. Depois observa que o jornal continua a ter credibilidade dentro da sociedade catarinense. No penúltimo parágrafo o texto destaca: “Nos últimos tempos certas lições foram aprendidas pela empresa, o que a levaram a tratar com certa dureza a defesa dos princípios que sempre teve: **verdade e justiça**. A grande meta é o crescimento que permitirá a disputa de fatia cada vez maior de leitores”. Pode-se presumir que procura enaltecer que o conteúdo do jornal é crível, ou seja, se refere a uma concepção de verdade como contraposição à mentira, está vinculada a uma afirmação moral, sem considerar que a realidade é também uma representação e de que verdades se produzem, são parte de práticas discursivas, como diz Foucault:


Há efeitos de verdade que uma sociedade como a sociedade ocidental, e hoje se pode dizer a

sociedade mundial, produz a cada instante. Essas produções de verdades não podem ser dissociadas do poder e dos mecanismos de poder, ao mesmo tempo porque esses mecanismos de poder tornam-se possíveis, induzem essas produções de verdades, e porque essas produções de verdade, tem, elas próprias, efeitos de poder que nos unem, nos atam. (FOUCAULT, 2012, p. 224).

O discurso, neste jogo do verdadeiro e do falso, tenta ser um contraponto, um modo de se legitimar com mais autoridade frente ao concorrente. Lida com o discurso jornalístico como um saber sobre o cotidiano, submetido ao critério do verdadeiro e do falso como princípios norteadores principais. A constante repetição dessa assertiva ao longo dos anos “opera sobre si mesmo todo um trabalho de elaboração finalizado pela tarefa de ‘dizer a verdade’.” (FOUCAULT, *apud* CHARTIER, 2002, p. 188). O final da frase entre aspas indica, como se abstrai do autor em questão de que há uma intenção de verdade, a verdade daquele discurso, posto que não há uma verdade única. Mas no discurso de sua verdade, o jornal descreve os acontecimentos como se fossem a mais fiel tradução do cotidiano desta coletividade no espaço de um dia. E embora fale em futuro num dos anúncios do próprio periódico, continuam em evidência a cada ano a tradição, a história do jornal, em seus próprios anúncios e na publicidade de empresas e entidades locais/estaduais que se identificam na defesa da mesma posição. Uma demonstração clara de procurar se diferenciar do *Diário Catarinense*, recém chegado de outro estado, ou seja, sem história e identidade locais.

Em 1990 já aparecem menos notícias do interior, embora ainda estejam relacionadas sucursais no expediente do jornal. A crise financeira se instala de forma mais visível, diferente de outros períodos, em que por vezes os insumos para produzir o jornal ameaçavam faltar: “tinha determinadas épocas do ano em que dava certas crises de caixa, aí às vezes o papel ficava escasso, não tinha em estoque, rodava o jornal com o insumo que chegava naquele dia. [...] Às vezes pedia emprestado e tal. Eram crises que depois passavam.” (VALENTE, depoimento, 2011). Um exemplo de como, por vezes, a situação chegava a limites críticos:

Figura 5: CI de editor chefe demonstra situação crítica por falta de insumos.

COMUNICAÇÃO INTERNA			O ESTADO
Nº _____			DATA: _____
DE: <u>Editor Chefe</u>	PARA:	<u>Diretor Executivo e GAF</u>	
<p>São 22h e o jornal ainda não está fechado por uma única razão: com a falta de chapas que vai acabar impedindo o jornal de circular qualquer dia destes, não podemos fazer segundo clichê nem na capa. Temos que imprimir sem cor. E com Ministro na cidade, greves estourando e acabando, não podemos sair a menos que tenhamos todo o material mais importante. Não podemos circular na capital sem os assuntos do dia. Não sei qual é a política para as chapas, mas certamente ela é uma política suicida, que vai acabar causando desastres bem mais graves que o de hoje.</p> <p>Não adianta nenhum tipo de economia se o jornal não sai. O mínimo essencial para que o jornal circule era preciso garantir. Se isso não for possível, então, por favor, não temos mais nada a fazer aqui.</p>			

Uma das manchetes daquele mês de maio diz que “OE faz 75 anos de olho no futuro de SC”. É lançado o Domingo Magazine, em substituição ao antigo Caderno 2. Visualmente o impresso se apresenta mais agradável, a partir da adoção da diagramação por blocos, que melhor organiza os conteúdos e distribui de forma mais eficaz as manchetes na página. Nesta diagramação, o desenho das páginas é feito a partir do alinhamento lateral dos textos, buscando sentido de organização e harmonia do todo. São eliminados os cercos de matérias e colunas num projeto gráfico visando diminuir a poluição visual. Gráficos, ilustrações e tabelas passaram a ser mais utilizados e visavam facilitar a leitura e agradar o leitor. A influência da televisão começa a ser absorvida pelos jornais, que procuram usar mais recursos gráficos para equilibrar forma e conteúdo, para tentar agradar às novas gerações de leitores, mais expostas a apelos visuais. E está dentro de um entendimento de que um

bom texto já não é o único fator para o destaque da reportagem, que também tem que ter impacto visual. Em relação aos anos anteriores, há menos anúncios comemorativos ao Dia do trabalho. Anúncios grandes de novos condomínios imobiliários, ocupam páginas inteiras.

Apesar das melhorias no aspecto visual, a partir daí o jornal O ESTADO começa a perder fôlego, muda constantemente os aspectos gráficos e editoriais, assim como os nomes e funções do quadro organizacional, especialmente dos diretores da área comercial:

é um jornal meio que administrado por espasmos. Então, a época que o Sardá era editor era uma coisa, quando eu fui era outra coisa, quando foi Mario Pereira era diferente. Então, essas mudanças, quando mudava um editor, elas não deveriam significar tanta mudança assim, porque, afinal, é o mesmo jornal. Deveria ter uma cabeça pensante, ou o dono do jornal, ou conselho, ou a diretoria e tal que chamasse o cara novo, e ele segue o projeto, o jornal vai continuando. Como é a *Folha*, *O Estadão*, *O Globo*, que entra e sai editor, muda três quatro pessoas, mas o jornal segue o mesmo. Assim as mudanças ocorrem quando há reforma gráfica, reforma editorial, etc. Mas não a cada mudança de editor, muda tudo.(VALENTE, depoimento, 2011).

A tabela abaixo demonstra a instabilidade organizacional ao longo dos últimos 22 anos do jornal.

Tabela 1: Relação de dirigentes e funções ao longo de 22 anos do jornal.

Ano	Nomes	Cargos/funções
1985	José Matusalem Comelli Marcílio Medeiros Filho Edmundo Comelli Osmar Schlindwein Amaury Mattos; Luiz Fernando Arzue Bond	Diretor Presidente Diretor Superintendente Diretor Diretor Comercial Editor- chefe Editor-chefe
1986	José Matusalem Comelli Marcílio Medeiros Filho Edmundo Comelli Antunes Severo Luiz Fernando Bond Eduardo Pinto	Diretor Presidente Diretor Superintendente Diretor Diretor Executivo Editor-chefe Editor-assistente
1987	José Matusalem Comelli Marcílio Medeiros Filho Geraldo Valente Canali Jaime Lorenzetti Eduardo Pinto	Diretor Presidente Diretor Superintendente Diretor Diretor Executivo Editor-chefe
1988	José Matusalem Comelli Osmar Schlindwein Cesar Valente	Diretor Presidente Diretor Editor chefe
1989	José Matusalem Comelli Osmar Schlindwein Cecílio Antonio Azevedo Fonseca Mário Pereira João dos Passos Martins Neto	Diretor Presidente Diretor Diretor Administrativo/financeiro Editor chefe Chefe de redação Gerentes de vendas, circulação, etc.
1990	José Matusalem Comelli Antonio Rosa de Albuquerque José Luiz de Pina Pereira Osmar Schlindwein Mario Pereira	Diretor Presidente Diretor Administrativo/financeiro Diretor Comercial Diretor de Marketing Editor-chefe
1991	José Matusalem Comelli	Diretor Presidente

	<p>Mario Pereira João Martins Antonio Kowalsky So. Fabio da Silva Comelli Valmir Carlindo Pires Ricardo Athayde Fernando Carlos Costa</p>	<p>Editor-chefe, Chefe-reportagem; Editor executivo. Gerente Executivo Gerente Comercial Gerente de Vendas Gerente de Operações Comerciais</p>
1992	<p>José Matusalem Comelli Ângelo Medeiros Adriano Kalil Escada Fabio Comelli Tecio Albuquerque Fernando Carlos Costa</p> <p>Valmor Carlindo Pires Paulo R Della Pasqual Marco Antonio Seifriz Hadilson Savi</p>	<p>Diretor Presidente Chefe Redação Diretor Comercial Gerente Gerente Comercial Gerente Operações Comerciais Gerente Comercial Impressão Gerente Industrial Gerente de Marketing Gerente de Circulação</p>
1993	<p>José Matusalem Comelli Edmundo Comelli Fábio da Silva Comelli Mario Antonio da Silva Pereira Carlos Alberto Ferreira</p>	<p>Diretor Presidente Diretor. Superintendente Diretor Executivo Editor chefe Editor executivo Diretor Comercial mais 5 gerentes de unidades;</p>
1994	<p>José Matusalem Comelli Mario Antonio da Silva Pereira Adriano Kalil Escada</p>	<p>Diretor Presidente Editor chefe Diretor Comercial</p>
1995	<p>José Matusalem Comelli Osmar Antonio Schlindwein Adriano Kalil Escada Mario Antonio da Silva Pereira Carlos Damião Werner Martins Antonio C Alves de Carvalho</p>	<p>Diretor Presidente Diretor Administrativo Diretor Comercial Diretor editorial Editor Chefe Chefe de redação</p>
1997	<p>José Matusalem Comelli Fábio da Silva Comelli</p>	<p>Diretor Presidente Diretor de Planejamento e Expansão</p>

	Osmar Antonio Schlindwein Adriano da Fonseca Carlos Damião Werner Martins Antonio Carlos Alves de Carvalho	Diretor Administrativo Diretor Comercial Editor chefe Editor executivo
1998	José Matusalem Comelli Carlos Damião Graziela Maines Lauro A Cordeiro	Diretor Presidente Editor chefe Gerente de Projetos especiais Gerente Comercial
1999	José Matusalem Comelli Belmiro Sauthier Jurandir Camargo Graziela Maines Ney Vidal Carlos Damião	Diretor Presidente Diretor de Redação Editor Geral Editor Executivo Editor Executivo Editor de opinião
2000	José Matusalem Comelli Fabio Comelli Carlos Moura Paulo Della Pasqua Lauro Cordeiro	Diretor Presidente Diretor Comercial Editor Chefe Gerente Administrativo e Financeiro Gerente Comercial
2001	José Matusalem Comelli Francisco Góis Fabio Comelli Ariel Botaro Filho Marco Proença Sandra Annuseck	Diretor Presidente Diretor Geral Diretor Diretor de Redação Gerente Comercial Editora Geral;
2002	José Matusalém Comelli Fabio Comelli (sai em 09/05/2002) e entra Marcio Gumy König Sandra Annuseck	Diretor Presidente Diretor Coordenador de marketing e vendas Editor Geral
2003	José Matusalém Comelli Sandra Annuseck	Diretor Presidente Editor Geral
2004	José Matusalém Comelli Lamartine Faleiro Jr Antonio Henrique da Silva	Diretor Presidente Diretor geral Gerente de Vendas

	Paulo Clovis Schmitz	Coordenador da redação
2005 e	José Matusalém Comelli	Diretor Presidente
2006	Sérgio Negrão	Editor
2007	José Matusalém de Carvalho Comelli	Diretor

Fonte: Formatado pela autora a partir da verificação do expediente do jornal.

Os dados mostram a persistência do proprietário frente à direção, assim como idas e vindas de alguns colaboradores, como Osmar Schindwein, e ainda, a presença de parentes entre os dirigentes. Interessante também observar uma questão de gênero: somente a partir de 1998, quando já em decadência, o jornal teve mulheres (apenas duas) em cargos nominados no expediente, embora várias jornalistas tenham atuado no periódico muitos anos antes.

2.4 A crise instalada a partir de 1991

Em maio de 1991 aparecem nominadas no expediente apenas sucursais nos polos regionais, mas não mais em Chapecó, indicando que a estadualização do jornal começa a ser reduzida pela região mais longínqua, a mesma que foi a última a ser alcançada quando a circulação abrangue todas as regiões catarinenses. As edições saem com 16 páginas editoriais e 8 de classificados durante semana e 24 páginas de classificados aos domingos, uma visível redução em relação aos anos anteriores. Mas poucos anúncios significativos, mantendo-se os já regulares das Casas da Água e BESC, e um anúncio grande, Voa Brasil, da Transbrasil. O Sindicato das agências de propaganda vende a ideia de “Ação e reação”, falando da importância das empresas anunciarem na imprensa. A campanha do sindicato parece indicar uma forma de “ajudar” o jornal em dificuldades, tanto diretamente, por meio dos anúncios, como pelo conteúdo de chamamento aos empresários para que anunciem na imprensa. Evidencia-se as transformações pelas quais o jornal passou após décadas de existência e de como as imagens passaram a ter maior presença nas páginas.

Entre as homenagens de prefeituras, entidades e empresas, o anúncio da Aemflo – Associação Empresarial da Região Metropolitana de Florianópolis sobre a data: “O Jornal O Estado faz parte de nossa história. Sem ele, SC não seria a mesma. Parabéns pelos seus 76 anos”,

e das empresas Hoepcke⁵⁶: “Poucos grupos empresariais podem dizer que viram o jornal O Estado nascer, em 1915. O grupo Hoepcke orgulha-se tê-lo visto nascer e crescer. Parabéns a este autêntico catarinense, muitos anos de vida.” Nas páginas do caderno especial, as manchetes: “Uma escola de jornalismo”; “Um Jornal que formou diversas gerações”, “Hoje o jornal é menos elitista e mais comunitário”. “ARS imprime seu estilo por 39 anos”, e abaixo: “Invasão de gaúchos e alta rotatividade”, destacando os jornalistas que vieram em grande número do Rio Grande do Sul para atuar no jornal. Mas a mais significativa das manchetes diz que a “Empresa anuncia os novos investimentos”, destacando a informatização do departamento de circulação, para que o jornal chegasse mais cedo aos assinantes e às bancas, e investimentos na produção industrial e em recursos humanos.

A matéria chama a atenção por tratar diretamente das dificuldades pelas quais o jornal passava: “No mínimo há dez anos espalha-se por todo o estado de Santa Catarina que o jornal O ESTADO está falido, que fechará em seis meses, e lá se vão 76 anos”. E prossegue: “Seria no mínimo desonesto afirmar que a empresa está indo de vento em popa, até porque o quadro recessivo afetou os brasileiros, sem distinções. Mesmo assim, em plena época de crise, os empresários preocupam-se em investir nas empresas...”. Pela sua relevância no contexto deste trabalho, considero importante reproduzir aqui outras partes da referida matéria, especialmente por relatar medidas recentes para tentar reverter a situação do jornal, por citar a concorrência e pela referência a ser catarinense:

Em 1990 a Empresa Editora o Estado contratou os serviços de uma empresa paulista de consultoria. Segundo o diretor-presidente, “o trabalho desenvolvido pela equipe foi muito significativo e os resultados já estão sendo sentidos”. O atual momento econômico exige algumas definições para a mídia impressa que vão desde o sistema administrativo até a organização, sem esquecer a readequação dos

⁵⁶ Empresas da própria família Ramos/Hoepcke

métodos. Com o quadro declinante das atividades econômicas, “há um reflexo em nossas receitas. Assim, temos que trabalhar com orçamentos bem mais apertados e ajustados à nossa realidade. Mas, ao mesmo tempo, não se pode descuidar do aspecto de investimentos – que deve ser o principal – nem do avanço tecnológico”, argumenta. Desde meados do ano passado, a redução violenta nas receitas das empresas vem prejudicando o bom andamento do setor. Além disso, o aumento dos custos de produção de um jornal caracteriza um quadro difícil de ser revertido. [...] A concorrência não afeta o jornal. Na opinião do diretor presidente, ela é “necessária e salutar, mesmo que as vezes se transforme numa guerra, desde que sejam respeitados os padrões éticos”. [...] E em relação a importância de O ESTADO para a sociedade catarinense? Segundo José Matusalém Comelli, “essa resposta deve ser dada na sua verdadeira justiça pelos catarinenses e todos os que admiram esta terra, amam e fazem dela o solo fértil para o seu trabalho diário e formação de seus familiares”. (OE, 12 de maio 1991, caderno especial de aniversário, p. 18)

Apesar da tentativa de mostrar iniciativas visando a recuperação do jornal, os procedimentos adotados não se mostraram eficazes para alcançar o objetivo proposto. O clima no meio jornalístico era de preocupação com os rumos do periódico, como demonstra o depoimento abaixo:

Eu fui entrar muitos anos depois no jornal O ESTADO, quando ele pediu para participar da discussão em busca de solução de não sei quantos processos trabalhistas, e encontrar a melhor forma de ele pagar a conta. [...] Mas o

Jornal O ESTADO não fez isso, então ele foi de um processo, de uma saúde financeira que ele tinha, e cada vez mais foi se debilitando, foi contraindo pequenas doenças, e estas pequenas doenças foram debilitando de tal forma que, por exemplo, numa ação perderam, numa penhora, um imóvel onde era sede de TV no morro do Antão. Perderam um terreno grande, que gerava um aluguel razoável por mês. Isso é um problema. Eles perderam, muitos e muitos terrenos que eram parte do crédito deles em dois loteamentos aí importantes que tem na ilha. Inclusive para o INSS. (MELLO, depoimento, 2011).

O depoimento relata a gradativa perda de bens patrimoniais devido ao crescimento de dívidas cujos pagamentos foram protelados, especialmente de tributos e pendências trabalhistas. Uma situação que em pouco tempo se tornaria incontornável.

2.4.1 “O ESTADO é catarinense e não pretende ser mais do que isso”.

Em 1992, a logomarca O ESTADO, continua no mesmo formato e posição, mas ao lado direito, sai o pequeno anúncio publicitário e surge o número 77, em alusão à idade do jornal. A data é destacada logo abaixo em linha contínua que diz “77 anos escrevendo a história catarinense” como se fosse uma continuação do título do jornal, já que a manchete principal do dia vem depois, em negrito: “Ônibus urbano aumentam 57,21%”. A partir dali o número alusivo ao ano de existência do jornal passa a figurar em muitas edições, às vezes a direita da logomarca O ESTADO, outras, a esquerda.

Figura 6: Capas, respectivamente, de 1992 e 1994, demonstram modificações do estilo gráfico.



No mês de maio de 1993 destacam-se entre os anúncios, o que divulga a abertura do Beira-mar Shopping em poucos meses, e a publicidade das empresas Jurerê Internacional, Costão do Santinho, entre outras, em homenagens relativas ao dia das mães. As duas empresas são consideradas de alto padrão, com produtos direcionados para o público de maior poder aquisitivo, e atuam tanto na área imobiliária, com venda de imóveis nas praias dos mesmos nomes, como na hotelaria. Algumas chamadas de capa tem fundo em cor para maior destaque. Deixar cor no fundo do texto era mais simples e mais econômico, pois exigia somente um fotolito, enquanto que para colocar uma foto colorida eram necessários quatro fotolitos. Ao falar de si mesmo, o jornal enaltece as mudanças gráficas que implementou e diz: "O Estado mudou....E continua o mesmo."

No caderno de aniversário, uma das matérias destaca um leitor "Fidelidade cinquentenária une o assinante Aloísio ao jornal". Mas um dos aspectos mais significativos da edição daquele dia foi o editorial a

respeito do aniversário do jornal “78 anos depois”, que diz que apesar da violenta transformação das tecnologias na área da comunicação, é preciso não esquecer o ser humano que produz e recebe o jornal. Destacamos grande parte do texto para demonstrar o discurso daquele momento, assinalando algumas expressões em negrito pela sua relevância no contexto:

Quadro 8. Editorial de 78 anos reafirma lugar cativo do jornal em Santa Catarina.

O jornal completa 78 anos de presença constante na vida catarinense. Apesar de todas as transformações impostas pelos novos tempos e as novas tecnologias, durante todos estes anos manteve acesa a chama do velho ideal que presidiu sua fundação em 1915: ser o **legítimo porta-voz** dos anseios e reivindicações da gente catarinense. Este jornal tem uma história que se identifica intimamente com a história de Santa Catarina, da qual é um **patrimônio**. Tem uma tradição de respeito com o leitor, duramente conquistada e mantida por quantos profissionais nele trabalharam no decorrer destas quase oito décadas. Gerações de jornalistas e de leitores alimentaram esta tradição. O respeito conquistado nesta longa convivência constitui o maior capital e o mais precioso patrimônio que uma empresa de comunicação pode almejar. O jornal **O ESTADO é catarinense e não pretende ser mais do que isso**. Manter esta **tradição**, crescer cada vez mais no respeito do leitor, levar a informação completa e isenta, as opiniões fortes a que jamais fugiu na defesa dos interesses desta terra continuam sendo objetivo e preocupação constantes. O mundo se reflete no horizonte conhecido por nossos olhos de crianças, escreveu François Mauriac. Aos 78 anos o Estado ainda tem olhos de criança, uma criança que ama sua terra e sua gente.

É a reafirmação da aposta na tradição, mas aparentemente esquecendo que “em cada época, é preciso arrancar a tradição ao conformismo, que quer apoderar-se dela”, como diz Benjamin (1985, p. 224). E na exaltação ao ser catarinense, ao fato de não ser um conglomerado da comunicação (como o principal concorrente), mas, sim, uma empresa local, sem nenhuma pretensão expansionista. É quase um pedido de clemência frente ao poder do grupo concorrente, que visa alcançar cada vez mais espaço. A insistência no fato de ser catarinense vinha

acompanhada de um sentimento de traição, conforme podemos observar do depoimento abaixo:

Esperava-se que os comerciantes anunciassem no jornal e não anunciassem lá [no concorrente]. E o outro lá oferecia mais coisas, pacotes que incluíam anúncio na novela da TV, que todo mundo vê, e a audiência de TV na época era muito maior que hoje, todo mundo via mesmo. E aí o cara: “pô, os caras tão me oferecendo isso aqui, não posso ficar fora”. O Comelli tomava isso como quase uma ofensa pessoal de ingratidão dos catarinenses com um produto que era catarinense de verdade. (VALENTE, depoimento, 2011).

Em maio de 1994, o expediente relaciona apenas os nomes do Diretor Presidente, do Editor chefe e do Diretor Comercial. Há menor quantidade de matérias e diagramação deixa visíveis mais espaços em branco entre as linhas, o que, entre outras coisas, pode ser um indicativo da falta de projeto gráfico, da ausência de uma estrutura de arte bem definida, e, principalmente, da diminuição do conteúdo do jornal. As colunas Informação geral e PCR aparecem lado a lado ao final da página 4, quando anteriormente estavam na 2, mais um indicativo das inconstâncias na diagramação. Entre os principais anunciantes observa-se o Shopping Beira Mar, Costão do Santinho, Phipasa, Dimas, Emcatur, Reunidas, e Koerich, todas empresas locais/estaduais.

2.4.2 Na comemoração dos 80 anos, OE procura demonstrar sua força e história

Ao completar 80 anos, em 1995, O ESTADO publicou um caderno comemorativo com 76 páginas bem recheadas de anúncios, ainda em formato *standard*, com vários artigos sobre a sua história e a de Santa Catarina. Manchete principal da capa do dia 13 destacava: “80 anos escrevendo a história”, e a direita da logomarca O ESTADO aparecia a campanha “Vamos segurar a ponte”, com a Hercílio Luz⁵⁷ ao fundo da

⁵⁷ A campanha em defesa da preservação da ponte será aprofundada no próximo capítulo.

mensagem. Como alguns dos exemplos das matérias alusivas ao aniversário podemos citar: “Lutando o bom combate”; “Comelli enfatiza a profissionalização”, “**Modernização** é constante”, “Surgimento: o desafio da comunicação”, “Com Aderbal, a consolidação do jornal” “Jornal entrava na luta pelos interesses sociais”. O regular caderno especial de aniversário, além de enaltecer a história, tentava se projetar para o futuro, em anúncios que reuniam um idoso e uma criança: “Ser jovem é enxergar o futuro olhando o passado”. “O Estado 80 anos, transformando fatos em história”; “Ser jovem é ter 80 anos e fazer planos para o futuro”. Naquele ano o extenso caderno comemorativo parece ser uma afirmação e uma despedida de um tempo em que liderava a imprensa em Santa Catarina.

Em um texto assinado pelo jornalista Carlos Damião sob o título “Idade do jornal é prova de consistência” é enalticida a importância do periódico para conhecer a história de Florianópolis e Santa Catarina. Num dos trechos o texto diz: “O jornal vai dia-a-dia registrando informações que servem para atualizar a história, para torná-la mais próxima do cidadão. Afinal, o que são as notícias se não o registro dos fatos ocorridos e das transformações que eles podem desencadear?” Mais adiante o mesmo artigo retoma o assunto: “A ‘atualidade’ que divulgamos hoje, é a história viva, é o conjunto de informações que, acumuladas, vão formar um mosaico, um painel sobre o país, o estado, a cidade”. O texto destaca o jornalismo como historiador do cotidiano do tempo presente, mas que pode vir a ser também referência para recuperação de informações sobre eventos do passado. Os registros jornalísticos de todo dia como marcas dos acontecimentos de uma coletividade num determinado período, ainda que (de)formados por interesses político/ideológicos diversos. Mesmo assim, o testemunho factual de episódios, eventos, acontecimentos que ao longo dos anos mostram-se de relevância maior ou menor para o conjunto social, mas que, impressos em papel, permitem a verificação de sua importância ou podem ser fonte de consulta para pesquisa sobre algo que se passou em dias/anos recentes.

Várias matérias enalticem ex-colaboradores como Arthur Monteiro (jornalista), Orestes Araujo (fotógrafo) e Beto Sotdieck (colunista social), e ex-proprietários, como ARS e Altino Flores. As congratulações são de empresas, entidades e instituições como Assembleia Legislativa de Santa Catarina, Hering, com camiseta inscrita O Estado e abaixo: “Há 80 anos na moda”; Intelbrás: “uma idéia tem

que ser muito boa para durar 80 anos”; Shopping Beira Mar: “Depois de 80 anos não é só um jornal, é um clássico”. Ou seja, os cumprimentos e homenagens pelo aniversário referem-se basicamente à história e à tradição, como vemos também nas frases abaixo: “Uma ideia precisa ser muito boa para durar 80 anos”. “Parabéns O Estado pelos 80 anos de memória e informação”. “Um compromisso de papel passado com a verdade há 80 anos”. “Há 80 anos contando a história de tudo que aconteceu em Santa Catarina”. “...sua brilhante trajetória se confunde com a própria história de Santa Catarina”. Mas um dos anúncios próprios do jornal enaltecia a tradição e profetizava confiança no futuro: “Primeiro foi seu bisavô, depois seu avô, seu pai e agora você. O ESTADO, o jornal que seus bisnetos irão ler”.

No editorial do dia, destaque para a “tríplice comemoração”: O Estado, Ponte Hercílio Luz e ACIF- Associação Comercial e Industrial de Florianópolis. E apesar de dizer dois anos antes que o jornal estava menos elitista e mais comunitário, desta vez o anúncio do próprio periódico preconizava: “O Estado inverteu a pirâmide social: tem 62% de assinantes nas classes A e B”, uma tentativa de atrair anunciantes de grande poderio econômico ou relevância social.

Em maio de 1996 o que se destaca são as muitas cores nos anúncios, inclusive na capa, tais como Koerich, Planel, Feind, Bradesco, Santa Rosa, Imperatriz, Governo de SC, Costão do Santinho. A profusão de cores e fotos mostra a aposta no aspecto visual, na valorização da imagem como forma de atualizar o jornal, que passava a contar com redação informatizada. Os Classificados têm entre 12 a 24 páginas e surgem os encartes especiais, como o da UFSC, quando da posse do novo reitor Rodolfo Pinto da Luz. Entre os assuntos em destaque na capa: “Obras da SC 401 iniciam em junho”, e abaixo: “Estado da velha figueira é grave”. Nas internas: “Jornal O Estado promove campanha para assinantes” enaltecendo as vantagens de assinar duas publicações, por meio da parceria com outra editora, o jornal O ESTADO, e uma das seguintes revistas: Boa Forma, Viagem, ShowBizz e Arte e Decoração; “O Estado, mais por menos, assinando jornal você ganha revista”. Apesar de ainda ter alguns anúncios de página inteira e apostar nas cores, a diminuição da estrutura jornalística fica evidente em algumas edições com poucas chamadas na capa e em que o espaço em branco fica visível. Ou seja, o aproveitamento do espaço não é completo, com poucas manchetes e abertura maior do fundo branco. Num dos anúncios sobre o próprio jornal, a afirmativa: “Documento de

identidade”, seguida de foto de uma edição do jornal e numa parte do texto: “Identidade absoluta com o nosso jeito de viver. O Estado, 81 anos”.

No caderno especial daquele ano, as matérias sobre sua própria história se repetem: “Passado e futuro em integração”; O Estado, acompanhando de perto a história”; “Registrando e fazendo a história local”, “O Estado, a juventude do envelhecimento”, “Um poder contra a manipulação”, “Leitores fiéis seguem a mesma rotina há anos e elogiam toda trajetória”, “Desde o início do século relatando a vida do povo de Florianópolis”, “Oito décadas a serviço da boa informação”, “Mais do que um jornal, O Estado é **verdadeira** fonte de pesquisas da história do século XX”. No espaço publicitário do caderno estão, entre outros, CBI, Habitasul, prefeituras, Amauri, Box 32, AM Construções e Incorporações, e Governo de SC. Várias entidades alertam: “A ponte continua pedindo socorro. E ninguém pede socorro por muito tempo.” A campanha pela preservação da ponte faz lembrar que é um símbolo agonizante, como o próprio jornal. Permanece a aposta de sempre na Tradição, a insistência de que O ESTADO é daqui e tem leitores fiéis e uma trajetória histórica.

2.4.3 Diminuem as páginas e sucursais. Promoções e vale tudo para anunciantes

Em maio de 1997 permanecem os colunistas dos anos anteriores, e há sucursais apenas no litoral: Itajaí, Tubarão, Criciúma. O número de páginas editoriais começa a diminuir, 16 durante a semana e 24 aos domingos. Além do costumeiro artigo na página 2, PCR passa a ter página inteira no fim de semana. Uma das capas daquele mês noticia: “Relatório inocenta Hülse” (Vice-governador de Paulo Afonso, ex-governador que venceu processo de cassação de mandato na Assembleia Legislativa). Sobre o mesmo assunto, outra manchete destacava: “Paulo Afonso acusa golpismo”. Outra chamada é sobre um acidente em Lages: “Choque de aviões mata treze”. O anúncio de página inteira sobre o jornal apontava para sua nova abrangência, basicamente regional/local: “O ESTADO está mudando porque o seu mundo está mudando. [...] O ESTADO, as notícias de seu mundo”.

A mudança iniciada em novembro do ano anterior a partir da editoração eletrônica é perceptível na capa com cor em todas as fotos e ainda fundo colorido em algumas chamadas. Com os novos equipamentos era

possível ter cor em todas as edições, diferentemente do período anterior em que eram permitidas apenas duas seleções de cor, o que limitava a colocação de detalhes coloridos, conforme já descrito anteriormente. Um dos motivos para o acúmulo de fotos, texto e cores na capa era para fazer bom uso do novo recurso gráfico da policromia. Aparece então profusão de cores na capa e contracapa, uma grande mistura de estilos de chamada e de fontes das letras, títulos maiores, chamadas vistosas e mudança no estilo do nome do jornal. Nas páginas internas igualmente há o uso de mais fotos, inclusive coloridas, ao mesmo tempo em que os textos aparecem em fontes tipográficas maiores, mas mais compactos.

Igualmente os anúncios aparecem coloridos: Koerich, Telesc, RDO, Boticário, Paquetá, Kimoto (duas páginas inteiras). A propaganda predominante é de prefeituras e instituições de ensino e menos de empresas. O caderno comemorativo de 1997 traz entre os destaques a trajetória do jornal, e na mesma página um anúncio de parabéns chama a atenção por dizer: “Parabéns O ESTADO. São 82 anos acompanhando o crescimento de um estado e valorizando suas tradições. São mais de 80 anos de história bem contada para três gerações de catarinenses. Obrigado pelo jornal nosso de cada dia, escrito com nossa letra, lido com o nosso sotaque”. Em sua própria alusão ao aniversário, os dizeres: “Há 82 anos, O ESTADO deixa seu mundo mais claro, transparente e sem entrelinhas.” Outro anúncio promove Zury Machado: “Há 50 anos, O ESTADO é o jornal mais bem frequentado de SC. Zury Machado, colunista de O Estado desde 1948”. No caderno, manchetes como: “Jornal foi criado como alternativa à imprensa política”. “Marca de O ESTADO: grandes reportagens”. “Projeto dá ênfase em novos públicos” (naquele momento alvo principal eram os jovens).

Esse redirecionamento tem a ver com a liderança, naquele momento, do diretor de Planejamento e Expansão, Fábio Comelli, filho do proprietário do jornal, que é destacado na matéria “Mudanças, para atender cada vez mais o leitor”. Nela, Fábio enfatiza que a modernização do jornal é um passo fundamental para que possa manter características de competitividade. E destaca o lançamento ou relançamento de produtos como O Estadinho, Magazine e o suplemento Carro & Mercado, para “atender exigências do público leitor”. Os suplementos são destinados, respectivamente, ao público infantil, jovens/mulheres e aos apreciadores de automóveis. Por fim, o então diretor de O ESTADO explica ainda que “Todo o jornal está sendo reestruturado para atender as necessidades do leitor, seja com o serviço

de telemarketing, a Central de Atendimento ao Leitor, a qualificação dos serviços em todas as áreas – inclusive a circulação...” Percebe-se aqui a opção pela diretriz de procedimentos que são utilizados pelo jornal concorrente, ou seja, a adoção da lógica de servir aos interesses do público mais do que oferecer um jornal de interesse público. O jornal também procurar inserir produtos especiais como forma de obter retorno financeiro. Continuam a aparecer cadernos especiais de outras entidades e instituições, como um de quatro páginas sobre os 32 anos da UDESC, e outro sobre seguros. Os cadernos especiais geralmente aproveitavam oportunidades, como aniversários de instituições e empresas, para oferecer esta forma de divulgação às mesmas e ampliar assim sua possibilidade de obtenção de receita financeira, e eram elaborados pelos próprios colaboradores do jornal. Porém, conforme o ex-diretor Osmar Schlindwein (2011), embora ajudassem, os recursos financeiros obtidos desse tipo de comercialização não eram significativos para reverter a situação do jornal.

Por vezes a capa está menos carregada, com menos chamadas, mas colorida, com charge de Bonson⁵⁸. E um anúncio oferece seus serviços: “O parque gráfico do jornal O ESTADO está aberto para atender o seu pedido de impressão”. A oferta era de serviços de fotolito e para impressão de materiais diversos, desde panfletos a jornais, com “agilidade e preços competitivos”. É mais uma tentativa de ampliar a oferta de serviços para obter algum retorno financeiro.

2.4.4 Composição oscilante, assim como as tentativas de mudanças

Fotos grandes, títulos garrafais e poucas matérias são características do jornal em maio de 1998, que apresenta 16 páginas editoriais e oito de classificados, a redução mais expressiva em relação aos anos anteriores. O nome das editoriais aparece maior e são inconstantes na sua localização, tornando-se até mesmo caderno com capa e contracapa coloridas, como ocorreu com a editoria de Esportes. O lançamento de

⁵⁸ Sérgio Luiz de Castro Bonson, o Bonson, (Florianópolis 1949- 2005) cartunista e artista plástico graduado em História. Ilustrador e chargista, carreira iniciada no jornal em 1974, foi criador de personagens de histórias em quadrinhos, e teve dois personagens que se tornaram memoráveis: a empregada doméstica Waldirene AM e o locutor Soiza FM.

livro sobre o ex-governador Aderbal Ramos da Silva recebe grande cobertura, tanto à página 2, como na do colunista PCR. Na capa, a manchete principal na horizontal, que era constante na diagramação do jornal, dá lugar a um quadrado à direita com fonte maior e em negrito, com resumo abaixo, mais uma alteração de novo editor. No mesmo nível aparece chamada para ponte HL “Um símbolo à espera de socorro” e destaque para os 83 anos do jornal, com foto do primeiro exemplar, de 1915, em evidência. Muitas chamadas e cores, charge de Bonson, ilustrações diversas, numa certa desordem visual. A capa não apresenta uma chamada relevante, e a diagramação mostra várias manchetes com a mesma valoração na página, não há uma ordem de importância dos assuntos destacados. É um tipo de diagramação que se aproxima do que se caracteriza como a imprensa dita sensacionalista, que vivenciou grande incremento no país justamente naquela década. Jornais desse tipo enfatizam o entretenimento, as fofocas televisivas, distribuem brindes, exageram em aspectos extraordinários de um fato, são superficiais e descontextualizados. Alguns dos títulos que surgiram no país nas últimas décadas são Extra (RJ), Agora São Paulo (SP), Expresso Popular (SP) e Diário Gaúcho (RS), entre tantos outros em todos os estados.

Embora na década de 1990 a maioria dos jornais tivesse incorporado gráficos, infográficos, tabelas e outros dispositivos visuais de informação, esses recursos eram pouco utilizados em O ESTADO. O jornal passa a ter mais matérias de Biguaçu, São José e outros municípios da Grande Florianópolis, indicando a passagem da abrangência estadual para apenas regional. É o período que novos jornais surgem nesses municípios com pretensões regionais, como o *Folha Catarinense*, de Biguaçu⁵⁹. Permanecem os cadernos especiais, como um colorido de quatro páginas da CASAN, parabenizando seus colaboradores pelo Dia do trabalhador. Entre os anunciantes, o governo de Santa Catarina e o SEBRAE – Serviço Brasileiro de Apoio ao Empreendedorismo. O caderno especial de Aniversário resume-se a oito páginas, e nas manchetes, “Um novo desafio”, com foto grande de José Matusalém Comelli, que enfatiza a prioridade do jornal naquele

⁵⁹ Alguns anos depois surge o *Correio de Santa Catarina*, de São José, onde também já circulava o *Jornal de Barreiros*. O primeiro foi criado por Belmiro Sauthier e Jurandir Pires de Camargo, jornalistas que tiveram participação importante no jornal O ESTADO em anos anteriores. O *Jornal de Barreiros* é do fotógrafo Orestes Araujo, que também fora de O ESTADO.

momento: “de revitalização editorial e mercadológica, junto com a qualificação dos recursos humanos”. O texto, assinado pelo diretor presidente, destaca que o trabalho é para que “os avanços ultrapassem a expectativa do mercado e dos nossos leitores. A estrutura da empresa está sendo preparada para colocar nas ruas um jornal mais ágil, moderno e identificado com as rápidas mudanças desses tempos.” É significativo observar que Comelli pai retoma seu lugar como enunciador dos propósitos e trajetória do jornal, posição que havia deixado ao filho no ano anterior. No caderno comemorativo outra matéria, como sempre, enaltece “A história de um grande jornal” Nenhum anúncio publicitário de outras empresas no caderno especial, mas em outras páginas alguns, tais como Koerich, Shopping Itaguaçu, prefeitura de Tubarão, LIC e Phipasa.

Em maio de 1999 veem-se poucos anúncios, pequenos, eventuais: Casa Feliz, Acafe, Vita, Dia das mães, Fórum (colorido). Há ainda alguns anúncios grandes, como da TIM, Bradesco, Koerich imobiliária (antes era das lojas do grupo). Classificados em quatro páginas voltam ao formato *standart* com diagramação parecida com o *Diário Catarinense*, com índice, e anuncia: “Quartas, sextas e domingos, são os dias de veiculação dos novos classificados de O Estado”. As páginas 8 (informe publicitário) e 9 (editoria geral) são coloridas. Ainda há charge de Bonson na capa que se apresenta novamente melhor organizada, com menos poluição visual e menos chamadas, mas muitas fotos. Circulava então junto com uma edição da semana, o caderno especial Universidades, feito para divulgar as instituições de ensino superior e seus cursos, em matérias geralmente enviadas pelas próprias assessorias de imprensa destas. No caderno especial de aniversário, como já tantas vezes antes, a capa com foto da ponte e em tamanho maior a reprodução da primeira edição do jornal ocupando toda a página: “84 anos – A caminho do 3º. Milênio”. Nas internas, notícias: “História é vida”, “Cronologia de 84 anos de comunicação”, com foto de Comelli, e Box com resumo das principais manchetes dadas pelo jornal ao longo das décadas. Um dos cumprimentos pelo aniversário afirma: “A história de Santa Catarina contada em manchetes”.

Um dos editores daquele período conta o que vivenciou:

montamos uma redação com as algumas pessoas que ficaram lá, umas sete que estavam lá, montamos uma boa redação e o jornal

começou a ter uma cara, um gás novo, porque tinha um investidor. Esse investidor a gente não chegou a conhecer, diz que era um argentino e era professor. Nós nunca conhecemos esse cara. Sei que tinha dinheiro, então, o nosso negócio era trabalhar, fazer jornalismo. O salário foi pago durante uns oito meses, todo mundo recebeu em dia e tal. Aí acho que acabou o dinheiro. Porque o Comelli sempre queria ter sócios e ele continuar como majoritário. A gente não tinha acesso a estas informações de investidores, então quando o salário do mês desapareceu, a gente soube que o cara tinha ido embora, esse investidor decidiu sair do negócio. Bem, a gente ficou lá tentando ainda tocar o jornal mais uns seis meses. E nesse período eu recebi vales, assim, o jornal voltou de novo àquela tragédia de não pagar, não ter papel, perdeu a confiança, a última confiança que restava do mercado publicitário. E aí foi... O que é uma pena, é uma pena porque era um contraponto para a política da RBS que eu acho uma... Eles são muito profissionais mas são predadores, predadores de cultura, predadores de conceitos. O ESTADO tinha uma cara, O ESTADO era a cara da ilha, era a cara de Santa Catarina, tanto que pessoas históricas daqui trabalharam lá, como Beto Stodieck, como o Zury, como PCR, que tem uma ideologia mais à direita, mas era um cara que tinha opinião e escrevia bem. Então a gente tem que respeitar. E o jornal foi importante também porque formou várias gerações de jornalistas. (CAMARGO, depoimento, 2011).

O depoimento é importante porque trata de várias questões fundamentais no jornal naquele momento. A referência ao suposto investidor argentino é emblemática pois motivo de muita controvérsia no meio jornalístico, já que não passaria de “lenda urbana”. Ou seja, seria um personagem inventado para disfarçar a injeção de recursos que

o jornal recebia naquele momento de um importante detentor de mandato político, cujo nome não podia aparecer. Verdadeiro ou não, o fato é que a parceria durou pouco tempo e logo os recursos financeiros estariam em falta novamente, agravando-se a situação de inadimplência do jornal.

2.5 OE adentra o novo século ainda em busca da modernização ligada às raízes

Em maio de 2000, a capa se apresenta com quatro fotos coloridas e no final da página há anúncio da promoção de apartamento para o assinante de O ESTADO, junto com uma empresa imobiliária da Grande Florianópolis. A diagramação muda outra vez, especialmente na fonte usada nas manchetes e no posicionamento desta, que passa a ser aleatória na página: por vezes em toda a extensão horizontal logo abaixo da logomarca do jornal, outras vezes mais no meio da página, confundido-se com chamadas menores ao lado. No final daquele mês muda também o cabeçalho da página e ao lado direito da logomarca, que vinha com pequeno anúncio do número de telefone para obter assinatura do jornal, passa a estar o número do ano de aniversário (85 anos, orgulho de ser catarinense), enquanto a esquerda aparece a previsão do tempo. Continuam as promoções “casadas”, em que o jornal se associa a outra empresa para oferecer vantagens aos assinantes. Nesta ocasião, a promoção junto com a construtora Santana prometia um apartamento para algum participante: “Sua resposta vale um apartamento” – (quitinete, em letra menor), e nas páginas internas um cupom para preencher, numa parceria com o curso pré-vestibular Dom Bosco. Alguns dias antes, um anúncio para estimular os anunciantes a fazerem parte da história catarinense no caderno comemorativo do dia 13: “Não é todo dia que um jornal completa 85 anos, sem perder a identidade com sua terra”, e no final: “custa bem menos e vai bem além do que você pensa”. A tentativa de reverter a situação financeira difícil é atrair publicidade e leitores por meio da redução de preços.

Na edição de 13 e 14/05, chamada para o caderno especial do aniversário do jornal, e manchete principal sobre dia das mães com foto de uma senhora idosa; abaixo, foto da ponte e o título “Um símbolo que resiste ao tempo depois de 74 anos” e charge de Bonson entre outros assuntos. A ponte como principal símbolo de Florianópolis e as chamadas que se relacionam basicamente a assuntos locais como safra

de tainha, greve dos professores, reabertura da praça XV, mostram a redução na abrangência do jornal, que adota agora quase só o localismo como forma de tentar se manter vivo. No caso do noticiário sobre as vitórias do tenista Gustavo Kuerten (Guga) de Florianópolis, que começara a se destacar em nível mundial em 1997 e se tornou o número um da categoria, em 2000, embora não seja apenas assunto de interesse local, tem relevância especial por se tratar de um “manezinho”, como o próprio se denomina.

Na capa do caderno especial o número 85 ocupa toda a página e no canto foto da sede do jornal e da redação; Nas internas do especial, entre os destaques: “O maior **professor** de história de SC”, em que lembra que “desde a produção artesanal do início do século até os modernos softwares de editoração dos dias atuais, o mais antigo veículo de comunicação de Santa Catarina vem cumprindo com sua **sagrada missão de informar a verdade aos catarinenses.**” Os termos usados explicitam a visão de jornal que era adotada tanto pelos jornalistas como pelo proprietário: uma missão, uma forma religiosa e até de “sacrifício pelo bem comum”, aspecto já apontado no capítulo um. No mesmo sentido se pode interpretar a assertiva de que é um professor, transmissor de ensinamentos e orientador de condutas, e um profissional também “abnegado” em sua função.

Outras chamadas indicavam: “Uma história de pioneirismo e resistência”, e “**A modernização constante**”. A referência constante ao termo modernização parece estar sendo usada para indicar os efeitos do desenvolvimento econômico sobre estruturas sociais e valores tradicionais: “A teoria da modernização é usada ainda para designar as etapas de desenvolvimento social baseadas na industrialização, a expansão da ciência e da tecnologia, o Estado-nação moderno, o mercado capitalista mundial, a urbanização e outros elementos infra-estruturais.” (FEATHERSTONE, 1995, p. 23).

“Uma questão de ponto de vista” – fala do estilo das reportagens do jornal, dizendo que “a evolução dos tempos provoca alterações na cultura e nos costumes. Fatos que hoje fazem parte da rotina comum, no passado eram registrados com destaque pelo jornal O ESTADO”. Destaca em *olho*⁶⁰ que o estilo literário era adotado em boa parte das

⁶⁰ Recurso gráfico que destaca parte do texto em separado na página.

matérias para retratar cenas comuns da vida cotidiana da cidade e dos seus habitantes. É uma referência ao estilo *New Journalism*, adotado por jornais brasileiros nas décadas de 1970 e 1980, com inspiração no modelo em utilizado em periódicos norte americanos desde os anos 1960, país que teve entre seus expoentes no jornalismo nomes como Truman Capote e Tom Wolfe. O Novo Jornalismo mistura a narrativa jornalística com a literária, permitindo ao autor do texto maior flexibilidade na junção dos elementos que compõem a reportagem, inclusive com recursos à sua imaginação, sem que isso signifique falsear o descrito, mas incluindo detalhes que acrescentam um “molho” aos ingredientes principais do relato. Mas uma reportagem neste estilo exige maior tempo para apuração e elaboração do texto, contrariando a lógica da velocidade que passou a vigorar nas redações. Assim, é um tipo de jornalismo que foi sendo superado a partir da gradativa ênfase ao texto curto e rápido de ler que passou a ser adotada pelos jornais. Em Florianópolis, esse novo estilo (textos curtos) havia sido instalado pelo *Diário Catarinense (DC)* como diferencial na sua chegada ao estado.

Numa das edições são 32 páginas de classificados e entre os anunciantes, UNIVALI (Universidade do Vale do Itajaí) em declaração de meia página, Governo Federal, Banco do Brasil, EMBRATUR (Empresa Brasileira de Turismo). O BESC (Banco do Estado de Santa Catarina) ocupa várias páginas com demonstrativos legais. Durante o ano as edições têm em geral 12 páginas editoriais e seis de classificados, e cadernos específicos como Carro e Mercado. Além dos colunistas de vários anos, incorporam-se Paulo Stodieck e Miltoninho Cunha, ambos falando do cotidiano da cidade, mas com o último procurando fazer “graça” no texto. Eram notinhas com algumas pitadas de humor e ironia, numa forma de texto que lembrava o estilo usado pelo falecido colunista Beto Stodieck, porém, sem alcançá-lo.

Em 2001, os principais componentes da Redação são relacionados com nomes, fones e e-mail de editor da Geral, Política, Polícia, Arte, Paginação, Produção, Economia, Esportes, Variedades, e Fotografia, assim como dos coordenadores do suporte técnico. Nesse período as dificuldades financeiras cresciam e destacar os nomes dos colaboradores era uma forma de prestigiá-los e tentar mantê-los atuantes no jornal. Uma estratégia de pouco resultado eficaz, já que os salários eram pagos através de vales esporádicos que já não contemplavam as necessidades financeiras dos funcionários. Anúncio de página inteira da empresa Koerich, e em espaço menor também do SBT, BioCar e Hoepcke, e de

eventos como a Feira da Esperança. Inclui o Caderno Automotores e aos domingos O ESTADO Jovem substitui o Magazine.

No fim de semana de 12 e 13/05 de 2001 o caderno de aniversário de 86 anos tem 16 páginas. Algumas das manchetes do caderno especial eram: “Notícias locais eram a prioridade”, “Linha editorial foi mantida”, “Gente que faz parte da história”, destacando funcionários dos bastidores do jornal, e “Em busca da **modernidade**”. Este último fazia referência a várias mudanças já implementadas nos anos anteriores e mostra a aposta no aspecto visual, destacando que o jornal optara por ser 50% forma e 50% conteúdo. A proposição é de que os aspectos gráficos, notadamente as imagens e cores, ocupariam proporcionalmente o mesmo espaço que os textos escritos. Ao mesmo tempo ressalta que o jornal se volta cada vez mais para novas tecnologias, modernizando seu produto e melhorando a eficiência de sua produção gráfica. Percebe-se o uso recorrente do termo **modernização** ao longo da trajetória do jornal como sinônimo de processo de desenvolvimento, como atributo fora de contexto de tempo e espaço, pois ininterrupto e nunca acabado. Serve como principal norteador e que justifica todas as medidas que se procurava adotar para seguir em frente, e, contraditoriamente, manter o jornal no lugar que sempre lhe coube e onde, por direito adquirido, deveria permanecer. Mas enquanto ainda procuravam a modernidade, esta já havia sido suplantada há vários anos pelo jornal do grupo concorrente que trouxe a pós-modernidade à cidade.

O dia das mães (data em que é possível garantir vários anúncios) de maio de 2002 tem mensagens de congratulações de empresas como SESI Farmácia, Colégio Catarinense e pequenas mensagens de leitores. É um domingo em que os classificados ocupam seis páginas, enquanto um caderno especial da CELESC (Centrais Elétricas de Santa Catarina) contém quatro. No dia 09/05/2002 deixa de aparecer como diretor Fabio Comelli, e entra um coordenador de marketing e vendas. Uma das capas do mês surge com chamadas na metade superior e outra metade com anúncio grande colorido da loja Makenji. Cores e imagens, que tiveram seu espaço ampliado gradativamente, dão o tom na capa, seguindo a tendência trazida pelo *DC* e a predominância do aspecto visual influenciado pela contemporaneidade das telas da TV e do computador.

E o caderno comemorativo dos 87 anos tem na capa foto de antiga máquina de escrever e abaixo, de um computador, com o texto: “87 anos presente na vida dos catarinenses”. Nas páginas internas: “A evolução

em 87 anos”. Há no discurso sempre a comparação do passado com o presente, numa perspectiva de história como progresso, evolução. Ao mesmo tempo, mostra que busca incorporar as novas tecnologias da informação sem considerá-las como uma possível ameaça ao processo do jornal impresso, o jornal-papel. No dia seguinte ao aniversário uma das notícias à página 2 diz que “Parlamentares catarinenses homenageiam O ESTADO”; E como em todos os anos, a coluna de Zury cumprimenta Ruth Hoepcke da Silva “com admiração e respeito.” Embora tente mostrar que está diferente, remodelado, continua igualmente a demonstrar seu apego a pessoas e valores, evidenciando que mantém a ligação com suas origens.

2.5.1 A última cartada: a adoção do formato tablóide

Em 2003 aparece no expediente apenas José Matusalem Comelli e a editora geral Sandra Annuseck, e os nomes dos profissionais responsáveis em cada editoria, destacados pela chamada linha direta com a Redação, em que aparecia o e-mail e o telefone de cada um deles para que o leitor pudesse realizar contato facilmente, tal como já ocorria nos dois anos anteriores. Há manchetes eventuais de temas de abrangência estadual, como a capa de 23 de maio “Frigorífico Chapecó tem comprador” e de 27 de maio “Edital da BR 101 Sul sai no dia 2.” O esporte local tem cobertura e a coluna Jogo Aberto, que tratava do esporte local, assinada por Paulo Mosimann. Os classificados voltam ao tamanho tabloide. Anúncios de pequena expressão, como BioCare, Guarujá, Hotel Itapirubá, e Campos de Almeida: “jardins do Arvoredo”. Mas às vezes aparece anúncio de página inteira, como o da Incorporadora de Shopping Center Florianópolis: “FUTURO”, e também da chegada da agência de publicidade Eugenio WG/DDB worldwide. A tentativa de privilegiar a publicidade para agradar e atrair anunciantes é visível na capa em cores, com anúncio da Casa Feliz em toda a largura logo abaixo manchete principal.

Esse tipo de distribuição gráfica da página aparecia primeiro no *Diário Catarinense* (“eram invenções do *Diário* que oferecia qualquer coisa, e aí o anunciante exigia também conosco”, segundo um ex-editor). No sentido de agradar o anunciante também pode ser vista a homenagem à empresa Weg feita pelo jornal por ser uma empresa catarinense que recebeu prêmio da revista Info. Numa parte, o texto diz: “O ESTADO

continua acreditando, como sempre [...] na gente catarinense, no seu trabalho, na sua lealdade....”

Figura 7: Cores carregam a capa. Antigo e moderno. E a primeira edição no formato tabloide.



Em maio, anúncio de meia página em fundo azul anuncia: “No dia 13 tudo vai mudar. Prepara-se”. E no dia 13 jornal passa a circular em formato tablóide, na edição 28.085, ano 89. É dia do aniversário e nas manchetes da capa como sempre destaque para a ponte HL, também aniversariante: “A vida que orbita ao redor da Hercílio Luz”; e “O Estado ganha novo formato nos 88 anos”, com foto, como sempre, do primeiro exemplar de 1915. Na página 3, coluna PCR: “Minha presença em O ESTADO”, que finalizava dizendo: “Entre idas e vindas, estou no jornal há 49 anos. Cumpre-me hoje assinalar mais um aniversário do

‘mais antigo’, que inaugura também um novo formato. Não faz diferença. *Standart* ou tabloide, O ESTADO está para sempre na memória de Florianópolis e de Santa Catarina”. O editorial reafirmava: “88 anos ao lado dos catarinenses”, e explica que a partir daquela edição o jornal “resgata serviços indispensáveis para o dia-a-dia do leitor”, como indicadores econômicos. Anuncia também que o cronista Sérgio Jockymann, que ocupava espaço havia algum tempo no Caderno Variedades, passa a ser “leitura obrigatória” na contracapa do jornal.

Charge de Mendes, o novo cartunista, também trata do novo formato. Anúncio interno diz: “Nada melhor que o dia do aniversário para tomar grandes resoluções. O ESTADO 88 anos”. No caderno especial de várias páginas, uma delas destaca fidelidade de assinantes de décadas; Algumas das manchetes eram: “88 anos de história. 28085 edições publicadas”; “Tirinhas para quebrar a rotina”; “Na onda do 13⁶¹, O ESTADO ganha nova forma e harmonia gráfica”. A alusão às mudanças políticas ocorridas recentemente no país são referenciadas no texto para justificar a transformação de O ESTADO, “mudança ensaiada no final dos anos 1990 mas postergada por decisão do diretor presidente do veículo José Matusalem Comelli”. Mais adiante afirma que a remodelação atende a uma exigência do mercado e que “o leitor de hoje necessita de textos dinâmicos, objetivos e diretos. Por isso, as matérias do novo O ESTADO são menores ‘lembrando textos para internet’”. A busca por alternativas vai desfigurando o formato do jornal impresso e pode ser também uma opção inadequada. É o que pensa um jornalista experiente que coordenou as bem sucedidas mudanças gráficas do *Jornal do Brasil*, no final dos anos 1950.

jornais só cometem o suicídio ou por problemas na redação ou na administração, e o que tenho visto agora é os jornais estarem perdidos porque tentam copiar a internet e acabam perdendo a sua essência. Os jornais

⁶¹ A referência ao 13 tem duplo significado, por ser o dia do nascimento do jornal e ser relativa também ao número do PT – Partido dos Trabalhadores que no ano anterior vencera, na quarta tentativa, a eleição presidencial com Lula (Luiz Inacio Lula da Silva), numa campanha em que se aludia a uma “onda do 13”. A eleição significou mudança nos rumos políticos do país, assim como o jornal adotava alterações no seu formato. Apesar da apropriação ao mote do 13, o jornal não havia se mostrado favorável à candidatura de Lula no ano anterior.

devem se voltar a eles mesmos, e deixar que a Internet, que ainda não encontrou um rosto, encontre o seu. (FREITAS, informação verbal⁶², 2012)

A mudança gráfica pretende iniciar uma nova fase do jornal. Adotado o formato tabloide, o visual da capa tem grandes fotos e volta às manchetes a fonte Time New Roman, entre outras alterações para tentar sobreviver, e no intuito de rejuvenescer o jornal. “A gente colocou em prática com os próprios recursos que a gente tinha. Nosso próprio diagramador ele pegou e transformou o *standart* em tabloide. Foi uma tentativa, mas na real o jornal já tava na UTI e não tinha mais muito que fazer”. (ANNUSECK, depoimento, 2011). Era o período em que os funcionários ainda remanescentes recebiam pagamento salarial por meio de vales.

No dia seguinte, o artigo: “Lembranças de um editor”, de Cesar Valente, editor entre 1988 e 1989, trata da **força da marca** construída ao longo da **sua história** e termina solicitando **respeito** a ela. O último parágrafo do texto diz: “A capital e o estado de Santa Catarina devem colocar O ESTADO entre os personagens históricos de inegável contribuição para a formação da identidade estadual. E tratar essa história de 88 anos com o respeito correspondente”. O texto parece indicar um recado tanto à sociedade local para que se importasse com o que estava acontecendo com o jornal, como uma sugestão ao proprietário para que optasse por uma decisão que preservasse o bom nome da marca enquanto ainda era possível.

No mesmo dia, na sessão de cartas, “novo projeto rende elogios”. Na página de geral as matérias destacam: “Leitores aprovam o novo formato do jornal”, com foto da então prefeita Angela Amin, do PP. E o anúncio “O ESTADO em novo formato. O melhor para ler, o melhor

⁶² Declaração do jornalista Janio de Freitas em palestra. Disponível em <<http://www.brasil247.com/pt/247/midiatech/69599/Janio-chora-e-diz-que-jornais-est%C3%A3o-perdidos-Janio-chora-diz-que-jornais-est%C3%A3o-perdidos.htm>>. Acesso em 14 jul. 2012.

para **confiar**”, mais uma vez enaltece a confiança, a trajetória histórica como méritos para continuidade do jornal. Na página Classimóveis, os classificados estão repaginados em formato ainda menor que tabloide e o aviso: “a próxima edição sai dia 30”. Volta o anúncio em página inteira das Casas da Água. As edições têm anúncios contínuos do próprio jornal sobre seu novo formato e classificados, aproveitando o momento de mudanças para falar de si.

Ao reduzir o tamanho do jornal, diminuiu também o espaço editorial, assim como a possibilidade de publicação de longas cartas de leitores, como ocorria anteriormente. Leitores tradicionais que colaboravam com textos de crítica e opinião se ressentiram disso. A possibilidade de contribuição do leitor com pequenos artigos ou comentários é uma das características do “mais antigo” da qual um ex-assinante que costumava ver seus textos publicados na íntegra quando o jornal era no formato *standart* (maior), mais sente falta:

esses jornais atuais eu tomei antipatia pelo fato de não aceitaram aquela colaboração dos leitores, sujeitam o leitor a uma *paginazinha*, àquelas *pilulazinhas*. No começo escrevi, depois foram estropiando com uma habilidade maluca, mudava pontuação, ficava completamente o contrário. Era uma maneira de dizer pra mim “caia fora, não aparece”, eu entendi assim. (ALBUQUERQUE, depoimento, 2012)

Nos atuais jornais, no tamanho tabloide (pequeno) só há espaço para notas reduzidas e então “as formas de participação do leitor, aparentemente mais amplas do que as antigas e tradicionais cartas do leitor, como envio de fotos e sugestões de pauta, apresentam-se muito mais ritualísticas do que democratizantes”. (FELIPPI, 2007, p.98) Já não há interesse numa participação efetiva do leitor, mas apenas uma estratégia de marketing na perspectiva da interatividade do jornal com seu público.

Adotado o formato tabloide, a partir de 2004 O ESTADO já não relaciona os nomes dos integrantes da Redação, como fizera em anos recentes, e aparece à página 6 de Economia a coluna de Gonzalo Pereira. Permanecem os colunistas Moacir Pereira (Política partidária), Zury Machado (sociedade), Paulo da Costa Ramos (Política ideológica),

Léo Coelho (entretenimento), e Milton Cunha (assuntos diversos com humor), e as edições têm 16 páginas editoriais, oito de classificados, e uma geral local. O Caderno especial de 89 anos reproduz na capa quatro edições: duas dos anos 80/90 e duas recentes e não mais a edição de 1915. Mesmo assim aquela edição histórica aparece, mas em página interna. Entre os destaques internos vê-se também: “Uma história de quase nove décadas”, “A semente do espírito empreendedor”, “**Único jornal a registrar a construção de três pontes**”. O texto inicia assim: “Não é a toa que o jornal O ESTADO tem 89 anos de história para contar. Do seu arquivo constam registros da construção e inauguração das três pontes que ligam o continente a ilha”. Pela relevância deste detalhe histórico e a contínua associação do seu próprio aniversário, junto com o da primeira ponte, daremos maior destaque a esse aspecto no capítulo três.

Anúncio especial sobre o aniversário das empresas do grupo Koerich em página inteira, assim como Hoepcke e Barddal. Outros anúncios das edições do mês são de A Sedutora Calçados, revenda TIM – Integração celular, TVBV, Feira da Esperança, Le Monde, de algumas Publicações legais (poucas). É uma publicidade pouco significativa em termos da importância das empresas, complementada pelos anúncios do próprio O ESTADO, oferecido para assinatura pelo valor reduzido de R\$ 15,00 por mês. É propagandeado o rebaixamento do preço da assinatura, já anunciada em manchete dias antes como contribuição para “democratização da leitura”. Nas palavras de outro jornalista, “Em 2004 [...], ex-standard, O ESTADO, assolado por imenso passivo e atolado em vaidosa incompetência administrativa, era simplesmente irrelevante.” (MICK, In: BALDESSAR; CRISTOFOLETTI, p. 174). Diante do que fora ao longo de quase cem anos, o jornal que ainda tentava permanecer em circulação já não era significativo. Porém, mesmo considerado irrelevante, aos *trancos e barrancos* se manteve em circulação diária ainda até maio de 2007. A perspectiva de Mick não é muito diferente do que percebiam alguns dos que haviam trabalhado ou assinado o periódico, mas que, apesar das dificuldades enfrentadas, ainda procuravam reerguer o jornal.

Assim, “a vaidosa incompetência administrativa” também é fator apontado como causador da falência do jornal por outros jornalistas que lá atuaram, mesmo que de forma indireta e sutil, por vezes rotulando-a de “jeito de ser do...” A opinião acima era compartilhada por outras pessoas da cidade, como se observa no depoimento abaixo:

se o jornal ia perdendo expressão, o mais correto era ele vender algo que ainda consegue vender bem, do que perder do jeito que perdeu, comprometendo todo o resto do patrimônio. [...] Eu acho que o mais difícil é tentar compreender porque uma empresa que era centenária, com uma importância que tinha, passa a ter esse comportamento que está tendo, comprometendo tudo. Vai a leilão o último dos bens, que seria o próprio nome, sem que ele possa ter qualquer retorno disso, porque as dívidas ainda são superiores ao valor que possa obter pela marca no leilão. Qual o melhor momento de vender eu não sei, esses números eu nunca tive, mas se em 1988 o jornal, em 87, ou 85 o jornal valesse X mais não sei quantas vezes, em 91 vale x menos tanto e depois cada vez menos. Reafirmo que nada disso foi decorrente da conflitividade com o sindicato, nada se deu por um processo que fosse uma política de endividamento, de não possibilidade daquilo. (MELLO, depoimento, 2011).

O depoente trata da insistência do proprietário em não tentar conter o aumento das dívidas, mesmo se desfazendo de parte de seus bens patrimoniais, e tenta minimizar o impacto financeiro das vitórias trabalhistas de ex-funcionários do jornal. Naquele momento, a equipe ainda presente no jornal procurava mantê-lo em circulação, porém, como não houve crescimento do número de leitores e a verba publicitária era praticamente inexistente, o jornal foi literalmente definhando.

O que mantinha o jornal financeiramente era a publicidade. Num determinado momento e em toda empresa jornalística a circulação tem que representar no mínimo 30%. Isso também foi caindo, então, gastava com circulação tirando recursos, entre aspas, de outro lugar, pois já não contribuía para ela se sustentar. A tiragem e circulação foram diminuindo. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011)

O número de exemplares de cada edição foi diminuindo e a própria entrega do jornal começou a ficar insustentável. Mesmo assim, alguns assinantes se mantiveram fiéis até o último momento:

eu assinava o jornal inclusive para dar uma força pro jornal, pra ver se não morria, porque era nosso, né? [...] o jornal já não tinha muito conteúdo, o que eu lia era o Esporte, o cartum do Bonson, [...] a gente sabia que tava jogando dinheiro fora, e já não tinha mais volta, mas tu acreditava ainda, para ver se....(NUNES FILHO, depoimento, 2012).

Os últimos anos já mostravam um redirecionamento do jornal, uma aproximação ao nicho popular da mídia impressa, com foco em esporte, polícia e comunidade, que passaram a ser as áreas mais abrangidas então pela cobertura jornalística. Contudo, não chegou a se tornar um jornal claramente popular, dentro da perspectiva segundo a qual a informação deixa de ser relevante em termos de serviço público, e se destaca o conteúdo de preferência do leitor, além de realizar promoções diversas, desde redução de preços a oferta de brindes. Usou parcialmente estas estratégias de diminuição de preço e sorteio de prêmio, mas não procurou conquistar o leitor por meio da divulgação de detalhes da vida de celebridades ou linguagem chula, outras características que se destacam nesse tipo de imprensa.

Conforme Amaral (2006, p. 16),

Jornais populares são baratos, com baixa paginação, vendidos em banca, que abrigam publicidades de produtos destinados ao público de baixa renda. [...] Se definem pela sua proximidade e empatia com o público-alvo, por intermédio de algumas mudanças de pontos de vista, pelo tipo de serviço que presta e pela sua conexão com o local e o imediato.

Uma manchete de 2005 demonstra uma *escorregada* para um jornalismo por vezes até apelativo, sem ser, no entanto, uma guinada nesta direção de todo o jornal: “Desnaturada abandona recém-nascido”. Ainda se observa a tentativa de manter a sobriedade que caracterizou a história do jornal, por exemplo, em matérias e notícias relevantes como: “MPSC registra aumento de crimes contra o meio ambiente no estado”, embora o enfoque tenha sido pouco profundo. Essas tênues manchetes, contudo, não escondem mais a visível descaracterização jornalística de OESTADO, que pode ser compreendida pela observação de que “a crescente mercantilização da notícia e dos jornais [...] está levando os periódicos impressos a uma simplificação que acaba por subtrair seu papel de esclarecimento, aprofundamento e análise das notícias que dele se espera.” (FONSECA, 2002, p. 140).

Naquele ano aparecem no expediente apenas o proprietário José Matusalém Comelli e o editor Sérgio Negrão. Aos domingos o segundo caderno volta a se chamar OE Magazine e além dos colunistas Zury Machado e Léo Coelho, passa a ter página inteira de PCR, que também mantém a coluna diária à página três durante a semana. O aumento do espaço opinativo, assinado, e a diminuição do informativo, mostra que já não existe uma equipe para os processos jornalísticos de apuração, seleção e organização da informação. Há anúncio de página inteira do governo de Santa Catarina, balanço da COMCAP – Companhia de Melhoramentos da Capital, e no dia das Mães o anúncio que se destaca é o do Maria do Mar Hotel. Em 13 de maio a capa da manchete principal divide espaço com a chamada sobre o caderno de 90 anos OE. No Editorial “A serviço de SC”, novamente reconta a trajetória histórica do jornal e destaca a “importância da obra como um todo”, além de reforçar a vocação do jornal. “Continuamos a serviço de Santa Catarina e dos catarinenses, **sem arredar pé.**” Nas congratulações, anúncios como da Santa Fé Veículos: “Há 90 anos escrevendo a história da cidade”; Koerich: “O ESTADO: a história passa há 90 anos por aqui”; SC Gás: “Destacamos os relevantes serviços prestados e cumprimos o jornal O ESTADO, que chega aos 90 anos com todo gás”, e WEG. Nas páginas internas do caderno, o destaque: “O ESTADO documenta quase um século da história catarinense”. “Um período de grandes transformações”; “Jornais tinham vocação partidária”. “Equipe de O ESTADO mudou estilo da cobertura esportiva”, “Sequência de fotos dá Prêmio Esso para fotógrafo”. A manchete se refere à premiação regional obtida em 1973 pelo fotógrafo Gastão Guglielmi, que mostrava a

seqüência de uma jogada em partida de futebol entre o América de Joinville, e o Figueirense, de Florianópolis.

Em maio 2006 um dos editoriais trata da Liberdade de Imprensa, e há anúncios da FIESC e do governo estadual. Os 91 anos completados pelo jornal recebem apenas uma página de referência ao assunto: “91 anos de boa informação e liberdade de expressão”; “História de luta e sucesso.” Chama a atenção em 27 e 28 de maio um anúncio de meia página inferior, do próprio jornal, mostrando duas folhas verdes de árvore, que diz: “O mundo está cada vez mais uma selva. Os leões reinam. As formigas trabalham e os burros destroem. Preserve o Meio Ambiente. 22 de maio, dia da Mata Atlântica. O ESTADO.” Seria uma mensagem cifrada sobre a própria situação do jornal e como se sentia na selva de pedras que a cidade se tornava?

Nos últimos meses de circulação diária, em 2007, não há mais a coluna de Moacir Pereira, mas surge a de Claudio Humberto (ex-assessor de imprensa do ex-presidente Collor, e que era veiculada também em outros periódicos do país) e permanecem Miltinho, Léo Coelho e PCR. Aparece apenas Comelli como diretor e o editor ainda é Sérgio Negrão, e alguns dias a edição é conjunta, como a de 1 e 2/05 (2ª e 3ª f.) e 06 e 07/05 (Sábado e domingo) Em 13/05, pela primeira vez, nenhuma referência ao aniversário do jornal, e não há mais editorial. Em 22/05 as notícias de polícia estão em uma página de geral, com matérias locais visivelmente de *press realeses*⁶³, enquanto o esporte local tem duas páginas. Muda a diagramação, a fonte está mais carregada e aparece a coluna “Pelo Estado”, da ADI – Associação dos Diários do Interior. Artigo da psicóloga Onete Ramos Santiago publicado havia vários anos ocupa espaço maior que antes, já que a disponibilidade para tal se ampliou por falta de outros assuntos e colonistas. Na página 6 há coluna de Henrique Ungaretti, que seria o jornalista que tentaria, sozinho, manter o jornal nos últimos tempos, conforme já citado no capítulo um. Sobram duas páginas de classificados, uma referente ao mercado imobiliário e outra de publicações legais. No último período de existência do jornal as notícias rareavam pela absoluta falta de material humano que as produzissem. Sem recursos para imprimir o que ainda

⁶³ Textos jornalísticos enviados pela assessoria de imprensa de instituições públicas e empresas privadas que desejam se divulgar ou se posicionar a respeito de algum assunto.

era possível apurar, mas tendo cada vez menos o que publicar, sem a confiança do público leitor e anunciante, o jornal perde a sua razão de existir:

É o conteúdo que vende jornal. Somente uma mudança radical de conteúdo, aqui e em qualquer outro lugar, será capaz de prolongar a lenta agonia dos jornais. Mas como promovê-la se os donos de jornal não querem correr riscos, se no caso do Brasil os jornalistas mais experientes se desencantam com a profissão? (NOBLAT, 2007, p. 17).

No dia 31.05.2007, no ano 93 e sob o número 29167 circula a última das edições diárias. O jornal apareceria então de forma esporádica, para manter a posse legal sobre o título O ESTADO. Na Biblioteca Pública de Santa Catarina estão as edições semanais de 3 a 9 de novembro de 2008, no. 29250, ano 94; de 10 a 16 de novembro e de 24 a 30 de novembro de 2008, de 1 a 7 de dezembro e de 8 a 14 de dezembro de 2008, e de 29/12/2008 a 04/01/2009, sob número 29258, como exemplar final.

2.6 Jornal impresso: como sobreviver frente à tecnologia digital

Nos últimos anos, as notícias de fechamento de jornais têm se tornado rotina. Somente em novembro de 2012, dois importantes jornais do estado de São Paulo anunciaram o fim de sua circulação. Em Campinas, encerrou-se a edição impressa do *Diário do Povo*, fundado havia cem anos, e que passara por reformulação gráfica em 2008. E em São Paulo deixou de existir o *Jornal da Tarde*, fundado em 1966 e integrante do grupo *O Estado de São Paulo*. Outros jornais tradicionais e centenários faliram nos últimos anos, alguns de expressão nacional, como a *Gazeta Mercantil* (1920-2009), de São Paulo, e o *Jornal do Brasil* (1891-2010), do Rio de Janeiro, que teve Joaquim Nabuco e Rodolfo de Sousa Dantas como fundadores e Ruy Barbosa como diretor. Os dois jornais haviam sido comprados pelo empresário baiano Nelson Tanure no início dos anos 2000, quando já estavam em crise. A trajetória seguida pelo *Jornal do Brasil - JB* nos últimos anos de sua existência tem várias semelhanças com o que ocorreu com O ESTADO, que procurava copiar

o modelo do jornal carioca, pelo menos no formato gráfico. A principal diferença, no entanto, é que o *JB* foi o primeiro jornal brasileiro a ter edição *online*, em 1995, enquanto O ESTADO não chegou a ser implantado na internet.

Ao deixar de circular em bancas, a partir de setembro de 2010, devido à crise financeira enfrentada pelo diário desde os anos 1990, que levou a dívidas, considerável queda de vendas, perda de credibilidade e demissões em série de jornalistas, o *JB* decidiu manter-se apenas no formato online. No dia da última edição impressa, uma matéria no portal iG começava assim: “A morte da edição de papel do Jornal do Brasil, nesta terça-feira, representa, para muitos ex-integrantes do jornal, mais um sepultamento simbólico de um diário que já representou o sonho de muitos jornalistas brasileiros.” A matéria destacava as impressões de vários jornalistas que trabalharam no periódico, como colunista Ancelmo Gois, que lá atuou por seis anos: “O *JB* já acabou de verdade faz tempo. Há anos que perdeu a sua alma, a alma de um jornal influente, plural, inquieto, de vanguarda, como o nome propunha, ser o jornal de todo o Brasil. E é com tristeza que falo isso. Hoje é um jornal sem a menor graça.” Outro depoimento era de um dos integrantes da tradicional família que comandara o jornal na maior parte de sua existência e o vendeu em 2001, Kiko Nascimento Brito, que afirmou: “morreu no dia em que foi para as mãos do Tanure. Está morto há dez anos. Era um zumbi, sendo talvez o enterro agora.”

Quadro 9. Características do *JB* que se assemelham a *OE*.

Com características de sua trajetória, em alguns aspectos semelhantes às de O ESTADO (e por isso as destaco em negrito abaixo), o *JB*, diário centenário, só deixou de testemunhar os primeiros 15 meses da Era Republicana e cobriu os mandatos de todos os presidentes do País. Teve seu auge entre os anos 1950 e 1980, quando ditava tendências e **reunia alguns dos melhores profissionais da imprensa** brasileira. O período iniciara em 1959, com a **modernização gráfica e editorial** implantada por Janio de Freitas, e a partir daí cresceu, aumentou suas vendas e o prestígio como veículo nacional, atraindo os melhores jornalistas do país, com independência editorial, **salários altos e bom ambiente de trabalho**. Teve então em seus quadros Alberto Dines, e viveu seus dias de glória, como jornal de referência nacional, até os anos 1980, quando começou sua decadência, por causa de **dívidas tributárias e**

trabalhistas. No governo Ernesto Geisel, (meados dos anos 1970, período militar) o jornal passou a manifestar divergências, já sob um clima de maior abertura política. O diário passou a sofrer boicote econômico e **teve concessões de rádio e TV negadas.** Anos depois posicionou-se contra os cinco anos de mandato de Sarney que, então, teria feito pressão econômica e devassa fiscal contra o jornal, afetando suas finanças. Em 2006, o JB abandonou o formato standard, igualmente como no O ESTADO, uma última tentativa de se manter vivo. Para Tanure, este é seu último lance na mídia, porque “é muito difícil um jornal sério dar lucro⁶⁴, principalmente no Brasil”. (Texto reescrito a partir de matérias obtidas no portal iG, 2010).

Além dos diários impressos que pereceram, outros passam por dificuldades, como a *Gazeta do Povo*, do Paraná, ou por crises, como o mais antigo jornal baiano em atividade, *A Tarde*, fundado em 1912, pelo ex-ministro da Educação do governo Getúlio Vargas, Ernesto Simões Filho. A crise iniciou por um conflito envolvendo jornalistas e o setor imobiliário de Salvador, que teria comprado ações do jornal, o que foi negado por um dos diretores. Depois de publicar uma reportagem sobre crimes ambientais denunciados pelo MPF (Ministério Público Federal) numa obra realizada pelo governo baiano em parceria com empresas construtoras, o repórter Aguirre Peixoto foi demitido pelo jornal, e no dia seguinte o editor-chefe pediu demissão. Ao mesmo tempo, O IVC (Instituto Verificador de Circulação) indicou que, pela primeira vez na história, a tiragem de *A Tarde* foi superada por um concorrente, o *Correio*, da família do ex-senador Antonio Carlos Magalhães. A família Magalhães também possui a concessão de TV que retransmite a programação da Rede Globo no Estado da Bahia. [Tal como a RBS em Santa Catarina]. (Texto reescrito a partir de LEAL, 2011, s.p.).

As dificuldades e até fechamento de jornais por pressões políticas e econômicas tem um bom exemplo no caso do *JÁ*, “um bravo e pequeno” mensário de 5 mil exemplares e 26 anos de vida, de Porto Alegre (RS), que fechou as portas no começo de 2012. Conforme matéria de Luiz Claudio Cunha, o jornal “Sucumbiu aos dez anos de uma longa, pertinaz

⁶⁴ Grifos da autora para realçar aspectos semelhantes aos verificados na trajetória de O ESTADO, bem como a posição do proprietário sobre a questão do lucro, num paralelo quanto ao entendimento de Comelli sobre o tema.

perseguição judicial movida pelos Rigotto, [ex-governador gaúcho Germano Rigotto e sua família] que asfixiaram financeiramente um jornal de resistência que chegou a ter 22 profissionais.” O texto prossegue dizendo que “o *JÁ*, é vítima talvez da mais longa ação judicial contra a liberdade de expressão no Brasil da democracia. Todo esse drama do *JÁ* e de Elmar Bones [dono do jornal], como a roubalheira da CEEE [na qual estaria envolvido um irmão de Germano Rigotto], ainda está envolto num espantoso ‘sigilo de imprensa’”. (CUNHA, 2012, s.p.)

Alguns jornais se reinventam, como o *Correio do Povo*, de Porto Alegre, criado em 1895. No ano em que comemoraria seu 89º aniversário, em 1984, a circulação do jornal foi suspensa, junto com a de outro periódico do grupo, a *Folha da Tarde*, devido às dificuldades financeiras que a empresa enfrentava. Breno Caldas, o proprietário, imaginava que o jornal voltaria a circular em breve, pois “o povo vai se levantar e exigir o nosso retorno.” (GALVANI, 1996, p. 12). Apesar das tentativas junto a empresários e governantes, a salvação esperada não aconteceu e em maio de 1986 todos os veículos de comunicação do grupo foram vendidos⁶⁵. A circulação diária do *Correio do Povo* reiniciou em 31 de agosto daquele ano, e no ano seguinte o tradicional jornal *standard* passou para o formato tabloide, mantendo o espírito da extinta *Folha da Tarde*, que não voltou a circular⁶⁶. (GALVANI, 1996, p. 15) A família Caldas, fundadora do jornal, encontrou uma solução viável (a venda) para manter o jornal antes da completa falência, permitindo a permanência de um nome já consagrado no Rio Grande do Sul e com grande público fiel a seu estilo. E que permaneceu assinante mesmo quando deixou o formato *standart* e adotou o formato tabloide,

⁶⁵ Na dissertação “Comunicação: Correio do Povo na gestão Ribeiro: ideologia e poder”, a autora relata como um agropecuarista do sul do RS comprou o jornal (para ter um meio de comunicação em contraposição a RBS) e de sua determinação para mudar o formato do jornal. In: ACAUAN, Ana Paula. Comunicação: Correio do Povo na gestão Ribeiro: ideologia e poder. Porto Alegre, 2009.

⁶⁶ Os ex-funcionários passaram a se reunir todos os anos, a partir de 1985, para comemorar a data em que o jornal faria aniversário, em 27 de abril. (GALVANI, 1996, p. 165) Tal como iniciaram em 2011 os ex-jornalistas de O ESTADO, através do grupo “Reencontro” do Facebook, do qual falaremos no capítulo 4.

característica⁶⁷ principal também do mais forte concorrente, o *Zero Hora*, do grupo RBS.

Outro jornal centenário que passou por reformulações foi o *Correio Braziliense*⁶⁸, de Brasília: em fevereiro de 1994 (Equipe da Redação), abril de 1996 (tipologia, logomarca, cores, desenho das páginas) e julho de 2000 (ruptura com uma concepção de fazer jornal). Isso depois de constatar que o jornal prescindia de pesquisa para sua autoavaliação e de que “Lia-se o *Correio Braziliense* por causa dos pequenos anúncios, do noticiário local e de sua condição de o mais antigo jornal do Distrito Federal [...] se comportava como se nada tivesse mudado ao seu redor.” (NOBLAT, 2007, p. 143). Para este jornalista, o produto precisava de uma nova embalagem, mais sedutora, e isso foi feito pelo *Correio*.

Algumas das características verificadas acima no jornal do Distrito Federal também podem ser apontadas em O ESTADO dos anos 1990. Em O ESTADO, também permaneceu até o fim o apego ao fato de ser “o mais antigo”. Mas, diferentemente de outros jornais, houve demora nas decisões de reformular ou descontinuidade nos projetos de mudanças, que não se concretizavam por completo. E embora diversos diagnósticos tenham sido feitos por diretores e editores, conforme mostram vários depoimentos, não ocorreram as decisões empresariais necessárias para uma reviravolta da situação do jornal. “Os projetos ficavam esquecidos, simplesmente não eram concretizados, não iam

⁶⁷ Interessante é observar, conforme Dornelles (2009, p. 66)) que entre os dez maiores jornais brasileiros por circulação paga, os quatro primeiros colocados são no formato *standart*: *Folha de São Paulo*, *O Globo*, *Extra* e *O Estado de São Paulo*. Os demais são no formato tablóide, e *Zero Hora* aparece na sétima colocação, com 176 mil exemplares, em 2007. Segundo Galvani (1996), tabloide passou a significar “coisa de gaúcho”, já que o formato foi introduzido no Brasil a partir do Rio Grande do Sul, com a criação, neste formato, da “Folha da Tarde”, em 1936, um jornal do grupo Caldas Júnior, extinto em 1984. Posteriormente outros importantes jornais do estado adotaram o mesmo formato e a RBS criou o *Hora*, no mesmo estilo, para se contrapor à *Folha* mas “ficou pelo meio do caminho”. (GALVANI, 1996, p. 16)

⁶⁸ Primeiro jornal brasileiro, fundado em 1º de junho de 1808, por Hypólito José da Costa. Deixou de circular logo após a proclamação da Independência do Brasil, por julgar cumprida sua função. O nome *Correio Braziliense* foi resgatado para o jornal que passou a ser editado em Brasília desde a inauguração da Capital Federal, em 1960.

adiante, se fazia um monte... ficava tudo pelo caminho e na medida em que as dificuldades foram aumentando, os recursos diminuindo, aí não tinha mais como.” (MEDAGLIA, informação verbal, 2012). Os métodos de gerenciamento da redação e mudanças necessárias, mas pouco planejadas, acabaram por não surtir os efeitos esperados:

se encantaram pelo MCToich, o negocio é MCToich, compraram, mas naquela época era muito caro, por causa da reserva de mercado tudo era muito caro. Mas não era, não seria a coisa mais adequada para um jornal que não estivesse muito bem das pernas. Mas enfim, cada uma dessas decisões administrativas, financeiras, elas carregavam um germezinho que foi no fim ajudou o jornal a acabar. Como um avião, não cai sozinho por uma causa, mas varias coisas que se somam. (VALENTE, depoimento, 2011).

Observa-se, contudo, que nem mudanças gráficas ou de conteúdo são garantia de que o fim se torne inevitável, como mostram os exemplos de falência de jornal descritos acima. Torna-se sempre mais evidente que as redes sociais causam impacto bem mais devastador do que tecnologias que precederam a internet, como a rádio e a TV, cujo surgimento também fez temer o fim dos jornais impressos.

Embora este seja um fenômeno mundial, não pretendo me alongar na discussão se o jornal impresso vai sobreviver ou será sepultado de vez em poucos anos, como anunciam alguns teóricos. Apenas como registro desse aspecto do estágio atual dos jornais, utilizo-me de um texto que trata de forma ampla a questão. Em artigo intitulado “O futuro do jornal”, Dornelles (2009) cita um estudo americano que mostra em gráfico a diminuição de circulação dos jornais nos EUA, cuja continuação descendente permitiria prever o fim dos impressos em 2043, naquele país. No caso do Brasil, ao contrário, houve crescimento da circulação paga desde os anos 1990, com uma média diária de 8 milhões de exemplares em todo o país, em 2007. Os dados apresentados por Dornelles a partir de estimativa do IVC–Instituto Verificador de Circulação, mostram, segundo ela, que ainda há estratégias que foram e estão sendo implementadas para a permanência do jornal impresso.

Entre as alternativas adotadas estão “uma nova visão de jornalismo participativo, com mudanças em estratégias publicitárias e também na distribuição do jornal, no seu aspecto gráfico, na busca de leitores jovens.” (p. 64). Ao mesmo tempo, “jornais tradicionais apostam no investimento em projetos especiais para conquistar novos leitores, como o lançamento de revistas, distribuídas com o jornal dominical.” (p. 66). Aumenta também a distribuição de jornais gratuitos como o *Metro*, em São Paulo, ou a preços reduzidos e com distribuição de brindes, e de conteúdo popular, com muita foto colorida e entretenimento, como o *Hora de Santa Catarina*, em Florianópolis.

Ou seja, no final dos anos 1990 e mesmo nestes primeiros anos do século XXI ainda há espaço a ser ocupado pelos jornais impressos, principalmente quando têm a confiança de seus leitores, como lembra um jornalista: “era assim, jornal que todo mundo cedo lia. O que saía no jornal O ESTADO era verídico, todo mundo tinha como verídico. Eu conheci varias gerações de jornalistas que trabalharam lá, muita gente séria trabalhou lá, então o jornal tinha essa cara séria”. (CAMARGO, informação verbal, 2011) Nesse sentido, o jornal O ESTADO tinha um lugar cativo em Florianópolis:

No auge, em 1973 até 1987 teve em média 35 mil assinantes, e vendia naquele tempo ainda vendia muito jornal avulso. O ESTADO ele tinha, sabia mexer com a sensibilidade das pessoas, então ele vendia naquele tempo, em média 7 mil por dia. Aqui hoje o *DC* vende na grande Florianópolis mil e quinhentos por dia. É outro tempo, também. O ESTADO era assim, era diferente, realmente tinha uma liga com a cidade, a linguagem. Era parte da família. Isso vinha de gerações, pessoas que acordavam tendo o jornal O ESTADO, também não tinha a internet, ele era a grande referência. [...] Porque te digo mais, e com sinceridade: se hoje fosse resgatada a marca O ESTADO, e é um novo público, gente que nem viu, mas se fosse resgatada a marca O ESTADO em pouco tempo ele estaria fazendo um jornal sério e tal. É uma marca muito forte,

muito forte mesmo. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

O ESTADO teve seu auge nos anos 1970-1980 justamente porque no período praticava um jornal de conteúdo, de reportagens, de noticiário local/estadual, atrativo visualmente e que valoriza o porquê da notícia. Os fatos em geral só “aconteciam” quando publicados no jornal. O leitor recebia o diário pela manhã e se informava não apenas dos acontecimentos mundiais, mas recebia no impresso uma maneira de ver o que se sucedia à sua volta. Contudo, a credibilidade construída ao longo de muitos anos passou a ser questionada quando os problemas financeiros e de gestão começaram a ficar visíveis a cada edição: muitos mais erros ortográficos (que já ocorriam antes também), troca de fotos e legendas, constantes mudanças no estilo visual, e substituição de funções e nomes na redação e direção do jornal.

O jornal impresso das últimas décadas do século XX ainda era feito, em sua maioria, sem computadores e outras tecnologias que modificaram a rotina em redações e reduziram o número de profissionais necessários para a elaboração de cada edição. Ao mesmo tempo, os repórteres saíam à rua em busca das notícias, necessitando de tempo e veículo para se deslocar, enquanto nos dias atuais, quase tudo é feito por telefone ou pelo próprio computador, através da Internet. O antigo processo é assim descrito por jornalistas que acompanharam as transformações:

O jornalismo dos anos 1970 e parte dos 1980, em SC, ainda não era gerenciado por modernas técnicas de produção [...] Fazer jornal, há algumas décadas era um processo quase artesanal. Tinha-se um pacote de laudas ao lado de velhas e barulhentas máquinas de escrever, numa redação enfumaçada de cigarro. Os textos seguiam para revisão, eram compostos e depois paginados à mão: títulos, legendas, tudo colado com parafina. Nessas horas, um estilete fazia milagres. Depois, virava fotolito e seguia para impressão a frio”. (VICENZI, in: SARDÁ, 2007, p. 30).

foi uma das experiências mais gratificantes que eu tive profissionalmente. A gente vibrava, a gente não dava muita bola pras dificuldades, a gente gostava de ver o jornal pronto no outro dia. Nesse período, posso te dizer com toda a segurança, acho que se fez em Santa Catarina um dos melhores jornais. Com as dificuldades que a gente tinha naquela época, os telefones eram escassos, caros e funcionavam daquele jeito. [...] Eram outros tempos de se fazer jornal, se fazia com mais sangue. (MEDAGLIA, depoimento, 2012).

Apesar das dificuldades, observa-se uma dedicação aos afazeres, especialmente o fundamental deles, de buscar a informação independentemente de quaisquer empecilhos, porque “era muito legal trabalhar no jornal O ESTADO, era uma redação muito alegre, era uma redação que não era compartimentalizada, era uma redação aberta, em que as pessoas se comunicavam no grito. [...] As pessoas amavam trabalhar lá, amavam, pena que acabou.” (CAMARGO, depoimento, 2012). Havia na redação uma equipe que trabalhava junto, que sentia satisfação em ver seu esforço pessoal contribuir para a concretização de cada edição, tal como descreve um jornalista do período: “Pareciam mosqueteiros: um por todos e todos por um. Não se fazia parte apenas de uma editoria. Todos colaboravam com todos”. (SARDÁ, 2007, p. 73) Essa atuação conjunta pode explicar como, apesar da falta de constância nas diretrizes e encaminhamentos organizacionais, o jornal tenha se mantido por tantos anos, ainda que com uma liderança aparentemente omissa.

Um dos depoentes acima reforça essa questão: “O jornal O ESTADO anda sozinho, ali se fecha a porta, a rotativa imprime sozinha. Aquilo ali não se sustentava. Porque não tinha cabeça então o corpo se move de qualquer jeito. As pessoas iam pra rua, iam atrás dos fatos, o jornal O ESTADO ia atrás dos fatos.” (CAMARGO, depoimento, 2011) Os relatos referem-se aos anos 1980 mas são idênticos ao já dito sobre o jornal da década anterior, conforme podemos ver no histórico sobre O ESTADO. As diferenças em relação ao jornalismo do início do século XXI também são apontadas por um ex-dirigente do jornal:

No passado a gente não tinha as ferramentas que tem hoje, mas a informação continua a mesma e tem que ser trabalhada. Então, no passado a gente não fazia matéria por telefone, a gente não fazia. Não tinha internet, a gente ia ouvir as pessoas, tinha uma frota para atender a redação. Funcionava o pauteiro⁶⁹. Era bem diferente. A matéria tinha consistência, o repórter conseguia tirar do entrevistado coisas que...até porque numa conversa você se abre. Agora é tudo por telefone. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

No depoimento fica evidente que as novas tecnologias facilitam a realização do trabalho jornalístico, mas também podem empobrecê-lo no sentido qualitativo, de busca de uma informação além daquela prevista junto ao entrevistado. Além disso, ou também por isso, entre outros fatores, o jornalismo impresso em papel vem perdendo força nos últimos anos frente às novas tecnologias. Houve uma mudança no perfil da mídia impressa, que sofreu a influência e as consequências das transformações tecnológicas. “O modelo dos jornais está em xeque. E não é porque donos de jornal e jornalistas desconheçam este fato. O modelo está em xeque porque o medo de mudar é maior do que o medo de conservar algo que se desmancha no ar”, observa Noblat (2007, p.16).

2.7 Um jornal fora da ordem empresarial e que não assimilou a lógica da IC.

Talvez se possa dizer que o jornal O ESTADO sucumbiu porque não se adaptou inteiramente à lógica capitalista contemporânea da indústria cultural, representada em Santa Catarina pela RBS, à qual não conseguiu se contrapor. Exponente da Escola de Frankfurt, Theodor Adorno, cria o conceito de indústria cultural em 1947 para designar os

⁶⁹ *Pauteiro* era o assistente do editor chefe que definia as pautas (dados iniciais e questões sobre algum assunto) a serem observadas pelo repórter na cobertura jornalística.

negócios cujos “fins comerciais são realizados por meio de sistemática e programada exploração de bens considerados culturais”. (ADORNO, 1999, p. 7) Dentro desta perspectiva, forma empresarial das organizações e a preocupação com o mercado passaram a ser o elemento mais importante na determinação da lógica de produção jornalística. Poderia ser dito que O ESTADO adotou as técnicas da indústria cultural na produção de seu conteúdo (priorização do aspecto visual, utilização de imagens em cores, ênfase em assuntos agradáveis para o público como entretenimento e esportes, dentro da perspectiva de aprofundamento da alienação promovida pela indústria cultural) mas não a sua lógica empresarial (práticas gerenciais rígidas visando a lucratividade de modo total). Enquanto a cidade, a partir do período JK, e ainda mais nos governos militares pós 1964 (Ingresso do Brasil na etapa monopolista do capitalismo), entra na lógica do mercado, dos complexos empresariais, o jornal O ESTADO se atualiza em termos de equipamento “por acaso” em 1972, sem que isso tenha sido um projeto empresarial. Bem diferente da lógica baseada em sofisticados recursos tecnológicos trazidos pelo conglomerado empresarial que passam a ser uma forma de domínio sobre a sociedade, e onde a “racionalidade da técnica identifica-se com a racionalidade do próprio domínio.” (ADORNO, 1999, p. 7). Essa racionalidade se estabelece em nível mundial com a multiplicação de fusões, alianças e incorporações de empresas de comunicação. Nessa lógica permanecem em atividade apenas alguns conglomerados que conseguem reunir a nova ordenação dos setores tecnológicos – informática, telefonia e televisão, como aponta Moraes (1998). Ou seja, a concentração da sociedade da informação se dá de modo global a partir da internacionalização dos aparatos tecnológicos.

A Empresa Editora O Estado era uma firma que dava suporte ao processo de fazer o jornal, e não o contrário. Antes do período de profissionalização jornalística, servia como estrutura material para se realizar o objetivo político, uma espécie de organização empresarial improvisada. Não chegou a ser uma empresa sofisticada no sentido do controle sobre o profissional, tal como o exercido pelos grandes grupos. Ao contrário, percebe-se pelos depoimentos muito mais um “calor na redação”, tanto no sentido da urgência e correria para concluir cada edição, como no sentido humano, afetivo.

Naquela organização empresarial precária, que não tinha as características plenas da indústria cultural, o que se fazia todo dia era

mais uma edição do jornal e não um *produto* final, como se passou a dizer posteriormente. Da mesma forma, a área de comunicação era conhecida por *imprensa*, termo que passou a ser substituído por *mídia*, marcando bem a passagem para a lógica da indústria cultural cuja principal expressão é a televisão e as imagens em tela em qualquer formato. Para Adorno (1999), usando características do mundo industrial moderno, a indústria cultural nele exerce um papel específico, o de portadora da ideologia dominante. Na nova concepção empresarial que passa a tomar conta das redações, a rotina de produção jornalística muda e a assimilação da lógica produtivista e acrítica é facilitada. Dentro dessa nova perspectiva o convívio das redações foi substituído pelo trabalho individual do profissional em seu computador. A redação unificada dá lugar à segmentação por editoriais e aumenta a exigência por produtividade dos jornalistas, pressionados entre a elaboração de notícias e os *press releases* dos clientes do mercado. Os jornalistas passam a ser chamados de produtores de conteúdo para as várias mídias, e a solidariedade entre os profissionais é eliminada, entre outras modificações.

Para Fonseca (2005), que tratou em sua tese sobre a conversão das empresas de comunicação ao estilo pós-fordista da economia global em análise sobre o jornal *Zero Hora*, da *RBS*, as transformações ensejadas nas redações a partir desta perspectiva mostram que

A racionalidade determinada pela concentração de propriedade e pela aceleração do tempo de giro do capital se reproduz no âmbito das indústrias jornalísticas na forma de reestruturação da organização da produção e do trabalho. E deixa como consequência mudanças profundas, não só na aparência do jornal como nos valores sobre os quais se fundamenta o jornalismo. (FONSECA, 2005, p. 325).

Tem se verificado que os jornais em crise procuram soluções tentando seguir e se adaptar ao estilo daquele que percorre trajetória bem sucedida naquele momento. Isso significa, geralmente, incorporar a lógica da indústria do entretenimento no conteúdo, e as mais contemporâneas técnicas de gerenciamento empresarial. Porém, isso também pode ser um engano, pois deixa para trás sua própria história e

estilo. Como diz Galvani (1996, p. 18) “Mesmo perdendo dinheiro, quem quer oferecer uma alternativa, ou mantém sua diferença ou se torna igual a todos os outros...E aí, não só vai perder mais dinheiro, como vai até morrer. É o destino dos que não conseguem se manter personalizados...” O ESTADO afirmou e reafirmou até o fim que era o legítimo jornal de Santa Catarina, posição conquistada por ser hegemônico, mas não se preparou para atuar tendo a presença de um forte concorrente. Na confusão geral em que se viu colocado, hesitou entre manter seu diferencial ou tentar se adequar ao estilo trazido pelo concorrente. Essa indecisão, somada às dificuldades financeiras que vinham de longa data acabou fragilizando o jornal sempre mais, até a falência final.

CAPÍTULO 3. O ESTADO CONTA E ENALTECE AS MUDANÇAS EM FLORIANÓPOLIS

As duas últimas décadas do século XX consolidaram as transformações econômicas, sociais, políticas e culturais da cidade de Florianópolis iniciadas nos anos 1970. A capital catarinense passou por mudanças acentuadas em anos recentes, por uma urbanização muito rápida, sendo objeto de vários estudos que trataram de como estas alterações no entorno urbano se construíram. O processo de mudanças no perfil da cidade é demonstrado por autores como Costa (2004), Santos (1997), Marcon (2000), entre outros. Lisboa (1995) caracteriza a dinâmica societária da ilha de Santa Catarina em três momentos históricos: do séc. XVI até 1926 como “pré-moderno”, o período de 1926 a 1981 como “desenvolvimentista”, e a partir de 1981 de “pós-modernidade perversa”.

As alterações no espaço urbano e público podem ser melhor compreendidas a partir de proposições de Sennett (1998), como a de que os fóruns para a vida pública, como a cidade, estão em estado de decadência. Ao analisar a nascente burguesia de Paris e Londres, Sennett constata que a urbanização no séc. XIX consistia em algo mais do que a difusão de hábitos urbanos; significava uma difusão mais geral de forças “modernas”, antitradicionais. Nos permitimos essa apropriação por entender que o que foi retratado sobre aquelas capitais europeias por Sennett é uma antecipação do que aconteceria nas capitais brasileiras um século depois. É o que se observa também em Florianópolis a partir da segunda metade do século XX, quando começa a defesa da alteração na paisagem.

A pesquisadora Janice Caiafa, que fez estudo etnográfico sobre o Rio de Janeiro, referencia-se em Deleuze e Guatari para defender que a emergência das cidades envolve antes um ajuntamento de estranhos e heterogêneos do que uma homogeneização. Flores e Campos (2007) também fazem uma revisão crítica à ideia benjaminiana do *flaneur* que passeia no centro da cidade, dizendo, que a “urbanidade contemporânea dá conta de produzir uma série de outras possibilidades: rappers, catadores de recicláveis, yuppies, mendigos, que vivem ou sobrevivem em meio a galerias, vitrinas...” (FLORES; CAMPOS, 2007, p. 270). Os autores defendem que as cidades comunicam coisas, com

performatividades e produção de imagens identificadoras, tal como já dito por Cavenacci (1993), em sua obra "A cidade polifônica". Talvez se possa dizer que as recentes mudanças na paisagem de Florianópolis marcam esta passagem que foi descrita por Benjamin: da cidade com poucos carros e da contemplação tranquila e burguesa para a agitação de transeuntes de todos os tipos a transitar com pressa em ruas repletas de edifícios e congestionadas por pessoas e veículos automotores a comunicar diversas mensagens.

Um marco diferencial nos estudos sobre a capital catarinense é a tese de Fantin (1999), que aborda os dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis, entre os que defendem o modelo cidade-metrópole, e os que querem o modelo cidade [de proporção] média:

O “ponto crítico” que distancia e distingue dois projetos de cidade é a concepção marcada pela razão autônoma (que vê a cidade como lugar de cidadania, exercício da liberdade, da comunicação, da fruição) daquela marcada pela razão instrumental (que vê a cidade como lugar de “negócios”, onde prevalece a lógica do lucro, da especulação). (FANTIN, 1999 p. 241).

As transformações na arquitetura e na paisagem, nas vias de tráfego, no espaço público e nas relações políticas e sociais foram descritas pelos autores com ênfase em aspectos históricos e sociológicos. O papel da imprensa neste processo foi pouco analisado até aqui, sendo uma das exceções a tese de Lohn (2002). Há trabalhos relacionados a outros aspectos da comunicação em Florianópolis, como os de Cruz (1994), Fernandes (1998) e De Marco (1991). Observa-se, assim, a possibilidade de mais estudos em relação a contribuição da imprensa escrita no processo de transformação e de como, por outro lado, a própria imprensa local foi afetada pelas mudanças.

Nos jornais, em geral, moderno significa o que está na vanguarda, na moda, o que é atual. Seria a oposição a antigo, a ultrapassado. Isso é o que denotam as reportagens e artigos no jornal O ESTADO, de Florianópolis, que circulou por quase cem anos, mas está demarcado pela sua trajetória ao longo do século XX. Em suas páginas, em diversos períodos, há uma defesa em favor do moderno e da modernidade na

cidade, como mostram os trabalhos acima citados. E era enaltecida a transformação urbana pela qual a cidade passava, ao substituir gradativamente no centro o casario açoriano por prédios verticalizados. Mas ao mesmo tempo, especialmente a partir dos anos 1970, o jornal permitiu a crítica a esse modelo, sendo o principal porta voz o colunista Beto Stodieck, frequentemente lembrado por defender a importância do patrimônio histórico, entre outros temas da cidade. O próprio jornal se “modernizou”, primeiro em 1972, com a instalação do sistema *off set* de impressão, e em 1983, com outros equipamentos, e estas mudanças foram sempre enaltecidas pelo periódico em seus aniversários. Com a chegada do principal concorrente, *Diário Catarinense* (1986), passou a ser conhecido como “o mais antigo”, numa referência à sua quase centenária existência, mas que também já era uma indicativa de ultrapassado, superado.

A perspectiva é de que Florianópolis deixa para trás a era colonial, mística e tranquila, e passa para modernização tecnológica e da globalização verificada nos anos 2000 (que teria começo em meados do século XX nos países centrais), com rastros parciais da etapa da modernidade ocidental, principalmente nos últimos 30 anos. Ainda persistem aspectos da antiga cidade, aquela do estágio de pré-modernidade (até os anos 1970), mas começa a sobressair a urbe da pós-modernidade globalizada. Essa transição, assim como em outras localidades do país se dá através de um transcurso parcial na modernidade à brasileira, de expansão do capital para o interior pela “integração nacional” promovida pelo governo militar, governo este que apoiou a expansão de redes de comunicação para todo o Brasil, especialmente a Rede Globo de Televisão. Tal perspectiva pode ajudar a compreender a gradativa descaracterização dos traços histórico/culturais da cidade e perda de uma identificação na qual os moradores se reconheçam. Talvez por que, como diz Giddens (1996), “a ordem social moderna passou a existir no contexto de uma ruptura com o passado. [...] A difusão da produção capitalista extirpou muitas das comunidades locais e dissolveu muitos costumes e práticas locais”.(p.99) Ao mesmo tempo, Featherstone (1997) diz que “uma das características associadas ao pós-modernismo é a perda do sentido de um passado histórico comum e o achatamento e espacialização de hierarquias simbólicas há muito constituídas” (p. 126)

3.1 A crença no progresso

A Ilha de Santa Catarina era separada do continente até 1926 e algo desconhecida no Brasil até o fim dos anos 1970. Embora capital do estado, não é a maior cidade de Santa Catarina e nem polo industrial e “com tais condicionantes, realizou-se um crescimento urbano considerado 'tardio' em relação a outras regiões do país” (GUERINI, 2000, p.2). Permaneciam até o início dos anos 1980 características de cidade interiorana, em que a maioria dos moradores se conhece e as diferenças de classe social ainda não são tão explícitas. Cidade parecida com o que era na década de 1940, quando o jornal O ESTADO foi comprado pela família Ramos.

As decisões políticas tomadas nos anos 1950 seriam decisivas para definir o futuro de Florianópolis. Era a o período JK de ufanismo e crença no progresso, em que o crescimento econômico propiciaria as transformações desejadas pela população local. As disputas sobre qual projeto econômico traria as transformações, ocorridas naquele momento, foram decisivas para os rumos que a cidade tomaria a partir dali. O primeiro Plano Diretor, debatido ao final dos anos 1960, propunha a criação de um porto, integrando a cidade à economia industrial, enquanto grupos políticos e empresariais esperavam a valorização imobiliária das áreas das quais eram proprietários, a partir do incentivo ao turismo. A aposta no turismo foi a decisão tomada e estes investimentos imobiliários “encontrariam valorização na medida em que o poder público atuasse como indutor dessa opção econômica.” (Lohn, 2007, p. 314). Dentro desta perspectiva, o governo estadual cria o Plano de Obras e Equipamentos, projeto que deveria contemplar Florianópolis sob a rubrica de planejamento da cidade.

Em Florianópolis, a vontade de modernidade é de que a cidade superasse o seu passado de atraso, seu isolamento político, cultural e econômico; que a cidade se projetasse para o resto do estado como capital, que encontrasse sua peculiaridade e sua potencialidade econômica, cada vez mais com vistas no turismo. Do esforço e engajamento de políticos, intelectuais, artistas e empresários, a Ilha-Capital adensou a sua malha urbana e aparelhou-se dos principais equipamentos

urbanos, cujos resultados evocam o ponto de ruptura entre uma cidade do passado, de ruas e casarios coloniais, “pacata e provinciana”, como se dizia, e uma cidade aberta, moderna, de costas viradas a sua antiga maritimidade, dos aterros que conquistaram terras sobre o mar, do automóvel, da verticalização, do projeto de cidade turística. (FLORES; LEHMKUHL; COLLAÇO, 2006 p. 22).

A capital catarinense era ainda uma pacata⁷⁰ cidade, e a região do bairro Trindade considerada “interior”⁷¹, com espaço para ser ali instalado o campus da UFSC – Universidade Federal de Santa Catarina, em 1960. A Universidade foi um importante fator de impulso para o crescimento da cidade, com a vinda de professores e alunos de várias cidades catarinenses e de outros estados. O aumento da população incentivou empresários locais a investirem na construção civil, surgindo assim os primeiros prédios residenciais. Os governos estadual e municipal implantaram a partir daí várias propostas visando a transformação da cidade, sendo uma delas o Gabinete de Planejamento, em 1961. Conforme Marcon (2000), no período 1960-1970 foram criadas 92 dos 159 órgãos estatais existentes em SC, o que corresponde a 57% do total criados do século XIX até 1991. Para essa autora, o Estado agia com determinação empresarial pela falta de capacidade do setor privado para realização de empreendimentos (visão que mudaria completamente a partir dos anos 1980), e exerceu sua função reguladora das relações sociais para promover o processo de urbanização. A ponte Colombo Machado Salles, segunda ligação rodoviária entre a ilha e o continente, fica pronta em 1972, e logo em seguida são implantados os aterros das

⁷⁰ “Há uma disputa velada com as vizinhas Joinville, Criciúma, Blumenau e Lages, que estão crescendo e questionando Florianópolis como capital. É preciso dar definitivamente visibilidade à cidade, transformando o cenário, maquiando seu provincianismo, seu pacato jeito de ser”. (ASSIS, L., 2000).

⁷¹ Nota na coluna de Beto Stodieck, no Jornal de Santa Catarina, ainda em 1972, dizia: “[...] É mais do que urgente a necessidade de desafogar o tráfego para os bairros do **interior** da Ilha (Agrônômica, Penitenciária, Trindade e tal)”. (JSC, 5 de julho de 1972. In: PORTO & LAGO, 1999, p.82). Grifo meu.

baías norte e sul, em 1973⁷². Era a “política de desenvolvimento” que chegava a Santa Catarina, como também demonstram, entre outros, Santos (1999), Marcon (2000) e Lohn (2007):

A leitura dos jornais de Florianópolis daquele período indica que a euforia com Brasília – menos a cidade e mais sua representação – espalhou-se pelo país, como referência de uma nova sociedade em construção. Ou seja, ocorreu um processo de apropriação das mensagens difundidas, envolvendo a atribuição de significados e o compartilhamento de determinados horizontes de expectativas por diversos segmentos da sociedade. (LOHN, 2007, p. 298)

Ao longo dos anos 1960 e 1970 a cidade começou a ter o perfil verticalizado que se acelerou com a explosão habitacional e o boom imobiliário que a transformaram. As construtoras se afirmaram no cenário local ao longo das décadas expandindo suas atividades pela área central e também na Avenida Beira Mar Norte, área das primeiras concentrações de empreendimentos verticais da cidade. Os edifícios de vários andares eram vistos como sinal de prosperidade e de modernidade. Texto publicado originalmente no jornal O ESTADO em 8 de março de 1970 e reeditado na edição comemorativa do periódico em maio de 2000, trata da “Cidade que descobriu a si mesma”. O texto faz referência aos edifícios que apontam para o céu e à cidade que cresceu, de repente: “O ritmo das obras no âmbito da construção civil é o mais elevado de todos os tempos”. Por fim, diz que “Por enquanto, nessa sua fase de transição, ela [a cidade] faz passar o passado nas suas ruas estuantes de progresso, sem esquecer de instrumentalizar-se para

⁷² O aterro da Baía Sul, de 630 mil metros quadrados, projetado pelo arquiteto Roberto Burle Marx, previa a instalação de prédios do poder público, edifícios residenciais para funcionários, heliponto, bolsões de estacionamento, áreas de lazer com quadras esportivas, lago com ilhas e minissistema viário para crianças. Nos anos 2000 o que se vê é a completa descaracterização da proposta, com terminal de ônibus da cidade, camelódromo, estacionamentos, estação de tratamento de esgoto e outras construções, sendo que apenas o Terminal Rodoviário Rita Maria fazia parte do projeto original.

enfrentar o futuro.” (O ESTADO, 13 e 14 de maio de 2000, Suplemento especial 85 anos, p. 31)

Um dos principais símbolos desta verticalização das construções é o chamado “paredão” da rua Hercílio Luz, um conjunto de prédios altos que ocupa toda uma quadra no centro da cidade, entre as ruas José Jacques e Anita Garibaldi. Implementadas pela construtora CEISA no final da década de 1970, todas as torres tem onze andares e estão umas junto às outras, dificultando a iluminação e a ventilação. O tipo de construção pressupõe uma opção dos empreendedores imobiliários em “aproveitar” o momento de busca de moradores por moradia em apartamentos, sem maiores preocupações quanto à estética e à funcionalidade da disposição espacial dos prédios.

3.2 A instalação da Eletrosul em Florianópolis

Gradativamente, depois da Universidade, outras repartições públicas instalaram-se na cidade e ao lado da UFSC foi implantada a Eletrosul em 1976, marcando as transformações em curso que se aceleraram a partir de então. A Eletrosul é uma das empresas do sistema Eletrobrás e abrange os três estados do Sul (RS, PR e SC), e o de Mato Grosso do Sul. Por se tratar de uma empresa estatal da área de energia, trouxe à cidade profissionais de nível superior e de alta capacidade técnica vindos de outros estados, especialmente do Rio de Janeiro. Para os novos moradores foram criados condomínios exclusivos com casas de alto padrão, como no bairro Carvoeira, próximo à sede da estatal. Além de seu próprio espaço habitacional, os funcionários da Eletrosul também criaram e instalaram ao lado da empresa a Elase – Associação dos Funcionários da Eletrosul, uma entidade com funcionamento parecido aos de um clube para atividades esportivas e de lazer. A partir da chegada destes e outros moradores, teve início a explosão habitacional que resultou no boom imobiliário dos anos 1970, com a consolidação de construtoras como A. Gonzaga e CEISA (famílias Daux e Ramos), num movimento que só cresceria nos anos e décadas seguintes.

Por trazerem profissionais de cidades maiores com vivências sociais e culturais diferenciadas, consideradas modernas para os até então moradores da pequena Florianópolis, UFSC e Eletrosul contribuíram para mudanças no cenário político, cultural e econômico-social. Segundo Marcon, “o impacto registrado, à época, não foi somente em termos de quantidade de funcionários, mas pelo contrário, pela sua

capacidade de consumo, gerando uma enorme demanda por todo o tipo de serviços e de infra-estrutura urbana.” (MARCON, 2000 p. 190). O criador do troféu Manezinho da Ilha, Aldírio Simões recordou: “Com o surgimento da UFSC) e da Eletrosul sentimos que os nossos espaços estavam sendo ocupados, que a nossa identidade estava se perdendo⁷³.” O próprio jornal O ESTADO, que havia recém se renovado e trazido jornalistas profissionais de outros estados, também colaborou para as alterações em curso. Conforme um dos jornalistas que atuou no periódico naquela ocasião,

foi um susto para o pessoal que estava acostumado acompanhar as coisas através dos jornais do Rio de Janeiro. A gente começou com a sistemática de cobertura diária, não só no esporte, mas também na política, na economia, e na cultura também, criação de cadernos essas coisas. Isso era uma coisa muito nova pra cidade, pois ali estava ampliada a vida da cidade, da região. (MEDAGLIA, depoimento, 2012).

A cidade passou a ser retratada no jornal de forma mais ampla, assim como o jornal pretendia ser o espelho da cidade, formando uma imagem simultânea de figura e fundo, em que ora aparecia mais um, ora outro. No mesmo jornal O ESTADO, notas do colunista Beto Stodieck que denominava os novos moradores de “os eletrosuis” demonstravam irritação dos antigos residentes com os hábitos trazidos pelos “de fora”. Uma das notas falava da inflação no mercado doméstico trazido “pelas eletrosuis (que são as mulheres dos eletrosuis) pagando ordenado de Rio às nossas locomotivas de fogão. Se antes elas ganhavam Cr\$ 300,00 mensais, hoje recebem Cr\$ 700,00...” (OE, 14 de abril de 1976). Uma parte de outra nota relatava: “[...] O problema com relação aos tais

⁷³ Declaração citada em matéria de Carlito Costa sobre a morte de Aldírio Simões, em dezembro de 2005. A matéria “Morre Aldírio, um autêntico manezinho”, diz também que Simões havia dedicado quase toda a sua vida profissional ao resgate da memória e de personagens da cidade. “Seu trabalho fez com que fosse comparado ao pesquisador Franklin Cascaes - esse atuando na área rural e aquele no setor urbano da cidade”. A N Capital, 31/12/2005 e 01/01/2006, obtido em <http://www1.an.com.br/ancapital/2005/dez/31/1fal.htm>, acesso em 25/01/2013.

eletros, se é que ainda há problema diante das ameaças ‘dos outros’, é aquela empáfia de alguns, aquele pretensão de superioridade diante das coisas e pessoas locais[...]” (OE, 15 de setembro de 1978) Torna-se clara a partir daí uma separação mais nítida entre extratos de classes sociais, antes mascaradas por relações de camaradagem (e sujeição) entre pessoas que se conheciam de perto, e pela troca de favores entre os bem estabelecidos na cidade os que lhes serviam, moradores da periferia ou do interior da ilha. A chegada dos funcionários da Eletrosul e da UFSC trouxe uma nova classe média que entra no espaço público e a partir de então outras questões surgem, desestabilizando as certezas daquela camada média que se constituía pela tradição há muitos anos. Para um jornalista nascido na cidade, o que ocorreu a partir daí foi que

a população começou a sofrer uma miscigenação, não sei se seria essa palavra, mas aquela comunidade fechada começou a se permear. E quando o sujeito da cidade resolve chamar aquele pescador de manezinho (e a gente ainda tá na etapa urbano/rural), ele tava querendo se diferenciar: “eu estou preparado para a modernidade”. Havia um anseio da elite urbana pela modernidade e foi atropelada por esta modernidade que ela mesma chamou. (UNGARETTI, depoimento, 2012).

O depoimento mostra que a classe média que havia até ali vivia a contradição de louvar o novo, mas não suportar, ter dificuldade em tolerar o que era diferente. Talvez se possa dizer que era uma elite social que havia vivido até ali uma modernização precária, se considerado que Florianópolis por “estar longe demais das capitais”, era (e ainda é, de certo modo) a periferia da periferia do capitalismo monopolizado. Ou seja, é uma elite local que traz em si a tradição familiar e não a tradição democrática, que começa a ser assimilada apenas alguns anos depois. Nesse sentido, o colonista Beto Stodieck faz um contraponto interessante, na medida em que é integrante da camada média já existente, mas que tinha, ao mesmo tempo, incorporado novas perspectivas, principalmente por ter vivido alguns anos fora de Florianópolis. Assim, sobre o mesmo tema, os “Eletrosuis” a avaliação do colonista Beto Stodieck torna-se diferente, e ele diria dez anos depois, considerando-os já como aliados na defesa da antiga cidade:

É claro que o atual *boom* florianopolitano é superior ao início da década de 70, quando a essência da Ilha começou a notar que não mais estava sozinha, desconhecendo, com certa dose de preocupação, quem passava e a gente não conseguia identificar, muito menos cumprimentar... (Dava uma agonia...) Os prédios se avolumavam furiosamente, em direção aos céus, essas coisas que tanto descaracterizam a cidadezinha à beira-mar tranquila. Hoje FLN sofre novo e estonteante impulso, até parece que estamos à parte da realidade nacional... E, engraçado, acontecendo com aqueles que chegaram na década passada o que então fomos “vítimas”: desconhecendo igualmente os que acabaram de chegar – não se cansam de chegar (atraídos pela excelência da cidade) – deixando-os nervosos por isso; sentindo-se, com alguma razão, donos de casa, também...Em suma, criaram raízes os eletrosuis, por exemplo. (OE, 19 de julho de 1988)

A universidade e a estatal de energia teriam sido então as alavancadoras do “progresso” ocorrido a partir daquele período em Florianópolis. Para Marcon, houve significativo impacto econômico, já que “a implantação da UFSC movimentou recursos superiores aos da municipalidade e estimulou a reorganização dos espaços intra-urbanos.” (MARCON, 2000, p. 140). O ano da chegada da estatal de energia elétrica foi quase simultâneo ao da derrubada do Miramar⁷⁴, considerado símbolo da destruição do patrimônio histórico da capital.

⁷⁴ Edificação pública construída junto ao mar na parte central da cidade e bar ponto de encontro de boêmios, de pescadores a intelectuais. Criado para ser um cais destinado ao embarque e desembarque de passageiros, como um prolongamento à Praça XV de Novembro, em substituição ao antigo Trapiche

Em 24 de outubro de 1974, o Bar Miramar, que ainda se aninhava em meio às areias do aterro da baía sul, por onde iria passar uma pista de automóveis em acesso à nova ponte, foi demolido, num quase ato simbólico que rompe a Florianópolis portuária, marítima, e a fez definitivamente a cidade rodoviária, do automóvel, do forasteiro, da verticalização, do adensamento urbano, cidade turística, cidade do desejo, alegórica, metamorfoseada, cidade-memória. [...] Na orla marítima alterada, construiu-se um novo complexo viário para atender às demandas de uma cidade planejada e rodoviária. A antiga linha d'água que marcava os limites entre terra e mar foi arrastada e, com isso, o centro histórico foi privado de sua antiga parceria com o mar. Diante desta cidade inquieta, perderam-se as referências da Florianópolis portuária.” (FLORES; LEHMKUHL; COLLAÇO, 2006, p. 27-28)

3.3 O discurso da modernidade na cidade e no jornal

Na modernização arquitetônica e urbana praticada na Florianópolis da década de 1970, havia uma preocupação das elites locais em se desvencilhar de tudo o que remetesse à ilha do Desterro, como era inicialmente denominada, para transformá-la em cidade moderna. Na concepção de Bruno Latour (1994), todas as definições de modernidade apontam para a passagem do tempo e “através do adjetivo moderno assinalamos uma aceleração, uma ruptura, uma revolução do tempo. Quando as palavras ‘moderno’, ‘modernização’ e ‘modernidade’ aparecem, definimos, por contraste, um passado arcaico e estável”. (p. 15) E o jornal, mantendo seu papel de veículo condutor do progresso e da civilização, iniciado com o seu surgimento a partir e dentro do período do Iluminismo, sendo “uma modalidade de discurso moderno”

Municipal, foi inaugurado em 1928 e demolido em outubro de 1974. (SANTOS, 1997, p. 41)

(ALBERTOS, 1997, p. 37), cumpre um importante papel neste discurso da sociedade local. Conforme Sennett, esse processo de forjar um vínculo social adequado a uma cidade em expansão não passa incólume: “Precisava-se ansiosamente criar modalidades de discurso que ordenassem a nova situação urbana”. (SENETT, 1998, p.33) Nessa perspectiva também destacamos o que diz Lohm:

No caso específico de Florianópolis, a imprensa e os planos de urbanistas são campos profícuos para encontrar indícios e sinais da construção imaginária de uma cidade, com suas implicações políticas e, em especial, sua dimensão utópica, compreendida aqui não como um alijamento da realidade ou mera ilusão, mas como um conjunto de imagens abrangentes que norteiam leituras do mundo e asseguram projetos de ação. (LOHN, 2007, p. 307)

Na mesma direção vai a análise de Castro, citando comentário do jornal O ESTADO a respeito do início da verticalização da cidade:

Havia o reconhecimento da beleza associada aos “grandes edifícios” e à perspectiva positiva do progresso, ou seja, do crescimento das cidades até um limite impreciso identificado com o conforto e as facilidades da vida moderna. [...] Era necessário mudar os ritmos de Florianópolis, cidade-capital do estado, que ainda tinha ares de cidade “pacata”. (CASTRO, In: FLORES; LEHMKUHL; COLLAÇO; (org.) 2006, p. 47 e 49).

Os cidadãos olhavam com esperança e confiança para um futuro melhor a partir das modificações que viriam no seu entorno. E o melhor futuro, “simbolizado pelo conceito de ‘progresso’, assumiu em suas crenças o caráter de um ideal pelo qual se podia lutar com inteira confiança em sua realização final”, como diz Elias. (1997, p. 128) A análise da arquitetura em transformação também permite interpretação idêntica:

O crescimento e a modernização – expressos através da verticalização – conquistaram o bilhete de entrada para o espetáculo contemporâneo. Sem grande comprometimento estético com qualquer programa de vanguarda, os novos edifícios apresentavam um uso livre de linguagens técnicas e modernas em seu sentido de “moda”, propagada pelo cinema, pelos jornais e revistas” . (CASTRO. In; FLORES; LEHMKUHL; COLLAÇO, 2006, p.55)

Nesse período, “com o crescimento do aparelho do Estado⁷⁵ e a dinamização da economia urbana, ocorreu, paralelamente, a ampliação do setor da classe média com poder aquisitivo acima da média local, que puderam se mudar para os melhores locais da cidade.” (MARCON, 2000, p. 157). Grupos modernos se formam unindo a burguesia tradicional e a nova classe média formada por funcionários públicos de grandes empresas estatais, excluindo as classes populares, referenciadas apenas no folclore do *manezinho*. O modelo aprofunda-se ao longo dos anos, beneficiando cada vez mais uma camada social privilegiada e aos poucos causa transformações estruturais na sociedade local.

A Florianópolis, dita moderna, precisou ser assim reconhecida pelos sujeitos que a habitavam. Se a modernidade da Ilha foi construída por discursos que diziam ser o seu destino o progresso, e o realizaram com edifícios altos, comércio local movimentado, ruas congestionadas, turistas chegando, gente bonita e bem vestida circulando, a

⁷⁵ Classificada como centro urbano de porte médio pelo governo federal, Florianópolis mereceu tratamento diferenciado na política proposta no II PND-Plano Nacional de Desenvolvimento. No período 76/82, a capital recebeu 47,87% dos recursos transferidos pela União às cidades catarinenses, conforme Marcon (2000). Este plano era uma de várias ações dentro da proposta do regime militar de então visando a política de “integração nacional”.

“modernização” dos seus habitantes ocorreu como experiência particular de adestramento do seu olhar para ver e assimilar a novidade” (SANT`ANNA, In:FLORES; LEHMKUHL; COLLAÇO, 2006, p. 180)

A maior visibilidade das novidades se dá na arquitetura da cidade, com as casas aos poucos sendo substituídas por prédios de vários andares. A partir dos anos 1980 surgiram novas construtoras (Zita, Koerich Imóveis, e Formacco, entre outras), focadas no desenvolvimento habitacional (apartamentos) e comercial (salas empresariais), atentas às “demandas do mercado”.

Para Lago (1996), a crença na economia de tempo livre (investimento no turismo) serviu como um meio de ruptura da lentidão do crescimento de Florianópolis. Na avaliação de Lohn, a primazia ao turismo “significava permitir que os grupos políticos e empresariais mais influentes tivessem ganhos econômicos, com a valorização de imóveis, em muitos casos conquistados em áreas de antigos campos comunais”. (LOHN 2007 p. 316) Nessa perspectiva, o setor imobiliário direcionou seus investimentos para as praias do Norte e o Leste, num primeiro momento, e depois para o Sul da ilha. Além disso, junto com a preconizada modernização imobiliária, a chegada da universidade ampliou o segmento de jovens da cidade. Então, conforme Costa, houve o enaltecimento da juventude como categoria subjetiva:

Após 1970, vemos que a imprensa passou a se preocupar em divulgar roteiros comerciais de diversão, evidenciando assim, uma nova indústria do lazer que começava a aparecer na cidade e que se organizava ao redor desses mecanismos de divulgação. (COSTA, 2004, p. 137).

A divulgação dos roteiros de diversão, como apontada acima por Costa, acelerou-se nos anos 2000, quando a cidade passa a sediar grandes shows musicais e a ser reconhecida nacionalmente pelas festas de música eletrônica, organizadas principalmente em Jurerê Internacional.

Quadro 10. Descrição do loteamento Jurerê Internacional

O atual balneário mais rico e badalado da Ilha de Santa Catarina surgiu a partir da aquisição de uma área de mais de 50 hectares na localidade então denominada Ponta Grossa, pela Imobiliária Jurerê Ltda, em 1951. Entre os donos da imobiliária está o ex-governador Aderbal Ramos da Silva que encomenda projeto arquitetônico a Oscar Niemayer, em evidência naqueles anos pela construção de Brasília. O Loteamento Praia do Forte começa a ser concretizado em 1957 e pretende ser um grande e inovador balneário, com restaurante, hotel internacional e residências de veraneio. Construído sobre uma área “vazia”, onde haviam alguns ranchos de pescadores e mangue, o loteamento causou impacto na cidade. O diferencial são as alamedas desenhadas em frente aos lotes e destinadas ao pedestre e ao lazer. “Como parte do léxico moderno, os elementos projetuais do programa proposto para as edificações, como os pilotis, a estrutura independente e o rigor geométrico das formas, impactaram sem dúvida a pacata cidade.” (TEIXEIRA & ADAMS, 2007, p. 15) Em 1983, após ser vendido para o grupo Habitasul, ocorre um novo ciclo de ocupação da área, através do Loteamento Jurerê Internacional. A partir da gradativa ocupação do loteamento, as alamedas em sua maioria passaram a ser usadas como complemento do jardim das residências. As casas enormes e luxuosas, sem cercas, são um atrativo a mais da praia, e a partir dos anos 1990 tiveram grande valorização imobiliária. Nos anos 2000 as colunas sociais de jornais, tevês e internet noticiam festas luxuosas nas mansões e a presença de pessoas famosas como artistas e jogadores de futebol. O balneário passa a ser visto em nível nacional como local de grandes festas e de ostentação de riqueza.

Fonte: Texto baseado em TEIXEIRA;ADAMS(2007) e em informações do jornal *Diário Catarinense*.

A divulgação de festas e celebridades torna-se um mecanismo para atrair público à cidade, dentro da perspectiva do turismo de lazer, uma das modalidades adotadas por empresários em busca do sucesso econômico durante a temporada de verão, principalmente. Mas o germe desse movimento iniciado nos anos 1970, descrito acima por Costa (2004), também é apontado por outra pesquisadora:

O novo, o diferente e o transformador estavam em evidência em Florianópolis nessa época, e

essas noções tendiam a se confrontar com tudo o que permanecesse nos limites do antigo, do tradicional e do conservador. O novo confundia-se com ideais de modernidade, propugnados por diferentes segmentos da população da capital. [...] Modernidade que em Florianópolis significava comércio, indústria e, sobretudo, turismo. (CAMPOS, In: PEDRO; ISAIA; DITZEL, 2012, p. 184-185)

O modelo de estilo de vida a ser copiado com mais ênfase, naqueles dias era o jeito carioca de ser, como ainda nos dias atuais. A diferença é que nos anos 2000 o que se repete são as mazelas sociais que ocorrem na antiga capital brasileira, enquanto nos anos 1970 se procurava imitar os comportamentos “descolados”, a alegria e a irreverência na forma de agir, como mostra uma reportagem de revista de circulação nacional publicada em 1975, com o título “Florianópolis - Os cariocas do Sul”, escrita por Salim Miguel. Importa destacar também o dualismo que permeia a cidade em muitos aspectos, apontado pelo escritor no texto, assim como também aponta Fantin, citada anteriormente, sobre a cidade dividida.

Florianópolis rapidamente se modifica, perdendo sua pacatez e, em parte, se desfigurando. São bairros que surgem, aterros tomados ao mar, edifícios que se alteiam, novas avenidas, acessos às praias, num rush de construções e transformações que é um dos mais intensos do país. A recém inaugurada ponte vem fazer companhia à velha [...] Aliás, esse dualismo é uma das características identificadoras da capital dos catarinenses. Se agora são duas pontes, antes já existiam duas baías, duas lagoas, dois bairros mais diferenciados, dois centros urbanos bem distintos, duas universidades, dois times rivais no futebol, dois tradicionais clubes sociais, dois estilos de vida se contrapondo e completando. De um lado uma cidade irreverente e bem humorada, com um **povo**

semelhante ao carioca na maneira de encarar a vida e seus problemas, gozando os visitantes e se auto-gozando; e do outro um centro político-administrativo e cultural-universitário preocupados ambos com os destinos do Estado e seu compromisso com o futuro. (MIGUEL, Revista Manchete, 22/03/1975)

3.4 Protestos e problemas sociais se evidenciam

Mas a aparência pacata foi definitivamente superada em 1979, quando um protesto estudantil e popular contra o ex-presidente Figueiredo, que passou a ser conhecido como *novembrada*, coloca Florianópolis nas manchetes nacionais, embora a emissora de TV do grupo RBS, instalada naquele ano na cidade, tivesse deixado de apresentar seu principal noticiário naquela noite para não tratar do assunto e não se indispor com o governo militar, de quem acabara de receber a concessão do canal de TV⁷⁶. O episódio (detalhado no capítulo um) se tornou conhecido por *novembrada* por ter desencadeado uma sequência de manifestações na quadra que circunda a Praça XV⁷⁷, iniciadas no dia 30 daquele mês, dia da visita.

Começa a ser concluída nesse período a segunda etapa da avenida Beira Mar Norte, a Via de Contorno Norte, que também daria um ar “moderno” à cidade, já que até algumas décadas antes as casas daquela região ficavam de costas para o mar. A valorização da praia pelos moradores e, principalmente, pelos turistas que começam a conhecer Florianópolis, incrementa o plano de tirar a pecha de “atrasada” que a cidade tinha por décadas. Nos anos 1980 ocorre a primeira grande

⁷⁶ Informação verbal destacada pelo jornalista Moacir Pereira em palestra em evento alusivo aos 30 anos da *novembrada* realizado no auditório do CFH/UFSC dias 29 e 30/11/2009.

⁷⁷ A forma de ocupação deste espaço público, o entorno da catedral metropolitana e da praça da Figueira, demonstra também as mudanças ocorridas na cidade. Enquanto no fim dos anos 1970 (*Novembrada*) e durante os anos 1980 (luta pelas diretas já) era palco de manifestações populares, nos anos 2000 se veem ali barraquinhas em que se vende de tudo, de caldo de cana a artesanatos diversos e discos de vinil.

“invasão” de turistas argentinos, a verticalização da cidade se intensifica e o boom imobiliário se estende para bairros como Itacorubi, Trindade, Pantanal e João Paulo, e as praias que circundam a ilha, especialmente as do norte, como Canasvieiras, Jurerê e Ingleses.

Ao mesmo tempo expandem-se as favelas na cidade, em decorrência do crescimento da migração, sendo que a Cohab – Companhia Estadual de Habitação - constrói em Florianópolis 37,41% das suas unidades residenciais do período de 1980 a 1999 (Marcon, 2000, p. 167). É neste período que inicia o declínio do Estado intervencionista⁷⁸ e começam a se expandir os investimentos de capital externo à cidade, sendo um dos principais exemplos o grupo Habitasul, do Rio Grande do Sul, que construiu o balneário de luxo denominado Jurerê Internacional, a partir de 1983, conforme já citado. A expansão da indústria da construção civil, iniciada em 1967, vive uma etapa áurea que atinge o auge justamente com a construção de Jurerê, numa época considerada de ouro para o setor e momento de surgimento de grandes incorporadoras⁷⁹. Os Planos Diretores e de uso do solo foram frequentemente reformulados para permitir a expansão imobiliária e comercial, numa clara opção de vereadores e prefeitos pelas demandas do mercado.

A complementação de interesses mútuos entre empresários da área imobiliária e de políticos é uma das características da cultura política da cidade, isso quando não são ambos representados num mesmo personagem. Nesse sentido pode-se reconhecer, entre outros, o nome do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, que ainda liderava as indicações políticas do período, determinando o nome do prefeito a ser nomeado e que definiria as políticas públicas para a cidade, e por ser proprietário de construtora e ter sido um dos primeiros a iniciar a transformação ocorrida na então Praia do Forte (atual Jurerê

⁷⁸ Ainda assim, no governo Amin (1983-1987), o Plano de Ação Estadual envolveu diretamente o setor da construção civil, principalmente com a execução de obras de pavimentação do sistema viário [SC 401, SC 402, 405 e 406, e iniciada a construção da terceira ponte ligando a ilha ao continente], construção pesada e montagem industrial. (Marcon, 2000)

⁷⁹ “Época de obras de porte que marcariam Florianópolis, deixando sinais que até hoje são marcos de **progresso da Capital**. A construção civil voltaria a viver seu auge de desenvolvimento na primeira década do século 21.” (Jornal *Notícias do Dia*, 10/06/2011, encarte Clube do Imóvel, p. 13) Grifo meu.

Internacional). A despeito disso, surpreendentemente se mostra crítico quanto aos rumos que a cidade estava seguindo, e diz em entrevista em 1982, reeditada em 2011, que

Florianópolis perdeu o encanto da cidade pequena. Isto aqui era um jardim e agora é uma selva de pedra. Desapareceram justamente a alma de Florianópolis, a paisagem açoriana, as sacadas, os beirados, as grades de estilo português, o azulejo na parede. **A cidade cresceu sem que o poder público possa acompanhar. Vieram as imobiliárias que praticam verdadeiros crimes contra a cidade. Vê ali na Hercílio Luz, um paredão de cimento armado.** [...] Está tudo muito tumultuado, os terrenos supervalorizados pelas imobiliárias, tudo ficando estrangulado. No meu tempo de governo, eu costumava caminhar pelas ruas, sentava-me nos bancos do jardim, tomava cafezinho com os amigos. (PEREIRA, 2011, p. 75 e 143).

É um discurso contraditório em relação ao que realizara anteriormente como político e proprietário de imobiliária. Talvez a manifestação explícita de um estranhamento quanto aos desdobramentos não controláveis do incentivo a propagação da ideia de trazer o progresso (representado pelas novas construções) e de modernização da cidade. Ou seja, a própria elite política e econômica local se assusta com o ímpeto empresarial e comercial de que a cidade passa a ser alvo de antigos e novos moradores. Nas palavras do jornalista Henrique Ungaretti, nascido em Florianópolis, “nós ansiamos a modernidade e depois não sabemos como lidar com isso, porque ela [a modernidade] é maior que nós.” (UNGARETTI, depoimento, 2012)

Acentua-se a partir daí também a separação entre extratos de classes sociais, pois ao mesmo tempo que cresce a camada média que se muda para novos e altos prédios, aumenta também a favelização nos morros da cidade. A “nova” cidade atrai migrantes de alto poder aquisitivo, em busca das oportunidades para investir e morar, mas também os de

poucos recursos, a procura de emprego nos empreendimentos em construção, no comércio, nas casas.

Guerini (2000) trata dos impactos socioambientais no período de 1986-1996 na região metropolitana de Florianópolis, como traduzidos em duplo fenômeno: degradação ambiental e marginalização social:

Os problemas decorrentes do crescimento urbano agravaram-se principalmente a partir da década de 1980: a marginalidade social e a segregação urbana evidenciam-se na paisagem urbana devido ao crescimento de locais carentes de infra-estrutura, criação de favelas e ocupações de áreas de risco. Assim, as zonas de exclusão tornam-se mais evidentes, desfazendo o mito de crescimento urbano harmônico da região. (GUERINI, 2000 p. 2)

Apesar dos problemas do intenso fluxo migratório iniciado na década anterior, ao final dos anos 1990, paradoxalmente, Florianópolis foi considerada pela ONU como a capital brasileira com os melhores indicadores de qualidade de vida. O índice apontado demonstra a elitização crescente da cidade, já que é um fator de atração para chegada de novos moradores de maior poder aquisitivo⁸⁰. Por outro lado, percebe-se aos poucos que os problemas decorrentes do progresso tão almejado começam a aumentar. E são abordados pelo jornal da cidade de então, O ESTADO, em várias manchetes e notícias, como veremos a seguir.

⁸⁰ Conforme Marcon, isso tem gerado um processo migratório representado principalmente por profissionais de classe média e média alta que passam a residir nos balneários da Ilha. Uma migração seletiva constituída por aposentados ou profissionais que trazem seus familiares para fixar residência na ilha e alguns dias por semana deslocam-se para os seus locais de trabalho. (Marcon, p. 243) A autora diz ainda que a internacionalização turística fica visível a partir do ano de 1995, quando ocorre o maior fluxo de passageiros internacionais pelo Aeroporto Hercílio Luz. (p. 249) O indicador favorável apontado pela ONU causou controvérsias no meio político, por ter sido apropriado pela prefeita de então, Angela Amin,(PP) enquanto seu antecessor Sérgio Grando (PCB) afirmava que os índices eram resultado de políticas públicas adotadas antes, durante a sua gestão.

3.5 A cidade no Jornal: manchetes

A síntese apresentada acima, focalizando os anos 1970 e 1980, procura ser um quadro de referência para uma melhor análise do processo histórico que desemboca no recorte temporal desta tese (últimos 15 anos do século XX e os primeiros anos do século XXI). Nossa narrativa, além das referências a estudos anteriores realizados sobre a cidade de Florianópolis, é construída por meio da análise de matérias publicadas no jornal O ESTADO e de alguns relatos orais obtidos em entrevistas que reconfiguram a composição social, política e cultural da cidade. Entendemos que a cidade pode ser representada por meio de diferentes notícias, reportagens, editoriais e anúncios, publicados nas páginas do Jornal no período em questão. Mais do que informar, os jornais interferem no cotidiano das cidades e da região onde circulam, ajudam a construir a memória e a identidade local. Assim, a leitura da cidade por meio de registros do jornal O ESTADO permite a construção de sentidos e de significados implicados nas matérias. São discursos e tentativas de criar significações que projetam forças sociais diversamente implicadas na trama da cidade, mas que levam em conta as formas de hierarquia, dominação e poder aí presentes.

Assim, reproduzimos a seguir manchetes, notícias e notas de O ESTADO que mostram a cidade de 1985 a 2007. As manchetes são a vitrine do jornal, o destaque para dar visibilidade aos assuntos considerados mais importantes pelos editores. É um modo do jornal hierarquizar os temas que aborda e uma forma de atrair o leitor. O destaque da manchete principal pode ser medido também quanto a importância em relação aos outros temas presentes na primeira página. A relevância das letras grandes permite que outra manchete de menor potencial de repercussão possa ser incrementada com a complementação de imagem fotográfica. Dependendo do apelo que determinada foto tiver, ela por si só serve como chamada, complementada por legenda explicativa.

Em 2 de abril de 1985, a política estava em destaque na capa: “Aliança Amin e Jaison está praticamente selada”, com foto de ambos e a legenda “...coalizão se dará com a ocupação de espaços no governo por peemedebistas que seguem a sua liderança”. O assunto causava espanto, já que os dois políticos eram adversários ferrenhos até ali, tendo ambos concorrido ao governo do estado em 1982. Logo abaixo, na mesma capa, foto legenda com protesto do PT contra aumento da tarifa de ônibus. Além disso, na política local, “Empreguismo na prefeitura é

denunciado” – Armando Lisboa, suplente de vereador do PMDB que assumira por Aloizio Piazza se tornar prefeito, fez a denúncia. Pode-se observar que além de tentar evidenciar uma postura democrática, o jornal aproveita para “alfinetar” o PMDB, adversário histórico do então PDS. Na página 4, da coluna Informação geral, um comentário irônico: “Decididamente Florianópolis não é mais a mesma de outros tempos. Ontem, 1º. de abril não se ouviu nenhuma mentirinha a respeito de preenchimento de cargos. Aliás, nem mentira, nem verdade.” No dia anterior, numa edição de 12 páginas de uma segunda-feira, a mesma coluna informação geral trazia críticas a problemas urbanos: “Espera-se que as chamadas autoridades competentes [...] O que falta mesmo é a falta de vontade. Para dizer o mínimo” (sobre a falta de sincronia nas sinaleiras da Avenida Beira-mar). As manchetes em destaque e as notas de coluna indicam como eram predominantes no jornal naquele período as questões políticas, os cargos públicos, os interesses partidários. “Governo nega boicote a Florianópolis”, e “Cai o nível na Assembléia”, por briga entre peemedebistas, eram manchetes dia 4. O governo estadual era do PDS, sigla afinada com o jornal, e a prefeitura fora recém assumida pelo PMDB.

Alguns dias depois, em 09 de abril do mesmo ano, aparecia em destaque matéria sobre pobreza em Florianópolis, dizendo que havia “1.500,00 famílias sem casa” e que “Crescem invasões”. Em manchete secundária, “Leste da Ilha teme poluição desenfreada”. Mas havia uma grande reportagem no segundo caderno sobre lixo urbano. Num outro dia do mesmo mês, também no segundo caderno, a manchete: “Florianópolis, um misto de beleza, insalubridade e grandes deficiências”. Alguns meses depois, em novembro, reportagens especiais tratam da miséria.

Ao mesmo tempo, o jornal trata de aspectos culturais, de infraestrutura e de movimentos sociais. As matérias mostram como nos anos 1980, considerados os de auge do Jornal, havia uma pluralidade de temas e a contemplação de diferentes aspectos e discursos sobre a cidade. O Jornal então atuava como um poder mediador entre o cidadão e o Estado, ao mesmo tempo em que procurava atender expectativas e interesses do público a que se destina.

Figura 8. Grandes reportagens mostram problemas da capital.



Em 24 de novembro de 1985, a preocupação com as tradições e a memória da cidade aparece na coluna do Miro, que critica o fechamento do restaurante Petit, “Florianópolis dá adeus ao mais ilhéu dos seus barzinhos [...] o Petit vai mudar. Isso significa transformar a tradição de uma história em uma realidade consumista. A coluna é contra estas mudanças.”

Mas ainda no final de 1985, quando já estava em gestação o concorrente *Diário Catarinense*, instalado no continente, é lançado o projeto “Florianópolis meu amor”, parceria de O ESTADO com a prefeitura para debater questões da cidade, indicando a tentativa de o Jornal ser porta-voz e legítimo representante dos anseios da população local. Algumas manchetes sobre o assunto são: “O projeto é um documento para tornar Florianópolis conhecida”; “Preocupação e dedicação com o progresso e a história da ilha”; “Antonio Koerich lembra os vínculos com a comunidade”.

Iniciado a partir de um caderno especial sobre ao aniversário de 260 anos de Florianópolis, o projeto pretendia enaltecer a cidade e a auto-

estima dos moradores. No lançamento do projeto, o prefeito Edison Andrino disse querer que “a comunidade receba um incentivo e um estímulo para que continue a amar a cidade de uma forma prática, colaborando com as ações da administração e participando de atividades que possam melhorar a qualidade de vida e a preservação do meio ambiente”. O diretor presidente do jornal destacou que “mais uma vez a empresa tomou para si a responsabilidade de apoiar e estar ao lado da comunidade num momento importante de sua vida.” A campanha foi defendida em solenidade por publicitários e representantes de vários setores empresariais que defenderam o lema como forma de divulgar a cidade e cultivar os valores culturais ilhéus. Ou seja, a parceira servia aos interesses do município no sentido de garantir a divulgação das ações da prefeitura, e do jornal com o propósito de se defender através da valorização da cultura local, as coisas “da terra”, como o próprio periódico. Alguns dias após o lançamento do projeto, o jornal noticiava, como parte da proposta, um fórum de debates sobre o Centro de Convenções e Feiras de Florianópolis e “o que fazer para rentabilizar a atividade turística”, organizado por entidades ligados ao comércio e ao turismo. E um dia após as comemorações do aniversário e do suplemento no jornal a respeito, a coluna “informação geral” destaca o sucesso do projeto e enaltece que “agora, outros objetivos – consequência deste primeiro – se vislumbram. O principal deles é conscientizar a população para a necessidade de preservar Florianópolis.” E mais adiante propõe: “Florianópolis, que tem como grande vocação econômica o turismo, não pode destruir este potencial, não só porque encanta os turistas, mas porque é aqui que vivemos. O objetivo é a melhoria da qualidade de vida”.

Alguns dias depois, na capa, na parte inferior, uma foto grande com manchete: “Centro de convenções em debate”. E numa das edições, o título da Coluna Informação Geral: “Preservar a cidade, uma missão”. O projeto e editoriais a respeito demonstram tratar-se de uma campanha com o objetivo de torná-la de interesse da comunidade abrangida pelo jornal. Embora circule em todo o estado e pretenda ter abrangência maior, o foco principal do jornal continua a ser Florianópolis. Pode-se dizer que as manchetes indicam a dubiedade de interesses defendidos pelo jornal: ao mesmo tempo em que pretende defender a tradição e a história, quer ser protagonista da cidade, torná-la conhecida. É uma dubiedade discursiva que também reflete o conflito já vivido então pelos cidadãos que defendiam a modernização da ilha e depois se sentiram ameaçados pelos novos moradores, como demonstram, por exemplo,

notas da coluna de Beto Stodieck sobre os Eletrosuis, citadas anteriormente.

Igualmente uma reportagem sobre modos de vida do interior da ilha⁸¹, publicada em 1986, mostra um processo em vias de extinção: a produção artesanal de cachaça em engenhos de localidades longínquas do município. A reportagem, de texto no estilo novo jornalismo, demonstra também os diversos modos de viver na ilha de “casos e delícias raras”, como definiu o escritor Raul Caldas Filho em livro do mesmo nome. Ao mesmo tempo em que se mantinham modos antigos e tradicionais de viver, na área rural, a parte urbana da cidade queria se mostrar moderna, avançada, em busca de semelhanças com outras metrópoles.

A partir de maio 1986, as manchetes já mostram o começo das mudanças no perfil da cidade que seriam concretizadas nos anos seguintes. Entre as matérias: “Lixão do Itacorubi está com seus dias contados”. “Ainda não tem solução legal a construção de hotéis nas praias.” O Jornal indica uma mudança e uma "evolução" que parecem iminentes, mas que não se concretizam da mesma forma. Por mais que ele se coloque como porta-voz, como anunciador de grandes perspectivas para a cidade, a concretização dos projetos alardeados pelos políticos e empresários demoram a acontecer ou até caem no esquecimento. No mesmo sentido, esta manchete de 1987: “Mudanças na legislação urbana da Ilha”, em que o Sindicato da Construção Civil se mobiliza para modificar o Plano Diretor e lutar por edifícios de 18 andares, entre outras alterações. Era o segundo ano da administração de Edson Andrino, eleito em 1985, no fim do período militar que durava desde 1964, pela oposição (PMDB, adversário histórico da Arena, junto com outros partidos de centro-esquerda.) Além de representar o anseio por democracia, a eleição de Andrino significou mudança política na cidade. Primeiro, pela derrota imposta às famílias que tradicionalmente dominavam a política local, e segundo, por ter em sua gestão nomes de pessoas vindas “de fora”, como o então Secretário de Administração,

⁸¹ O personagem retratado pelo modo simples de viver, “Seu Chico”, viria a ser assassinato brutalmente dez anos depois, em caso rumoroso e de difícil conclusão policial, retratado no documentário em vídeo “Seo Chico, um retrato”.

Nildo Ouriques, ligado ao PT, e o Secretário de Obras César Barros Pinto.

Figura 9. De 1986 a 1996 - Mudanças na ilha e no jornal.



No jornal, então, que era ligado a uma das famílias derrotadas (Ramos), via-se assuntos como a intervenção na prefeitura pelo Tribunal de Justiça, assim como a eleição nas intendências dos distritos, localidades menos urbanizadas do município de Florianópolis.

3.5.1 Manchetes sobre Plano diretor começam a se repetir

Na editoria de Cidades em 19/05/88, na página 9, uma manchete que se repetiria também nos anos seguintes: “Plano diretor sofre atraso com modificações complexas”; Outra notícia era de que as “Obras da terceira ponte atrasam mais 45 dias”, e de que “Códigos e leis buscam regular e disciplinar os comportamentos e usos sociais do espaço urbano”. Noutra

edição do mesmo mês, capa recheada com chamadas, fotos coloridas: “O presídio em novo endereço” relacionado ao debate para transferência do presídio da Trindade para outro local, menos povoado do que aquele bairro, um assunto ainda não concluído nem em 2012. Ao mesmo tempo, não se descuidava das questões da história de Florianópolis, com notas como esta na coluna Informação geral, ao lamentar o fechamento do Lux Hotel (nome quando inaugurado, depois Plaza Center): “...Florianópolis, que luta por manter suas tradições, perde com o fechamento do hotel. É lamentável que isso tenha acontecido.” (O ESTADO, 07/05/88, p. 4) Ao mesmo tempo, porém, na editoria de Cidade, página 9, um anúncio diz que “O jornal O ESTADO tem o leitor que nos interessa”, e junto uma foto com três diretores de imobiliárias: “O ESTADO, sempre apresentando as melhores ofertas de imóveis”. Observa-se a dubiedade de discursos e interesses defendidos pelo jornal, ou a contradição entre o que era abrangido pela parte editorial e a necessidade da verba trazida pelos anúncios das imobiliárias, uma das principais atividades econômicas da cidade.

Problemas de mobilidade urbana continuam a ser abordados em 1989: “Estreito, o caos está no trânsito”, referindo-se aos problemas urbanos do bairro Estreito, na parte continental do município. Na página 17 “Beira Mar continente é solução esperada” e “A cidade cresceu sem infra-estrutura”. Já naquela ocasião a matéria falava do crescimento dos bairros, do aumento da frota de veículos, da falta de infraestrutura urbana. Dois assuntos que continuam a render manchetes nos jornais ainda 23 anos depois, apesar da beira mar do Estreito ter sido parcialmente implantada há um ano. E na página 18: “Ricos e pobres nas areias do Campeche”; “Padre Groh não tem ilusões: ‘é mais fácil derrubar um barraco’”, sobre a demolição de construções irregulares em áreas de preservação que atingia edificações de pessoas simples, enquanto casarões também irregulares não eram derrubados. Percebe-se nesta manchete que os assuntos econômico/sociais da região faziam parte do jornal.

A fina ironia de Beto Stodieck também continuava em evidência, como no caso do texto: “Pousando na matutice”, em que descreve pessoas que pousam em frente a um antigo avião estacionado na avenida Beira Mar Norte naquele período. Diz o texto:

Aquele escandaloso avião japonês, YS11A,
que pertenceu à Vasp, pousado na Beira Mar

Norte e que faz às vezes de pizzaria – na real tenebroso monumento ao kitsch institucionalizado (é o “pinguim de geladeira” da cidade), - não vem servindo apenas como cenário de comerciais de televisão que dão a sensação de aeroporto. Porém pessoas do interior (e não só...) quando passam por ali, param e posam, fazendo de conta, do alto da escada, que estão desembarcando de alguma viagem de avião... Diante d’uma máquina fotográfica é claro, se não, de que valeria? (OE, maio de 1989, p. 11)

O retrato apresentado por Stodieck dá a dimensão do cotidiano da cidade, em muitas aspectos muito parecido ainda com uma cidade do interior e sua simplicidade.

Em 1990, um dos destaques era “Transporte coletivo perto do caos”. Outro dia, na mesma página: “Estacionamento no centro é caso de polícia”. E na página anterior: “Hospitais estão a beira do caos”. A manchete principal de um domingo de maio daquele ano destacava: “Rota da cocaína passa por aqui”. Todos assuntos que permanecem em voga mais de vinte anos depois, e cuja dimensão só se agravou. Em maio de 91, no caderno comemorativo dos 76 anos, algumas manchetes voltadas a Florianópolis: “Um grito acorda a cidade: O Estaaaadooooo” “O ESTADO também une a Ilha ao continente”. Na página 13, da editoria Geral: “Caso Norton: Justiça ouviu testemunhas”, sobre o assassinato do colunista social em que um dos indiciados era Fábio Comelli, conforme já assinalado no primeiro capítulo. Membros da família também aparecem na coluna de Zury Machado, especialmente Ruth Hoepcke da Silva, viúva de Aderbal Ramos da Silva.

Figura 10. Jornal retrata problemas sociais e urbanos de Florianópolis.



Nos anúncios publicitários, promoção dos Clubes 12 de agosto, 6 de Janeiro e LIC - Lagoa Iate Clube. Os clubes sociais da cidade, marcas de uma época da elite local, entravam também em decadência, assim como o próprio jornal. O Clube 12, localizado no centro, que fora sempre um reduto do PSD e ponto de encontro de Aderbal Ramos da Silva com seus correligionários, passava por dificuldades financeiras, e os grandes bailes da alta sociedade que ocorriam desde a década de 1950 até os anos 1980, começaram a diminuir, até deixarem de ser realizados. Colunistas sociais referiam-se frequentemente ao aumento da inadimplência dos sócios e em anos recentes, a crise financeira forçou os clubes a se desfazerem de parte do seu patrimônio. O esvaziamento dos clubes sociais era lamentado em colunas sociais, e antes da diminuição de seu espaço físico, parcialmente vendido para uma construtora de prédios, o Paula Ramos Esporte Clube tentava se manter no bairro Trindade, assim como o Lyra Tennis Clube e o Clube 12 de agosto, ambos situados no centro. Antes deles, já decretara falência o Country Club, da Agrônômica, várias vezes noticiado por estar em edificação considerada patrimônio histórico, mas sem a devida

conservação, como vimos em manchete do próprio jornal abordado aqui. O clube foi à falência e sua área vendida para uma construtora que construiu um prédio residencial com o mesmo nome. Pode-se aferir que o jornal decaiu na medida em que os clubes sociais também naufragam. Entre outras indicações, são marcas de uma cidade que vai desaparecendo. Ao mesmo tempo em que decaem os clubes tradicionais, amplia-se o número de sócios (que já não precisam ser vinculados a empresa) e atividades da Elase – Associação dos funcionários da Eletrosul, entidade com funcionamento parecido ao de um clube, com espaço para atividades esportivas e sociais e que congrega a nova classe média do entorno.

Embora nesse período tenha destacado em seus anúncios que era mais comunitário e menos elitista, o jornal também procurava agradar o setor empresarial. A tentativa de se adequar ao discurso empresarial, acompanhando uma tendência de crescimento da ideologia liberal, em ascensão no país então a partir da eleição de Fernando Collor de Mello para a presidência da República, são visíveis em manchetes como uma de 11 de maio de 1991: “Felsky: faltam empreendedores nesta ilha”. O nome citado era Márcio Felsky, oriundo de Blumenau e então presidente do BESC – Banco do Estado de Santa Catarina, durante o governo de Wilson Kleinubing, do PFL. Era um tempo em que alguns comerciantes ainda fechavam seu estabelecimento na hora do meio dia, algo considerado antiquado para os padrões do mercado concorrencial, mas que mostra como ainda vigorava outro modelo de cidade. Tal lógica foi se alterando aos poucos e mudou completamente a partir da instalação dos shoppings que funcionam ininterruptamente das 10 às 22 horas e inclusive aos domingos. O comércio do centro, então, mudou seu horário para abrir às 9 horas da manhã, não fechar mais para o almoço e atender até às 19 horas. Mesmo assim ocorre um esvaziamento das ruas do centro histórico, especialmente aos finais de semana, e nem mais lanchonetes abrem ao público.

No mesmo sentido, parecendo uma forma de enaltecer a ousadia dos empresários e também o desenvolvimento da cidade, no dia 22, a Coluna Urbano⁸² informa que “Aderbal da Silva Grillo vai aos EUA encomendar jatinho de ultima geração, o segundo, pois já tem um

⁸² O jornalista Urbano Salles, de família tradicional da cidade, foi colunista no jornal durante os anos 1990.

sêneca, e na volta abrir empresa de serviços aéreos com José Nitro”. Os nomes dos prováveis sócios eram do neto mais velho de Aderbal Ramos da Silva, e do empresário tradicional ligado à família Ramos e proprietário da rede de lojas de material de construção Casas da Água, já referida em capítulo anterior. Contudo, essa empresa anunciada em coluna social, não se concretizou.

Figura 11. Coluna de Zury Machado destaca gerações da família Hoepcke/Ramos.



A despeito dessas iniciativas, porém, os problemas do cotidiano da cidade continuam, e também são referenciadas nas manchetes internas:

“Morro do Horácio ganha proteção”, “Capital acelera municipalização da saúde”, “Arquitetos estão contra asfaltamento do centro”. Em outro dia: “Garagens subterrâneas são uma ameaça à segurança dos pedestres”. Em maio de 1992: “Imóveis na ilha pagarão taxa de esgoto”. Parece inacreditável que numa capital de estado os imóveis ainda não pagassem tal taxa, mas o saneamento básico na ilha continua a ser um problema mal resolvido. E em anúncio publicitário a prefeitura de Florianópolis destaca ligação rodoviária (asfalto) entre os bairros Córrego Grande e Itacorubi. Nesse ano se concretiza uma manchete de sete anos antes: “Capital vai ganhar um centro de convenções”, e também são destaques: “Prefeitura desapropria sete terrenos”; “Projeto do forno crematório está na Câmara”. Na edição do aniversário, a manchete principal é local: “Ônibus urbanos aumentam 27,51%” e a maior foto é de um grande lance de tainha. No caderno Magazine matéria de duas páginas sobre a noite na Ilha: “Detonar ou posar, na noite vale tudo”, destaca lugares a frequentar e estilo de cada um. É um indicativo de que o jornal procura atingir também o público jovem, e não apenas os antigos leitores. É também o início da badalação noturna que passaria a ser conhecida nacionalmente algum tempo depois, como já observamos anteriormente.

3.5.2 Transporte integrado e outros assuntos recorrentes

Em maio de 1993 nas notícias sobre a Cidade aparece a “Primeira proposta de transporte integrado”, que viria a ser implantado dez anos depois. Numa das capas outro destaque: “Pólo tecnológico está mais perto”, e ainda “O continente que a cidade esqueceu”. Nas páginas internas: “Governo garante duplicação da SC 401 até o verão 94”, “Casarão da Rua Tiradentes ameaça desabar”, “Casario é a identidade cultural da cidade”. No mesmo sentido, o caderno Magazine traz outra reportagem: “As tradições estão sumindo da ilha”. E no dia 22 de maio, o início da implantação de uma proposta preconizada anos antes (1985) no projeto do Jornal com a prefeitura denominado *Floripa meu amor*, demonstrado anteriormente: “Centro de convenções terá US\$ 3 milhões”.

Sobre os problemas nos bairros, algumas das manchetes indicam “Morro do Horácio reclama saneamento básico”. “Prefeitura quer

reativar projeto Adote uma praça”. As controvérsias sobre a ocupação imobiliária também aparecem: “Aumenta o número de construções irregulares em Santo Antonio”. E em box⁸³ ao lado: “SUSP pretende rever Plano Diretor”. Na última edição do mês, “Centro da cidade começa a ser humanizado”. Era a gestão municipal de Sérgio Grando, do PCB, eleito pela chamada “Frente Popular”, na qual tinha como vice-prefeito Afranio Boppré, do PT, e apoio de outros partidos de esquerda. A vitória dessa coligação foi um marco dentro do histórico de predomínio dos partidos conservadores na administração da cidade, e um dos diferenciais da gestão Grando foi a implantação do Orçamento Participativo. Conforme o sociólogo Remy Fontana,

Essa mudança política resulta, em parte, da crescente diferenciação social que ocorre em Florianópolis, tornando-a uma sociedade mais complexa, menos vulnerável à mistificação e manipulação políticas. Menos propensa à reprodução de domínios oligárquicos. Um dos efeitos desta mudança é um maior índice de politização dos setores populares, mas também de uma expansiva classe média, que torna-se gradativamente consciente de sua ruínosa condição econômica, e de seu desconforto sob a tutela de elites tradicionais de extração oligárquica, da velha e da nova geração. (FONTANA, In; GRANDO, 2000, p.16)

Apesar da propalada ruínosa condição econômica, como descrito acima, a classe média da cidade tem naqueles dias, um novo local para seus desejos de consumo, difundido pelo jornal. Observa-se entre os anúncios de OE, o que divulga a abertura do Beira-mar Shopping em poucos meses. A chegada do primeiro shopping da Ilha, em outubro, foi um dos acontecimentos mais importantes da década, com a presença maciça da elite social e empresarial da cidade, demarcando as mudanças já em curso e intensificadas a partir dali. Construído pelo grupo Kobrasol, formado pelas empresas Koerich, Cassol e Brasilpinho, o shopping

⁸³ Recurso para desmembrar uma grande reportagem em parte separada para chamar atenção sobre outro aspecto do tema abordado.

ocupou a área onde antes se situava o **estádio Adolpho Konder** (governador no início do século 20, da UDN), do Avaí Futebol Clube, um importante local de sociabilidade da capital. Estabelecido no final da avenida Mauro Ramos, esquina com a rua Bocaiúva, o shopping está em terreno privilegiado, em frente ao mar. Além de ser um marco das transformações em curso em Florianópolis por ser um espaço divisor de classes sociais, pois adentravam ali consumidores de alto poder aquisitivo, o shopping significou mudanças na memória político/cultural, já que o time do Avaí construiu um **novo estádio, agora denominado Aderbal Ramos da Silva**, ex-governador dos anos 1950 (PSD) e principal patrono do clube no período. Apesar disso, o estádio é mais conhecido como Ressacada, denominação popular do lugar onde foi construído, em região próxima ao mangue ao sul da ilha, na direção do aeroporto Hercílio Luz.

No ano seguinte, percebe-se o destaque dado a assuntos locais e uma das capas diz: “Venda de lotes nas dunas terminou mal” (duas prisões). Outra manchete destaca: “Parque da Luz: projeto para ocupação é enviado”. Tema ainda controverso na eleição municipal de 2012, a área foi parcialmente ocupada por edifícios no início dos anos 2000, mas mantém ainda parte verde que continua a ser ambicionada pela sua privilegiada localização, com vista para as pontes que ligam a ilha ao continente. Nesse período a editoria SOS Cidade aparece na última página antes de Esporte/polícia, trazendo uma grande reportagem assinada sobre algum problema na cidade, como: “Alagamentos ainda preocupam Santa Monica”;

Ao tratar de seu aniversário, o jornal noticia na editoria de Geral que “**O ESTADO comemora 79 anos de liberdade**”, e “Rotary Club realiza almoço em homenagem”. Numa das matérias comemorativas a manchete trata dos primeiros e heróicos tempos de **OE**, e logo abaixo diz que “Florianópolis se **moderniza**”, referindo-se àqueles anos iniciais do século XX. Outro texto do caderno comemorativo diz que em 1972 **O ESTADO** finalmente ingressara na **modernidade**, com a instalação da unidade industrial em off set. Observa-se aqui que o termo modernidade engloba um dos seus eixos institucionais, o “das relações sociais implicadas no uso generalizado da força material e do maquinário nos processos de produção”. (GIDDENS, 2002, p. 21)

Em 1995 permanece a editoria SOS Cidade, e uma das edições trata novamente sobre a memória da cidade: “Florianópolis está perdendo a

memória”, “Velhas tradições também são esquecidas”, “Acervos são escassos e mal instalados”. O início das obras de duplicação da SC 401 em junho é destaque em capa de maio de 1996, referindo-se à rodovia que liga o centro ao norte da ilha. Mais abaixo, outra notícia local: “Estado da velha figueira é grave”; “Crônicas sobre a cidade”. A regularização imobiliária é assunto que continua em voga no SOS Cidades: “Altura de prédios é polêmica no plano diretor”; “Para especialista, cidade pode virar um caos “Plano Diretor de Florianópolis entra na fase de finalização”. “Impasse entre empresários e ecologistas pára projetos”, “Famílias serão retiradas de área da Mata Atlântica”, “Seminário discute bacia do Itacorubi”, “Abaixo-assinado contra 18 andares”, “Obra na rótula da UFSC inicia em uma semana”. Os debates sobre a forma e o ritmo da urbanização estavam em evidência, e muitos de seus aspectos continuam causando discussões ainda hoje. Os temas sociais, de infraestrutura urbana, economia, meio ambiente, segurança pública se mantém presentes no jornal ao longo dos anos. Editorial trata do caos no transporte na cidade, “considerado pelos moradores o problema mais grave a ser resolvido em pesquisa do Instituto Datafolha”. Mais um assunto que continua em voga ainda em 2012 e motivo de disputa entre candidatos às eleições municipais.

O tema é tratado em editorial em maio de 1997: soluções para o trânsito. Na página SOS Cidade, publicada sempre às segundas-feiras, “Esgoto coloca em risco a maricultura”, Uma das capas do mês coloca em primeiro plano uma foto em toda extensão do jornal sob o título: Cidade ameaçada, e abaixo a manchete: “Presos dominam a penitenciária”. Outra manchete desse dia é “Um dia de festa para a ponte”, destacando as homenagens feitas no dia anterior, aniversário do monumento. Ainda são chamadas nas capas daquele mês: “Poluição sonora sem controle na capital”, “Cemitério do Itacorubi tem só 60 vagas”; “Sobrado de Celso Ramos: impasse”, “Prefeitura analisa derrubada de casarão” (O colunista Urbano diz que a família está dividida a respeito e PCR também fala do assunto em sua coluna, criticando o *animus tombandi*, a mobilização de algumas pessoas pela preservação histórica da casa).

Naqueles dias também chama a atenção um artigo escrito por Marcílio Medeiros Filho, por longo tempo um dos dirigentes do jornal, em que enaltece a entidade “Fundação Pró-Florianópolis”. Sob o pretexto da mudança de presidente da entidade, Medeiros destaca que a “fundação é pró, isto é a favor da cidade e dos que nela vivem. Não pode, portanto, ser contra alguma coisa ou alguém. Mas sendo visceralmente a favor da

cidade, por consequência não estará jamais ao lado dos que forem contra ela [...]” No texto ele diz ainda que

não falta ao novo presidente vontade para sacudir os poderes públicos e os setores potencialmente ativos de Florianópolis a fim de que ousem um pouco mais, assim como fazem muitos florianopolitanos e empresas locais, ao lado de empresas e pessoas de outros centros que aqui chegam para plantar e colher sucesso. Merecidamente, aliás.(OE, 24 e 25 de maio de 1997, p. 2)

Embora não denomine explicitamente, os considerados do “contra” na cidade são entidades da sociedade civil e partidos políticos que se manifestam contra a exploração imobiliária e o desrespeito ao meio ambiente na ocupação do território ilhéu, e defendem a preservação do patrimônio histórico, entre outros temas. A movimentação em torno da derrubada ou não do casarão do ex-governador Celso Ramos reacendeu o conflito entre as duas perspectivas sobre a cidade.

O texto, bem como vários de PCR, como o indicado acima, demonstram que entre os funcionários de alto escalão do jornal, como era o caso dos dois citados, havia a defesa da chegada da modernidade à cidade, assim como ocorria com camadas da classe média. Fica visível então como o jornal tornou-se vítima de seu próprio discurso, pois não suportou aquelas inovações tão desejadas por alguns de seus próprios dirigentes. Aliás, nesse sentido evidencia-se, por vezes, a contradição entre o que dizia PCR, assumidamente conservador, e o que defendia a equipe editorial do jornal, com visão mais moderada politicamente.

Mas o jornal, em página interna de edição daqueles dias, também destaca: “Primeiro teatro da ilha será recuperado”. “Capital vibra na rua Felipe Schmidt”. Em 29 de maio à página 8 da Geral traz: “Capital tem 679 prédios inseguros” (editorial do dia seguinte trata do tema); “Floram – [Fundação Municipal do Meio Ambiente] estimula a defesa da natureza”; “Procissão altera trânsito no centro”. A grande Florianópolis também aparece em algumas notícias: “Forquilha: a falta de infraestrutura”. E na editoria de Esportes começa a se destacar o futuro campeão do tênis, Gustavo Kuerten: “Guga é bicampeão da Embratel CUp.”

3.5.3 A construção civil nas notícias e nos anúncios

O crescimento vertical da cidade é mostrado numa das manchetes de maio de 1998: “Construção civil da capital reage e cresce 15% em 97”, e na outra metade da mesma página o anúncio de um novo prédio em construção. E ao mesmo tempo, naqueles dias, outra notícia era de que “Impasse impede novas áreas de lazer” e “Casarões abandonados na praça XV provocam temor”. Igualmente no caderno Cidades, as chamadas mostravam que “Rio Tavares luta por urbanização”, “Aumento da violência assusta a Lagoa”, “Justiça prorroga plano diretor”, “Cesta sobe 6,11% na capital”.

Em 1999, manchete de capa destaca vitória de Guga, com foto grande do atleta; Embaixo, destaque circulado para o caderno cidades: “Morro das Pedras reclama abandono fora da temporada”. Os municípios vizinhos são destacados: “Região metropolitana preocupa pequenos,” assim como permanecem em evidência as controvérsias sobre o avanço imobiliário: “Parque da Luz continua sendo objeto de polêmica”, “Construção de prédio preocupa associação” “Norte da Ilha discute Plano Diretor” e na pág. 8 da geral, edição de 22 e 23/05 de 1999: “PD divide o Norte da Ilha.” Na outra página: “ACIF entrega o prêmio A favor de Florianópolis”, que enaltece personalidades defensoras da expansão da cidade. Mas os problemas decorrentes do crescimento continuam a surgir: “Estacionar é desafio no centro da cidade”, “Obras da Via Sul ‘sem luz no fim do túnel’”; “Costeira sofre com o caos urbano”; “Plano para o Campeche provoca mais polêmica.” Editorial do dia 28 trata das discussões sobre Plano Diretor: “Mudanças com bom senso”, pregando o respeito dos técnicos aos valores das comunidades e aos moradores nativos. O Plano Diretor continua sem conclusão até os dias atuais, assim como não se concretizou outra manchete daquele ano: “Mercado público está muito perto de ter sua cobertura.”

Todas as chamadas se relacionam a assuntos locais: tainha, greve dos professores, reabertura da praça XV, Guga, Floram, em edição de maio de 2000. Um exemplo de como a cidade estava em transformação aparece numa edição daqueles dias, à página 7 da editoria geral: “Consumidor lota shoppings e esvazia o centro da cidade”. Em 16/05 – Capa: “Elevado do CIC é uma armadilha”, duas fotos ilustram o assunto. À direita, foto de Luciana Comelli recebendo placa de homenagem da Câmara Municipal pelo aniversário do jornal; É significativo, pois a primeira vez em que o proprietário não está em evidência, nem o filho (Fábio) que figura como diretor do jornal naquele

momento, e sim a filha, não diretamente ligada ao periódico. Num outro dia (18/05), igualmente manchetes locais “Floram aperta o cerco às construções irregulares”, e charge Bonson. Enquanto dias antes a eficiência do viaduto era questionada: “Detalhes técnicos do elevador são avaliados”, na capa do fim de semana de 27 e 28/05 o destaque é a inauguração: “Prefeitura entrega elevador do CIC”, com foto grande; em página interna anúncio grande do governo municipal sobre a obra. Nas colunas sociais começam a ser frequentes as notas e fotos sobre jovens empresários de São Paulo que investem na noite da capital catarinense. A cidade passa a ser reconhecida em nível nacional como local a ser explorado economicamente, assunto em destaque dois dias na coluna de PCR sob o título Florianópolis lidera 1 e 2, em que comenta entusiasmado o terceiro lugar dado pela revista Exame num ranking sobre “as melhores cidades para se fazer negócios”. É um exemplo de como estava em transformação a dinâmica sócio/econômica/cultural da cidade. A imobiliária Pirâmides anuncia em página inteira o residencial Country Club, no lugar da construção histórica que aparecera na capa em foto colorida, em que a manchete sobre destruição do patrimônio público dizia: “Sede do Country Club em deterioração na Agrônômica” em maio de 1987. O clube também foi citado anteriormente ao me referir à decadência das entidades sociais da cidade.

Mas no ano seguinte, a preservação da memória e da cultura local são abordadas em matérias como “Praça traz réplica do antigo Miramar”, “Museus mantêm viva memória de SC”; “Casa das sombrinhas ainda faz sucesso”. Numa das capas do mês, em meio a outras chamadas, esta: “Ilhéu não vai mais precisar comprar terras da Marinha”. Outro destaque daquele período era: “Travessia na passarela ainda sem solução”, sobre a passagem de pedestres na ponte Colombo Salles.

Em 2002, já é visível a diminuição do espaço editorial, mas uma das manchetes em maio indicava que “Receita com turismo cai 37% em SC neste ano”. A ocupação imobiliária nas praias também é destacada: “Crescimento desordenado cobre dunas e charme de Ingleses”, ao mesmo tempo em que começam as articulações para tentar ordenar o processo: “Estatuto das cidades em debate”. O caderno Cidades tratou destes, entre outros assuntos: “Barra da Lagoa cobra saneamento básico da Casan”, “Construção de marinas divide pescadores”, “Pedestres sem segurança na Costeira” E na página de Economia, uma denúncia: “Megaprojeto consome US\$ 1 bi em 10 anos” sobre a proposta de

instalação do espaço Sapiens Park, cujo projeto permanece inconcluso mais de dez anos depois.

No ano em que muda de formato, 2003, O ESTADO apresenta uma página sob a editoria Cidades, que mostra problemas nos bairros. O colunista PCR trata da proibição de cobrar pedágio na rodovia SC 401, que liga o centro ao norte da Ilha, em artigo sob o título “SC de volta ao século XIX”, criticando a mobilização contra a cobrança. E no dia 13 jornal passa a circular em formato tabloide, na edição 28.085, ano 89. É dia do aniversário e nas manchetes da capa como sempre destaque para a ponte HL, também aniversariante: “A vida que orbita ao redor da Hercílio Luz”; e “O ESTADO ganha novo formato nos 88 anos”, com foto, como sempre, do primeiro exemplar de 1915. Uma matéria em destaque numa das edições relata que há “Dinheiro público sob a ponte”, mostrando que placas de concreto aguardam há 13 anos pela construção de duas passarelas na ponte Pedro Ivo Campos.

Em 2004 a editoria de Economia apresenta coluna de Gonzalo Pereira. Algumas edições apresentam oito páginas de classificados, e 16 páginas editoriais, a maioria com informações de agências de notícias, e uma geral com acontecimentos locais: “Moradores entram na justiça para receber indenização”, “Servidores mantêm a greve”, “Procurador diz que caso dos Shoppings é da gestão passada”.

Alguns dias depois, o assunto é encaminhado: “Shopping: projeto será votado”, sobre a votação na Câmara autorizando construção do Floripa Shopping e decisão de juiz federal autorizando construção do Santa Monica Shopping. Mas ainda rende polêmica: “Empresário apresenta provas”. A manchete se refere ao empresário Carlos Amastha⁸⁴, proprietário do Floripa Shopping que denunciara irregularidades na concessão de licenças ambientais para construção do shopping concorrente. E na Coluna PCR: “A guerra dos shoppings 1 e 2”. Ainda no mesmo mês o assunto é resolvido: “Vereadores mudam zoneamento” – para autorizar Floripa Shopping no Monte Verde; Todas as notícias sobre o assunto ficam em segundo plano na página. Num dos editoriais daquele mês, uma preocupação: “Crescimento desafia a Ilha”, em que

⁸⁴ Depois das polêmicas e da conclusão da obra, o empresário vendeu o shopping e se mudou para Palmas(TO), onde foi eleito prefeito pelo PP – Partido Progressista, em 2012.

surpreendentemente critica a verticalização “que avança diabolicamente, com efeitos devastadores”. O texto relata outras mazelas do crescimento desordenado, a falta de saneamento e vias públicas, e admite que está apontando defeitos que tendem a aumentar a cada edifício que se inaugura na capital. Por fim propõe que ainda há tempo para “promovermos uma grande e democrática mesa redonda para discutir se o que queremos para o nosso futuro é isto que começamos a ver: O crescimento é saudável desde que perseguido com equilíbrio e levando em conta o respeito ao ambiente e aos cidadãos desta cidade privilegiada”. Mais uma vez atribui para si o papel de tentar demarcar o debate necessário para as iniciativas em relação aos rumos da cidade.

3.5.4 A guerra dos shoppings e as prisões da operação Moeda Verde da PF

Em 13 de maio de 2005 a capa da manchete principal, de assunto nacional, divide espaço com a chamada sobre Caderno de 90 anos OE; Na capa também é destaque, no canto inferior esquerdo, a manchete “Empresário apresenta provas”, sobre irregularidades na concessão de licença para construção dos shoppings, assunto que já vinha sendo acompanhado pelo jornal. Na coluna de PCR, em dias seguidos, o colunista fala da Guerra dos Shoppings, criticando os posicionamentos do empresário que denunciava irregularidades na aprovação de licenças ambientais para construção dos centros comerciais. E o assunto aparece em espaço secundário em página interna de uma edição conjunta de três dias depois, sob a chamada “Vereadores mudam zoneamento” sobre a lei aprovada que permite a construção dos novos shoppings. Um dos destaques comemorativos trata de Florianópolis, que “cresceu e apareceu”. Outras informavam: “Infra-estrutura retardou crescimento”; “Idéia agora é de revitalizar centro histórico”; **“Anos 70 trazem os primeiros ares de metrópole para Ilha”**. Neste texto é destacado que

o jornal contou cada etapa do crescimento da cidade, cada fato relevante, tanto na cobertura editorial quanto no comercial, através dos anúncios das grandes construtoras e empreendedoras que ergueram os prédios a partir da década de 1970. Também a profissionalização das agências de propaganda

– a partir da Propague, que foi a primeira no setor – forçou uma mudança na área comercial do jornal. (OE, 13 de maio de 2005, Especial 90 anos, p. 12)

O texto retrospectivo deixa claro como a chegada da publicidade profissional, poucos anos antes da instalação da RBS na cidade, viria a mudar a relação entre as empresas de comunicação e os anunciantes, e na forma de atuação empresarial, tema que abordaremos mais adiante neste capítulo. Em maio 2006, anúncio de 2/3 da página que sai vários dias, diz que “O Santa Monica Shopping agora é Iguatemi [...] A cidade entra em definitivo na rota dos grandes empreendimentos do país”. A força empresarial também é verificada na coluna de Léo Coelho, em que a nota “Articulação”, em destaque, comenta a organização da entidade FloripaAmanhã, junto a Câmara de Vereadores e outros organismos para gestionar quanto ao Plano Diretor da cidade. A capa de 17 de maio é local: “Dez horas sem ônibus fazem capital parar.” Ainda permanecem os colunistas tradicionais e surge ao lado de Moacir Pereira a coluna de Carlos Araújo Leonetti.

No último mês de circulação diária, Maio de 2007, o jornal muda novamente a diagramação, a fonte fica mais carregada. Há ainda a coluna de PCR na página 2 e uma coluna denominada “Pelo Estado”, da ADI – Associação dos Diários do Interior. Há mais ênfase no esporte local, porém as demais matérias locais são visivelmente de *press releases*, como inauguração da feira do livro e de centro de eventos. Mas há um sopro final de jornalismo numa das capas de maio, quando a operação moeda verde, da Polícia Federal, que realizou inclusive prisões de empresários acusados de irregularidades quanto a instalação dos shoppings, é o assunto principal: “19 pessoas são presas na operação Moeda Verde, da PF”. O colunista PCR não diz explicitamente, mas o título de seu texto de 4 de maio, “54 anos”, em que relata sua trajetória no jornal, marca sua despedida do veículo que deixaria de circular alguns dias depois. Uma das últimas manchetes é “Inaugurado o maior centro de eventos do Sul do país”, referindo-se ao Centro Sul, no aterro da Baía Sul. Interessante observar que o jornal ainda pôde noticiar a inauguração do empreendimento, defendido por OE desde 1986, através do então projeto “Floripa meu amor”, já descrito anteriormente neste capítulo.

Figura 12 – Capas dos últimos anos do jornal destacam polêmicas da cidade



O “mais antigo” deixa então de circular e sua sede é abandonada ainda com material fotográfico, impressora e outros objetos. A cidade perde um porta-voz, um canal para interlocução social, tal como define o jornalista Ricardo Noblat: “Um jornal é ou deveria ser um espelho da consciência crítica de uma comunidade em determinado espaço de tempo. Um espelho que reflita com nitidez a dimensão aproximada ou real dessa consciência...” (NOBLAT, p. 21).

Tal como o jornal, muitas das empresas anunciantes também já não existem mais na cidade, como as Lojas Pereira Oliveira e o Restaurante Manolo’s, nem no estado (Chapecó Alimentos), e nem em nível nacional (Transbrasil, Bamerindus e Hermes Macedo). O fim de algumas empresas e também a decadência de entidades como clubes sociais também são um indicativo das transformações pelas quais a cidade passou desde os anos 1980. Deixaram de existir na cidade, entre outras, sem alarde sobre sua decadência, as tradicionais lojas Modelar (confeções) e LPO – Lojas Pereira Oliveira, de eletrodomésticos e afins. A Loja havia sido fundada pelos irmãos Bento e Antonio Pereira

Oliveira Filho, em dezembro de 1945. A administração do estabelecimento comercial continuava sendo da família até o fim de sua existência.

Algumas empresas anunciavam apenas nos cadernos especiais de aniversário do jornal ou dias comemorativos como os do trabalhador e das mães. À medida que o jornal ia diminuindo em qualidade e conteúdo, encolhia a publicidade de empresas, mas se mantinham inserções de pequenos anúncios temporários, como os de eventos. Mas o mais significativo é a regularidade nos anúncios de algumas empresas locais, principalmente as do grupo Koerich e Casas da Água, que mantiveram sua publicidade praticamente até o fim do jornal. O colunista social mais longo percebeu que os anunciantes “apoiaram ate certo ponto, mas depois quando viram mesmo que a coisa ia cair, daí...né? Foi quando eu saí, um ano antes de fechar pra valer, eu saí...” (MACHADO Z., entrevista). Um jornalista que chegou a atuar como diretor comercial do jornal lembra como os empresários se manifestavam em relação ao processo de decadência do jornal:

Eles se queixavam da inconstância, da tiragem inflada, de você trabalhar com uma tabela próxima a do concorrente e ele com uma grande tiragem, você com uma tiragem menor e sustentando que você tirava mais... Então, é credibilidade...todo mundo sabia que....né? [...] ao longo do tempo ele, a administração dele, da empresa, ela perdeu o modo, o *modus operandi*, perdeu credibilidade, porque muita gente que dizia “bom vou apostar de novo” mas a coisa degradingolava... (CAMARGO, depoimento, 2011)

Nos anos seguintes, as contradições e diferentes concepções de como ordenar a cidade ficam visíveis, ao final dos anos 1990, nos embates entre duas perspectivas urbanas distintas: “a vontade daqueles que desejam conservar o perfil de cidade média, e a vontade daqueles que vislumbram transformá-la numa metrópole e até mesmo já a caracterizam como tal”. (FANTIN, M. 1999, p. 14) Em seu estudo sobre as ações para transformar a cidade de pacata em capital turística, Assis (2000) observa:

As gestões municipais, mesmo que de partidos diferentes, tem um mesmo discurso. Na documentação pesquisada, não aparecem rupturas. Parece que a vocação turística da cidade, pelo menos ao nível do poder municipal, apresenta-se como um consenso. Foi uma transformação muito intensa e rápida, assim, a década de 90 já vive na questionável “Florianópolis Capital Turística”. (ASSIS, 2000, p. 90)

A partir da constatação acima talvez se possa afirmar que setor privado domina o público, com maior ou menor intensidade, dependendo de quem exercer o poder local, determinando um discurso dominante também na imprensa. Ou seja, permanecem em alta as relações muito próximas dos empresários com os políticos detentores dos cargos executivos e legislativos, como já apontava May (1998): “as redes empresarias se organizaram através de canais de comunicação que defendem seus interesses, o que possibilitou a construção de um discurso dominante, configurado nestes espaços institucionais como instrumento de exercício e prática de seu poder.” (p.104) Mais adiante, a autora complementa: “Relações pessoais desempenharam um papel importante na ordenação da vida pública-política do Estado. Este círculo de amigos proporcionando a troca de informações assegurou maior eficácia na organização de estratégias”. (p. 134) Por outro lado, aqueles sem acesso aos círculos do poder não percebem o turismo como apenas um promotor de benefícios. Ouriques (1998, p. 126) demonstrou que os empregos ligados ao turismo têm crescido em relação a outros setores da economia local, mas estão atrelados a informalidade e a sazonalidade. Aspecto também abordado por Assis (2000) em sua conclusão, depois de ouvir também antigos moradores da cidade:

Dentro desse cenário de planos e propostas para desenvolver a economia da Ilha, os personagens, por suas histórias de vida, comprovam a tese de que o turismo não se confirmou como fonte de renda segura e não trouxe a estabilidade financeira imaginada. O

que ele acarretou, foram muitas mudanças em hábitos costumeiros. (ASSIS, 2000, p. 118)

Assim, a modernização em Florianópolis, que no começo do século era atribuída à instalação de obras de infraestrutura, no final do século é representada pelos avanços tecnológicos e do modo de atuação empresarial e gerencial dos empreendimentos turísticos e comerciais. Na perspectiva da cidade crescer, os aspectos arquitetônicos e históricos foram relegados ao segundo plano, e um dos ex-editores do jornal observa que o próprio periódico não incentivou a preservação do patrimônio histórico da cidade como um todo:

Claro, as imobiliárias foram e continuam sendo grandes anunciantes. Nesse sentido, o jornal foi omisso também com o que aconteceu com a cidade, porque este tipo de reflexão nunca foi feito pelo jornal. Tinha uma coisa de que a cidade tinha que crescer, e ela crescer foi chegar os grandes grupos empresariais, tal como a própria RBS. (VALENTE, depoimento, 2011)

3.6 Um novo estilo empresarial chega à cidade

A chegada da empresa gaúcha de comunicação⁸⁵ demarca bem um novo estilo de visão empresarial na cidade, introduzindo a perspectiva do marketing e da publicidade profissional, e sendo a promotora de um *boom* imobiliário e turístico crescente, entre outros. Por meio de uma estética que nasce sob o signo da linguagem publicitária, encarregada de dar expressão a esse novo tempo, Florianópolis passa a ser vista e a

⁸⁵ Lissoni (2006) em dissertação da área de Administração em que analisa a relação entre família, empresa e propriedade, caracteriza os anos 1971 a 1986 como terceiro período do ciclo de vida da RBS, fase em que a segunda geração da família passa a atuar na empresa, e sua propriedade na gestão executiva era de 100%. Foi um período de crescimento, inovação, de valorização do local e do regional, de foco em multimídia e de forte expansão para Santa Catarina.

existir no mapa do Brasil de forma mais intensiva. Nesse sentido atende ao desejo da classe média urbana dos anos 1970 que queria tornar a cidade moderna, visível a distância, reconhecida, como se depreende das análises de Castro (2006) e Santana (2006), citadas anteriormente. Ou seja, a cidade queria deixar de ser o zero da BR 101, como se falava no cotidiano e nas colunas sociais, e a RBS possibilitava isso.

Formula-se, então, que a chegada da RBS introduziu um outro impulso modernizante na cidade, deixando à margem quem não se adaptasse aos novos ventos que passaram a assoprar com mais força que o vento Sul ao qual os manezinhos já se haviam habituado. Essa formulação está baseada na compreensão de que o grupo gaúcho é o primeiro do molde da etapa monopolista do capital a chegar à cidade. Até essa chegada, Florianópolis ainda era uma cidade de porte pequeno com sua economia baseada no comércio, nos serviços públicos e numa nascente indústria da construção civil. Esses setores da economia local ainda não se baseavam em práticas de gerência corporativas e industriais que são trazidas por esta empresa de comunicação. Ao mesmo tempo, por ser uma empresa de comunicação afiliada à maior rede televisiva do país, a rede Globo, tudo que recebe destaque na tela em nível nacional, tanto em termos de jornalismo, esporte ou entretenimento, passa a ter maior repercussão. Deste modo entende-se que a visibilidade de Florianópolis se amplia, assim como o interesse de pessoas de outras regiões sobre oportunidades turísticas, ou de moradia, ou ainda, de negócios. Essa pressuposição é reforçada na pesquisa de Fernandes (1998) que observa:

Apresenta-se de forma unânime a posição dos entrevistados quanto a atuação da RBS. Mostra-se ser ela “responsável de certa forma pela transformação da dinâmica dos meios de comunicação de massa em Florianópolis no sentido de ter “injetado” no mercado das comunicações um teor profissional que até então não existia na capital. (FERNANDES, 1998, p. 77)

Talvez se possa dizer que a chegada do grupo RBS demarcou o empobrecimento do incipiente espaço público verificado na capital e o fortalecimento do poder privado em todos os espaços da cidade. Paradoxalmente, ao ampliar a cobertura jornalística sobre a cidade, tenta

ser ela própria o “espaço público” da comunidade. Mas isso só se efetivaria 30 anos depois, quando Pedro Sirotsky, um dos dirigentes locais da RBS, comemora as três décadas de atuação no estado e exalta que finalmente a empresa era vista como “catarinense”⁸⁶. De todo modo, a rápida expansão e crescimento do grupo RBS no estado marca a chegada definitiva da Indústria Cultural, com tudo o que implica este conceito na comunicação local.

Diante disso, a partir dos anos 1980 mudaram as características da cidade e da imprensa local. Ao mesmo tempo, em 1986, universidade e profissionais do setor iniciam o processo de criação de um Distrito Tecnológico, na perspectiva de transformar a capital num pólo de tecnologia. Nesse clima de crescimento imobiliário e de busca de alternativas econômicas, a RBS instala seu próprio jornal, *Diário Catarinense*. Embora tenha usado entre suas estratégias de implantação a aproximação do público local, Fernandes (1998) constatou que ao longo de dez anos, o DC diminuiu a média de notícias sobre a sociedade civil, expondo-se a uma visão negativa por parte das entidades sociais⁸⁷. Apesar de algumas resistências, o *Diário Catarinense* se consolidou e o grupo RBS, no esforço de se mostrar integrado à comunidade, fez, em 2012, doação de verba visando a recuperação da ponte Hercílio Luz, dentro do projeto de captação de recursos através da Lei Rounet. Assume mais uma bandeira que também fora de O ESTADO, como veremos abaixo.

⁸⁶ A declaração não deixa de ser surpreendente, já que desde o início constituiu-se em parceira das elites locais. Fantin (1999) que trata das disputas entre nativos e os de fora (gaúchos), distingue três tipos considerados “de fora”: os das camadas médias universitárias, também chamados de “estrangeiros”, os ligados às camadas populares, chamados de “migrantes” e os da classe alta, chamados de “investidores”, “empreendedores”. (p. 41) É nesta última denominação que se enquadra o grupo gaúcho de comunicação. Fantin também observa que “a RBS enfrentou a rejeição ilhoa ‘astutamente’ ao produzir uma cara local à sua programação com a contratação de jornalistas, colunistas sociais e comentaristas esportivos polêmicos, personagens que tinham e têm história na cidade. Desta forma, conseguiu neutralizar certos ‘sentimentos’ antigaúchos”. NR (FANTIN, 1999, p. 37)

⁸⁷ Segundo representantes de entidades, “os assuntos referentes a grupos minoritários só se transformam em notícia quando resultam em tragédia ou escândalo”. [...] Na perspectiva do DC, “o jornal dá preferência para uma notícia que atinja um maior número de pessoas e não para a relevância do assunto para um grupo específico”. (FERNANDES, 1998, p. 99-100)

3.7 *Pedra e carne. Ou seria ferro e lágrimas?*

Os debates sobre a possível queda, ou derrubada, da Ponte Hercílio Luz em seu 30º. aniversário de interdição (1982) e após milhões de reais gastos para sua recuperação⁸⁸, nunca concluída, são o *ferro* para ilustrar alguns aspectos sobre a cidade abordados neste trabalho. Os defensores de sua conservação consideram-na o maior marco do patrimônio histórico e principal símbolo de identificação da cidade, podendo ser caracterizado como documento/monumento, tal como define Le Goff (1992). Os que defendem sua derrubada avaliam que é um entrave ao progresso e que não contribui para a mobilidade urbana de uma cidade cada vez mais moderna. A mesma ponte que ao ser a primeira ligação rodoviária entre a Ilha de Santa Catarina e o continente, em 1926, tornou-se o símbolo da chegada da “modernidade” daquela época. Nos anos recentes a dubiedade sobre sua importância começa a aparecer em algumas análises:

Florianópolis se traduz nas imagens da ponte, é o símbolo que melhor representa a cidade, sua imagem evocativa. Mesmo depois de interdita, ela continuou a representar este papel. [...] Ao longo de sua história visualizamos algumas imagens que a evidenciam como um símbolo da cidade, um monumento ao progresso, ou como uma ruína da modernidade. (COELHO, in: FLORES, 2006, p.285)

Ao longo dos anos, o jornal O ESTADO acompanhou o processo de interdição e as consequentes tentativas para recuperar a ponte. No dia do aniversário da ponte, uma manchete interna indicava: “Aniversário da ponte é lembrado por quem acompanhou sua história”, com depoimento

⁸⁸ Somente as obras da restauração, previstas para serem concluídas até dezembro de 2014, estão orçadas em R\$ 170 milhões. Estes valores aumentam a cada nova reportagem sobre o assunto, assim como muda a data para a provável conclusão das obras.

da filha do ex-governador Hercílio Pedro da Luz – o idealizador da travessia – Hercília Luz, a dona Ciloca. Em 21 de maio de 1989 na página 12, da editoria de Geral a manchete dizia: Ponte Hercílio Luz “Técnicos projetam pista mais leve”. Em 1993, dia 22 de maio, a notícia era de que “Transporte sobre trilhos resgataria a ponte velha”. A primeira travessia também era homenageada em crônicas, como esta de Raul Caldas Filho, em “Exaltação a ponte”, publicada em 1996. Em maio 97, no caderno SOS Cidade mais uma novidade: “Conselho tomba a ponte HL”. Mas em outra chamada “Recurso para ponte. Inicia nova batalha”. Em 1998, a chamada para a ponte HL era: “Um símbolo a espera de socorro”, com foto. Ainda naquele ano, o jornal noticia que “morre operário da ponte HL.” No ano de 2000, a ponte está na capa sob a manchete: “Um símbolo que resiste ao tempo após 74 anos”. Em 2001 a notícia era: “Ponte HL: entregue o diagnóstico para recuperação”. E em 2002, “Projeto para restauração da ponte deve ficar pronto em junho”.

A ponte, inaugurada em 13 de maio de 1926, fazia aniversário com o jornal O ESTADO, inaugurado no mesmo dia, em 1915, e o periódico aludia ao fato nas edições comemorativas em cada ano. Ainda em 1989, ao fazer 63 anos, é referida com manchete à página 9: “Aniversário da ponte é lembrado por quem acompanhou sua história”. E na capa do dia do aniversário do jornal, uma foto com vendedor do jornal mostra a ponte ao fundo. Em 1995, a manchete principal da capa do dia 13 de maio anunciava: “80 anos escrevendo a história”, com foto da ponte em destaque. O editorial, “tríplice comemoração”, tratava de OE, da Ponte e da ACIF – Associação Comercial e Industrial de Florianópolis. Significativa é também a charge de Bonson apresentando o “mais antigo” para turistas que apreciam a ponte. No ano seguinte a capa do mesmo dia 13 dizia: “Dois símbolos numa só festa: O ESTADO e Ponte HL.” Foto colorida da ponte e poucas chamadas ao redor (espaço em branco começa a ficar visível) Uma mensagem de congratulações relaciona a Hercílio Luz e O ESTADO em poema: “Duas pontes”, que ao final diz: “Jornal e ponte, dois aniversários, dois destinos distintos, dois símbolos de um povo...” E um dos anúncios do jornal advertia: “A ponte continua pedindo socorro. E ninguém pede socorro por muito tempo”. Seria também um pedido de socorro para si mesmo? A frase “ninguém pede socorro por muito tempo” aparecia também em pequena imagem da ponte em forma de filme do lado direito da logomarca O

ESTADO, no mesmo espaço em que no ano anterior a campanha iniciara, com a chamada: “Vamos segurar a ponte”.

Em 1997 a ponte aparece em anúncios e na capa do jornal de 13 de maio: “Um dia de festa para a ponte”. Já não aparece junto à logomarca a campanha pela preservação da ponte, substituída por publicidade de uma empresa pública. Em 1999, o Caderno especial comemorativo trazia capa com foto da ponte e em tamanho maior a primeira edição do jornal ocupando toda a página: “84 anos – A caminho do 3º. milênio”. Em 2003, no dia do aniversário, o jornal passa a circular em formato tablóide e nas manchetes da capa, como sempre, destaque para a ponte HL, também aniversariante: “A vida que orbita ao redor da Hercílio Luz.” A ênfase durante todos os anos na necessidade de preservar a história e a memória de ambos (a ponte e o jornal), como símbolos já incorporados à cidade, é recorrente também nos textos do editorial. Mas poucos se importam se a ponte pênsil Hercílio Luz cair no mar e restar apenas na lembrança e em velhos cartões postais, já que a campanha pela preservação desse ferro suspenso, tal como era divulgada em O ESTADO, não existe mais.

E desde o final de 2011 já não está mais pelas ruas da cidade também um personagem significativo deste tempo que se esvai, representando as *lágrimas* do título acima. A morte de O ESTADO, cinco anos antes, e a de um personagem emblemático da cidade, *florianopolitano da gema*, em dezembro de 2011, marca definitivamente, para mim, o coroamento de um modo de ser da urbe implantado e intensificado desde os anos 1980. Nascido no bairro continental do Estreito, Amilton Alexandre, o Mosquito, viveu 52 anos e pelo menos nos últimos 33 dedicou-se a lutar por direitos a todos na cidade que começava a ser cada vez mais elitizada. Desde a Novembrada, em 1979, quando a briga foi contra um general ditador ainda no poder e pela condenação histórica de outro militar (Marechal Floriano Peixoto) que massacrou gente do Desterro, depois nomeada Florianópolis em sua “homenagem”, Mosquito sempre levantou bandeiras sociais e culturais. Agitador cultural, teve um dos primeiros sebos de livros e um bar *cult* em rua do centro histórico que depois virou espaço alegre nos dias de carnaval. Defendia a preservação da memória, o respeito à cultura manezinha, o jeito simples de viver na Ilha, e era contra a “invasão” de modos impostos de fora, contra o crescimento desordenado, a expansão imobiliária, o descaso com a preservação ambiental e a falta de um plano diretor. Todos temas presentes nos últimos anos em seu blog “Tijoladas do Mosquito”, no

qual também denunciava a corrupção de políticos de todos os níveis, em voz solitária a bradar contra as injustiças⁸⁹. Não era considerado jornalista pelos que assim se denominam, mas cumpriu melhor esse papel do que tantos outros nos jornais tradicionais e mesmo em blogs sempre comportados e quase “chapa branca”. Sofreu muitos processos judiciais por sua audácia e acabou acuado, cansado de sua luta solitária e inglória⁹⁰. Perdeu a esperança de que um dia a cidade tomaria um rumo menos destruidor e decidiu partir⁹¹. E os que por ele foram acusados e os que se beneficiam da omissão da maioria possivelmente sorriram aliviados, tranquilos para continuar sua expansão predatória. Mas não totalmente: alguns meses depois da morte do blogueiro surgia nas redes sociais de relacionamento o “Tijoladas do além”, com denúncias como sendo ainda de Mosquito, mas como menos repercussão.

A trajetória de Mosquito resumida aqui é importante por dois aspectos relacionados a esta tese. Primeiro, pelo que representou como símbolo dos defensores do cuidado no crescimento da capital pequena e tranquila que existia até os anos 1980. Segundo, porque fez jornalismo usando os novos formatos e equipamentos, diferentes do jornal em papel, como foi O ESTADO, do qual foi igualmente um defensor. As novas tecnologias são um dos fatores que podem ter contribuído para o fim do periódico impresso, numa tendência que vai se intensificando em nível mundial,

⁸⁹ O colunista Carlos Damião escreveu: “Sua morte foi o ato final de uma guerra declarada contra autoridades, empresas e instituições catarinenses”. Notícias do Dia, 14/12/2011, p. 31, nota *Personagem*.

⁹⁰ Em sua coluna, Ricardinho Machado escreveu duas notas. Uma delas dizia: “Desde cedo, nas reuniões partidárias ou em comitês deliberativos, o Amilton Alexandre incomodava. Daí o apelido de Mosquito. E de tanto incomodar a todos – amigos e inimigos – incomodou a si próprio. Faltou um respiro.[...]” Notícias do Dia, 15/12/2011, Caderno Plural, p. 2, nota Muska 1.

⁹¹ Notícia a respeito dizia: “A Polícia Civil abriu inquérito para a morte do criador do blog “Tijoladas”, um dos mais críticos à administração pública de Florianópolis. Apesar de aparentemente ser um caso de suicídio por enforcamento, o secretário César Grubba, da Segurança Pública, determinou abertura de inquérito”. Notícias do Dia, 14/12/2011, p. 26, manchete “Mosquito morre dentro de casa”. Posteriormente a Polícia Civil concluiu que se tratou de suicídio, embora houvesse especulações na cidade de que teria sido assassinado. Mesmo assim, alguns dos amigos consideram que foi morto por asfixia econômica e judicial.

como já abordado no capítulo dois. Ou seja, Mosquito usou o computador e a internet (blog e redes sociais de relacionamento) como forma de contraponto aos meios de comunicação tradicionais (rádios, jornais e TVs) dominados por grandes grupos econômicos, tal como a RBS. Um monopólio de comunicação ao qual nem O ESTADO conseguiu fazer frente depois da chegada do *Diário Catarinense*, jornal daquele grupo empresarial. Nem era esse seu objetivo, ser também um grande grupo, apenas continuar sendo o jornal tinha sido até ali, como se vê numa parte do editorial “78 anos depois” no aniversário de maio de 1993: “O jornal O ESTADO é catarinense e não pretende ser mais do que isso”. Pode-se dizer, então, que O ESTADO foi definindo pela persistência do seu proprietário e recusa em se render às evidências de que não havia saída, igualmente numa aventura cada vez mais solitária até o naufrágio final. Em ambos casos, a percepção de que poucos cidadãos se importam com o que acontece à cidade, à memória e ao espaço público.

quando o jornal começou a enfrentar os problemas maiores, não teve sustentação, foi uma, parece que houve uma harmonia pro mal. O jornal não conseguia se *safar*, a comunidade não tava nem aí e o processo natural foi o desaparecimento NE? de uma instituição que pelo menos, pelo menos, deveria estar com seu passado preservado. Nem isso, o que é uma tristeza. E aí a culpa é de quem? É minha? Eu não cuido da biblioteca, o prédio [do jornal, saqueado] não era meu. É uma coisa muito revoltante. (MEDAGLIA)

Era um jornal que teve 90 e poucos anos. Quando eu fui prá lá ele tava fazendo oitenta e poucos anos, e ele... Mesmo tendo sido um jornal político, porque ele era, foi durante muito tempo o jornal do PSD, do Aderbal, e antes foi de outros partidos políticos, mesmo assim ele é um registro da história, e eu acho que é responsabilidade da Casa do Jornalista, do Sindicato dos Jornalistas, das escolas de comunicação, tanto da UFSC como da Estácio de Sá, e do governo do estado, recuperar esta

história. Porque você jogar no lixo... Ele foi jogado no lixo, literalmente, noventa e poucos anos da história de SC, com fotinha, texto. Você vê que era tão importante que tinha fotos do Esperidão [Amin] de cabelo, uma coisa muito engraçada, é difícil, você só acha em arquivos de fotografos ou no arquivo pessoal do próprio. É no jornal O ESTADO que você vê pessoas que hoje estão velhas, novinhas. Toda a opinião política [...] Hoje você pode digitalizar, pode fazer uma serie de coisas, e é um absurdo que uma biblioteca publica não tenha os instrumentos para digitalizar, para manter a história. (CAMARGO, depoimento, 2011)

Sem apoio, mas com ampla omissão, numa evidência do comportamento dominante na sociedade contemporânea, guiada pela indiferença e individualismo, Mosquito, O ESTADO e a antiga cidade desaparecem sob os olhos da maioria alheia ao que se passa. Ainda em 2009, quando o abandono do que restava do jornal foi divulgado em vídeo e em blogs da internet, Mosquito assim se manifestou:

O Comelli é um irresponsável. Deveria ser considerado persona non grata pela Câmara Municipal. Numa cidade sem política cultural é de se esperar tanto descaso. E a casa da memória serve para que? Com a palavra o Pres. da Franklin Cascaes Rodolfo Pinto da Luz. Engraçado, a RBS não fez nenhuma pauta sobre o caso. (Posted by amilton alexandre/ junho22,2009,22:45 <http://www.deolhonacapital.com.br/2009/06/22/a-memoria-perdida-de-o-estado/>, acesso em 06.09.2012)

Em junho de 2009, a partir da divulgação na internet de um vídeo do jornalista Ozias Deodato Alves Jr., do jornal *Biguaçu em Foco* mostrando o abandono do prédio do jornal, o blog “De olho na capital”, do jornalista Cesar Valente, lamentou a situação num post chamado “A memória perdida de O ESTADO”, dizendo serem cenas doloridas para quem trabalhou lá. E reproduziu o texto que acompanhava o vídeo:

Os arquivos do jornal O ESTADO, com fotos, slides e documentos da história de Santa Catarina das últimas nove décadas, estão prestes a ir para a lata do lixo ou, na melhor das hipóteses, virar lixo reciclado. É o que denuncia João França, 63, residente em Biguaçu e ex-técnico da rotativa do jornal, que esteve na sede do jornal, no bairro Saco Grande, Florianópolis, na manhã da última sexta-feira (19/06/2009). Segundo constatou, vândalos e catadores de reciclados estão saqueando a antiga sede do jornal em busca de metais, papéis e outros produtos para vender à reciclagem. Dá vontade de chorar. Isso dói, dói muito. É a história de nosso estado virando lixo, resume França envolto em lágrimas lembrando que aquela ruína foi o que restou dos tempos áureos de O ESTADO, quando foi o maior jornal de Santa Catarina nas décadas de 1970 e 1980. O jornal faliu há dois anos e sua sede está literalmente jogada ao Deus dará. Afinal, as paredes dos fundos da sede não existem mais. Qualquer um pode entrar sem problema algum e as milhares de fotos, negativos de filmes, móveis, equipamentos metálicos são uma tentação aos catadores, quando não a vândalos. Gravação: Jornal Biguaçu em Foco. Site: www.jbfoco.com.br. Data: Sexta, 19 de junho de 2009. (<http://www.deolhonacapital.com.br/2009/06/22/a-memoria-perdida-de-o-estado/>, acesso em 06.09.2012)

A postagem de César Valente em 22 de junho recebeu várias manifestações de moradores, entre as quais destacamos esta, por sugerir os meandros do novo momento vivido na cidade, o entrelaçamento entre os poderes instituídos e os da comunicação:

Não há dúvida que naquele local “varado e desengradado” no dizer do manezinho, se encontra grande parte da história do nosso Estado e da nossa Cidade. O governo tem secretaria de educação, cultura e etc... Mas... teria interesse na preservação? Ou a preservação desse acervo contraria interesses da empresa de comunicação que sucedeu o Sr. Comelli e que dá suporte ao “status quo”? E mais outra indagação: esta nova empresa, pelo que se vê, certamente, ao cedo, não irá falir. Por ser mais competente? Ou por ser menos justa? (quanto ao conceito de justiça, perguntem ao Sr. França, da reportagem.)
Posted by waltamir / junho 22, 2009, 22:35
(<http://www.deolhonacapital.com.br/2009/06/22/a-memoria-perdida-de-o-estado/>, acesso em 06.09.2012)

As assertivas e questionamentos demonstram bem a revolta pelo fim do jornal existente entre diversos moradores da cidade. Uma audiência pública da Câmara de Vereadores foi convocada para debater o assunto. E depois tudo ficou por isso mesmo, ou seja, nenhuma providência de instituição pública foi adotada para que o acervo fotográfico e os arquivos⁹² do jornal tivessem um destino adequado para sua

⁹² Desde que a sede do jornal entrou em decadência, o destino da coleção encadernada das edições do jornal foi motivo de especulação entre jornalistas. Um dirigente do jornal *Notícias do Dia* confirmou que a coleção foi adquirida pela família Petrelli, que inicialmente a acomodou embaixo de uma escada no prédio da empresa de comunicação, e posteriormente contratou a empresa “Boomerang Doc Solutions”, situada em Palhoça, especializada em manutenção de material perecível, para guardar a coleção.

conservação e digitalização. O assunto ficou em segundo plano na cidade, sendo o jornal lembrado a partir de então principalmente por aqueles que fizeram parte de alguma das etapas de sua quase centenária trajetória. É o que veremos a seguir.

CAPÍTULO 4. JORNAIS, JORNALISTAS E A CIDADE NA MEMÓRIA

Dois acontecimentos sociais do ano de 2011 tornam-se referência e ilustração para análise de alguns aspectos da tese. O primeiro, em maio, reuniu ex-colaboradores, especialmente jornalistas, do jornal O ESTADO (1915-2009) para um “reencontro” e para comemorar os 96 anos que o jornal faria naquele mês. O outro, em julho, reuniu políticos, empresários e também ex-funcionários do periódico, no lançamento de um livro sobre o ex-governador e ex-proprietário do jornal, Aderbal Ramos da Silva, falecido em 1985 e cujo centenário de nascimento se comemorou em 2011. Dois acontecimentos emblemáticos que podem ajudar a entender o fim do jornal e de como sua existência e, posterior falência, marcou trajetórias humanas, sociais e políticas.

Embora ambas comemorativas, a festa e a solenidade cruzam-se em memórias, lamentos, alegrias e decepções. Percebe-se no “reencontro”, as lembranças de fatos inusitados, o compartilhar de experiências de uma realidade comum de um tempo da vida de cada um, as dificuldades e prazeres em exercer o ofício jornalístico, o burburinho e a solidariedade na redação, a ausência do último proprietário do jornal. No lançamento do livro, a recordação de eventos políticos, de um jeito de exercer o poder, de tradição familiar, e a presença ainda que momentânea daquele que herdara o periódico. Em comum, a morte de um homem e de um jornal, ainda a influenciar vidas, como observa Le Goff, destacando que desde a Antiguidade: “O monumento tende a especializar-se em dois sentidos: 1) uma obra comemorativa; 2) um monumento funerário destinado a perpetuar a recordação de uma pessoa no domínio em que a memória é particularmente valorizada: a morte” (LE GOFF, 1992, p. 535)

As comemorações estavam permeadas pela lembrança do desaparecimento gradativo de outro tempo e modo de viver a cidade de Florianópolis. Aquela urbe dos anos 1980, ainda pequena e tranquila retratada nas páginas do jornal que naqueles anos alcançava seu auge em termos jornalísticos e de reconhecimento social. Era um tempo em que se acirrava a controvérsia entre “manezinhos”, e “os de fora”, especialmente através da coluna de Beto Stodieck (1945-1990), personagem referenciado por jornalistas e ex-assinantes do jornal pelas

notas que deixou inscritas nas páginas de O ESTADO, como já observado no capítulo um. Trazia-se a tona rastros do que fora a cidade e o jornal, e uma prática em comum num ofício profissional que conta histórias do cotidiano, mas dificilmente fala de si mesmo de forma pública. Talvez por isso o entusiasmo em integrar-se ao grupo, como descrito a seguir.

As articulações para o reencontro O ESTADO começaram quando quatro amigos interligados na rede social *Facebook*, nos primeiros meses de 2011 tiveram uma “verdadeira sessão ‘recordar é viver’, a partir da postagem de algumas fotos antigas de um deles”, conta Maria Helena (Lena) Obst, a principal fomentadora para o reencontro. E ela continua: “Quando percebemos, estávamos os quatro emocionados, falando do passado com muita saudade e carinho, falando da escola de jornalismo que tivemos no ‘mais antigo’ e da vontade de rever as pessoas que fizeram parte de nossas histórias”. A troca de imagens, experiências e lembranças através da rede social permitiu o reconhecimento de “raízes” profissionais em comum, daquilo que compartilharam por um tempo em um contexto similar e recuperou o sentido de pertencimento. O compartilhamento de arquivos pessoais, especialmente de fotografias, permitiu materializar as próprias histórias e do grupo formado na internet. A partir disso, “a proposta do reencontro, que já era latente em muitos ex-colegas de redação, tomou forma e se espalhou rapidamente, num movimento sem precedentes entre jornalistas de Santa Catarina”. O ambiente on-line fez ressurgir relações interpessoais, recriadas em espaço e tempo diferentes, mas baseadas na confiança mútua reconhecida pela trajetória semelhante no jornal. Este elemento de distinção é que traz o conhecimento e o reconhecimento em comum. O pertencimento é forjado então por referenciais como confiança, valores partilhados, ética específica, laços afetivos, solidariedade, afinidades culturais e sociais. São laços pessoais de reconhecimento mútuo que fazem com que os integrantes do grupo se sintam participantes de um espaço-tempo comum.

As lembranças, o compartilhar de detalhes de uma passagem em comum reativou elos pessoais e profissionais permitindo novos sentidos de pertencimento no presente, ancorado num passado reconhecido e reconfortante. “A memória emerge de um grupo que ela une”, diz Nora (1993, p. 9), que prossegue: “Porque é afetiva e mágica, a memória não se acomoda a detalhes que a confortam; ela se alimenta de lembranças vagas, telescópicas, globais ou flutuantes, particulares ou simbólicas,

sensível a todas as transferências, cenas, censura ou projeções.” São fragmentos que formam um mosaico de peças incompletas mas que seleciona partes e remetem a um passado que parece ter sido melhor do que é o presente, pois carregado de sentimentos em que surgem apenas os aspectos prazerosos do que se passou. As comemorações e os encontros repletos de nostalgia daquilo que já não existe, daquilo que já não mais lhes define completamente, mas que ainda palpita naqueles que buscam o pertencimento em comum. Reencontrado o pertencimento, este engaja os integrantes do grupo nas atividades propostas. Os sinais de reconhecimento e de pertencimento do grupo formam então uma figura coerente pela qual se garante que esse passado em comum teve um significado pessoal e grupal e de que não cairá no esquecimento. Permanecem como marcas de outra época histórica e profissional, revitalizada no presente, redefinindo e reafirmando identidades, muitas vezes em conflito pela multiplicidade e fragmentação de papéis que a contemporaneidade exige de cada um.

A partir da criação do grupo é iniciada a nova etapa, a das adesões através do *Facebook*, a rede social do mundo virtual que exerce as funções de aproximar e de quebrar fronteiras. Com a criação do grupo chamado Reencontro O ESTADO na rede social, as pessoas começaram a se comunicar, criando uma verdadeira corrente para lembrar de todos os que já tinham trabalhado no jornal e para localizá-los. Até o dia do evento, a lista de profissionais já tinha cerca de 580 nomes e o grupo no *Facebook* contava com a participação de 175 colegas. Todos ansiosos para conhecer/reconhecer algumas das histórias que compõem o passado de cada um dos integrantes e do grupo como um todo.

4.1 Reencontros no espaço virtual

O espaço da internet, caracterizado pela virtualidade, pela velocidade, pela transitoriedade de um eterno presente, fugaz, e sem permanência, pode ser também espaço de memória. Embora não se encontrem registros do que havia antes, do que já passou, pois já superado pelo que veio em seguida, o espaço virtual pode ter memória a partir da interatividade dos usuários conectados em redes sociais e, dentro delas, unidos em comunidades com interesses mútuos. Mesmo que compartilhada momentaneamente, a memória ativada em redes sociais pode propiciar o estabelecimento ou reatamento de vínculos. É o que se

observa especialmente na rede social *Facebook* que se expandiu rapidamente pela internet nos últimos anos no Brasil, país que ocupa o segundo lugar no ranking mundial de usuários desta rede. Uma das suas características é a facilidade em encontrar pessoas, propiciando o reencontro de velhos amigos, colegas e familiares.

Nova forma de sociabilidade, as redes sociais da internet permitem interação pessoal instantânea e constante com pessoas de qualquer lugar, a qualquer hora. Nos programas de mensagens em tempo real, não há as tradicionais barreiras que na vida social não virtual limitam o acesso a pessoas muito diferentes. Na Web não existem, em princípio, espaços “fechados” para ninguém, facilitando, inclusive, a interação social de pessoas com mais dificuldade de relacionar-se “ao vivo” com os outros. O espaço virtual permite que os usuários conversem via teclado ou por meio de câmera, e têm em comum o fato de serem gratuitos, de instalação simples e abertos a internautas de qualquer parte do mundo. Além da possibilidade da troca de mensagens em tempo real via internet, há como enviar e receber arquivos e fotos.

Lançado em 1996, o precursor dos programas de mensagens instantâneas foi o *ICQ* (I Seek You – “eu procuro você”). Em seguida surgiu o *MSN*, um dos primeiros a permitir que uma conversa pudesse ser compartilhada por várias pessoas numa mesma janela e participar de jogos *online*, além de permitir fazer chamadas telefônicas, se o usuário tivesse microfone acoplado ao computador. Ao mesmo tempo apareceram os blogs, diários virtuais de jovens que compartilhavam suas ideias e emoções para quem quisesse ler, e os fotologs, com fotos de pessoas, e as comunidades em torno de algum interesse comum. O formato se difundiu e propiciou o surgimento de um novo serviço, o *Orkut*, em 22 de janeiro de 2004, em que o mote era “Quem você conhece?”

O *Orkut*, site de relacionamento hospedado no Google, um sítio de buscas, tornou-se, em 2006, a maior rede de amigos e de comunidades de todos os tipos até então havida na Internet. Inicialmente tinha por função congregar pessoas com interesses em comum para debater determinado tema, e da qual só podia participar quem fosse convidado. Mas os convites rapidamente se multiplicaram, especialmente entre jovens. No Brasil a propagação dessa “comunidade virtual” foi tão intensa que em 2006 ele tornou-se o país com maior número de pessoas conectadas ao *Orkut*, atingindo agora também outras gerações, e não mais somente a juventude. Tão rápida como surgiu, essa configuração

social do espaço virtual refluuiu, não sem antes ser demarcada como a experiência que mais se enquadrou às necessidades do internauta de se colocar diante de uma rede social da internet, de dela fazer parte, de ser um usuário ativo dentro de uma comunidade virtual.

Logo após atingir o auge, o *Orkut* começou a perder espaço para o *Facebook*, outro dos espaços sociais da internet que se expandiu rapidamente no Brasil. É uma configuração em forma de rede que funciona com pontos de ligação que vão se entrelaçando, a partir de conexões em comum. A partir de convite de pessoa já associada, novos membros são adicionados progressivamente, ampliando o espectro de relações. A ferramenta passa continuamente por alterações e também é possível solicitar novas amizades a partir de sugestões que surgem na página do usuário, por serem ligados a um membro em comum já adicionado anteriormente. De certo modo há uma espécie de “pressão” sobre os internautas para que se associem à rede social, já que todo novo usuário que adere é incentivado a enviar convites para sua lista de e-mails. Na primeira semana de outubro de 2012, a rede chegou a um bilhão de usuários, e “se fosse um país, a rede social seria a terceira maior nação do planeta.” (NEVES, 2012, s. p.)

A rede social tem sido usada por grupos de pessoas com alguma motivação em comum, por meio da criação de páginas próprias. Nos grupos específicos de interesse em comum, em que apenas estes integrantes podem interagir, formam-se agrupamentos sociais com base em afinidades. “O que chamamos de socialização no ciberespaço é um conjunto complexo de afinidades, interesses, práticas e discursos que ocorrem como um processo de iniciação no qual interagem experiências *on line* e *off line*” (RIFIOTIS, 2010, p. 22). Rifiotis considera que o termo “comunidades virtuais” ainda carece melhor delimitação. Para Bauman, “comunidade é nos dias de hoje outro nome do paraíso perdido – mas a que esperamos ansiosamente retornar, e assim buscamos febrilmente os caminhos que podem levar-nos até lá.” (BAUMAN, 2003, p. 9). O indivíduo não é obrigado a integrar determinada comunidade, a motivação é individual, eletiva, subjetiva. Vem marcada pelo signo da “amizade”, palavra mágica que entusiasma e propicia identificações de alguma ordem.

Tema pouco debatido no meio acadêmico, a amizade foi objeto de um breve texto de Giorgio Agamben (2009). Nele faz referência a assertivas conhecidas de Aristóteles, como a de que “não se pode viver sem

amigos”, de que “não é possível ter muitos amigos”, e de que “a amizade mantida a distância tende a produzir o esquecimento” (p. 86). Agambem, contudo ressalta, em concordância com o filósofo grego que “Os amigos não *condividem* algo (um nascimento, uma lei, um lugar, um gosto): eles são *com-divididos* pela experiência da amizade. A amizade é a *condivisão* que precede toda divisão, porque aquilo que há para repartir é o próprio fato de existir, a própria vida”. (AGAMBEN (2009, p. 92)

As interações mais constantes entre integrantes do grupo Reencontro O ESTADO podem ser caracterizadas também como de convivência e compartilhamentos de sentimentos, e de tentar manter laços entre pessoas que estão geograficamente distantes. Para alguns basta apenas mostrar sua própria existência, enquanto outros interagem intensamente, defendendo opiniões, divulgando eventos e partilhando imagens, sons e textos. Demonstram que emoções e afetos desempenham um capital na organização social, como diz Michel Maffesoli, que introduziu o conceito de *tribos* como novas formas de sociabilidade:

A noção de tribo e a de massa estão ligadas pela lógica da rede. Essa ligação não tem a rigidez dos modos de organização que nós conhecemos, mas remete a uma ambiência, a um estado de espírito. Essa forma social, a rede, é um conjunto desorganizado mas sólido, invisível, mas servindo de ossatura ao conjunto. Proximidade, sentimento de participar de um todo, e localismo são sentimentos que permitem aos grupos em questão de se constituir em massa. [...] A religação se faz em torno de imagens que se partilham com os outros, imagens materiais e imateriais, ideia ou outra. O objeto não é importante, o que conta é o fato de que ele nos reúne. (MAFFESOLI, in CASALEGNO, 2006, p. 152-153).

Esse é o caso do grupo Reencontro O ESTADO, formado por ex-funcionários do extinto jornal catarinense, especialmente jornalistas que nele atuaram em diversos momentos, em período que abrange os anos

1970 aos anos 2000. O grupo estabeleceu-se por meio desta “cultura comum”, permitindo uma fácil interação e sentimento de pertencimento. Ocorreu uma religação daqueles que haviam estado próximos em outro momento e encontravam-se afastados no presente. A idealizadora do reencontro se surpreendeu com a velocidade da propagação de sua proposta por meio da rede social:

Criei o grupo do reencontro no FB [facebook] às 6 horas da manhã de um domingo (dia 20 de março), com cerca de 40 pessoas que já tinha na lista de amigos na rede social. No final do mesmo dia já havia o dobro de pessoas se comunicando, enlouquecidas com a ideia e chamando outros a integrarem o grupo. Não dei conta de responder a todas as mensagens postadas e te confesso que cheguei a me assustar com a movimentação, com a empolgação das pessoas. Foi emocionante. (OBST, 2011, s.p.)

As postagens no grupo se referem ao período profissional no jornal, de cada um dos novos integrantes, numa escrita pessoal recheada de sentimentos. As mensagens procuram se ater à temporalidade do trabalho, mas trazem também a atualização da trajetória pessoal de cada um em outras dimensões: da constituição de famílias, do novo cotidiano profissional, do lazer preferido, entre outras questões. É o compartilhamento de experiências particularizadas produzidas tanto no passado como no momento presente dos integrantes do grupo. Uma forma de interação que se assemelha às antigas cartas enviadas a uma pessoa próxima afetivamente, mas, em geral, distante geograficamente. Nas redes sociais, desaparece a distância geográfica. Seu alcance é global e as postagens são lidas por muitas pessoas, de diferentes graus de proximidade relacional com o remetente. Há nos grupos laços fortes de amizade e compartilhamento, e laços mais fracos entre os integrantes, os que interagem constantemente e os que apenas acompanham à distância o que é postado pelos demais.

As postagens, registros de várias situações daquela fase específica da vida das pessoas do grupo Reencontro O ESTADO, demonstram que há interação entre os membros da comunidade, cujos laços não são meramente transitórios. Embora numa rede mundial, forma conexões

locais e reaproxima pessoas de um mesmo entorno. A partir do reencontro em âmbito virtual foi articulada uma confraternização na *vida real*, num jantar que reuniu 180 pessoas em maio de 2011, data escolhida também para marcar o mês em que o finado jornal faria 96 anos. Ao buscar o encontro pessoal em um jantar, os integrantes da comunidade mostraram um desejo de fazer com que as fronteiras entre o corporal e do virtual fossem mais permeáveis. (TURKLE, in CASALEGNO, 2006). Ao mesmo tempo, o grupo constituiu-se numa comunidade virtual e real, que, para existir, necessita de memória, comunicação e compartilhamento de informação. (TURKLE, in CASALEGNO, 2006).

Ao definir o que seria uma comunidade no espaço virtual, um estudioso da cibercultura desde o seu princípio, o pensador Howard Rheingold, explicou que

é um grupo de pessoas que têm um interesse comum ou que dividem algum tipo de destino comum e que se comunicam com as outras regularmente. A memória entra na comunicação de forma regular com os outros. Eu penso que é importante para as pessoas, em uma comunidade, terem identidades persistentes, mesmo que essas identidades não sejam as mesmas que elas utilizam na sua vida face a face. [...] A razão para isso é o capital social. Você confia de verdade nas pessoas porque o que elas lhe disseram ontem se tornou verdade, ou o que elas prometeram ontem se tornou o que elas fizeram hoje. Então você confia nelas amanhã. (RHEINGOLD, in CASALEGNO, 2006, p. 206).

Observa-se pela definição acima que a confiança, um dos principais componentes do sentido de pertencimento, é um elemento de ligação para os integrantes do grupo Reencontro O ESTADO. O grupo se mantém com esses laços partilhados que permitem novas proposições. Pelo reatamento de laços de confiança e reconhecimento mútuo é que foi possível, através da contemporaneidade das redes sociais na internet, fomentar encontros presenciais. O primeiro deles, Festa dos Dinossauros, como foi denominada a confraternização, foi idealizada,

preparada e divulgada pela comunidade virtual, apesar da trajetória em comum no jornal ter sido percorrida no século passado. Articulado no *Facebook*, o reencontro de ex-colaboradores do jornal foi registrado em notas de colunistas sociais (Coluna Ricardinho, jornal Notícias do dia, 26/05/2011, p. 2 caderno Plural, nota “Dinoestado.”) e políticos (Blog Moacir Pereira no clicRBS 28/05/2011: “Dinossauros: o encontro dos jornalistas de OEstado.”). Autodenominando-se “dinossauros”, os participantes do grupo postaram na rede social episódios inusitados, dificuldades enfrentadas para exercer a atividade e compartilharam a alegria de reencontrar pessoas depois de muitos anos. Um integrante do grupo definiu assim a iniciativa:

todo mundo ficou meio chateado de ter sido do jeito que foi, de ter acabado do jeito que acabou.[...] O jornal não acabou por nossa causa, se dependesse de nós ele ainda existiria. É como pessoal de turma que se encontra 20 anos depois [...] Existe um outro componente aí de que aquele mundo acabou, não foi só O ESTADO que acabou, acabou tudo, aquele jeito de fazer jornalismo... (VALENTE, depoimento, 2011)

É saudosismo, é tudo isso. “Como é bom bater um papo com pessoas que a gente construiu uma vida...” E assim foi com o jornal O ESTADO. [...]E assim era o jornal O ESTADO, uma grande família, e olha que era de várias épocas, e o mais importante: “Vamos reunir a turma que trabalhou de 70 a 80”. Não, foi de todas as épocas, pessoas que nem se conheciam, conheciam por nome, de referência e tal, mas tavam lá, confraternizando... (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011)

A partir de uma congregação virtual estabeleceu-se também, mesmo que temporariamente, uma comunidade tal como definida pela sociologia tradicional, que “pressupõe uma relação direta de pessoa a pessoa, de face a face, de humano e de vivo” (BAUDRILLARD in CASALEGNO,

2006, p.122) O pensador é crítico em relação ao sentido de comunidade no espaço virtual e destaca que

Hoje, nas nossas sociedades, tudo é midiático [...] a comunicação prejudica as comunidades, ela prejudica a troca direta, desencaminhando-a. Nesse momento, o que se troca e se partilha não é mais uma relação dual, mesmo que se esteja em mais de duas, mas é outra coisa. O que se partilha seria uma relação plural, francamente virtual, quer dizer, que não se baseia na presença de uns frente aos outros, mas na ausência. Nós vamos em direção às comunidades de ausências. (BAUDRILLARD in CASALEGNO, 2006, p.122-123).

No caso do grupo Reencontro O ESTADO as duas esferas comunitárias parecem se complementar. A interação é mais constante no espaço virtual, mas há mobilização para que os encontros presenciais também sejam frequentes, geralmente mensais, denominados “esquentas”⁹³, em forma de jantar em bares ou na casa de um dos integrantes do grupo, e uma festa anual em clube social da cidade, como o Lira Tennis Clube, onde ocorreu a segunda festividade dos “dinos”. Mas, ao mesmo tempo em que facilita o reencontro presencial dos integrantes do grupo, a comunicação em rede virtual também agrava a privatização e o despovoamento das cidades, conforme Caiafa (2007). Para esta autora, o novo modelo comunicacional é comercial e está a serviço da axiomática capitalista, cada vez mais fragmentada e desterritorializada. Ou seja, assim como contribui para a interação entre pessoas via computador, esvazia cada vez mais os espaços públicos da cidade em que antes os indivíduos se encontravam.

A mobilização do grupo por encontros presenciais não sensibilizou um representante da fase áurea do jornal que tratou a iniciativa de forma irônica dizendo que:

⁹³ Esquentas é a palavra que define encontros com menos pessoas, que seriam uma preparação para a festa anual maior. Uma forma de não deixar diminuir a motivação festiva e de participação no grupo.

não sou carpideira⁹⁴. Tanto que não fui nesse jantar aí do reencontro dos ex-funcionários. [...] [Mas] acho que as pessoas tem todo o direito de se reencontrar e serem felizes. [...] eu sempre encontro amigos do jornal O ESTADO, eu converso, gosto de encontrar, agora daí a ir numa festa de...né? Só faltou uma camisetinha com aquele arqueiro⁹⁵. Ah, e eu não me considero dinossauro, não me considero (CAMARGO, depoimento, 2011)

As interpretações do que seria um “dinossauro” são diversas. No caso acima, o depoente disse estar integrado às novas tecnologias e que não participa do grupo por não se considerar um “dinossauro”, como os integrantes se autodenominam. Assim, entendeu que “dinossauro” é alguém ultrapassado, de certo modo excluído das novas tecnologias. Opinião parecida com a de um jornalista mais jovem: “dinossauros é raça extinta, fizeram parte de um tempo que foi extinto e são os remanescentes deste período lindo.” (UNGARETTI, depoimento, 2012). Para outro entrevistado, o termo “dino” foi escolhido, inclusive como logomarca do encontro, para significar que pessoas de mais idade, os agora “vovôs”, iriam se rever, sem referência, portanto, a considerarem-se desatualizados. A escolha deste símbolo coletivo, largamente aceito pelos que compõem o grupo, serve como uma identificação social, está dentro de uma tradição e significados compartilhados. Os integrantes do grupo seriam então herdeiros de uma linhagem que os diferenciam dos outros que vieram depois e assim também mantêm a mística em torno de si, a mística de uma prática, de uma ética, de um tempo.

⁹⁴ Tradição de funerais em alguns lugares do interior do Brasil, a carpideira é uma mulher contratada pela família do falecido para chorar durante o velório. O depoente faz a alusão para dizer que não fica se lamentando pela morte do jornal.

⁹⁵ O símbolo do jornal nos anos 1970/1980 era um bonequinho com uma besta para atirar flechas, e teve várias versões ao longo do tempo. Representa Rubens de Arruda Ramos, diretor do jornal nos anos 1960 que tinha uma coluna que se chamava *frechando*, e assinava com o pseudônimo de Guilherme de Tal, conforme já referenciado no início do capítulo um.

Embora estejamos num tempo histórico em que as novas gerações já não aprendem com as anteriores, a autodenominação “dinossauros” para os integrantes do grupo, não pretende significar que estejam desatualizados, mas que carregam aquela experiência como vantagem pessoal e profissional. Mesmo porque a articulação do grupo se deu pela internet, ferramenta da contemporaneidade. Mas as mudanças tecnológicas que tiveram que ser incorporadas seguramente causaram sentimentos ambíguos nessa geração de jornalistas acostumados às antigas máquinas de escrever. Ao mesmo tempo em que querem estar à frente de seu tempo, serem os portadores das novidades, muitos destes jornalistas relutaram em aderir ao computador, e em alguns casos, mantiveram por anos sua máquina de datilografia, resistindo, num primeiro momento, às mudanças cada vez mais rápidas da tecnologia.

Há um sentimento de que aquele tempo acabou, aquele jeito de fazer jornalismo para um veículo. Não se questiona mais, acabou, deu para o jornal. Hoje se produz informação para divulgar na forma que estiver mais a mão. Aquela história de ter uma Redação com bastante gente, a aventura de pegar carro e sair, é um negócio que está nos últimos dias. É uma mudança de páginas da história que faz as pessoas mais saudosas... (VALENTE, depoimento, 2011)

O depoimento remete a situações conhecidas, compartilhadas num mesmo território transitado, trazendo o conforto e a segurança de algo em comum num passado que não foi em vão. É um processo considerado como desencadeador de discussões sobre a identidade e a sobrevivência da profissão de jornalista, uma das questões abordadas por Baldeasar (2003). A autora tem uma visão otimista, dizendo que “a cada novo invento a profissão modificou suas práticas, desenvolveu linguagens, criou novas formas de mostrar o mundo através da informação.” (BALDESSAR, 2003, p. 93). Porém, conclui que é mais uma “metamorfose profissional”, e que “o computador mudou o cotidiano, agilizou o trabalho, modernizou a redação, trouxe facilidades, mas também trouxe novas doenças do trabalho”. (BALDESSAR, 2003, p.96) No caso dos ex-colaboradores de O ESTADO, a falência do periódico deixou marcas concretas como o não pagamento de salários, a

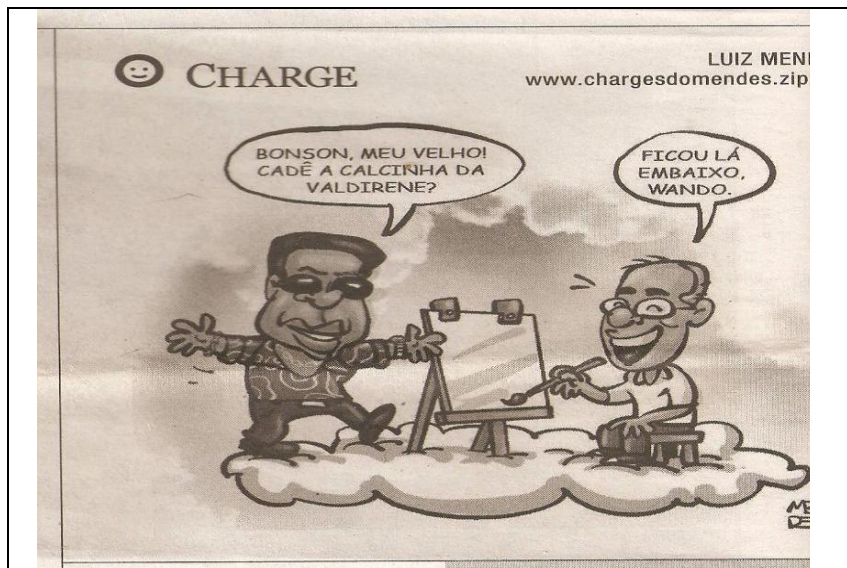
luta em processos judiciais morosos e a busca por nova inserção num espaço limitado de mercado comunicacional. Mesmo assim, configurou-se como mais relevante a alegria de reencontrar “velhos companheiros”, além da lembrança de situações referentes ao “espírito de grupo e de solidariedade” e de eventos significativos compartilhados em algum momento na passagem daquelas pessoas pelo jornal. Depois do primeiro grande encontro presencial, a comunidade virtual, a página no *Facebook* que se manteve depois da festa, passou a *andar sozinha*, com novas pessoas entrando a cada dia.

Não sei te dizer se há um perfil, pois temos colegas de todas as idades interagindo, gente de vários lugares do Brasil se conectando com a proposta, inclusive pessoas que já não trabalham mais no jornalismo, mas que fizeram bons amigos no O ESTADO. Portanto, se há algo unânime no grupo, é a vontade do reencontro mesmo. (OBST, 2011, s.p.)

A comunidade virtual Reencontro O ESTADO é diariamente alimentada por comentários sobre jornalismo, felicitações por aniversários ou nascimento de filhos, lamentos e mensagens de apoio por problemas de saúde e outros assuntos que mantém o grupo ativo. Alguns integrantes também sugeriram a recuperação e preservação do acervo do cartunista Bonson já falecido, e que atuou por muitos anos no jornal O ESTADO, conforme já abordado no capítulo dois. Um ex-assinante cita o cartunista como um dos destaques do jornal e motivo para manter a assinatura: “Eu assinava o jornal pelo fato de ser catarinense, eu dou muito valor ao que é nosso, daqui. Tinha assim Sérgio Bonson, que fazia charge e tinha o personagem Valdirene, o Bonson tinha a Valdirene⁹⁶. E pelo fato de ser jornal nosso.” (NUNES FILHO, depoimento, 2012).

⁹⁶ A principal diversão de Waldirene era sacanear sua patroa, para quem só cozinhava arroz com ovo. Adorava beber uísque Dimple e comer palmito em conserva. Era fã dos cantores Amado Batista e Wando.

Figura 13. Charge de Mendes e texto alusivo a Bonson.



O chargista foi lembrado em 9 de fevereiro de 2012, à página 6 do *Notícias do Dia*, quando da morte do cantor Wando, sempre citado pela fã/ empregada doméstica Valdirene, personagem de Bonson. No dia seguinte, na coluna do leitor do jornal *Notícias do Dia*, uma carta dizia: “Hoje cedo quase chorei com a charge de Mendes sobre Wando e Bonson. Nem todo mundo deve ter entendido a charge, mas para quem é da terra como eu, ela não tem preço. Saudoso Bonson, do jornal O ESTADO[...]O *Notícias do Dia* tem pouco tempo, mas é o jornal que tem a herança de ser da terra da gente. Parabéns ao Mendes ...” (ND, 10/02/2012 p. 22)

O chargista Bonson foi um dos homenageados na edição comemorativa de 80 anos do jornal O ESTADO que referenciou também outros colaboradores, em matéria com a chamada “Bonson, história de humor e irreverência”. A referência dos ex-funcionários no grupo Reencontro do *facebook* ao chargista Bonson talvez se dê pelo que representa em termos do “clima” que havia na redação do jornal, pelo menos no período áureo de sua história, e ao folclore no meio jornalístico de que todos bebiam a vontade no trabalho: “Quando nós nos mudamos em 1976 para o Saco Grande, não tinha nada, nem a [rodovia SC] 401

estava pronta, fizemos um bar e lanchonete e não podia beber no jornal. Ninguém bebia durante o trabalho, o único que bebia autorizado, duas cervejas e fumava, era o Bonson, no final da tarde, por que tudo inofensivo, para ajudar a se inspirar para fazer as ilustrações e a charge. E o jornal circulava domingo a domingo mesmo, então... E a edição de domingo era feita no sábado, ah isso era um absurdo. Ainda bem que depois fez edição conjunta, já que tinha uma edição de sábado que as 9 e meia já tava velha, pois depois já entrava a de domingo. E aí o Sardá implantou no jornal, com a cumplicidade nossa evidentemente, e o chefe da Sucursal de Itajaí mandava toda semana uma cachaça de Luiz Alves. E quando aí na sexta feira fechava a edição e começava a finalização do exemplar de domingo, fim de semana, que era muito grande, cento e tantas páginas, e aí tudo isso diagramado a mão, tinha que desenhar o jornal ali, era uma loucura, e aí a redação já tinha deixado as matérias ficava dois ou três editores, pra animar o pessoal, tomava uma cachaça. E depois inventaram na sexta feira que podia ter, na sexta feira, depois de fechar o jornal de sábado, artimanha da direção para fechar cedo, aí podia fazer um jantar no fim do fechamento e a bebida tava liberada, fazia uma comidinha lá e tal. Então era isso e tal...” (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011)

O relato mostra a rotina estafante de conclusão das edições e traduz as readequações introduzidas na redação para se adaptar às mudanças ocorridas a partir do surgimento das exigidas agilidade e antecipação do horário de distribuição do jornal para bancas e assinantes. Fechar o jornal mais cedo passou a ser uma imposição do ritmo industrial e da racionalidade mercadológica trazida e ditada pelo concorrente *Diário Catarinense*. A dinâmica dessa racionalidade gerencial e organizacional se sobrepõe à rotina de trabalho da redação, exigindo uma nova postura da equipe redacional, acostumada ao ritmo de fechamento do jornal conforme as necessidades de cobertura dos fatos jornalísticos.

O dinamismo do grupo reencontro O ESTADO, organizando “esquentas” mensais, permitiu o planejamento e realização de um segundo encontro, em maio de 2012, desta vez com banda musical, espumantes e patrocínios, entre eles o do Supermercado Angeloni, uma rede regional de supermercados, de família do mesmo nome, iniciada em Criciúma, portanto, catarinense como fora o jornal. Além de novamente citado na coluna social de Ricardinho Machado, o segundo

encontro, agora no Lira Tênis Clube, um dos clubes tradicionais e também em decadência como outros na cidade, conforme vimos em capítulo anterior, teve dança e alegria, mas reuniu menos “dinos” que no ano anterior. Possivelmente estimulado pela intensa mobilização no *facebook*, o segundo encontro também foi objeto de anúncio publicitário de uma universidade para promover o seu curso de graduação em jornalismo. Entre outras questões, o anúncio enaltecia “jornalistas e ex-funcionários que produziram por décadas o melhor jornal de Santa Catarina: o jornal O ESTADO. A Unisul é apoiadora oficial deste evento. Pois reconhecendo que fez história, incentivamos quem ainda vai construir uma”. O senso de oportunidade da área de publicidade da instituição, constituída também por profissionais próximos ao grupo de O ESTADO ficou bem evidente, assim como o enaltecimento de uma antiga bandeira do próprio jornal extinto: a importância da história na trajetória dos profissionais, do jornalismo e do estado de Santa Catarina. As adesões ao grupo no *facebook* são constantes, e depois de mais de um ano de funcionamento, um dos que se associou foi o último jornalista a tentar manter em edição O ESTADO: Henrique Ungaretti, que postou sua primeira mensagem dizendo que “Não sou dos dinossauros, mas aprendi a ler ali. Depois, talvez tenha apagado a luz. Há controvérsias. Fico feliz em ter sido aceito no grupo.” (Henrique Ungaretti – 28/06/2012). Em entrevista, o jornalista acrescentou, sobre o grupo: “Tem um componente de reencontro de velhas pessoas que o *facebook* facilita. Claro que tem saudosismo, pra conversar sobre aquele tempo trocar ideias sobre coisas que compartilharam”. (UNGARETTI, depoimento, 2012) Observa-se que o grupo congrega indivíduos diferentes, identificados pela atuação profissional, e que coexistem apesar das motivações diversas e distintas percepções políticas e sociais.

A importância da criação do grupo foi reforçada em postagens de setembro de 2012, por ocasião da morte do fotojornalista Clemente Paulo Dutra, de 72 anos, que participava ativamente dos encontros. Ao informar sobre o falecimento, a idealizadora do grupo e principal referência dos seus integrantes escreveu:

Queridos dinos, desculpem o desabafo, mas ao me despedir hoje do Paulo Dutra, pensei muito sobre nosso grupo e no que ele tem representado para cada um de nós. De verdade, tenho orgulho em estar aqui com vocês e saber que resgatamos um sentimento lindo de

amizade, a tempo de transmitir afetos antes que a gente “se perca” por aí. Grande beijo cheio de vida a todos. (Lena Obst, em 16.09.2012)

Outros jornalistas concordaram e também se manifestaram: “Pensei nisso hoje, Lena Obst. Em como, ao se reunir, o grupo resgatou histórias, amizades. Refez algumas, consolidou outras... criou novas. Bj”. Uma terceira postagem igualmente enalteceu a importância da criação do grupo, observando que

É verdade, Lena Obst! Hoje, mesmo, pensei: ainda bem que tivemos a oportunidade de fazer festa, de encontrar, de abraçar, de estar com o Paulo Dutra... Ainda bem que temos a oportunidade de estarmos juntos, mesmo que seja somente uma vez por mês! Ainda bem que temos a oportunidade de rever amigos, conversar, trocar ideias, curtir, compartilhar com "velhos" amigos, mesmo que seja somente pelo face. Obrigada, Lena, por ser a grande incentivadora desse grupo, que nasceu a tempo de fazermos muitas coisas juntos!

Durante o velório, antigos colegas vestiram a camiseta “Dinos de O ESTADO” e foram juntos enterrar o companheiro da extinta redação. Mais uma vez fica explicitada a importância do movimento do grupo em retomar e renovar o passado, ou como diz Bhabha, “O ‘passado-presente’ torna-se parte da necessidade, e não da nostalgia, de viver.” (2001, p. 27) A morte de um ente querido é também um momento de questionamentos, em que sentimos necessidade de saber quem somos, entre outras inquietações. Assim, reforça o sentimento de que é preciso encontrar sinais do que foi o passado, relembrar, reencontrar o senso de pertencimento. O entusiasmo pelos encontros do grupo de ex-funcionários parece ser a busca pelo pertencimento, pela confirmação de uma identidade comum que os integra e interliga.

Na perspectiva de Le Goff, “memória é um elemento essencial da identidade, individual ou coletiva, cuja busca é uma das atividades fundamentais dos indivíduos e das sociedades de hoje.” (LE GOFF, 1992, p. 476). A interação e participação no grupo permitem redefinir

identidades e reativar sua própria trajetória, especialmente a profissional. O mundo do trabalho é um dos principais constituintes da noção de identidade humana, posto que o sujeito é a priori reconhecido como aquele que desempenha esta ou aquela função ocupacional. E quando esta deixa de existir, o sujeito perde uma de suas referências, passa a viver quase uma não existência como ser social.

4.2 Memórias pessoais e do jornalismo

Para as reflexões aqui postas, parte-se da noção de que a memória é uma construção e de que indivíduos trazem à tona *interpretações* sobre o passado. A memória nunca é neutra, sempre está dentro de relações, e surge sempre a partir do momento presente. As relações do sujeito com sua memória são constantemente negociadas por novas interpretações do que é lembrado, permeadas por interferências outras, sempre renovadas, sobre esse sujeito. Embora individual, está constituída do grupo, do leque que formou aquele contexto. Os registros compartilhados na rede social virtual podem ser vistos então como “aproximação das experiências de vida de um tempo e lugar, como indícios da cultura de uma época e de uma certa configuração das relações sociais”. (GOMES, 2004, p. 21) A autora trata no texto sobre as escritas e correspondências pessoais e de fundo político/histórico, mas várias de suas considerações podem ser apropriadas para tratar dessa comunicação interpessoal que se dá via internet e redes sociais, em que se misturam o privado e o público. Gomes aborda os textos autorreferenciais como “uma produção de si no mundo moderno ocidental.” (2004, p.10). Para ela:

No que se refere à memória, passam a ser legítimos os procedimentos de construção e guarda de uma memória individual. [...] Os argumentos que sustentam as novas práticas derivam tanto da assertiva sociológica de que todo indivíduo é social, quanto do reconhecimento da radical singularidade de cada um. Uma singularidade que se traduz pela multiplicidade e fragmentação do próprio indivíduo e de suas memórias através do tempo, sem que tal dinâmica torne falso (muito

pelo contrário) o desejo de uma “unidade do eu”, de uma identidade. [...] Os registros de memória dos indivíduos modernos são, de forma geral e por definição, subjetivos, fragmentados e ordinários como suas vidas. [...] [Fazem parte de] uma sociedade em cuja cultura importa aos indivíduos sobreviver na memória dos outros, pois a vida individual tem valor e autonomia em relação ao todo. (GOMES, 2004, p. 12-13).

Baseado na afirmativa acima, pode-se supor que além de recuperar na memória um objeto material e simbólico (o jornal extinto), os integrantes do grupo Reencontro reescrevem suas próprias vidas e histórias pessoais e profissionais. Pelos episódios descritos e rememorados surge a possibilidade repentina de um lampejo momentâneo, de um *flash*, de um mundo do qual se está desligado para sempre e uma tentativa de estabelecer a partir disso uma identidade comum a ser reverenciada. É um passado reconstituído, atualizado a partir das interferências do momento presente. A memória permite, assim, compreender e aceitar o momento presente. “A memória dá aos seres humanos a possibilidade de viver uma existência poética, não apenas uma existência funcional e utilitária. Se as pessoas compartilham as memórias, elas realmente possuem um tipo de existência poética.” (CASALEGNO, 2006, p. 209).

Há também, evidentemente, uma busca de legitimar-se como os representantes autênticos de uma era do jornal, da cidade e do contexto de uma época. Ao reencenar o passado, ao difundir experiências coletivas em comum, ao trocar experiências entre gerações, o grupo demarca um posicionamento profissional e social. É a tentativa de manutenção de uma experiência que pode desaparecer sem este esforço conjunto de memória. Ao tratar da memória como poder, Le Goff destaca que :

A memória coletiva foi posta em jogo de forma importante na luta das forças sociais pelo poder. Tornarem-se senhores da memória e do esquecimento é uma das grandes preocupações das classes, dos grupos, dos indivíduos que dominaram e dominam as sociedades históricas. Os esquecimentos e os silêncios da

história são reveladores desses mecanismos de manipulação da memória coletiva. (LE GOFF, 1992 p. 426)

Embora essa intenção de marcar suas trajetórias no jornal, não seja explícita no grupo, ela está permeada pela busca de legitimação. Para que fique registrado que não foi pelo jornalismo apresentado, nem por falta de dedicação dos colaboradores que levaram o jornal à falência, como evidenciou um dos depoimentos acima.

O grupo que se reúne em jantares enaltece exatamente essas características, de terem *dado o melhor de si* e de que por eles o jornal ainda existiria, como explicitado em depoimentos acima. É possível verificar então como determinadas narrativas reconstróem trajetórias de vida. A partir do conhecimento do indivíduo sobre um fragmento que compõe sua vida, no caso a vida profissional de um determinado período histórico e social, uma determinada faceta identitária pode se vislumbrar. Nas histórias revividas e compartilhadas mostra-se um grupo numa busca incessante de um discurso sobre si mesmo. A formação do grupo e sua constante interação tanto virtual como presencial é uma afirmação de que a extinção do jornal não pode representar o apagamento dessas trajetórias profissionais. Pode ser considerada como uma tentativa de salvar o passado do esquecimento.

A satisfação dos jornalistas em recuperar as trajetórias pessoais no jornal através dos reencontros talvez seja também um esforço para se manter, através dos enunciados de O ESTADO, no imaginário social referente àquele período. Seixas (2004) destaca a “força da memória na construção dos mitos identitários que tem informado contemporaneamente as ações de reconhecimento social e político.” (p. 55). Ou seja, ao serem lembrados e se reportarem às fases e escritos do jornal, colocam-se como representantes de uma geração, como uma possível tentativa de controlar o passado e legitimar no presente este grupo social.

Toda memória é fundamentalmente “criação do passado”: uma reconstrução engajada do passado e que desempenha um papel fundamental na maneira como os grupos sociais mais heterogêneos apreendem o mundo

presente e reconstroem sua identidade, inserindo-se assim nas estratégias de reivindicação por um complexo direito ao reconhecimento. (SEIXAS, 2004, p. 42).

Assim, as recordações pessoais e o compartilhamento, no presente, de experiências de um tempo histórico e jornalístico, “de algum modo representam a consciência coletiva de grupos inteiros.” (LE GOFF, 1992, p. 477). O mesmo autor também destaca o aspecto político apontado acima por Seixas (2004) ao considerar que “ a memória coletiva faz parte das grandes questões das sociedades desenvolvidas e das em vias de desenvolvimento, das classes dominantes e das classes dominadas, lutando todas pelo poder ou pela vida, pela sobrevivência e pela promoção. (LE GOFF, 1992, p. 475). Para um dos entrevistados,

Tem um lado de saudosismo, pode ser um pouco de...acho que é muito de necessidade de reencontro e de resgatar aquilo que foi bom, porque não foi só ruim no OESTADO. As pessoas se envolveram, produziram, era um momento de transformação do país, foi o momento mais lindo que esse país já teve, parte da superação, da ruptura da ditadura militar. [...] era um momento efervescente, jornalistas participaram da construção da cidadania, da campanha das diretas, essa produção dos jornalistas como cidadãos, essa ideia de constituição de cidadania, da busca de um novo paradigma democrático, foi uma coisa muito importante. E esse momento ficará gravado na nossa história e no nosso coração. Esse momento [reencontro no facebook] é de revisitação. [...] Aquela coisa de visitar e compartilhar aqueles momentos bons, agradáveis, que por mais que conflitividade existisse, também formou a personalidade, o caráter delas, o compromisso delas. (MELLO, depoimento, 2011).

O discurso multifacetado, descontraído, de linguagem coloquial e sem formalidades, do grupo no espaço virtual, permite trazer à tona fatos ocorridos, não deixar cair no esquecimento, destacar um tempo e pessoas que se foram, lembrar episódios afetivamente significativos, que são algumas das funções da memória. São escritas pessoais, registros íntimos de fatos relevantes, com temas variados de uma temporalidade profissional e social.

A memória age “tecendo fios entre os seres, os lugares, os acontecimentos”, diz Seixas (2004, p.51). Na página do grupo na internet, após o reencontro, foram compartilhadas várias situações vividas por integrantes do grupo. Entre outros depoimentos, utilizamos alguns descritos abaixo, como o de um jornalista que se lembrou do período de atuação no jornal. Ele descreveu uma situação constrangedora vivida junto com dois colegas ao esperarem o ônibus na saída do trabalho, e aceitarem carona de um homem em evidência no noticiário devido a negligência profissional, concluindo que haviam sido levados àquela *situação insólita* devido “a miséria dos nossos salários e a imobilidade urbana”. Ou seja, o baixo salário pago aos jornalistas não permitia, em muitos casos, ter um carro próprio. Assim, dependiam de transporte coletivo para ir e voltar ao jornal e ao esperar o ônibus naquela ocasião, tiveram a oferta de carona de um motorista de carro. “Era o próprio profissional acusado”, dizia também o relato. “Eu o reconheci e, como os demais aceitaram a carona, supus que todos o tivessem reconhecido. Estava enganado. A viagem foi constrangedora.”

Outro integrante do grupo lembra a precariedade das condições de trabalho ao relatar que apenas um veículo transportava vários jornalistas para voltarem do centro da cidade até a redação, no bairro Saco Grande, concluindo que “aquele carro tinha tudo para entrar para o *Guinness Book*, como a maior concentração de jornalistas por metro quadrado e em trânsito...” A arquitetura do prédio do jornal, em forma de cruz quando vista do alto, também foi mostrada em foto postada por um dos integrantes do grupo. Os comentários a respeito deste detalhe, despercebido por muitos até então, fizeram relação também com o fato do impresso situar-se em frente a um cemitério, remetendo a associações simbólicas com a morte do jornal como algo já previsto pela forma e local em que se encontrava. Focalizar aqueles momentos ou processos do fazer jornalístico, sejam quais forem, torna-se razão e motivo para os compartilhamentos pela rede social.

Embora o jantar de reencontro de 2011 tenha reunido 180 pessoas, há também ex-colaboradores que não participam do grupo. É o caso de uma jornalista que viveu um dos piores momentos do jornal, no início dos anos 2000, e não se sente no “direito” de ali estar: “não me identifico porque não faço parte da geração que foi geração ouro do jornal. [...] Mas eu não me vejo parte da história, a história que realmente a gente tem alegria de contar, entendeu?” (ANNUSECK, depoimento, 2011) No depoimento há indícios daquilo que Le Goff faz referência acima, ou seja, de que alguns tem mais legitimidade, auto-atribuída e também reconhecida pelos seus pares, como representantes de uma época do jornal. Como o grupo no *facebook* demonstra alegria e satisfação pelos reencontros e pela trajetória em comum, alguém que não vivenciou sua passagem pelo jornal como algo prazeroso não se sente estimulado a participar. Ou seja, os indivíduos selecionam da memória o que é agradável de recordar, procurando descartar ou desprezar o que causa dor, frustração e/ou constrangimento. Ao mesmo tempo demonstra como a memória é uma construção em que indivíduos trazem à tona interpretações sobre o passado. É uma negociação, como ensina Walter Benjamin (2010), entre a lembrança e o esquecimento, entre o esforço sempre malgrado de retomar de maneira consciente os fios do passado, e o de esquecer o que não se pode suportar. Ao mesmo tempo, ao idealizar o passado como um tempo melhor que o presente, transita-se num “eterno retorno”, como diz Benjamin retomando Nietzsche, e acrescentando: “É uma tentativa de unir os dois princípios antinômicos da felicidade: ou seja, o da eternidade e o do 'mais uma vez ainda' – A ideia do eterno retorno faz surgir por encanto, da miséria do tempo, a ideia especulativa (ou a fantasmagoria) da felicidade.” (BENJAMIN, 1989, p. 174).

A memória permeia relações entre grupos sociais e gerações e pode atribuir poder a quem a gera e a controla. Assim, poderia se dizer que o grupo reencontro tenta controlar a memória sobre O ESTADO, relacionando-o basicamente aos momentos “áureos” do jornal, sem referenciar o período decadente, e nesse sentido acaba sendo excludente, e também autoexcludente. Veremos então que há relações entre memória e história, memória e esquecimento, memória e conhecimento, memória e poder.

Nesse sentido pode-se dizer que os “dinos” tornam-se os “donos” de um período da história do jornal, ao mesmo tempo em que o ex-proprietário do impresso perde seus bens patrimoniais e o poder social que usufruía.

Inverteu-se então a máxima de que “Jornalistas não são poderosos. Os donos de jornal e dos demais meios de comunicação são poderosos. Porque não podem ser despedidos – no máximo, quebram.” (NOBLAT, 2007, p.123).

Embora sejam muitas vezes “paparicados”, especialmente por quem tem interesse em divulgar a si mesmo, como políticos e autoridades em geral, os jornalistas exercem a função de buscar e divulgar informações. Não participam dos círculos de poder, embora tenham bastante proximidade e acesso a estes espaços quando lhe é conveniente (ao poder, seja de qual for a instância). Já os donos de jornal ou de qualquer outro meio de comunicação fazem parte do círculo de poder e o influenciam, tanto pelos aspectos econômicos, quanto relacionados ao prestígio social (status) e, ainda, pela ligação partidária que eventualmente têm. Assim, enquanto exercitavam a profissão durante a existência do jornal, os jornalistas cumpriam suas obrigações profissionais, sem terem um poder real, ao contrário do proprietário do jornal, que estava junto ao poder político e institucional. Este perde força gradativamente na medida em que seu grupo político deixa de controlar os governos estadual e municipal, obrigando-o, inclusive, a abandonar seu legado jornalístico. Este passa então a ser apropriado pelos “dinos”, pelos que exaltam a memória de O ESTADO, pelos que lutam pela preservação do espaço social e temporal que ocupou o periódico e do qual esses jornalistas se orgulham.

4.3 A difícil arte da gestão empresarial e da liderança em O ESTADO

Nos encontros dos ex-colaboradores de OESTADO, além da lembrança de situações referentes ao “espírito de grupo e de solidariedade” e de eventos significativos compartilhados em algum momento na passagem daquelas pessoas pelo jornal, especulações sobre motivos para a falência do jornal também se fizeram presentes. Nos burburinhos, um apontamento constante: A gestão administrativa e empresarial. Ou seja, a não readequação administrativa ao novo contexto econômico/social, como observa um depoente:

Para quem saiu de um estagio que o jornal era meramente um instrumento político, que eles manipulavam com as encrencas políticas da

época, passar de...Para transformar numa empresa jornalística no sentido amplo da palavra, precisa ter uma visão, mudar o foco...O jornal saía, a gente fazia, a gente tirava o jornal, a gente paria o jornal. (MEDAGLIA, depoimento, 2012).

Pode-se dizer que três aspectos confluíram para a decadência do então “mais antigo de Santa Catarina”: as questões políticas⁹⁷, econômicas e de gestão administrativa. Alguns dos jornalistas que atuaram em O ESTADO atribuem como principal causa a “forma de ser Comelli”⁹⁸ para a derrocada, já que ele teria sempre abandonado projetos de remodelação e profissionalização e não teria aproveitado o período em que não havia concorrência nem crise financeira, para consolidar o jornal.

Eu acho uma pena para um jornal que foi centenário, lamentável o que aconteceu, um processo crescente de enfermidade, vai ficando

⁹⁷ Pesquisa de Silva (1999) junto aos gestores de meios de comunicação de Florianópolis, entre eles do jornal O Estado e Diário Catarinense, apontou que 11% consideraram que acontecimentos na área política como os mais importantes a serem considerados quando necessitam modificar a atuação da empresa (p. 116) “mais especificamente em SC, acontecimentos políticos mexem fortemente com os veículos de comunicação, a troca de governo e a situação financeira por que tem passado o estado, motivados por disputas políticas ocorridas no segundo semestre de 1998 têm atingido fortemente estas empresas. As questões políticas ainda interferem quando verifica-se a importância que tem os veículos de comunicação para os políticos (p.118).

⁹⁸ Não se pretende aqui fazer uma análise da personalidade do proprietário, nem emitir juízos de valor sobre seus procedimentos, mas como a expressão citada aparece em depoimentos, considero que é um aspecto a ser incorporado, dentro da perspectiva da complexidade das subjetividades num contexto de relações de poder político/social e do ambiente organizacional do trabalho. Quevedo (2000) analisa o empreendimento jornalístico e trata do quanto o desempenho do empreendimento está ligado às características individuais do proprietário, além de fatores externos à empresa, como mercado, insumos, aspectos populacionais e os internos, ligados a itens como estrutura financeira e comercial. (QUEVEDO, 2000, p. 84).

enfermo e teve momentos que ele poderia vender, como teve momento de vender para argentino, que não sei se era real ou não. Não, ele foi até o fim. Aquela doença que... Aquele período bem administrado, quem tentou administrar foi o Osmar Schlindwein, que era supercompetente, tentava dialogar com o sindicato e consequentemente conosco, tentou levar a cabo alguns acordos para tentar impedir a perda de bens que perderam por forma boba... Se tivesse uma boa administração e que honrasse as coisas que foram acertadas, mas que... Por exemplo, perdeu coisas bobas, teve acordos que foram feitos e depois não foram honrados, acordos trabalhistas, que implicaram em cláusulas penais e que implicaram num processo de aumento de uma bola de neve, era como uma bolinha que começou no pico da montanha e foi crescendo, quando chegou lá embaixo já era uma avalanche (MELLO, depoimento, 2011).

Ele tava lá em cima, o sogro nomeava políticos, secretário, presidente de banco, escolhia o presidente da Assembléia, era um homem poderoso, mas era generoso também e eu imagino, isso é apenas...O comportamento era de que isso se resolve, que isso nunca acaba, a fortuna que a empresa tem. [...] Quando o jornal precisava ser capitalizado, que o Comelli devia vender um imóvel, terreno, pra não ir a banco, capitalizar o jornal, estaria resolvido. [Mas] ele não fazia isso. E aí perdeu. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).⁹⁹

⁹⁹ O mesmo entrevistado desmente um mito que circulava no meio jornalístico sobre o ex-proprietário: “Comelli nunca se apropriou de um centavo do jornal. Apropriou não, porque era dele. Mas nunca usufruiu: [nunca disse] ‘Eu preciso para mim’. Tem dez mil no banco, supostamente, [e ele não disse]: ‘me dá os

O primeiro dos depoimentos acima cita os problemas na relação trabalhista que foram se agravando nos últimos anos do jornal. À medida que ex-funcionários foram obtendo vitórias nos processos contra o jornal, a descapitalização da empresa ia se aprofundando, chegando por fim a ter penhorados veículos e até equipamentos, como a rotativa. Em função disso a redação passou a funcionar numa sala comercial do centro da cidade e as últimas edições, de 2007 e 2008, foram impressas em gráfica contratada na grande Florianópolis.

Os problemas na gestão administrativa relatados por muitos dos que vivenciaram várias fases do jornal, igualmente podem ser detectados pela inconstância do quadro organizacional da empresa. A cada ano apareciam no expediente novos nomes e diferentes funções na hierarquia, assim como constantemente mudava o editor-chefe, como vimos em tabela de capítulo anterior. Torna-se visível a falta de rumos definidos, de um líder que apontasse caminhos, pois cada nova equipe dirigente, e principalmente, cada recém-chegado editor-chefe, procurava imprimir seu estilo. As tentativas redundavam em sucessivas frustrações. Ou seja, mesmo que tecnicamente o jornal fosse conduzido de forma apropriada, haviam decisões a serem tomadas pelo proprietário, em relação a situações como novas aquisições para acompanhar a evolução tecnológica, injeção de capital ou estratégias de enfrentamento da concorrência¹⁰⁰, e isso não acontecia, desgastando a relação de confiança que se estabelecera a partir da contratação dos

dez mil, rale-se o resto`. Nunca fez isso, nunca mesmo”. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

¹⁰⁰ Pesquisa de Silva (1999) junto aos gestores de meios de comunicação de Florianópolis, entre eles do jornal *O Estado* e *Diário Catarinense*, ao perguntar sobre o futuro das empresas, obteve percentual de 78% declarando que ficarão no mercado somente as empresas mais bem preparadas, enquanto 22% acreditam que existe espaço para todos. Para Silva, o dado (22%) demonstra que estes empresários “não estão conscientes da realidade vivida pelas empresas da atualidade ou vivem em um tempo em que a concorrência ainda era pequena. Não se atualizaram. Percebe-se que são empresários desconhecedores da realidade do mundo que os cerca, certamente se agirem baseados nessa percepção falsa da realidade enfrentarão sérias dificuldades. Não há possibilidade de sucesso empresarial para ingênuos...” (SILVA, 1999, p. 119).

diversos gestores. A forma de conduzir o processo de aquisição de equipamentos também demonstra o tipo de condução administrativa e de planejamento: “acho que não tinha muito dinheiro e aí vai muito também de quem, a quem o Comelli ouvia, de quem ele se cercava para tomar as decisões.” (VALENTE, depoimento, 2011)

A falta de liderança na condução da empresa jornalística é admitida pelo ex-proprietário, que declarou em entrevista realmente ter deixado a condução do jornal para outras pessoas:

O administrador, o executivo, o diretor superintendente, diretor disso, diretor daquilo. Até um certo ponto eles tinham, [carta branca] até certo ponto tanto é que...não to dizendo que teve 500 funcionários? Aí até eu fui surpreendido. Realmente eu tava muito afastado do dia a dia. [...] Eu não administrava. Tinha o nome, ia lá ao final da tarde, eu tinha uma equipe lá que administrava. Eu entreguei realmente muito nas mãos de terceiros, eu era o, dava a palavra final, mas eu trabalhava, mas eu me envolvi com as outras empresas que eram muito maiores que o jornal. Por isso. (COMELLI, depoimento, 2011).

Percebe-se a delegação de autoridade, a transferência de autoridade para o subordinado tomar decisões. O jornal, ao que o depoimento indica, era conduzido de forma pouco impositiva pelo proprietário, de modo menos empresarial e mais artesanal, familiar e político. Ou seja, embora houvesse pessoas qualificadas para ter uma edição jornalística a cada dia, faltava uma gestão profissional e de caráter decisório na parte administrativa. A condução do jornal, então, passava muito mais pelo poder social e político que ensejava do que por uma visão empresarial. Evidenciam-se estes aspectos pelo próprio depoimento do ex-proprietário:

nós cometemos um grande erro, tínhamos um grande defeito, não só meu, mas era também do Dr. Aderbal, usava o jornal com objetivo político, e o jornal não era assim tão grande

para ter essas preocupações de injeção de capital. Mas nós não nos preocupávamos com o lucro, não só não preocupava como parecia ate que envergonhava se houvesse lucro. Eu nunca recebi um centavo do jornal quando trabalhei lá. Então isso era um erro muito grande, não um pecado, um defeito. É, eu nunca tive nada, só o poder que (eu) tinha, o poder social e político. Era um poder. [...] Acho eu que nunca abusei desse poder. Que nunca usei também. As vezes usava até, e não é falsa modéstia, para ajudar. Isso eu realmente fiz muito. (COMELLI, depoimento, 2011).

Observa-se que há ambiguidade no discurso e volta o desinteresse em relação ao retorno financeiro do empreendimento, como já abordado no capítulo um. Ao mesmo tempo há o reconhecimento de que o jornal servia apenas como forma de visibilidade social para o seu dono, de possibilidade para o exercício de poder, de reconhecimento pelos seus pares e subordinados. Contraditoriamente observa-se, também, pelo depoimento de algumas pessoas que atuaram no jornal, que parece não ter havido um poder pessoal:

Teve muito poder pelo jornal, mas não soube usar, isso sim, não como usam hoje, tá? Comelli nunca.... Ou pela sua formação, de esquerda, por também... não ser de família abastada e casou com filha rica. (SCHLINDWEIN, depoimento, 2011).

As falas indicam que a preocupação em manter um lugar de prestígio na sociedade local, em demonstrar simbolicamente um poder social, descuidando-se em exercer poder real em sua empresa jornalística pode ter sido determinante para o fracasso do jornal. A capacidade para agir, fazer escolhas, tomar decisões, superar hábitos arraigados, são características pessoais importantes para dirigir uma empresa. Mas essa forma de exercício de poder da autoridade, que constitui a garantia de que as coisas dentro da empresa serão feitas de acordo com os critérios e planos adotados, parece não ter existido. Anthony Giddens (1991, 2002)

emprega o conceito de agência humana como fator que atribuiria ao ator individual capacidade de processar a experiência social e desenhar maneiras de lidar com a vida, mesmo em contextos de coerção externa e extrema. Desta forma, apesar das restrições os atores possuem “capacidade de saber” e “capacidade de atuar”. No caso do proprietário do jornal, pelo que se observa dos depoimentos, essa “capacidade de atuar” não foi empregada, prevalecendo uma atitude passiva em relação aos acontecimentos do entorno. Foucault diz que o “o poder só existe em ato, mesmo que se inscreva num campo de possibilidade esparsa que se apoia sobre estruturas permanentes” (FOUCAULT, in DREYFUS, H.; RABINOW, P., 1995, p. 242) Nessa perspectiva, não há um poder em si, mas relações de poder

Ele [o poder] é um conjunto de ações sobre ações possíveis; ele opera sobre o campo de possibilidades onde se inscreve o comportamento dos sujeitos ativos; ele incita, induz, desvia, facilita ou torna mais difícil, amplia ou limita, torna mais ou menos provável; no limite, ele coage ou impede absolutamente, mas é sempre uma maneira de agir sobre um ou vários sujeitos ativos, e o quanto eles agem ou são suscetíveis de agir. Uma ação sobre ações.[...] O exercício do poder consiste em “conduzir condutas” e em ordenar a probabilidade. (FOUCAULT, In DREYFUS, H.; RABINOW, P., 1995, p. 243-244).

Ou seja, pode-se que especular que no caso do dono do jornal havia uma suposição de poder, um poder imaginário atribuído por um acessório simbólico adquirido externamente, no entorno social, enquanto pessoalmente, não era e não se sentia tão poderoso assim, pelo menos não para tomar decisões e levá-las até o fim, uma queixa constante dos ex-colaboradores.

Mas o grande problema era a forma como o Comelli se relacionava com as pessoas que ele

escolhia. No começo era uma maravilha, aí depois ele se desencanta, ou porque começa a dar problema ou porque alguém diz que não é bem assim... aí fica difícil de conversar. Tu está no meio de uma operação e precisa de uma autorização dele e não consegue falar com ele. Tu vais tocando, depois tu descobre que ele não queria que fizesse bem assim. Mas se fosse esperar para falar com ele... Então eu não fazia. Por que tem um momento em que ele se desencanta rápido com as pessoas e aí cria uma barreira e é uma coisa maluca, pois dá a impressão de que é uma relação pessoal e não é.[...] E fica minando a estrutura que ele mesmo tinha montado, uma coisa meio sem sentido, administrativamente inexplicável. [...] O que ficava claro é que com o Comelli, ele próprio não tinha como fazer de outro jeito, ele não sabe ser de outro jeito, não sabe ser diferente. É o jeito dele, e aquele jeito foi mantendo o jornal nessa trilha.[...] O jeito Comelli de ser é que levou a essas coisas, o jeito que conduzia os negócios, conduzia a vida pessoal e tal. É uma coisa complicada, só vendo. Ele é uma pessoa afável, conversa assim, parece meio reservado na conversa e tal, mas na hora que tem decidir alguma coisa não decide, ou decide mas depois a coisa não anda, não é que ele tenha más ideias, ou não apoie boas ideias, mas depois não dá suporte para aquilo ali, daí não consegue andar, não consegue avançar para mudanças necessárias ou que a gente ache necessárias. (VALENTE, depoimento, 2011).

O ex-proprietário nega haver desistido dos projetos, e aponta como justificativa a falta de verbas: “Não, ao contrário, sou muito...como se diz... obstinado, mas é que são muitas as dificuldades financeiras, dinheiro... Pra tudo precisa capital”. (COMELLI, depoimento, 2011) Mas ele mesmo considera que comandar um jornal não é igual a outro negócio:

meu comportamento era bem diferente no jornal do que na fábrica. Era diferente. Eu era muito mais duro na fábrica, já lá não, eu lidava com jornalista, brigar com jornalista, não, eram pessoas mais, outro espírito, mais livre, tu tem que compreender isso. (COMELLI, depoimento, 2011).

Observa-se o respeito com as peculiaridades de uma rotina jornalística. Além disso, agarrou-se à estabilidade conferida pela tradição, tantas vezes defendida nas páginas do periódico, levando a acomodação, um erro comum na gestão de empresas. Conduzir uma empresa, seja de que área for, requer uma visão ampla de todos os fatores envolvidos em seu funcionamento, desde a logística e gestão administrativa aos processos políticos e econômicos do entorno.

Nesse sentido cabe novamente uma comparação com o grupo RBS. No mesmo período em que O ESTADO se perdia em indefinições, aquele conglomerado tomava atitudes para diminuir a possibilidade de problemas futuros entre a empresa e a família Sirotsky, proprietária do empreendimento.

Na metade dos anos 1990, a RBS se tornou maior que os controladores. E este foi o divisor de águas em sua história. No entanto, ao observar que no futuro, a complexidade da família deverá ser maior que a complexidade da empresa, dois caminhos precisavam ser adotados. O primeiro era de profissionalizar a família, fazer os ajustes necessários para separar a emoção do processo. O segundo foi de reorganizar a empresa, no sentido de incorporar padrões internacionais relacionados à estrutura, processos, modelos de gestão, estratégias, competências. [...] Pode-se dizer que a RBS só chegou aonde chegou pela família que tem. O caso da RBS mostra que a organização da empresa rumo à profissionalização começou pela organização da família. [...] Este movimento seria diferente

se a família tivesse outra origem? Futuras pesquisas poderão relacionar a evolução do processo de profissionalização à luz das diferentes origens e características da família. (LISSONI 2006, p. 157-158).

Apesar das constatações de má gestão, dos procedimentos mal conduzidos em O ESTADO, mesmo assim, percebe-se nas falas ainda uma simpatia, certa condescendência em relação à pessoa que por muitos deles é considerada a principal responsável pela situação ter se encaminhado a um fim melancólico:

Ele sempre desvincula a imagem dele da questão financeira do jornal. Ah, eu pessoa física, não tenho nada a ver com o problema do jornal. Ele era muito *gentleman* na maneira de conduzir as pessoas, muito cordial, não dá pra gente não ter nenhum tipo de rancor em relação a ele...Ele desvinculava a imagem dele do jornal, da questão financeira e administrativa. E era complicado... (ANNUSECK, depoimento, 2011).

Eu sempre me dei muito bem com o Comelli. Você vê, eu sou amigo do Comelli, eu sempre, desde a primeira vez, sempre me relacionei bem porque ele é uma pessoa assim... que como patrão é uma lástima, porque ficou devendo salário, é, deveu salário é uma lástima. Agora, como pessoa, ele é um cara muito gente fina. (CAMARGO, depoimento, 2011).

esse carinho, não sei se essa é a palavra, primeiro se deve talvez ao reconhecimento de que ele talvez tenha dado o melhor que tinha pra dar, e segundo que não é justo de colocar alguém na cruz, porque é resultado de um processo, de nossa incompetência de lidar com a modernidade que a gente chamou prá nós. É um fracasso comunitário. Então acho que

escolher alguém, “Comelli é o culpado”, o cara já é tão enrolado, já tem tantos problemas com a justiça, enfim, ninguém ganha nada se fizer esse discurso de caça às bruxas. Eu acho que existe sim e acho positivo esse entendimento coletivo de que é um fracasso de um projeto de comunidade, que não deu conta dos passos largos que tinha que dar. E agora é compreender a nova realidade, aprender como se faz para lidar com ela, num processo de renovação bem grande. (UNGARETTI, depoimento, 2011).

Essa afetividade que permanece, é percebida pelo proprietário: “Nesse sentido eu não me queixo. Tem muita gente que me quer bem”. Assim, a ambiguidade destes sentimentos, a afetividade que resta, apesar das condições adversas ocorridas enquanto o jornal existiu, trouxe até divergências sobre a pertinência ou não de convidar o ex-proprietário para o jantar do reencontro. A decisão foi por não tê-lo na festa para evitar possíveis constrangimentos, já que embora exista esse “carinho” descrito por alguns entrevistados, há também os que sofreram as agruras do salário que atrasou e das pendências judiciais. Duas questões que o ex-proprietários não se furtou em comentar:

Culpado não, [pelo fim do jornal] mas me sinto responsável, tanto é que estou a frente de todos os processos que tramitam contra o jornal. Muitos processos. Trabalhista, previdenciário, fiscal, tudo, não e brincadeira....¹⁰¹[...] Tem [muito a pagar ainda], mas foi paga muita coisa com meus bens. Tudo o que eu ganhei fora do jornal, voltou, poderia ter investido então.... (COMELLI, depoimento, 2011).

¹⁰¹ O nome de Comelli aparece, ainda em 2012, em processos em várias instâncias e foros da Justiça, desde a comarca local até o Tribunal Regional Federal em Porto Alegre e o Superior Tribunal de Justiça, em Brasília. Em alguns deles figura como réu, noutros aparece como advogado de defesa, profissão que está voltando a exercer.

Depois de perder tudo chega a conclusão que deveria ter se desprendido de alguns de seus bens patrimoniais na perspectiva de que “perde-se os anéis, ficam os dedos” e ter investido no jornal. Conclusão tardia e possivelmente uma forma de atenuar a imagem social negativa que passou a ter por ter se recusado a essa atitude enquanto havia condições para tal. Talvez tenha percebido o alcance dos problemas a enfrentar quando foi decretada sua prisão, já que uma de suas falas na entrevista foi de que “quando não havia mais jeito fiquei desesperado.” Mostra-se aparentemente tranquilo no enfrentamento dos processos ainda em curso e quanto às consequências do fim do jornal na vida de outras pessoas. Tanto que em relação ao encontro organizado pelo *facebook*, encara positivamente a iniciativa: “Acho que eles gostavam do jornal. Tem este aspecto, não tem outro objetivo que não isso, se lembram com carinho do jornal. [...] Eu fico contente que referenciam, eu fico orgulhoso, fiz parte daquilo, bem ou mal, certo ou errado. Mas não tem assim....Eu não tenho esses ranços...” (COMELLI, depoimento, 2011)

Talvez fosse necessário descrever a trajetória de O ESTADO falando também da de Comelli, tal como fez Medeiros (2009), ao escrever sobre o fim do jornal *Ultima Hora*, do Rio de Janeiro, ligando-a ao percurso de seu proprietário Samuel Wainer. Algumas características de ambos se assemelham: gostavam de estar na redação, opinar sobre reportagens e saborear um bom texto, além de terem conhecido a ascensão, a glória e a queda. As semelhanças param aí, pois embora os dois jornais tenham falido, Weiner demonstrava visão empresarial mais ampla, tanto que chegou a criar uma Rede Nacional de Última Hora. O jornal, que havia sido criado nos anos 1950 para apoiar o governo Getúlio Vargas, e estava em crise financeira havia alguns anos devido à perseguição política do período militar, foi vendido em 1971. Contudo, o jornal de Weiner não resistiu a uma contradição, apontada pela pesquisadora Gisela Taschner Goldenstein:

A mensagem de *Última Hora* foi o pressuposto em torno do qual se organizou a empresa e não um produto a ela subordinado. Era mercadoria por acréscimo, e não por definição. Assim, de nada adiantou toda a “organização empresarial avançada”. *A primazia da mensagem política populista impediu a afirmação da lógica empresarial ao revelar-se incompatível com*

ela. (GOLDENSTEIN. 1987, p. 154, grifo da autora).

No caso de O ESTADO pode-se dizer que o jornal também era “mercadoria por acréscimo”, embora já não tivesse apenas a função de mensagem política, tal como fora até os anos 1960, e nem tenha sido uma grande organização empresarial. Talvez se possa apontar o apego a um modo “romântico” de fazer jornalismo, como é rotulada por vezes a prática existente antes do advento da informatização. Junto à insistência nesse estilo jornalístico e de condução administrativa, há que se considerar o aspecto pessoal da persistência do dirigente máximo do jornal, tal como apontado por depoentes, inclusive ele mesmo. Talvez ele esperasse que a comunidade fosse exigir a sobrevivência do jornal, tal como imaginara o ex-proprietário do *Correio do Povo*, conforme descrito no capítulo dois.

Não se objetiva aqui traçar um perfil da personalidade do proprietário, porém, como o “jeito de ser” de Comelli foi apontado nas entrevistas, considero que é um aspecto a ser observado. Assim, além de percepções de pessoas que conviveram no mesmo espaço de trabalho, trazemos algumas falas do próprio Comelli em entrevista, como esta: “mas quando a gente vai pra a UNE (União Nacional dos Estudantes, de cuja diretoria participou nos anos 1960) estas coisas, então a gente é muito idealista, então o sonho, aí estourou tudo...Então eu queria o que...queria que...sei lá, fazer a cidade se desenvolver, isso tudo quero ainda...” (COMELLI, depoimento, 2011). Em outra declaração, referindo-se ao distanciamento gradativo dos empresários que anunciavam no jornal, ele diz: “É eles foram se afastando, não houve assim, nada. Até pode de eu ter me isolado, sem eu perceber, né? Mas não intencionalmente, mas também faltava um pouco de...de...faceta comercial e tal, talvez, por isso”. (COMELLI, depoimento, 2011). Um dos ex-colaboradores comenta:

Ele era o dono. Sim, ele mandava, mas não mandava no sentido de organizar estratégias de captação de recurso, de organizar estratégia de vendas. Quando se montava uma nova equipe comercial, por exemplo, tinha sempre alguém chefiando esta equipe. Então, essa equipe ia pra rua, daqui seis meses não deu resultado,

troca, é igual a time de futebol, muda o técnico, mas os cartolas sempre continuam. Então ele era um cartola do jornalismo. [...] O Comelli era mais institucional. Ele era o dono, na sala dele, não.. ele ia peruar na redação, ler textos, discordar de textos e coisas assim....mas administrativamente não [...] O Comelli era autoridade, agora ele não aproveitou a autoridade dele para solidificar a empresa. (CAMARGO, depoimento, 2011).

Contudo, não se dispor a se desfazer de parte do patrimônio para tentar manter o jornal e preservar sua imagem pessoal acabou significando a ruína total:

se o jornal que ia perdendo expressão o mais correto era ele vender algo que ainda consegue vender bem, do que perder do jeito que perdeu, comprometendo todo o resto do patrimônio, porque ele foi comprometendo o patrimônio dele. E aí vem o fator emocional de “Não quero deixar de ser uma personalidade, uma pessoa importante nessa cidade, eu quero ter um instrumento pelo qual eu seja reconhecido, recepcionado, continue sendo parte da elite da cidade.” (MELLO, depoimento, 2011).

A dificuldade em perceber que precisava aceitar algumas perdas para preservar o essencial, que era o jornal, fez com que acabasse arruinado e desprestigiado, sem o poder social que tanto cultivara. Acabou isolado e sem alternativa pela própria forma de conduzir o jornal. Pode-se avaliar que ocorreu algo apontado como comum pelo jornalista Ricardo Noblat: “a soberba, mãe de todos os pecados, costuma ditar o comportamento de jornalistas poderosos”. (NOBLAT, 2007, p. 18). Seja qual tenha sido o aspecto comportamental que acabou contribuindo para a falência, o que fica perceptível é que as emoções humanas interferem nas condutas empresariais e nas organizações do trabalho, assim como em qualquer atividade, tornando-se, como indicam Maffesoli (2008) e tantos outros, aspecto importante a ser considerado na contemporaneidade.

4.4 Os Jornalistas e a cidade

Além de se referirem às suas próprias histórias de vida e de trajetória em O ESTADO, os jornalistas do grupo “reencontro O ESTADO” também recuperam aspectos da memória da cidade. Numa postagem de 27.02.2012, a chamada era: “A destruição já vem de longa data!!!”, comentando sobre anúncio de 1973 no O ESTADO, (reproduzido no site do *facebook*), em que a imobiliária CEISA anuncia em encarte especial sobre habitação: *É uma pena, mas uma capital não tem o direito de ser apenas patrimônio histórico*. “Olhando o ‘reclame’ e vendo a cidade hoje, percebemos que o plano de destruição do patrimônio histórico de Florianópolis já vinha de longe e fazia parte do pensamento das elites empresariais de Florianópolis”. A postagem recebeu vários comentários de outros integrantes do grupo.

Apesar da crítica ao processo de transformação ocorrido na cidade, há também entre alguns dos jornalistas que participam do grupo “reencontro O ESTADO”, a constatação de que algumas mudanças são inevitáveis:

Eu não sou nenhum tolo de pensar que estaria vivendo a Florianópolis de 1972, mas muito, muito desse processo poderia ter sido diferente. Foi uma coisa avassaladora. Tudo assim foi um... Não dava tempo. E o administrador aqui, assim como em outras cidades... Tem todo esse processo da Câmara de Vereadores, a corrupção, é uma tragédia isso aí. É o calcanhar de Aquiles eu acho, da cidade, acho que é a Câmara de Vereadores, porque por ali passa ou não passa. Tudo que deveria ser planejado, que deveria ser olhado com cuidado, para o futuro, o presente, o que tá acontecendo com a cidade.... Até hoje, o Plano Diretor tá numa gaveta qualquer. De vez em quando alguém fala no Plano Diretor. E aí que te digo: esse modo de agir da RBS que eu acho muito pernicioso, porque esses assuntos não são levantados pela mídia que domina. É um emaranhado de interesses do próprio grupo.

Porque com todo o poder que eles têm, porque não levantam por exemplo, essa história do plano diretor? E isso aí a Câmara de Vereadores, qual a melhor fiscalização que teria uma Câmara de Vereadores? Uma cobertura jornalística séria em cima, que evitaria mais da metade dos mal feitos, né, que acontecem lá dentro, mas....(MEDAGLIA, depoimento, 2012)

A preocupação com os rumos da cidade, dominada pelos interesses de mercado, está presente entre vários profissionais e acadêmicos. Em artigo publicado no livro “Florianópolis do outro lado do espelho”, a professora doutora Margareth de Castro Afeche Pimenta (2005) defende que a cidade precisa ser pensada como um projeto social, e o Poder Público há que concebê-la como um espaço do cidadão, e não apenas relegado às leis do mercado. A cidade deveria ser pensada como um espaço com direitos de circulação e fruição da maioria da população, e não apenas daqueles que têm maior poder de compra. Na atual perspectiva, cada espaço da cidade tem dono e as áreas de circulação pública, como praças e lugares de lazer, são cada vez mais restritos pela sucessiva ocupação de prédios¹⁰². Mas essa discussão ainda passa distante do cotidiano dos cidadãos. Assim, a falta de percepção ou de interesse da maioria da população local sobre esta perspectiva fica evidente a cada eleição municipal, em que as propostas nesse sentido não têm o alcance necessário para tornarem vitoriosos os defensores desse projeto. No artigo “Florianópolis como espaço do público”, Pimenta observa que

Os espaços públicos e culturais são os locais onde se realizam as múltiplas interações, onde as trocas interpessoais são possíveis e onde se potencializam a capacidade de cada um e de

¹⁰² Um exemplo atual dessa disparidade é a controvérsia em torno da ocupação da área conhecida como Ponta do Coral, situada na avenida Beira Mar Norte, em que uma empresa construtora pretende instalar um megaprojeto comercial e hoteleiro, enquanto entidades da sociedade civil reivindicam a instalação de um parque público.

todos. Aos poderes públicos cabe a tarefa de zelar pela consolidação de espaços de vivência nas diferentes escalas municipais. [...] a vida comunitária deve permitir a sensação de estar em algum lugar, situar-se dentro da esfera mais imediata da cotidianidade. (PIMENTA, 2005, p. 54-55)

A perspectiva de Pimenta aproxima-se do que propagam os jornalistas em geral e os do grupo Reencontro O ESTADO em particular. A cidade como espaço democrático se distancia no tempo tanto pelos interesses de mercado como pela pouca ocupação dos lugares em que a sociabilidade ainda é possível, já que o convívio real vai sendo substituído pela interação virtual, tal como aponta Caiafa (2007). O ficar em casa propiciado pelas novas tecnologias contribui para o despovoamento dos espaços coletivos. Assim, a cidade não é defendida como espaço público, permitindo-se cada vez mais sua apropriação privada. Pode-se observar essas mudanças tecnológicas afetando a vida da cidade pela constatação de que a Florianópolis dos anos 2000 já não permite o encontro pelas ruas de todas as pessoas que se conhece, como outrora¹⁰³, e nas redações os casos pitorescos para *apurar* uma matéria estão em extinção. Há agora indivíduos vindos de muitos lugares e sem vínculos com tradições anteriores da cidade.

Florianópolis, nas últimas décadas, passou, de forma acelerada, de uma sociedade composta de pessoas ligadas entre si por tradição familiar, patriarcal e político/cultural, em cidade impessoal e moderna, onde cruzam-se desconhecidos, e diminuem os encontros dos conhecidos, mudando os processos de pertença e de crenças partilhadas de outrora. Começam a ser deixados para trás “os vínculos emocionais de indivíduos com a coletividade por eles formada, cristalizados e

¹⁰³ Uma nota na coluna Gente, de Luiza Gutierrez relata que desde o início de 2013 está fechado, aos domingos, o Bob's da rua Trajano, única lanchonete aberta no centro neste dia nos últimos anos, “ponto tradicional e sempre democrático”. Sob o título Saudosismo I e II, ela diz também que “faz coro com aqueles que lembram com saudade de outros pontos da cidade onde as pessoas que se conheciam se encontravam”. A colunista atribui o esvaziamento do centro às mudanças no cenário: a forte presença dos shoppings na cidade e a falta de cinemas na região. (ND, 21 de janeiro de 2013, p.2, Caderno Plural).

organizados em torno de símbolos comuns...” (ELIAS, 1997, p. 139) O indivíduo se sobrepõe à tradição via redes sociais, e práticas culturais perdem força. E a cidade de Florianópolis, contada em crônicas diárias, vai ficando irreconhecível: “A febre migratória transformou Floripa numa cidade sem rosto, igual a todas as grandes cidades do mundo”. (RAMOS, 2010) O escritor Sérgio da Costa Ramos é uma das vozes a lamentar as transformações ocorridas na cidade. Ao tratar da paisagem urbana em constante mudança evoca associações, semelhanças e memórias. Com suas crônicas, (e aqui não se está comparando a escrita literária, mas parte do conteúdo abordado) exerce um papel que já foi do colunista Beto Stodieck, até hoje lembrado por defender a importância do patrimônio histórico, entre outros temas da cidade. Stodieck escreveu no jornal O ESTADO em vários períodos, de 1971 a 1990, sendo uma voz por vezes dissonante dentro do jornal que defendia a modernização de Florianópolis. O proprietário do jornal considera que o periódico não deixou de se contrapor às investidas imobiliárias, e cita o colunista neste contexto:

Perdemos muitos anúncios em função dessas coisas. As pessoas não se conformavam; “como é que tu coloca isso?, não vou mais anunciar aí” Era uma incompreensão muito grande. E aí me lembro que tinha um colunista que dizia que aquilo era feio [prédios da Beira Mar]. Eu não ia tirar aquilo, não deixar que o colunista dissesse aquilo. Tu imagina o que eu passei com o Beto Stodieck, toda hora assim... falava de pessoas que tinham, ou pensavam que tinham certa importância. Ele era terrível. (COMELLI, depoimento, 2011).

Pelas suas notinhas críticas e irônicas, o colunista citado é reportado frequentemente, tal como um lugar de memória (NORA, 1993), especialmente por personagens que vivenciaram o mesmo contexto cultural, e podem ser vistos como mantenedores das “experiências que apreenderam enquanto andavam pelos espaços urbanos e que foram lidas como “as” experiências definitivas desses lugares”. (FEATHERSTONE, 1995, p. 109) Os próprios ex-colegas do jornal enaltecem sua importância, com declarações como esta: “quem saía na coluna do Beto Stodieck, por exemplo, ganhava status. O cara tava com tudo... (CAMARGO, depoimento, 2011) O colunista também é

lembrado como um dos motivos para ler o jornal O ESTADO por ex-assinantes: “Tinha os colunistas sociais, vários, e aquilo dava interesse em ler o jornal, que hoje você não vê no jornalismo [...] tinha o Beto Stodieck, que criou esse nome Floripa e pegou, e aquela turma toda que fez jornal naquela época, hoje você não tem, esses jornais aí você não tem...”(ALBUQUERQUE, depoimento, 2012) Outro ex-assinante complementa:

O jornal teve o colunista Beto Stodieck, inclusive o Ricardinho Machado e o Cacau [Menezes] são crias dele, ele era um cara muito inteligente, então uma *das coisa* que alavancava o jornal na época... Então, ele era o que é o Cacau hoje para o DC, o Beto foi para O ESTADO. Tinha muito gente que assinava o jornal por isso. (NUNES FILHO, depoimento, 2012).

O colunista, ao mesmo tempo em que defendia a preservação de tradições e do patrimônio histórico, outras vezes reclamava da falta de espaços sociais e culturais como aqueles existentes em cidades maiores. Beto Stodieck seria um mito entre seus pares e moradores saudosos daquele cidade dos anos 1970 e 1980, uma imagem e símbolo de um tempo que não volta mais, e por isso mesmo, idealizado como melhor do que o tempo presente. Cabe aqui nos reportar a Nora (1993), que afirma haver lugares de memória porque a memória não existe mais, num momento histórico em que vive-se um eterno presente:

Agora o passado nos é dado como um mundo do qual estamos desligados para sempre. Passamos de uma história que era procurada na continuidade de uma memória a uma memória que se projeta na descontinuidade de uma história. Nossa percepção do passado é a apropriação veemente daquilo que sabemos não mais nos pertencer. (NORA, 1993, p. 20).

O discurso do colunista, tal como o do jornal, também era feito de contradições e dubiedades, assim como a cidade era (e é) feita de

ambiguidades, como já vimos em capítulo anterior. Nessa cidade de dupla face, na falta dos lugares em que aquelas pessoas antes se encontravam, torna-se cada vez mais cômodo o encontro virtual, tal como fazem os participantes do grupo “reencontro O ESTADO”. Nesse espaço é que se entrecruzam a história da cidade, seus dilemas e problemas urbanos, e a história dos sujeitos, suas vivências e relações pessoais e profissionais. A perspectiva de Norbert Elias (1993), que traz a noção de interdependência entre indivíduos, numa sociedade encarada como tecido em movimento, formando-se configurações, pode ser útil para compreensão das relações que se estabeleceram entre o jornal e a cidade, representada por seus diversos atores sociais. Elias dá um lugar central à historicidade, à noção de que os homens, seus modos de relações e as formas de sensibilidade que lhes são associadas, são produtos históricos, cujas características variam em função das épocas. Adota a perspectiva da sociologia, da história e da psicanálise para explicar a trajetória da humanidade e de como se chegou a civilização ocidental. Para Elias, as interdependências nas quais os indivíduos estão presos, não agem unicamente como constrangimentos exteriores.

Mudanças rápidas e profundas como as ocorridas na cidade de Florianópolis são detonadoras de crises, momentos de questionamentos em que sentimos necessidade de saber quem somos, entre outras inquietações. Nesse sentido, a busca da identidade tem a função de dar uma orientação, apontar um caminho. Talvez essa seja a busca de alguns dos personagens que lamentam as transformações que a cidade sofre, ao mesmo tempo em que procuram um novo referencial para se reconhecer dentro deste espaço urbano. Ao falarmos de identidades na cidade teremos que nos reportar a disputas entre “manezinhos” e “os de fora”, à noção de estranho, de estrangeiro, tal como abordado por Baumann (2001) e dos *estabelecidos e os outsiders*, como descrito por Elias e Scotson (2000). Os autores tratam de como os já estabelecidos em algum lugar tendem a se fechar em si mesmos e ficarem distantes dos novos moradores, dificultando a interação entre eles. E cultuam com maior intensidade aquelas vivências cotidianas já reconhecidas no espaço social.

Algo parecido ocorre entre alguns cidadãos de Florianópolis em relação ao fechamento do jornal O ESTADO. É um dos sentimentos que permeia alguns dos personagens que lamentam o fim do jornal: “pelo fato de ser um jornal nosso, e a gente tá perdendo isso aí...pode ver... a gente tá perdendo muito espaço...” (NUNES FILHO, depoimento, 2012).

Para o jornalista Ungaretti:

havia uma ânsia de inclusão, e havia também esse passado que sempre foi cosmopolita da cidade. Inicialmente o termo manezinho é criado pelo morador da cidade querendo afirmar pros novos, pra quem tava chegando, “não, eu não sou caipira, caipira são eles “[os do interior da ilha], “eu estou preparado pra receber, vamos falar de igual para igual”. Era o urbano versus o rural e que depois foi sendo apoderado pelo local versus o estrangeiro. E hoje o estrangeiro venceu. (UNGARETTI, depoimento, 2012).

Senett(1998) também faz referência a esta questão:

Uma cidade é um meio no qual estranhos podem se encontrar; estranho pode ser sinônimo de forasteiro e surge em uma paisagem onde as pessoas tem percepção suficiente de suas próprias identidades para poderem criar regras sobre quem se enquadra e quem não se enquadra (cidade étnica); ou estranho como desconhecido – pode dominar as percepções daqueles que estão inseguros quanto à própria identidade, ou estão perdendo imagens tradicionais de si mesmos, ou ainda que pertencem a um novo grupo social que ainda não possui um rótulo preciso. [...] O surgimento de uma nova classe pode deste modo criar um ambiente de estranhos no qual muitas pessoas ficam cada vez mais iguais as outras, mas sem terem consciência desse fato. (SENETT, 1998, p. 69).

Assim, o entusiasmo pelos encontros do grupo de ex-funcionários parece ser a busca por iguais, por conhecidos que confirmem o pertencimento e o domínio sobre a cidade em transformação. Assim como a notícia conecta-se com o passado e o presente, preservar a memória de um período importante na vida daqueles profissionais dá

sentido à contemporaneidade em que tudo, especialmente as relações humanas, são fluídas, líquidas, como diz Bauman (2001). Referimo-nos novamente a Sennett (1998) que escreve sobre a necessidade de solidariedade humana e comunidade para efetivamente lidar politicamente com o mundo. Ao mesmo tempo, Sennett realça a importância da narrativa, das pessoas poderem ser capazes de narrar suas vidas de uma maneira coerente e significativa. Todos estes aspectos perpassam o grupo formado na internet, cujos integrantes procuram manter-se em contato.

Embora uma das diretrizes do jornalismo seja de buscar a objetividade, os profissionais sabem que a subjetividade (formada por modos de percepção, afetos, pensamentos, desejos, medos, entre outras emoções) encontra-se presente, em menor ou maior grau, e tem cada vez mais relevância. A compreensão da condição humana, dos limites e possibilidades, a necessidade de respeitar a perspectiva do outro fazem parte das histórias de vida que se contam no reencontro O ESTADO e nos depoimentos sobre a trajetória e decadência do jornal. Para Le Goff, a história não se faz apenas com documentos escritos, mas também com palavras, signos, paisagens e telhas: “Numa palavra, com tudo o que, pertencendo ao homem, exprime o homem, demonstra a presença, a atividade, os gostos e as maneiras de ser do homem”. [...] já não se cristaliza exclusivamente sobre os grandes homens [...] interessasse por todos os homens”. (LE GOFF, 1992, p. 540)

Mas, a despeito do esforço dos jornalistas em seu exercício profissional em anos anteriores, e na atualidade em reafirmar a importância de preservação do seu acervo, o fim da trajetória do jornal O ESTADO indica que ele não foi suficientemente apoiado pelos cidadãos: “Temos essa responsabilidade, a cidade deixou morrer, sem tirar a responsabilidade de quem administrava. [...] num determinado momento poderia ter havido um esforço comunitário pra manter aquilo em circulação nesse período aí, nesse ano final. (UNGARETTI, depoimento, 2012). Algo idêntico ao que verificou o jornalista Luiz Claudio Cunha, ao lamentar a indiferença geral em relação ao fechamento do jornal *JÁ*, de Porto Alegre, (conforme relatado anteriormente) estranhando que

esta é uma pauta que ninguém abraça na imprensa gaúcha e brasileira. O desfecho final da saga de Elmar Bones e do *JÁ* não

mereceram uma única nota de apoio, mero desconforto ou formal solidariedade de jornais, jornalistas, blogueiros ou entidades antes vigilantes na defesa da liberdade de expressão como ANJ, Abert, ABI, Fenaj, Abraji, ARI, sindicatos e assemelhados. (CUNHA, 2012, s.p.)

Além do próprio meio jornalístico, o desinteresse demonstrado pelo fim dos dois jornais também denota que os impressos nem foram considerados um bem público de suas cidades, tal como defendem (ou imaginam que deveria ser) os jornalistas:

Jornal depende da confiança publica. Antes de ser um negócio, jornal deve ser visto como um serviço público. Mais do que informações e conhecimentos, o jornal deve transmitir entendimento. Porque é do entendimento que deriva o poder. E em uma democracia o poder é dos cidadãos. (NOBLAT, 2007, p. 22).

Ao tratar do declínio do homem público, Sennett (1998) destaca vários aspectos da sociabilidade que se originaram nas cidades modernas, como Paris, de meados do século XIX em diante, e que podem ser comparadas, com os devidos cuidados, com o que ocorreu em Florianópolis a partir da segunda metade do século XX. Uma de suas principais formulações é de como gradativamente ocorre na cidade a indiferença com o que se passa em público, e de como a vida privada é pública e o público é privatizado a partir de mudanças nas experiências e práticas culturais cotidianas de grupos sociais. Aborda a sucessão de transformações, a mudança nos modos de produção, consumo e circulação de bens simbólicos. E de como tudo culmina na cultura e consumo de massa que se expande em todas as direções, começando pela loja de departamentos e, posteriormente, nos shoppings centers e meios de comunicação de massa. Nesse sentido, algumas manchetes que mencionamos anteriormente são significativas por mostrarem a gradativa mudança na cidade, com o aumento do número de shoppings

centers¹⁰⁴ e o esvaziamento do centro da capital, tal como numa edição de maio de 2000 na editoria de geral: “Consumidor lota shoppings e esvazia o centro da cidade”.

Nem todos na cidade, porém, lamentam a extinção do jornal como jornalistas e ex-assinantes, opina um dos últimos a tentar manter o jornal:

Os mais jovens não tem essa, nem sabem que existia o jornal O ESTADO. Talvez isso pudesse ser ensinado nas escolas, historia da imprensa, as pessoas terem o acesso ao conhecimento sobre os modos que pelos quais a informação é transmitida e se formaram. Na década de 1960, tinha O ESTADO e a Gazeta, um era PSD outro UDN, tudo muito declaradamente. Tinha o pai do Sergio da Costa Ramos, que escrevia no O ESTADO, e tinha o irmão dele, o tio, que escrevia na *Gazeta*. Tinha ali uma transparência, agora falta transparência. Eu adoraria que o jornal publicasse a cada semana quanto recebeu de anúncios, pra eu poder fazer minha opinião sobre a isenção do noticiário. Porque todo jornal banca o politicamente neutro, porque quer manter sempre uma porta aberta com qualquer governo que possa vir a assumir, então banca uma de politicamente neutro e não existe nenhuma transparência sobre os vínculos comerciais, que são determinantes. Tu sabes que se faz uma matéria de uma pagina, se

¹⁰⁴ Em setembro de 2012, a aprovação em primeira votação de mudanças no zoneamento da cidade, na Câmara de Vereadores de Florianópolis, causou intensa mobilização de internautas no site de relacionamento *Facebook*. Os projetos permitem a construção de edifícios com maior número de pavimentos em bairros ainda “bucólicos”, como Santo Antônio de Lisboa, e incentivos para instalação de shoppings. Outra mobilização sugeria: “Chega de shoppings, quero mais museus, bibliotecas...” Os projetos foram aprovados com pequenas alterações em segunda votação pelos vereadores em fim de mandato, apesar dos protestos.

chega um anúncio de uma página, quem vai ter que sair, é a matéria ou é o anúncio? Então.... (UNGARETTI, depoimento, 2012).

Registro do presente, o jornalismo também ajuda a construir a memória coletiva e individual, como já defendiam artigos comemorativos de OE, como registramos no capítulo dois. Conforme Francisco Karam, em sua tese de doutorado:

ao contar, lembrar, recontar, registrar, debater, polemizar, o jornalismo ajuda a memória coletiva e individual a tornar-se social e histórica, e contribui consigo mesmo para que seja, como outras áreas, memória da humanidade. E contribui para que tal memória se constitua como referência para a ação, para a opinião, para a democracia e para a constituição da cidadania. [...] No registro e memória do presente imediato é que se constroem as memórias coletivas ou históricas e, com elas, a memória humana, que vive no cotidiano e no presente o ápice da experiência e do testemunho. Com isso, o jornalismo se afirma com maior referência real e se torna, no presente, memorável. (KARAM, 1999, p.254)

O declínio do jornal impresso parece ameaçar esta possibilidade de recuperação da memória do cotidiano, como descrito acima. No jornalismo da internet, em que as notícias mudam várias vezes ao dia, ainda não há orientações para o leitor tentar rever algo que deixou para depois e já não está entre as manchetes do portal. Ao não ser palpável, mas apenas virtual, a notícia de ontem “desaparece” sem deixar registro de fácil recuperação, como seria encontrar um jornal impresso armazenado em local apropriado, como o acervo dos próprios periódicos ou as bibliotecas. E mesmo que de algum modo se consiga acessar depois algo publicado antes, já não há garantias de que a informação era aquela mesma, visto que tudo pode ser modificado/manipulado a todo instante em programas de computador. Caminha-se, assim, cada vez mais para a dubiedade, para a mistura do falso e do verdadeiro, do *fake* como parte constitutiva de um transitar do jornalismo e da sociedade em

transformação. Já não há certeza sobre os registros do que ocorreu ontem, diferentemente do que se pode verificar no que ficou impresso em páginas de jornais, mesmo que estes também tenham passado por filtros diversos no momento em que foram publicados. Torna-se mais difícil apropriar-se do passado, como define Walter Benjamin, em seus apontamentos reunidos nas obras escolhidas, num trecho que encontramos nas teses “Sobre o conceito de história”:

O cronista que narra os acontecimentos, sem distinguir entre os grandes e os pequenos, leva em conta a verdade de que nada do que um dia aconteceu pode ser considerado perdido para a história. Sem dúvida, somente a humanidade redimida poderá apropriar-se totalmente de seu passado. Isso quer dizer: somente para a humanidade redimida o passado é citável, em cada um de seus momentos. [...] O passado só se deixar fixar, como imagem que relampeja irreversivelmente, no momento em que é reconhecido. (BENJAMIN, 1985, p. 223-224).

Ao tomar como objeto da pesquisa a existência do jornal O ESTADO, que teve quase cem anos, buscamos trazer à tona um exemplo da necessidade de nos apropriarmos do passado para seguir em direção ao futuro. É o sentido também observado na formação do grupo Reencontro O ESTADO, que através de sua mobilização tenta manter na memória das novas gerações um periódico que já propagava em suas próprias páginas a sua importância histórica, um jeito de fazer jornalismo, e de um modo de viver a cidade. A retomada constante de certos temas, de alguns personagens, de determinados lugares e de configurações espaciais, permeadas pela existência e posterior falência de um jornal pretendeu tratar do quão perenes e, ao mesmo tempo determinantes, são atitudes, afetos, decisões. E de que não há garantias num tempo em que sobressai no cotidiano da cidade o eterno presente da virtualidade que vai aos poucos se apropriando da vida real. Refazer trajetórias históricas humanas e sociais permite então, demarcar a importância da experiência como noção fundamental da condição humana. Mesmo que estas experiências nunca sejam definitivas e nem fixas, posto que podem ser transformadas pelo indivíduo que é multifacetado, dividido, contraditório e, por vezes, até, incoerente.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Antes do ponto final há que serem feitas mais algumas considerações e verificar se os objetivos inicialmente propostos para este trabalho foram alcançados. Os exemplos colhidos demonstram que o jornal retratava as mudanças em curso na cidade, mas fazia reflexões pontuais sobre o que poderia advir na perspectiva do crescimento econômico como fator acima de qualquer outra iniciativa. Ou seja, o jornal apontava consequências do crescimento desordenado, como o aumento da pobreza, mas não questionava, ou fazia timidamente, as causas, como as transformações que a cidade passava a sofrer. O que se observou foi a dubiedade de interesses defendidos pelo jornal ao longo dos anos: ao mesmo tempo em que pretende defender a tradição e a história, quer ser protagonista da cidade, torná-la conhecida. Por mais que ele se coloque como porta-voz, como anunciador de grandes perspectivas para Florianópolis, a concretização das iniciativas propagadas em noticiários e editoriais demoram a acontecer ou até caem no esquecimento. Um exemplo de como isso se mostra são as notícias sobre a implantação do centro de eventos Centro Sul, no Aterro da Baía Sul, inaugurado mais de dez anos depois das primeiras informações a respeito. É uma dubiedade discursiva que também reflete o conflito já então vivido pelos cidadãos que defendiam a modernização da ilha e depois se sentiram ameaçados pelos novos moradores, assim como empresas que também faliram, e dos clubes sociais em decadência.

Como resultado do trabalho, o apanhado dos assuntos em destaque no jornal no período estudado permite visualizar um retrato da cidade. Entre outras possibilidades facilita a busca de informações em pesquisas que abordem algum assunto relacionado à capital, por conter as datas prováveis em que foi tratado pelo jornal. Além disso, uma das primeiras observações a fazer é que desde o início tinha por intenção que o trabalho não se estruturasse a partir de uma única interpretação teórica. Ou seja, que procurasse entender a trajetória e decadência de O ESTADO relacionado a questões macro estruturantes, como a nova fase do capitalismo, de monopólio e exclusões de toda ordem, tendo em paralelo as micro estruturas forjadas no cotidiano do funcionamento interno da empresa jornalística e das atitudes dos indivíduos ali envolvidos. Ao mesmo tempo em que se atribui peso ao que as condições econômicas e ideológicas relacionadas à comunicação, tal

como descrito por Adorno sob a conceituação de Indústria Cultural, tenta-se demonstrar que comportamentos humanos são decisivos para os rumos de uma trajetória ser bem sucedida ou não. E no meio disso, a cidade em transformação, igualmente por condições macro estruturantes que se impõe de forma irreversível ao longo dos anos estudados, sobrepondo-se a um modo de vida ainda pacato, em que as relações comerciais, sociais e pessoais se davam sob uma lógica ainda não dominada pelo “mercado”.

Expressão de um tempo social e cultural de Florianópolis, durante a sua quase centenária existência, o jornal passou de um panfleto político partidário para um periódico de credibilidade pública. Essa transformação foi possível a partir do milagre econômico dos anos 1970, que aumentou a classe média, potencial consumidora de bens culturais e jornais, e pela redemocratização do país, que ensejou a participação dos cidadãos na vida pública. O jornal torna-se, então um intermediador das questões de interesse público, apresentando reivindicações de setores e movimentos sociais, apresentando problemas recorrentes da cidade e cobrando ou defendendo as autoridades constituídas. Nesse período, considerado o mais significativo em termos de jornalismo, foram realizadas grandes reportagens sobre diversas facetas da sociedade local e estadual, o relato sobre o início das manifestações pelo fim da ditadura militar, e coberturas de tragédias como a queda de aviões, secas e inundações. Era o tempo em que havia “calor humano” na redação como relatado por vários entrevistados. A importância do fator humano nas redações igualmente é demonstrada pelos participantes do grupo Reencontre O ESTADO no *facebook*.

Embora tenha cumprido o papel de ser um historiador do cotidiano e de aproximá-lo do cidadão, o fazer jornalístico também tinha problemas, como erros de gramática, de impressão, de troca de legendas. São dificuldades aparentemente intrínsecas ao processo jornalístico, já que erros (principalmente os de português) continuam a ocorrer nos jornais, apesar de todas as facilidades dos programas de computador na área editorial. Os softwares e hardwares disponíveis a partir do fim dos anos 1980 permitiam, também, alterar de forma simples e rápida todo o padrão visual. Isso contribuiu para muitas mudanças na diagramação do jornal que acabaram por não consolidar um projeto gráfico. As mudanças ocorriam como forma de tentar modernizar o jornal, mas as alterações realizadas ao longo do tempo em colunas, fios e posição das fotos contribuíram para prejudicar a identidade visual do jornal. Poucos

dos elementos gráficos se mantiveram estáveis, resultando numa improvisação visual e dificultando uma padronização identificadora. Até que por fim o próprio formato do jornal foi modificado, tornando-se tabloide e determinando o sepultamento da forma já consagrada, ou seja, o tamanho *standart*.

A decadência do jornal também demonstra uma dificuldade de adaptação a essa nova lógica do mercado comunicacional, trazida à cidade pelo grupo RBS, mesmo conglomerado que trouxe um novo modelo de gestão de negócios em outras áreas da atividade econômica. A partir da sua chegada à cidade, um novo ímpeto empresarial se estabeleceu, assim como intensificou-se o avanço imobiliário em todas as regiões. Até ali praticamente uma cidade de serviços públicos e pequeno comércio, Florianópolis passa a ter na área imobiliária e no turismo um novo ímpeto econômico. Na lógica do lucro financeiro acima de tudo, importante é que para a empresa de comunicação obter retorno econômico, outros setores da cidade precisam também obter ganhos, numa estratégia popularmente conhecida como “ganha-ganha”. Assim, é preciso fomentar o crescimento das outras atividades que compõe a economia para garantir o investimento publicitário destas, já que apenas o investimento governamental em marketing não seria suficiente, embora seja também assegurado, considerando-se que há apoio aos projetos de governo que facilitem essa lógica da economia e pouca crítica em relação ao que implementam as lideranças públicas. Ou seja, os governantes anunciam nas empresas da comunicação e estas por sua vez os tratam de forma “amigável”, especialmente nos noticiários, ao mesmo tempo em que ambos facilitam projetos ou a concretização de iniciativas que estejam dentro dessa perspectiva de obtenção de resultados econômicos favoráveis a todos os ligados a esse círculo de interesses. As manchetes sobre a cidade mostram, contudo, como várias questões se repetem ao longo dos anos sem solução, e de como predomina uma ideia falsa de cidade rica e desenvolvida, baseada na valorização aparente propiciada por um eficiente marketing imobiliário, visto que questões importantes como o saneamento básico, fornecimento de água potável e energia elétrica tem se mostrado aspectos frequentemente críticos, especialmente no verão.

A decisão política para que a cidade se voltasse ao turismo e à especulação imobiliária tem, além dos interesses dos próprios empresários, a contribuição de detentores de cargos públicos, como foi o caso do ex-governador Aderbal Ramos da Silva, proprietário do jornal

por décadas. Personagem ambíguo, difundia a imagem de pessoa simples como os nativos, pelos quais era considerado um benfeitor, ao mesmo tempo em que foi um dos principais impulsionadores da transformação imobiliária pela qual a cidade passou. No espaço publicitário dos classificados do jornal, as imobiliárias ocupavam página inteira, várias delas, para destacar os novos lançamentos de condomínios. E mesmo no Projeto *Floripa Meu amor*, lançado pelo jornal em 1986 para conscientizar pela preservação da cidade, observa-se a propagação do ideal do turismo, em manchete como esta: “o que fazer para rentabilizar a atividade turística”. É possível então concordar com Fantim (1999), segundo a qual prevalecia na mídia o discurso dos que entendem a cidade como local de negócio (razão instrumental) e não de cidadania (razão autônoma). O jornal O ESTADO apoiou as iniciativas de alteração na paisagem que acabaram por deixá-lo isolado às margens da rodovia SC 401.

No novo contexto econômico que a cidade passa a viver, empresas se readequam ou não ao novo modelo, o que significa continuar ou não existindo, mas também sem nenhuma garantia de sucesso em longo prazo. Dos exemplos vistos ao longo dos anos como anunciantes do jornal O ESTADO, uma das que primeiro tentou se adaptar aos novos tempos foi a loja de eletrodomésticos LPO – Lojas Pereira Oliveira, ao trazer o “crediário tentação” no início dos anos 1980. Pertencente a uma família local e por ela conduzida até o final de sua existência, a empresa tentou com a estratégia contrapor-se às grandes redes de varejo que começam a se instalar na cidade. Resistiu alguns anos, mas acabou fechando as portas. O mesmo ocorreu com a “Modelar”, uma loja de vestuário, tradicional na cidade. Em anos recentes as lojas Koerich também passaram por readequações e diminuição do número de lojas, ao mesmo tempo em que a tradicional família da grande Florianópolis volta-se com maior força para o ramo imobiliário. Das empresas familiares quem permanece ao longo do tempo é a Casas da Água, de materiais de construção, ou seja, dentro da cadeia produtiva da construção civil, a que mais cresce na cidade.

Conduzida por um típico manezinho, a loja permaneceu anunciante do jornal O ESTADO até o fim do jornal que tentou se manter a partir do discurso da tradição. Desde a chegada do grupo concorrente RBS, O ESTADO tentou demarcar seu lugar “cativo” na cidade e no estado em seus editoriais, cadernos comemorativos e, até, anúncios publicitários. Dentro desse discurso procurou manter a identificação com leitores

também tradicionais, ressaltando valores em comum como fidelidade, compromisso com a comunidade, verdade na divulgação dos conteúdos do jornal. Os temas dos artigos comemorativos e dos editoriais se baseiam em conceitos imutáveis ao longo do tempo: tradição, história, verdade, justiça, identidade cultural e geográfica. Mas esse discurso não foi suficiente e o proprietário último do jornal, admite que isso apenas ajudava, não era visto como garantia, “até porque a tradição não paga cartório”.

Ao perceber a diminuição do alcance do jornal junto ao público e anunciantes, o discurso da tradição foi mantido, mas incorporou-se também a defesa de mudanças, de renovação. Surgiram então frases de efeito dúbio, como esta: “O ESTADO mudou, mas continua o mesmo”. Ao mesmo tempo, tenta ligar e demonstrar a importância do passado e a confiança no futuro dizendo que era o jornal lido “por seu bisavô e aquele que seus bisnetos irão ler”. E alcançar o público jovem, com frases como “Ser jovem é enxergar o futuro olhando o passado”. Várias tentativas de atualização e reformulação no formato e no conteúdo foram anunciadas e explicitadas nos cadernos de aniversário de cada ano. As mudanças visíveis eram no nome de cadernos, tais como: caderno 2 torna-se magazine, detalhes gráficos inconstantes etc., numa perspectiva de “mudar para ficar como está”.

Até que a passagem dos 80 anos, em 1995, demarcasse, em extenso caderno comemorativo, uma reafirmação dos valores sempre apregoados e, ao mesmo tempo, o que parece ser a despedida dessa “sagrada missão”. Haveria a partir dali ainda uma sobrevivência, mas já sem o mesmo ímpeto de confiança na tradição e no próprio jornalismo como praticado até ali. A estrutura que havia sido criada a partir do ano de 1972, quando o jornal passou a circular em todo o estado de Santa Catarina, já começara a ser desmontada, com o fechamento de sucursais, diminuição do número de funcionários e outras medidas de contenção de gastos. Tornara-se evidente que os custos de distribuição dos exemplares, com a manutenção de frota de veículos e outros detalhes de logística, era muito elevada para apenas um jornal. Adotava-se novas medidas constantemente, tais como reformulações na área de vendas, na política de assinaturas, nos métodos de captação de anúncios. Mudava-se frequentemente as equipes, ou os dirigentes de cada área, e isso, aos poucos, contribuiu para descaracterizar totalmente o jornal, ao ponto em que o discurso da tradição, da verdade e da justiça parecerem apenas retórica vazia. Na tentativa de se adaptar à nova situação, foi abrindo

mão de sua identidade e da coerência que haviam feito de O ESTADO um jornal respeitável, mesmo que por um período curto. Passou a enaltecer o futuro, as mudanças em si mesmo, do mesmo modo como havia estimulado as transformações que começaram a ocorrer na cidade nas décadas anteriores.

Contudo, há que se ressaltar que as mudanças ocorridas na cidade foram implementadas a partir da chegada de moradores de outros lugares, com a instalação da Eletrosul, UFSC, e no início dos anos 1980, do grupo RBS. Do mesmo modo, o processo de modernização do próprio jornal, sempre enaltificado em suas páginas nos anos seguintes, também foi possível a partir da contratação de jornalistas vindos de outros estados. Torna-se forte então a disputa dos manezinhos contra os “de fora”, como abordamos no trabalho. E de como a tão desejada “modernidade” acabou trazendo consequências impremeditadas, como diz Giddens, com os antigos moradores se sentindo atropelados pelos que chegavam com outros costumes, com outro ritmo de trabalho, de cotidiano, de vida, enfim. À medida que o jornal vai diminuindo sua influência na cidade, perde força também o discurso da oposição entre o manezinho e os “de fora”. E nos anos 2000 tal dicotomia nativos X estrangeiros parece estar algo superada, sendo um de seus sinais as transformações no mundo político, em que antigas lideranças perdem espaço, e o censo do IBGE de 2010 indicar que mais de 50% dos moradores da cidade já não nasceram em Florianópolis. O próprio fim do jornal talvez seja também um claro sinal dessa superação.

Nos últimos anos de sua existência, apesar de insistir na tradição e de enaltecer a fidelidade dos assinantes, inclusive destacada nos aniversários, O ESTADO já não representava a comunidade do mesmo modo, pois esta, igualmente, não era a mesma. A modernidade do jornal é sempre uma que está localizada no passado, a instalação da *off set* e outros equipamentos. Do mesmo modo, na reprodução constante da capa da primeira edição, de 1915. Há um discurso dubio de tradição e modernidade, assim como de preservação e progresso. Um exemplo dessa dubiedade e símbolo sempre referenciado pelo jornal é encarnado na figura de ARS, como observamos acima. E na longa permanência no jornal de colonistas conservadores na política, mas defensores do avanço do capital na cidade, como PCR, Zury Machado e Moacir Pereira, nomes ligados à elite econômica e política e que tinham também outra ocupação profissional, sem depender apenas do salário do jornal. Então, a dubiedade de discurso é visível no jornal, onde em

algumas páginas editoriais se questiona os rumos e problemas da cidade, e em outras, dos colunistas de longa trajetória, se defende a supremacia dos interesses econômicos. Algumas manchetes mostram como os empresários passaram a se articular na defesa de seus interesses, através da criação de entidades como a “Fundação Pró-Florianópolis” e “Floripa Amanhã”.

Além dos colunistas acima citados, o jornal teve outros colaboradores longevos, como Pedro Paulo Machado, Marcílio Medeiros Filho, Osmar Schindwein, entre outros, apesar de muita rotatividade de gerentes comerciais e editoriais e de jornalistas. E receberam homenagens em cadernos comemorativos com manchetes como essas “Vidas dedicadas ao jornalismo catarinense”, no especial de 96 anos do jornal. Eram enaltecidas a História do jornalismo e dos jornalistas, as formas de fazer o jornalismo, as novas tecnologias etc. Procurava se evidenciar ali o caráter humano que o jornalismo deveria ter e “que nenhum avanço tecnológico elimina”, numa alusão, mais uma vez, aos avanços trazidos pelo jornal concorrente. Nadar contra esta corrente, no entanto, no século XXI, é inútil, e depois de muito relutar, OE adota o formato tabloide tornando-se a capitulação final frente ao concorrente *Diário Catarinense*, que tomara a dianteira na preferência dos anunciantes e leitores e a quem procurava alcançar. O procedimento mostrou-se uma tentativa desesperadora no estilo “se não for possível vencer ao inimigo, junte-se a ele”. Como não havia se preparado para a chegada do conglomerado da comunicação que gradativamente foi ocupando os espaços comerciais, políticos e sociais, correu “atrás do prejuízo” anos depois.

A estratégia de manter uma política de boa vizinhança parece ser a opção do novo jornal que circula na cidade e é visto por alguns leitores como o sucessor de O ESTADO. O *Notícias do Dia* ocupa de certa forma o lugar que pertencia a OE, no sentido de ser uma alternativa frente ao monopólio comunicacional da RBS, adota todas as novas plataformas do jornalismo para se equiparar ao concorrente, mas já não faz proselitismo *Mané*. Seu proprietário é paranaense e outros dirigentes também são de fora, de cidades como Joinville. Tenta demonstrar isenção jornalística, divulgando inclusive iniciativas comunitárias ou eventos promovidos pelo grupo gaúcho, e evitando confrontos diretos, embora algumas notas de colunistas façam leves críticas quanto a algo divulgado indevidamente pelo outro jornal. Além da política de boa vizinhança com a RBS, procura “agradar” público local tradicional e

cultivar o relacionamento com empresários da cidade, com iniciativas como a placa para José Nitro, conforme descrito no capítulo dois, e a participação efetiva na Festa da Ostra, ao final de 2012. A festa criada no governo municipal de Angela Amin, no início dos anos 2000, fora cancelada pela prefeitura. O jornal fomentou e participou da organização com outras entidades, como a associação dos maricultores, em comemoração na tradicional comunidade do Ribeirão da Ilha.

As iniciativas do *ND* em prol de tradições da cidade são replicadas pelos seus colunistas em suas páginas e também nas redes sociais da internet. É nesse espaço também que jornalistas “preservam” a memória do jornal O ESTADO e de um tempo da cidade, como que uma busca do paraíso perdido, por meio dos reencontros do grupo criado no *Facebook*. É uma tentativa de manter a importância de suas próprias trajetórias profissionais, e do que o jornal representou para a cidade de outrora. Tornam-se mantenedores da imagem de um jornal antes personificado em seu proprietário, José Matusalém Comelli, frequentemente em destaque nos discursos e nos anúncios sobre o periódico, especialmente em seus aniversários. Ou seja, mostrava-se então que o jornal era ele e ele era o jornal. E assim foi até quando se encontrou só na sala do prédio que aos poucos era saqueado. Jornal e proprietário eram uma coisa só que naufragaram juntos. Este talvez tenha deixado de usar todas as armas em momento em que ainda era possível vencer a batalha e amargou a derrota de um exército de um homem só, apesar de todo apoio político e econômico de outrora, e, principalmente, do próprio sogro ARS. Modos de agir ou não, ou atitudes adotadas ou não, ou seja, comportamentos pessoais e profissionais, contribuíram para que o fim fosse inevitável. E por fim, sem nenhuma alternativa, assume para si a responsabilidade de arcar com as consequências da falência do jornal que “daqui jamais sairá”, conforme suas próprias palavras.

REFERÊNCIAS:

ACAUAN, Ana Paula. **Correio do Povo na gestão Ribeiro: ideologia e poder**. Dissertação (Mestrado em Comunicação) – Famecos, Pontifícia Universidade Católica. Porto Alegre, 2009.

ADORNO, Theodor. Textos escolhidos. **Coleção os Pensadores**. São Paulo: Abril Cultural, 1999.

AGAMBEN, Giorgio. **O que é o contemporâneo? e outros ensaios**. Trad. Vinicius Nicastro Honesko. Chapecó/SC: Argos, 2009.

AGUIAR, Itamar. **As eleições de 1982 para governador em Santa Catarina – táticas e estratégias das elites no confronto com as oposições**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1991.

ALBERTI, Verena. **História Oral**. A experiência do CPDOC. Rio de Janeiro: FGV, 1990.

AMADO, Janaína e FERREIRA, Marieta de Moraes (Org.). **Usos e abusos da história oral**, Rio de Janeiro: FGV, 2002.

AMARAL, Márcia F. **Jornalismo popular**. São Paulo: Contexto, 2006.

ASSIS, L. **Planos, ações e experiências na transformação da “pacata” Florianópolis em capital turística**. Dissertação de mestrado. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

AURAS, Marli. **Poder oligárquico catarinense: da guerra dos “fanáticos” do Contestado à “opção pelos pequenos”**. Tese (Doutorado em Filosofia da educação). Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1991.

BALDESSAR, Maria José. **A mudança anunciada**. O cotidiano dos jornalistas com o computador na Redação. Florianópolis: Insular/UFSC, 2003.

BAUDRILARD, Jean. Além do princípio da memória social. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Trad. Adriana Amaral, Francisco Rüdiger, Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 119-130.

BAUMAN, Zygmunt. **Comunidade**: a busca por segurança no mundo atual. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2003.

BAUMAN, Zygmunt. **Modernidade líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 2001.

BHABHA, Homi. **O Local da cultura**. Belo Horizonte: editora da UFMG, 2001.

BEDIN, Marcos. A investigação jornalística numa sociedade tradicional. In: SARDÁ, L. (org.) **Da Olivetti à Internet**. Tubarão: Unisul, 2007.

BENJAMIN, Walter. **Berliner Kindheit um 1900**. Frankfurt: Suhrkamp, 2010.

BENJAMIN, Walter. **Charles Baudelaire um lírico no auge do capitalismo**. Trad. José Martins Barbosa, Hemerson Alves Baptista. São Paulo: Brasiliense, 1989. (Obras escolhidas v. 3).

BENJAMIN, Walter. **Magia e técnica, arte e política**. São Paulo: Brasiliense, 1985, 10ª reimpressão - 1996. (Obras escolhidas v. 1)

CAIAFA, Janice. **Aventura das cidades**. Rio de Janeiro: FGV Editora, 2007.

CAMPOS, Cynthia M. Subjetividades mutantes: o “viver jovem” em Florianópolis nos anos 70: sentimentos e... In: PEDRO, Joana; ISAIA, Artur; DITZEL, Carmencita (Org.) **Relações de poder e subjetividades**. Ponta Grossa/PR: Toda Palavra, 2012. p.177-200.

CAPRINO, MP E PERAZZO, PF. História oral e estudos de comunicação e cultura. **Revista Famecos**, v.18 n 3, p. 801-815, set.dez 2011. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/archive>. Acesso em 28 ago. 2012.

CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Trad. Adriana Amaral, Francisco Rüdiger, Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

CASTRO, Eloah R M de. Edifício das Diretorias: a arquitetura da modernidade. In: FLORES, Maria B. R. LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.) **A Casa do baile. Estética e Modernidade em SC**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

CAVENACCI, Massimo. **A cidade polifônica**. São Paulo : Studio Nobel, 1993.

CHARTIER, Roger e BOURDIEU, Pierre. A leitura: uma prática cultural. In: CHARTIER, Roger; BOURDIEU, Pierre; BRESSON, François (orgs). **Práticas da leitura**. 2. ed. São Paulo: Estação Liberdade, 2001, p. 231-253

CHARTIER, Roger. O poder, o sujeito, a verdade. Foucault leitor de Foucault. In : CHARTIER, Roger. **A beira da falésia : a história entre incertezas e inquietude**. Trad. Patrícia Chittoni Ramos. Porto Alegre:Ed. Universidade/UFRGS, 2002, p. 181-198.

COELHO, Mario Cesar. A ponte cartão postal. In: FLORES, Maria B. R. LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.) **A Casa do baile. Estética e Modernidade em SC**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

COSTA, Carlito. Morre Aldírio, um autêntico manezinho. **A N Capital**, 31/12/2005 e 01/01/2006 , Disponível em <http://www1.an.com.br/ancapital/2005/dez/31/1fal.htm>, acesso em 25/01/2013.

COSTA , Carlito. Museu vai reunir acervo dos Hoepcke. **A N Capital**, 18 de dez 2004. Geral. Disponível em <http://www1.an.com.br/ancapital/2004/dez/18/1ger.htm>, acesso em 25/01/2013.

COSTA, Gláucia Dias da. **Vida noturna e cultura urbana em Florianópolis** (Décadas de 50, 60 e 70 do século XX). Dissertação (Mestrado) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2004.

CRUZ, Dulce Maria. **A RBS em Santa Catarina: estratégias políticas, econômicas e culturais na conquista do mercado televisivo regional.** Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) - Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina. Florianópolis, 1994.

CUNHA, Luiz Claudio. **Vitória da truculência: o jornal JÁ fechou.** Rio de Janeiro, 2012. Disponível em <http://observatoriodaimprensa.com.br/news/view/vitoria_da_truculencia_o_jornal_It_i_gt_ia_It_i_gt_fechou>. Acesso em: 16 fev., 2012.

DORNELLES, Beatriz. O futuro do jornal. **Revista Famecos.** Porto Alegre, n. 40, 2009. Disponível <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/archive>>. Acesso em 28 ago., 2012.

ELIAS, Norbert. **A Sociedade dos indivíduos.** Trad. Vera Ribeiro. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1994.

ELIAS, Norbert. **Os alemães.** A luta pelo poder e a evolução do habitus nos séculos XIX e XX. Trad. Álvaro Cabral. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1997.

ELIAS, Norbert e SCOTSON, John. **Os estabelecidos e os outsiders.** Rio de Janeiro: Zahar, 2000.

FANTIM, Márcia. **Cidade dividida** – dilemas e disputas simbólicas em Florianópolis. Tese (Doutorado em Antropologia). Universidade de São Paulo, São Paulo, 1999.

FEATHERSTONE, Mike. **Cultura de consumo e pós-modernismo.** Trad. Julio Assis Simões. São Paulo: Studio Nobel, 1995.

FEATHERSTONE, Mike. **O desmanche da cultura.** Globalização, pós-modernismo e identidade. Trad. Carlos Eugenio Marcondes de Moura. São Paulo: Studio Nobel, 1997.

FELIPPI, Angela. O processo produtivo do jornal Zero Hora: a estratégia do “localismo”. **Revista Famecos,** Porto Alegre, n. 34, 2007. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/archive>>. Acesso em 28 ago. 2012.

FERNANDES, Cíntia San Martin. **Indústria cultural ou esfera pública discursiva: a dinâmica dos meios de comunicação de massa em Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

FLORES, Maria B. R.; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (Org.) **A Casa do baile. Estética e Modernidade em SC**. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

FLORES, Maria B. R. & CAMPOS, Emerson Cesar de. Carrosséis urbanos: da racionalidade moderna ao pluralismo temático (ou territorialidades contemporâneas). **Revista Brasileira de História**, São Paulo. v. 27, n. 53, 2007, p. 267-296.

FONSECA, Virginia P. da Silveira. A subordinação do jornalismo a lógica capitalista da indústria cultural. **Revista Famecos**. Porto Alegre, no. 17, abril 2002. Disponível em <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/archive>>. Acesso em 28 ago. 2012.

FONSECA, Virginia P. da Silveira. **Jornalismo no conglomerado da mídia. A reestruturação produtiva sob o capitalismo global**. Tese. (Doutorado em Comunicação) - Programa de Pós Graduação em Comunicação e Informação, Universidade Federal do Rio Grande do Sul, 2005.

FONTANA, REMY. Introdução. In. GRANDO, Sérgio (org). **Florianópolis de todos**. Florianópolis: Insular, 2000.

FOUCAULT, Michel, **Ditos e escritos IV** – Estratégia, Poder-Saber. Org. Manoel Barros da Motta. Trad. Vera Lucia Avellar Ribeiro. 3ª Ed. Rio de Janeiro: Forense Universitária, 2012.

FOUCAULT, Michel. (1984) O sujeito e o poder. In DREYFUS, H. e RABINOW, P. **Michel Foucault – uma trajetória filosófica**. Rio de Janeiro: Ed. Forense Universitária, 1995, p. 231-249.

GALVANI, Walter. **Olha a Folha**. Amor, traição e morte de um jornal. Porto Alegre: Sulina, 1996.

GIDDENS, Anthony. **As consequências da modernidade**. São Paulo: UNESP, 1991.

GIDDENS, Anthony. **Modernidade e identidade**. Rio de Janeiro: Zahar, 2002.

GIDDENS, Anthony. **Para além da esquerda e da direita**. São Paulo: Editora UNESP, 1996.

GOLDENSTEIN, Gisela Taschner. **Do jornalismo político à indústria cultural**. São Paulo: Summus, 1987.

GOMES, Ângela de Castro. Escrita de si, escrita da História: a título de prólogo. In: GOMES, Ângela de Castro (org.) **Escrita de si, escrita da história**. Rio de Janeiro: Editora FGV, 2004, p. 7-26.

GUERINI, Eduardo. **Metropolização e impactos sócio-ambientais em Florianópolis (1986-1996)**. Dissertação (Mestrado em Sociologia Política) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

IBGE, **Censo Demográfico 1950/2010**. Até 1991, dados extraídos de Estatísticas do Século XX, Rio de Janeiro: IBGE, 2007 no Anuário Estatístico do Brasil, 1994, vol 54, 1994. Disponível <<http://seriesestatisticas.ibge.gov.br/series.aspx?vcodigo=CD77&sv=&t=populacao-presente-e-residente-por-sexo-dados-do-universo-dados-da-amostra>>. Acesso em 06 de set., 2012.

JB criou nova concepção gráfica e editorial no jornalismo brasileiro. Notícia do **Portal iG**. Disponível em <http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/jb+criou+nova+concepcao+grafica+e+editorial+no+jornalismo+brasileiro/n1237765536649.html>. Acesso em 31/08/2010.

JORNAL do Brasil já estava morto dizem ex-protagonistas do diário. Notícia do **Portal iG**. Disponível em <<http://ultimosegundo.ig.com.br/brasil/rj/jornal+do+brasil+ja+estava+morto+dizem+exprotagonistas+do+diario/n1237765562249.html>>. Acesso em 31/08/2010.

KARAM, Francisco José Castilhos. **Retórica e cinismo ético em discursos empresariais jornalísticos**. Tese (Doutorado em

Comunicação e Semiótica) – Pontifícia Universidade Católica, São Paulo, 1999.

LAGO, Paulo F de Araújo. **Florianópolis: a polêmica urbana**. Florianópolis, Fundação Franklin Cascaes e Palavra Comunicação, 1996.

LATOUR, Bruno. **Jamais fomos modernos**. Trad. Carlos Irineu da Costa. São Paulo: Editora 34, 1994.

LEAL, Claudio. Crise se agrava e editor-chefe de A Tarde pede demissão. Notícia do **Portal Terra**, em 9 de fevereiro de 2011, 19h17. Disponível em <http://terramagazine.terra.com.br/interna/0,,OI4940347-EI6584,00.html>, acessada no mesmo dia.

LE GOFF, Jaques. **História e Memória**. Campinas: Unicamp, 1992.

LENZI, Carlos Alberto. **Partidos e políticos de Santa Catarina**. Florianópolis: Editora da UFSC, 1983;

LISBOA, Armando. Construindo uma identidade insular: o jeito maneirinho de ser. Notas provisórias para um estudo do modo de vida ilhéu. In: **Uma cidade numa Ilha**. (Relatório). Florianópolis, Cecca, 1995.

LISSONI, Juliano. **Análise da relação entre família, empresa e propriedade ao longo do ciclo de vida do grupo RBS**. Dissertação (Mestrado em Administração) – Centro Sócio Econômico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2006.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. Limites da Utopia: cidade e modernização no Brasil desenvolvimentista (Florianópolis, década de 1950). **Revista Brasileira de História**. São Paulo, v. 27 n. 53, 2007. p. 297-322.

LOHN, Reinaldo Lindolfo. **Pontes para o futuro: relações de poder e cultura urbana**. Florianópolis, 1950 a 1970. Tese (Doutorado) – Universidade Federal do Rio Grande do Sul, Porto Alegre, 2002.

MACHADO, Pedro Paulo. **Manuscrito autobiográfico**. Florianópolis, [s/n].

MACHADO, Ricardinho. Dinoestado. Jornal **Notícias do dia**, caderno Plural, p. 2, 26 mai 2011.

MAFFESOLI, Michel. A memória das tribos e o reencantamento do mundo. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Trad. Adriana Amaral, Francisco Rüdiger, Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006.

MAFFESOLI, Michel. O ritmo da vida na pós-modernidade: o reencantamento do tempo? **Conferência**. Florianópolis: UFSC. 09 set., 2008.

MARCON, Maria Teresinha de Resenes. **A metropolização de Florianópolis**: o papel do Estado. Dissertação (Mestrado em Geografia) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

MARCONDES FILHO, Ciro. **O capital da notícia**: jornalismo como produção social de segunda natureza. São Paulo: Ática, 1989.

MATA, Maria Margarete Sell da. **Jornal O ESTADO: uma história em construção**. (1915-1931) Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1996.

MATHEUS, Letícia & BARBOSA, Marialva. O Jornal do Brasil e as noções de tempo histórico no fazer jornalístico. **Revista FAMECOS**. Porto Alegre, no. 35, abril de 2008. Disponível <<http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/archive>>. Acesso em 28 ago. 2012.

MAY, Patrícia Zumblick Santos. **Redes político-empresariais de Santa Catarina** (1961– 1970). Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1998.

MEDINA, Cremilda de Araujo. **Notícia: um produto à venda**. São Paulo, Alfa-Omega, 1978.

MEDEIROS, Benício. **A rotativa parou!** Os últimos dias da Última Hora de Samuel Weiner. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira, 2009.

MICK, Jacques. Jornalismo em cima do muro. In: BALDESSAR, Maria José & CRISTOFOLETTI, Rogério (Org.) **Jornalismo em perspectiva**. Florianópolis: UFSC/Sindjor, 2005. p. 165-184.

MIGUEL, Salim. Florianópolis - Os cariocas do Sul. **Revista Manchete**, Rio de Janeiro: Editora Bloch, edição de 22 mar., 1975.

MORAES, Denis de. **O planeta mídia: tendências da comunicação na era global**. Campo Grande: Letra Livre, 1998.

MOSCO, Vincent. **The Political economy of communication**. London: SAGE Publications, 1996.

NEVES, Guilherme. Facebook vigia usuários como países gostariam de fazer com cidadãos. **Portal Terra**. <http://www.terra.com.br>, 2012. Disponível em <<http://tecnologia.terra.com.br/noticias/0,,O16202562-EI12884,00-Facebook+vigia+usuarios+como+países+gostariam+de+fazer+com+cidadãos.html>> Acesso em 04 out. 2012.

NOBLAT, Ricardo. **A arte de fazer um jornal diário**. São Paulo: Contexto, 2007.

NORA, Piere. Entre memória e história: a problemática dos lugares. Trad. Yara Aun Khoury. In: **PROJETO HISTÓRIA. Revista do Programa de Estudos de Pós graduação em História**. São Paulo: PUC, v. 10, dez.1993.

OBST, Maria Helena. Os dinossauros voltam à terra. **Revista Mural**. Florianópolis, 2011. Disponível em <<http://www.revistamural.com.br>>. Acesso em fev., 2012.

OBST, Maria Helena. Entrevista ao sítio da internet **Sambaqui na Rede**. Articulam Reencontro de antigos funcionários do jornal OEstado. Florianópolis, 2011. Disponível em <http://sambaquinarede2.blogspot.com/2011/04/bl_og-post.html>. Acesso em fev., 2012.

ORTIZ, Renato. **A moderna tradição brasileira: cultura brasileira e indústria cultural**. São Paulo: Brasiliense, 1991.

OURIQUES, Helton R. **Turismo em Florianópolis**. Uma crítica à indústria pós-moderna. Florianópolis: Editora da UFSC, 1998.

PEREIRA, Moacir. **Aderbal Ramos da Silva**. Florianópolis: Insular, 2011.

PEREIRA, Moacir. **Imprensa e Poder**. Florianópolis, Lunardelli, 1992.

PEREIRA, Moacir. **Blog** em www.clicerbs.com.br Florianópolis, 2011. Acesso em 28 de maio de 2011.

PIAZZA, Walter F. **Dicionário político catarinense**. Florianópolis: edição da Assembléia Legislativa de Santa Catarina, 1985.

PIMENTA, Margareth de C. A.(org.) **Florianópolis do outro lado do espelho**. Florianópolis: Editora da UFSC, 2005.

POLÍCIA prende empresário que deve a Previdência R\$10,2 milhões. Notícia obtida no sítio do **Ministério da Previdência Social**, em <http://www.previdencia.gov.br/vejaNoticia.php?id=802> 21/12/2000 - 09:03:00. Acesso em 06.09.2012.

PORTO, Bea; LAGO, Fernanda. **É tudo mentira**. A história segundo Beto Stodieck. Florianópolis: Verde Água Produções Culturais, 1999.

QUEVEDO, Sílvia R. P. de. **Sucesso e fracasso no empreendimento jornalístico**. O caso Folha da Lagoa na questão do mercado local. Dissertação. (Mestrado em Engenharia da Produção) – Centro Tecnológico, Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 2000.

RAMOS Fo. Celso. **Coxilha Rica** – Genealogia da família Ramos. Florianópolis: Insular, 2002.

RAMOS, Sérgio da Costa. Cidade no espelho. **Diário Catarinense**, Florianópolis, 18.08.2010.

RHEINGOLD, Howard. Memória em rede e interação social. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Trad. Adriana Amaral, Francisco Rüdiger, Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 204-212.

RIFIOTIS, Theophilos, *et al* (org.) **Antropologia no ciberespaço**. Florianópolis: Editora da Ufsc, 2010.

RÜDIGER, Francisco. Elementos para a crítica do jornalismo moderno: conhecimento comum e indústria cultural. **Revista FAMECOS**: Porto Alegre, v.17 n. 3, setembro/dezembro 2010. p. 216-227. Disponível em <http://revistaseletronicas.pucrs.br/ojs/index.php/revistafamecos/issue/archive>. Acesso em 28 ago., 2012.

SANT'ANNA, Mara Rúbia. Ser moderno em Florianópolis: a constituição de uma subjetividade em tempo de moda. In: FLORES, Maria B. R; LEHMKUHL, Luciene; COLLAÇO, Vera (org.) **A Casa do baile**. Estética e Modernidade em SC. Florianópolis: Fundação Boiteux, 2006.

SANTOS, Boaventura de Souza. **Um discurso sobre as ciências**. 5ª ed. São Paulo: Cortez, 2008.

SANTOS, Paulo César dos. **Espaço e memória: o aterro da baía Sul e o desencontro marítimo de Florianópolis**. Dissertação (Mestrado em História) – Centro de Filosofia e Ciências Humanas. Universidade Federal de Santa Catarina, Florianópolis, 1997.

SANTOS, Silvio Coelho (Org.). **Santa Catarina no século XX**. Florianópolis: Editora da UFSC/Univali/FCC Edições, 1999.

SARDÁ, Laudelino (Org.). **Da Olivetti à Internet**. Tubarão: Unisul, 2007.

SEIXAS, Jacy Alves de. Percursos de memórias em terras de História: problemáticas atuais. In: BRESCIANI S. & NAXARA, M. **Memória e (res)sentimento**: indagações sobre uma questão sensível. Campinas, SP: Editora da Unicamp, 2004.

SENNETT, Richard. **O declínio do homem público**. Trad. Lygia Araújo Watanabe. São Paulo: Companhia das Letras, 1998.

SILVA, Rogério Raul da. **Estruturas de negociação comercial em mercados competitivos**: um estudo multicaso juntos aos veículos de comunicação de massa sediados no município de Florianópolis. Dissertação (Mestrado em Administração). Universidade do Estado de Santa Catarina, Florianópolis, 1999.

TANCREDO, Luiz Henrique. **Doutor Deba, poder e generosidade**. Florianópolis: Insular, 1998.

TEIXEIRA, Luiz Eduardo & ADAMS, Betina. Ecos de Brasília: loteamento “Praia do Forte”. In: **Anais** do 7º. Seminário do Co.mo.mo-Brasil. 22 a 24 de outubro de 2007, Porto Alegre.

THOMPSON, Paul – **A voz do passado** - história oral. Rio de Janeiro: Paz e Terra, 1998.

TJSC – Tribunal de Justiça de Santa Catarina. **Justiça de SC condena vereador envolvido com grampo telefônico**. Notícia publicada em 04/06/2007 - 11:25. Obtido em http://www.ambito-juridico.com.br/site/?n_link=visualiza_noticia&id_caderno &id_noticia= 16649, acesso em 06.09.2012.

TURKLE, Sherry. A memória na tela. In: CASALEGNO, Federico. **Memória cotidiana: comunidades e comunicação na era das redes**. Trad. Adriana Amaral, Francisco Rüdiger, Sandra Montardo. Porto Alegre: Sulina, 2006. p. 287-304.

VALENTE, Cesar. **A memória perdida de O ESTADO**. Florianópolis. Obtido em <http://www.deolhonacapital.com.br/2009/06/22/a-memoria-perdida-de-o-estado/>, acesso em 06.09.2012.

VALENTE, Cesar. A imprensa na Grande Florianópolis. In: BALDESSAR , Maria José & CRISTOFOLETTI, Rogério (Org.) **Jornalismo em perspectiva**. Florianópolis: UFSC/Sindjor, 2005. p. 71-84

VICENZI, Celso. Viaja-se pelo país e todos os jornais são iguais. In: SARDÁ, Laudelino (Org.). **Da Olivetti à Internet**. Tubarão: Unisul, 2007. P. 29-34.

YVES, Lenoir e ABDELKRIM, Hasni. La interdisciplinaridad: por un matrimonio abierto de la razón, de la mano y del corazón. **Revista Ibero Americana de Educação**. n. 35, Maio-agosto 2004. Disponível em <<http://www.rioei.org/rie35a09.htm>>. Acesso em 03 out. 2012.

Jornais:

DIÁRIO CATARINENSE, Florianópolis. Encarte O SANTA CATARINA, maio de 2009.

NOTÍCIAS DO DIA, Florianópolis. Caderno Plural, 26 mai 2011.

NOTÍCIAS DO DIA, Florianópolis. Encarte Clube do Imóvel, 10 jun 2011.

NOTÍCIAS DO DIA, Florianópolis, 10 fev 2012.

O ESTADO, Florianópolis. Edições dos meses de abril, maio e novembro de 1985.

O ESTADO, Florianópolis. Edições de maio de 1986 a 2007.

O ESTADO, Florianópolis. Especial 70 anos, maio de 1985.

O ESTADO, Florianópolis. Caderno comemorativo dos 76 anos, 12 maio de 1991.

O ESTADO, Florianópolis. Suplemento especial 85 anos, 13 e 14 de maio de 2000.

O ESTADO, Florianópolis. Especial 90 anos, 13 de maio de 2005.

Entrevistas:

ALBUQUERQUE, Sebastião Bonassis de. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 16/07/2012, 4 p.

ANNUSECK, Sandra. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 25.07.2011, 7 p.

CAMARGO, Jurandir Pires de. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 12.08.2011, 13 p.

COMELLI, José Matusalem de Carvalho. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 01.09.2011, 19 p.

MACHADO, Pedro Paulo. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 27.05.2011, 4 p.

MACHADO, Zury. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 24. 01.2012, 7 p.

MEDAGLIA, Mario. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 08.02.2012, 6 p.

MELLO, Prudente José Silveira. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 09/08/2011, 7 p.

NUNES FILHO, Valdeci. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 19/07/2012, 3 p.

SCHLINDWEIN, Osmar. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 24/10/2011, 13 p.

UNGARETTI, Henrique. **Depoimento** em entrevista concedida a autora. Gravada em meio digital em 19/07/2012, 11 p.

VALENTE, Cesar. **Depoimento** em entrevista realizada pela autora. Gravada em meio digital em 08/07/2011, 10 p.